

Organizadores

Verli Petri / Marluza da Rosa
Taís Martins / Elivélton Krümmel

OBSERVATÓRIO DE PRÁTICAS SOCIAIS E LINGUAGEIRAS:

produção de sentidos
em tempos de pandemia



 Pedro & João
editores

**Observatório de práticas sociais e linguageiras:
produção de sentidos em tempos de pandemia**

As ideias veiculadas nesta obra são de responsabilidade dos(as)
autores(as) dos capítulos.

Os capítulos que compõem este livro passaram pelo processo de avaliação
às cegas realizado por colegas da área de estudos da linguagem,
vinculados a instituições brasileiras e estrangeiras.

**Verli Petri
Marluza da Rosa
Taís Martins
Elivélton Krümmel
(Organizadores)**

**Observatório de práticas sociais e languageiras:
produção de sentidos em tempos de pandemia**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Verli Petri; Marluza da Rosa; Taís Martins; Elivélton Krümmel [Orgs.]

Observatório de práticas sociais e linguageiras: produção de sentidos em tempos de pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 372p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1159-6 [Impresso]

978-65-265-1160-1 [Digital]

1. Práticas sociais. 2. Linguagens. 3. Produção de sentidos. 4. Pandemia da covid-19. I. Título.

CDD – 370/410

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil). Ana Patrícia Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Verli Petri Marluza da Rosa Taís da Silva Martins Elivélton Assis Krümmel	
Parte I – Palavra, língua e discurso em observação	
DO SOCIAL AO DISTANCIAMENTO: EFEITOS DE SENTIDOS NO/DO “VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS”	17
Natieli Branco	
UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO PARA “ANGÚSTIA” E “SAUDADE” NA E PARA ALÉM DA PANDEMIA	37
Gabriela Gonçalves Ribeiro Luana Vargas Aquino Thaís Costa	
“MEDO”: A PALAVRA EM DISCURSO E SEUS (RES)SIGNIFICADOS NA PANDEMIA DA COVID-19	57
Lucas Martins Flores Graciele Turchetti de Oliveira Denardi	
EFEITOS DE SENTIDO DA PALAVRA “EDUCAÇÃO” EM VERBETES DO “VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS”	73
Marcia Ione Surdi Heitor Pereira de Lima	

**A PANDEMIA DA COVID-19 EM DISCURSO:
ANÁLISE DISCURSIVA DE FORMULAÇÕES DE
ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL** 97

Kelly Fernanda Guasso da Silva
Lucas Martins Flores

**RENÚNCIA NA CONSTRUÇÃO DOS VERBETES
“ISOLAMENTO SOCIAL” E “ENSINO REMOTO”
EM AUTORIA COMPARTILHADA: UMA TOMADA
DE POSIÇÃO** 113

José Carlos Moreira
Yasmin Schreiner Heinzmann

**VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO
CORONAVÍRUS: PONTILHADOS ADJACENTES
AO PROCESSO DE (DES)ORDEM DA(S)
PALAVRA(S)** 149

Elivélton Assis Krümmel
Kelly Fernanda Guasso da Silva

**A (RE)SIGNIFICAÇÃO DO LUTO NA PANDEMIA
DE COVID-19: SENTIDOS EM (DIS)CURSO** 177

Keisy Morais
Yasmin Heinzmann

Parte II – Palavras, expressões e ritos em observação

**O REDE NA REDE: DESLOCAMENTO DE
SENTIDOS NO CONTEXTO PANDÊMICO** 199

Daiana Marques Sobrosa
Laura Velasques
Taís da Silva Martins

O ESPAÇO DIGITAL COMO OBSERVATÓRIO DE PRÁTICAS SOCIAIS E LINGUAGEIRAS NA PANDEMIA: O AGENCIAMENTO DE SUJEITOS MIGRANTES A PARTIR DO SITE REFUGIADOS EMPREENDEDORES	217
Laura David Bucholz Marluza da Rosa	
“RELICÁRIOS SÃO MEMÓRIAS”: A PANDEMIA DE COVID-19 NO PERFIL DE INSTAGRAM @RELIQUIA.RUM	239
Bianca Martins Peter Greciely Cristina da Costa	
GRAMÁTICAS DOS CORPOS-MULHERES, CORPOS-FEMININOS EM MEMES: UMA POSSÍVEL CARTOGRAFIA DE AFETOS DA/NA PANDEMIA	271
Marcia Ione Surdi Dantielli Assumpção Garcia	
NARRATIVA E NARRATIVAS: ASPECTOS DISCURSIVOS E SEU FUNCIONAMENTO NO CONTEXTO POLÍTICO NACIONAL	289
Carlos Ayres	
PANDEMIA, MORTE E RITOS MORTUÁRIOS: AUSÊNCIA E PRESENÇA	313
Maria Cleci Venturini Maria Claudia Teixeira	

**A EXPRESSÃO “JEITINHO BRASILEIRO” E O
VERBETE “REINVENÇÃO”: ENTRE A LÍNGUA E A
EXTERIORIDADE NA PANDEMIA DO NOVO
CORONAVÍRUS** 337

Verli Petri

Robson Severo

Heitor Pereira de Lima

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES 365

INDICE REMISSIVO 371

APRESENTAÇÃO

Após dois anos de trabalho conjunto, eis que surge esta publicação reunindo resultados de pesquisas realizadas pelos integrantes do Grupo PALLIND (Palavra, língua e discurso), fundado no seio do Laboratório Corpus, na UFSM, e pelos integrantes da rede de pesquisadores associados que desenvolveram os objetivos delineados no projeto “Observatório de práticas sociais e linguageiras: produção de sentidos em tempos de pandemia”, financiado pelo Edital Universal do CNPq, Processo número: 407078/2021-5. Desta união surgem os capítulos que compõem este livro, trazendo reflexões teóricas e metodológicas da maior relevância para os estudiosos da linguagem e, mais especificamente, para aqueles que se interessam por questões que tocam língua, sujeito, enunciação e discurso. As abordagens são bem diferenciadas entre si, mas trazem à baila as questões que tocam cada um de nós de modo especial, nos fazendo unidos em nossas diferenças. Estamos tratando da pandemia e os efeitos de sentidos que ela produziu em nossas práticas cotidianas dentro e fora da academia.

A partir desta breve introdução, passamos a apresentar o livro, que está subdividido em duas partes: a Parte I: Palavra, língua e discurso em observação; e a Parte II: Palavras, expressões e ritos em observação. Ambas se inter-relacionam e, nestas relações, nos levam à compreensão de algo maior do que as questões teóricas que nos movem, elas revelam a relevância do trabalho coletivo em tempos difíceis como foram os três anos de pandemia que vivemos recentemente. Compartilhamos, então, com vocês, os resultados de nossos trabalhos e das experiências vividas em grupo.

Parte I – Palavra, língua e discurso em observação

No capítulo “Do social ao distanciamento: efeitos de sentidos no/do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, Natieli Branco, por meio do olhar para o vocabulário como instrumento linguístico e objeto discursivo, que intervém na produção histórica dos sentidos, analisa o funcionamento do verbete “distanciamento social”, que significa na relação com a Formação Discursiva e com o efeito “palavra-puxa-palavra”.

No capítulo intitulado “Um gesto de interpretação para “angústia” e “saudades” na e para além da pandemia”, Gabriela Gonçalves Ribeiro, Luana Aquino e Thaís Costa, buscam analisar e compreender os sentidos em circulação, no período pandêmico, acerca das palavras angústia e saudades. Para tanto, mobilizam conceitos e questões apresentados tanto pela Análise de Discurso como pela Psicanálise.

O capítulo “‘Medo’: a palavra em discurso e seus (res)significados na pandemia da COVID-19”, de Lucas Martins Flores e Graciele Denardi, analisa o verbete em dois diferentes dicionários on-line, relacionando-os ao “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, produção resultante de uma “autoria compartilhada”. Os autores, assim, compreendem o dicionário como instrumento linguístico que se relaciona a uma memória social, neste caso, acerca da pandemia. A análise permite compreender que os sentidos de medo derivam e apontam para “o funcionamento de uma rede de memórias sobre o horror da morte que marca a naturalização dos efeitos do morrer”.

O capítulo “Efeitos de sentido da palavra ‘educação’ em verbetes do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, de Marcia Ione Surdi e Heitor Pereira de Lima, propõe olhar para o “Vocabulário como o lugar no qual, por meio de seus verbetes, é possível constatar o deslizamento de sentidos de diversas palavras/expressões em razão do evento pandêmico”. Com esse propósito, os autores abordam a palavra educação em suas nuances,

concluindo que esta pode ser lida em, ao menos, três direções: como níveis de educação, como processo formativo e como órgão regulamentador do Estado.

O capítulo “Como os discursos relacionados à pandemia circulam hoje por estudantes do ensino fundamental II?”, de Kelly Guasso da Silva e Lucas Martins Flores, busca refletir, por meio do olhar para a circulação do discurso, sobre os dizeres formulados por estudantes de uma escola do campo.

No capítulo intitulado “Renúncia na construção dos verbetes “isolamento social” e ensino remoto: uma tomada de posição”, José Carlos Moreira e Yasmin Schreiner Heinzmann, os autores, ao apresentarem suas análises, trazem uma importante reflexão sobre a autoria compartilhada e o fazer científico do profissional/pesquisador da área de Letras.

No capítulo “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus: pontilhados adjacentes ao processo de (des) ordem da (s) palavras(s), Elivélton Assis Krümmel e Kelly Fernanda Guasso da Silva, considerando que o trabalho com instrumentos linguísticos demanda “extrapolar os seus próprios limites” trouxeram à tona uma reflexão sobre a construção do **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**. É um texto sensível que apresenta de maneira ímpar um exemplo de produção científica em tempos pandêmicos.

No capítulo “A (re) significação do luto na pandemia de covid-19: sentidos em (dis) curso”, Keisy Morais e Yasmin Schreiner Heinzmann consideram que as condições de produção pandêmicas possibilitaram a resignificação dos sentidos investidos para “luto”. Para sustentar tal afirmação as autoras analisam os sentidos desta palavra no discurso midiático sobre a pandemia.

Parte II – Palavras, expressões e ritos em observação

No capítulo “O REDE na rede: deslocamento de sentidos no contexto pandêmico”, Daiana Marques Sobrosa, Laura Velasques e Taís da Silva Martins discutem como, enquanto acontecimento

discursivo, a pandemia do novo coronavírus produz e ressignifica discursos e sentidos, no batimento entre a atualidade e a memória. Desse modo, as autoras, por meio de uma perspectiva discursiva, problematizam questões referentes à tomada de posição da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em relação ao desenvolvimento da prática educativa no período pandêmico. Para tanto, elas partem do Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e o portal “UFSM em rede” para analisarem e compreenderem, especificamente acerca dos documentos e das publicações institucionais, os possíveis efeitos de sentido produzidos a partir do deslocamento de sentidos na/da palavra “rede” nessas materialidades.

No capítulo “O espaço digital como observatório de práticas sociais e linguageiras na pandemia: o agenciamento de sujeitos migrantes a partir do site Refugiados Empreendedores”, Laura David Bucholz e Marluza da Rosa focalizam a migração e como o seu atravessamento histórico ecoa na atualidade, constituindo já-ditos que ressoam na produção de sentidos sobre as migrações contemporâneas. Em razão disso, as autoras vislumbram as mudanças provocadas nesse cenário a partir da disseminação do vírus SARS-CoV-2, nas condições de produção da pandemia do novo coronavírus e como é capaz de afetar a leitura que se faz do fenômeno migratório, a partir de dados, números e nomes. É por meio dos estudos materialistas do discurso e o singular atravessamento da Psicanálise que elas investigam como se dá o agenciamento de sujeitos migrantes a partir do site “Refugiados Empreendedores”, com vistas ao modo como o ato de migrar impacta na constituição dos sujeitos, problematizando a formação social capitalista e neoliberal, posto que a língua e o sujeito estão inseridos na história.

No capítulo “‘Relicários são memórias’: a pandemia de covid-19 no perfil de Instagram @reliquia.rum”, Bianca Martins Peter e Greciely Cristina da Costa apresentam uma análise de colagens digitais presentes no referido perfil. Concebendo a linguagem como

relacionada ao político e ao simbólico, bem como à memória discursiva, as autoras apresentam o que compreendem como “formulação em colagem”. Nesse sentido, concluem que “A colagem comparece como formulação que materializa a insuficiência simbólica do ‘um’, dos sentidos fixados em seus referentes”.

No capítulo “Gramática dos corpos-mulheres, corpos-femininos em memes: uma possível cartografia de afetos da/na pandemia”, Marcia Ione Surdi e Dantielli Assumpção Garcia, considerando a gramática como objeto discursivo, como lugar de entremeio, buscam analisar os processos de produção de sentidos que circulam na contemporaneidade, no ciberespaço. O texto aponta também para o fato de que o acontecimento da pandemia e todas as suas consequências fizeram com que os sujeitos se resignificassem e resignificassem diversos conceitos e sentimentos, sendo assim impossível voltarmos a um “velho normal”, pois já não somos mais os mesmos.

No capítulo “Narrativa e narrativas: aspectos discursivos e seu funcionamento no contexto político nacional”, Carlos Ayres explora os efeitos de sentido do termo narrativa no discurso midiático. O estudo atrela esses deslocamentos de sentido a diferentes formações discursivas, concebendo-os também nas dimensões estrutural, identitária e ideológica.

No capítulo “Pandemia, morte e ritos mortuários: ausência e presença”, Maria Cleci Venturini e Maria Claudia Teixeira apresentam uma instigante discussão teórico-analítica acerca da morte e dos efeitos de sentidos constituídos a partir das reações coletivas desse acontecimento e como ele significa nas/para as práticas sociais, dadas as condições de produção da pandemia do novo coronavírus, quando há um colapso funerário e a morte é resignificada. À vista disso, as autoras mobilizam os pressupostos teóricos da Análise de Discurso e colocam em suspenso a morte vivida e o discurso sobre a morte, de modo a estabelecer relações com os rituais funerários e os modos como presentificam o ausente,

bem como as memórias que ressoam, no Brasil, nesse momento sócio-histórico.

Com efeito de fechamento do livro, temos o trabalho de Verli Petri, Robson Severo e Heitor Pereira de Lima que escreveram o capítulo intitulado “A expressão ‘jeitinho brasileiro’ e o verbete ‘reinvenção’: entre a língua e a exterioridade na pandemia do novo coronavírus”, propondo uma reflexão acerca dos efeitos de sentidos que a emergência sanitária mundial produziu sobre a expressão “jeitinho brasileiro”, constitutiva da memória do que seria ser sujeito no Brasil, bem como sobre a palavra “reinvenção” que foi definida/redefinida no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. Para os autores, a Análise de Discurso pecheuxtiana em suas relações com a História das Ideias Linguísticas promove um gesto de interpretação diferenciado sobre os processos de produção de sentidos nesse período estudado e, com isso, recupera elementos de uma memória discursiva e instala sentidos outros sobre as materialidades em análise.

Enfim, apresentamos rapidamente esta obra composta por 15 capítulos, reunindo tantos autores, em sua grande maioria participantes do Projeto de Pesquisa “Observatório de práticas sociais e linguageiras: produção de sentidos em tempos de pandemia”, financiado com recursos do Edital Universal do CNPq. São resultados de nossas pesquisas e resultados de pesquisas de convidados que conosco dialogaram no período da pandemia e para além dele. Desejamos que estes textos aqui reunidos possam colaborar com outras pesquisas, pois o que foi vivido e experienciado no período pandêmico ainda ressoará em nós por muito tempo. Boa leitura!

Verli Petri
Marluza da Rosa
Taís da Silva Martins
Elivélton Assis Krümmel
Organizadores

Parte I
Palavra, língua e
discurso em observação

DO SOCIAL AO DISTANCIAMENTO: EFEITOS DE SENTIDOS NO/DO “VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS”

Natieli Branco

Com as palavras se podem multiplicar os silêncios
(Barros, 2010, p. 477).

O que é efetivamente “isolamento social”? Distanciamento? De um lado, dificuldade de nomeação, de outro, o excesso de palavras disponíveis. Na dificuldade de nomeação, tudo se veste de nome e de sentido, metaforizando-se, como efeito da pandemia (Orlandi, 2021, p. 5)

Palavras iniciais

Pensar as palavras e os sentidos na e da pandemia do novo coronavírus não é uma tarefa fácil, devido ao “novo” que se instaurou na vida de cada sujeito. “Na dificuldade de nomeação”, como apontou Orlandi (2021, p. 5), tivemos dificuldade de compreender a nova Formação Discursiva que se instaurava e, ao lado dessa dificuldade de nomeação, há o “multiplicar de silêncios”. Como dizer o luto? Como dizer a doença? Muitas vezes, silenciemos para não dizer. Vários sentimentos sobressaíram: o medo, a angústia, a ansiedade, a saudade, por um lado, e também a resiliência, a reinvenção e a resistência, por outro lado – apenas para nomear algumas das palavras que designam sentimentos/sensações encontrados no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”¹.

¹ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou² a pandemia do novo coronavírus. Assim como definido no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”³, “pandemia” “[...] é causada por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente entre a população mundial” – e essa é uma das palavras que começaram a fazer parte de nosso léxico. Não tardou, o governo brasileiro instituiu o Decreto Legislativo nº 6 (Brasil, 2020), no dia 20 de março de 2020, reconhecendo o estado de calamidade pública. Desde essas declarações oficiais, viemos experienciando mudanças nas rotinas com medidas de prevenção (muitas das quais não eram utilizadas antes). Entre essas medidas, o distanciamento social se tornou uma das mais recomendadas. Expressão que não era utilizada antes, distanciamento passou a entrar no léxico do dia a dia e, além do distanciamento, acrescentou-se o social.

A fim de interpretar os silêncios (Orlandi, 2007) e tentar controlar “o excesso de palavras” (Orlandi, 2021, p. 5), a Profa. Dra. Verli Petri, desde então, coordena um grupo de pesquisadores (do qual fazemos parte) para a elaboração do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. Se antes perguntávamos como é: o funcionamento dos instrumentos linguísticos? a sua produção de sentidos? a elaboração da definição e do verbebo?, com a produção do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, podemos experienciar essas perguntas na prática por meio de sugestões de definições de verbetes.

A elaboração do “Vocabulário” tem como objetivo “[...] trabalhar na elaboração de verbetes com sugestões de definições. Um trabalho que leva em conta uma escuta sensível dos envolvidos, uma escrita compartilhada e uma noção de provisoriedade dos sentidos” (Petri, 2021, p. 27) para produzir “[...] movimentos de sentidos entre a produção do saber científico e a possibilidade de

² Maiores informações podem ser verificadas no *link*: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 14 jan. 2023.

³ Algumas referências ao nome se darão por meio da menção “Vocabulário”.

divulgação para a sociedade” (Petri, 2021, p. 28). Assim como Petri (2021) expõe em seu texto, intitulado “Algumas reflexões sobre o ‘Vocabulário da pandemia do novo coronavírus’: projeto em curso e discurso”, com a produção do “Vocabulário”, ocupamos “[...] mais um lugar de fala para ‘dizer’ na, da e sobre a pandemia” (Petri, 2021, p. 28). Em vista disso, nós, como grupo, queríamos observar para onde vão os sentidos das palavras relacionadas à pandemia.

A partir das pesquisas desse grupo, objetivamos, neste texto, apresentar o fazer do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” e um gesto de interpretação sobre o verbebo “distanciamento social” na sua remissão com outros verbetes, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa em articulação com a História das Ideias Linguísticas. Nesse viés, desejamos compreender como o efeito “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019; 2020) produz sentidos no “Vocabulário”.

Sobre o fazer do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”

Em nossas pesquisas sobre os instrumentos linguísticos, apoiamos-nos nos estudos de Orlandi (2002) sobre a lexicografia discursiva, a qual apresenta os dicionários como objetos históricos e simbólicos e em relação com a língua; nos estudos de Nunes (2006) para analisar os dicionários como discursos, produzindo sentidos em determinada conjuntura histórica; nos estudos de Auroux ([1992] 2009) para compreender como os dicionários e gramáticas fazem parte do processo de gramatização; e nos estudos de Petri (2010, p. 23) para ter “um outro olhar” sobre eles. Mais do que objetos de consulta, os instrumentos linguísticos⁴ são produção de

⁴ Para este texto, o foco será no vocabulário como instrumento linguístico. Porém, consideramos como instrumentos linguísticos, além de gramáticas e de dicionários, “[...] uma série de objetos que funcionam no interior do processo de instrumentação da língua, tais como: livros didáticos, dicionários de especialidades e ou de regionalismos, sites da internet, Museu da Língua Portuguesa, diferentes materiais publicitários etc.” (Petri, 2012, p. 29).

sentidos. Trazemos, com isso, o vocabulário como instrumento linguístico e como objeto discursivo para compreender o funcionamento do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, seus processos discursivos de remissão e como ele produz sentidos na/da pandemia.

Cabe ressaltar que os instrumentos linguísticos fazem parte da gramatização da língua (Auroux, [1992] 2009) e promovem a circulação do saber sobre a língua e a formulação de um discurso sobre esse saber. Assim como os dicionários são produzidos em determinadas conjunturas históricas por sujeito(s) lexicógrafo(s)/dicionarista(s) e são produções de sentidos atravessados pela história e pela memória, singularizando-se e atualizando-se na sociedade, os vocabulários também se relacionam com a sociedade e com a história produzindo sentidos. É com esse olhar que propomos estudar o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”.

Direcionando um pouco o olhar para a lexicografia, destacamos que ela foi constituída, inicialmente, por listas temáticas de vocabulário que podem ser relacionadas a uma profissão ou a uma área; listas de palavras difíceis, de homônimos, de sinônimos, de rimas e de léxico de um autor e por glossários independentes (Auroux, [1992] 2009). Nesse viés, os vocabulários “[...] constituem sem dúvida os mais antigos instrumentos pedagógicos da humanidade” (Auroux, [1992] 2009, p. 73) e “[...] tratam sempre de um assunto específico” (Auroux, [1992] 2009, p. 73).

Na tradição dicionarística, a definição lexicográfica é um elemento que especifica o instrumento linguístico e define os verbetes (Lara, 1992; 2004). Ela pode incluir exemplos, sinônimos, pronúncia, etimologia, indicação gramatical, entre outros aspectos. Esses elementos podem ou não fazer parte do instrumento linguístico, dependendo de seu objetivo: pode ser comum encontrar a pronúncia das palavras em dicionários bilíngues e a divisão silábica na definição em dicionários escolares, por exemplo. Para Lara (2004), a definição representa uma construção do conhecimento histórico e

social da língua e não apenas uma descrição dos significados de determinada palavra. Conforme o referido autor, a definição lexicográfica estabelece a compreensão de cada uso da palavra.

É necessário considerar a lexicografia para compreender a produção do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, pois não podemos desconsiderar o processo de constituição dos instrumentos linguísticos. Em vista disso, concordamos com Petri (2021, p. 24) quando sugere que “[...] dizer Vocabulário é abrir um pouco mais de espaço para o múltiplo, para a polissemia, para a metáfora, posto que não deveria haver uma preocupação tão grande com o controle dos sentidos de uma palavra ou expressão”. Aqui, relacionamos também ao “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, pois ele também é constituído de escolhas.

Voltando nosso olhar para a perspectiva discursiva, Nunes (2006, p. 36, grifos do autor) apresenta que a definição lexicográfica é “um ‘segmento de discurso’”. Desse modo, tomar o dicionário como discurso é, conforme o referido autor, levar em conta as particularidades, as condições de produção, as marcas da historicidade e os efeitos da produção de sentidos. Ademais, o autor sublinha que “[...] a variação das formas sintático-enunciativas das definições faz sentido, isto é, que se pode observar a partir desses mecanismos diferentes posições discursivas e ideológicas” (Nunes, 2007, p. 168). Em vista disso, a seleção do tipo de definição influencia a concepção do instrumento linguístico em relação à representação dos sujeitos e da sociedade. Nessa direção, a definição é uma prática da língua que revela as suas condições de produção⁵. Fazemos esse destaque para as definições, pois elas são nosso objeto de análise.

Refletindo sobre o funcionamento do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, baseamo-nos na metodologia

⁵ Por condições de produção entendemos as “formações sociais e os lugares que os sujeitos aí ocupam” (Nunes, 2006, p. 19), com isso, além do linguístico, também é necessário observar a exterioridade. Segundo Orlandi (2009), temos que considerar o contexto da enunciação, que é o contexto imediato – o aqui e o agora do dizer – e o contexto sócio-histórico, ideológico, que é o contexto mais amplo.

exposta em Petri (2021). Na primeira etapa, os participantes – pesquisadores de diferentes instituições – foram divididos em grupos de trabalho e cada coordenação de grupo ficou responsável por escolher e elaborar as primeiras sugestões de definição para os verbetes que comporiam o “Vocabulário”. Na segunda etapa, as palavras escolhidas seguiram as sugestões dos consulentes. Aqui, destacamos os “laços sociais” (Petri, 2021, p. 34) entre elaboradores e consulentes.

Em nosso grupo, a escrita compartilhada (Petri, 2021) se deu por meio de documentos *online*, conversas assíncronas e síncronas. Cabe destacar que o “Vocabulário” é um projeto interinstitucional vinculado ao Grupo de Estudos “Palavra, Língua e Discurso” (PALLIND/UFSM), coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri, que desde 2018 é um espaço para discussão de textos em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Assim, a metodologia foi sendo construída por todos ao longo da elaboração dos verbetes e com pesquisa em dicionários *online* (no caso de nosso grupo, pois, inicialmente, nem todos os grupos de trabalho partiram de dicionários) e em *sites* de notícias. A busca definida nas mídias sociais tem o objetivo de “[...] escutar o que está posto no social e os sentidos que estão em circulação no espaço midiático” (Petri, 2021, p. 29) relacionando, segundo a autora, a língua com a exterioridade.

Em relação ao discurso jornalístico, tomamo-lo como “discurso sobre” (Mariani, 1998), em vista de ele se apropriar dos saberes em circulação sobre a pandemia. A produção do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, conforme Petri (2021, p. 36-37), “[...] parte do que tais jornalistas estão fazendo de modo mais ‘pulverizado’ e que reunimos sob a forma de um dado verbe” enunciando “[...] o que é científico para um público em geral” (Petri, 2021, p. 37). A prática discursiva suscita uma interpretação, e nós, como sujeitos elaboradores das definições, compreendemos essa interpretação para trazer o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” como um “[...] objeto técnico-histórico a ler” (Petri, 2021, p. 37).

Com a participação no “Vocabulário”, podemos entender como é o movimento entre quem produz e quem consulta um instrumento linguístico. Somos interpelados pela ideologia e, por esse motivo, fazemos escolhas para as definições e, como sujeitos elaboradores de definição, tentamos controlar os sentidos da pandemia. Segundo Nunes (2006, p. 22), “O lexicógrafo está na posição de dizer que uma palavra X significa Y e não Z”, assim, o sujeito, na posição de elaborador de definições para os verbetes, aparece como aquele que domina os sentidos. No caso da elaboração do “Vocabulário”, a escrita foi compartilhada e, de acordo com Nunes (2008, p. 94), “[...] o que funciona, desse modo, é um imaginário da autoria, que muitas vezes silencia o trabalho anônimo e coletivo”.

Por seu lado, o sujeito consulente “[...] não toma consciência dos processos de produção de sentidos que incidem sobre a definição posta (ou não) no âmbito do verbete” (Petri, 2020, p. 40), pois o “[...] imaginário satisfaz (na maioria das vezes) o sujeito que consulta o dicionário” (Petri, 2020, p. 40). Desse modo, o funcionamento do ideológico “[...] faz o consulente acreditar que o dicionário é completo, neutro, transparente” (Petri, 2020, p. 41). No entanto, sabemos que os instrumentos linguísticos possuem história porque eles produzem sentidos que não são fechados ou completos, como pode ser observado na definição para o verbe “distanciamento social”, que apresentamos na sequência.

Sobre o verbe “distanciamento social” e a relação “palavra-puxa-palavra”

Consultando “distanciamento”⁶ e “social”⁷ no Dicionário Caldas Aulete (*online*), temos as seguintes definições:

⁶ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://aulete.com.br/distanciamento>. Acesso em: 14 jan. 2023.

⁷ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://aulete.com.br/social>. Acesso em: 14 jan. 2023.

(dis.tan.ci:a.men.to)

sm.

1. Ação ou resultado de distanciar(-se); AFASTAMENTO
2. Fig. Posição ou atitude de indiferença, não participação, não envolvimento, em relação ao contexto ou aos fatos que ocorrem
3. Teat. Conceito de apresentação (criado pelo dramaturgo Bertolt Brecht) que visa ao não envolvimento emocional e sim uma atitude analítica e crítica da plateia com em relação ao conteúdo teatral, usando como técnica a ausência de cenários ou figurinos, interrupções, uma sóbria entonação dramática etc.; ESTRANHAMENTO
[F.: *distanciar* + *-mento*.]

(so.ci:al)

a2g.

1. Ref. à sociedade ou ao conjunto dos cidadãos a ela pertencentes (problemas/ciências sociais)
2. Ref. à posição dos indivíduos e seus grupos na sociedade como um todo (classe/organização social)
3. Ref. a firma, sociedade comercial constituída por duas ou mais pessoas (razão social)
4. Sociável, que gosta de estar com outros, de viver socialmente: *É uma pessoa extrovertida, muito social*
5. Que interessa a toda a sociedade (integração/contrato/pacto social)
6. Relativo aos sócios de uma agremiação ou coisa semelhante (carteira social)
7. Bras. Em edifícios residenciais e de trabalho ou de lazer, diz-se do acesso que é proibido a operários, empregados, entregadores (elevador/entrada social) [Cf.: *de serviço*.]
8. Que constitui atividade de lazer visando promover o encontro entre pessoas (evento social)
9. Esp. Área de estádio ou hipódromo reservada aos sócios. [Ger. no plural.]
[Pl.: -ais.]
[F.: Do lat. *socialis*.]

Nas condições de produção da pandemia, o distanciamento passou a ser mais que físico, foi necessário distanciarmos do convívio social. Com a pandemia de covid-19, os nossos conhecimentos sobre manter um distanciamento seguro tiveram que ser reavaliados. Um abraço, um beijo, um aperto de mão passaram para cumprimentos com 1,5m de distância com uso de máscara e

álcool em gel para evitar a disseminação do vírus. Assim como definido no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”⁸:

Distanciamento Social é o ato ou efeito de distanciar-se, afastar-se de pessoas. É manter-se distante fisicamente de outras pessoas em espaços públicos (praças, ruas, praias) e privados (lojas, shopping, casas), bem como no convívio social com pessoas que não habitam na mesma residência para evitar a propagação e o contágio do novo coronavírus, causador da doença covid-19. Para isso, a distância recomendada entre as pessoas deve ser de, pelo menos, 1,5 metro. Exemplo: “O Projeto de Lei 2820/20 determina que estabelecimentos autorizados a funcionar com atendimento ao público durante a pandemia de Covid-19 garantam distância mínima de 1,5 metros entre pessoas nas filas” (Câmara dos Deputados). Com o distanciamento social, evitam-se aglomerações, fluxo de pessoas nos espaços públicos e privados, ascensão de casos e colapso do sistema de saúde. Exemplo: “O distanciamento social diminui a transmissão para que os serviços de saúde possam testar casos suspeitos, rastrear contatos e tratar e isolar pacientes” (Organização Pan-americana da Saúde). É uma das medidas de prevenção divulgadas pela Organização Mundial da Saúde, pelo Ministério da Saúde, pelos especialistas em saúde e pelas autoridades sanitárias como eficaz para evitar a disseminação da covid-19. Exemplo: “A adoção de medidas de distanciamento social é apontada por autoridades sanitárias e especialistas como a forma mais eficaz de conter a pandemia de Covid-19 sem sobrecarregar os sistemas de saúde” (Aos Fatos). É a finalidade pela qual gestores dos estados e municípios avaliam e executam estratégias e aplicam sanções para quem não o cumpre. Exemplo: “Na Zona Norte da Capital um estabelecimento foi autuado também por ausência de distanciamento, e no Porto Seco também houve autuação pelo mesmo motivo” (G1). As medidas de distanciamento social devem ser adotadas por cada pessoa e por todos os setores da sociedade (restaurantes, lojas, jardins botânicos, hotéis, prefeituras, ONGs, etc.). Exemplo: “O uso da máscara, o distanciamento social rigoroso e a recusa de participar de aglomerações são comportamentos que buscam evitar a expansão da pandemia” (Observatório da Imprensa). Para que haja segurança no funcionamento dos serviços considerados essenciais e não essenciais, deve-se observar o distanciamento entre as pessoas. Exemplo: “De acordo com decreto publicado na última quarta-feira (16) pela Prefeitura, somente serviços essenciais estão autorizados a funcionar até 0h de 28 de junho, o que inclui alimentação, saúde, postos de combustíveis, bancos e

⁸ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

correios, mas cada área submetida a regras diferentes, que não necessariamente liberam o atendimento presencial” (G1). Distanciamento social, isolamento social e confinamento possuem sentidos próximos, pois, quando se fala em medidas de prevenção, temos tanto o distanciamento como o isolamento social. Destacamos que o isolamento é recomendado para afastar as pessoas do convívio social, quando se encontram infectadas com o novo coronavírus ou com suspeita de infecção. Exemplo: “Apesar de terem significados distintos, as palavras quarentena, isolamento e distanciamento são, muitas vezes, usadas para dizer a mesma coisa no dia a dia” (UOL). O Ministério da Saúde, em abril de 2020, publicou duas categorias de distanciamento: o distanciamento social ampliado e o distanciamento social seletivo, dependendo do cenário da transmissão da doença e da capacidade da rede de saúde. Exemplo: “A medida utilizada pela maioria das regiões do país é o Distanciamento Social Ampliado (DAS), quando todos os setores da sociedade precisam permanecer na residência enquanto durar a decretação da medida pelos gestores locais” (Ministério da Saúde). O distanciamento social seletivo promove o distanciamento das pessoas consideradas dos grupos de risco. Exemplo: “Nestes casos, apenas alguns grupos ficam isolados, com atenção aos de maior risco de agravamento da doença, como idosos e pessoas com doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, ou condições de risco, como obesidade e gestação de risco” (Ministério da Saúde). Em maio de 2020, o Ministério da Saúde divulgou outras categorias para o distanciamento social. A classificação para cada categoria depende da capacidade instalada de tratamento, do nível epidemiológico, da velocidade de crescimento e das condições de mobilidade urbana. Exemplo: “A partir dessa classificação de riscos são indicados tipos de distanciamento social: seletivo I e II, ampliado I e II e restrição máxima” (Agência Brasil) (VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS, 2023, n. p.).

Trazemos as definições do Dicionário Caldas Aulete (*online*) para exemplificar que o sintagma “distanciamento social” não aparece nesse dicionário, bem como para visualizar que a definição para o referido sintagma, no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, não partiu somente das definições dos dicionários, uma vez que também considerou os discursos que circula(ra)m na mídia social, colocando em cena outros sentidos aos estabilizados sobre “distanciamento” e sobre “social”, o que possibilita refletir sobre a manutenção e atualização de sentidos, produzindo novos sentidos a partir dos sentidos estabilizados. Ao encontro disso, destacamos que

Esse movimento pode ser percebido não como uma tensão/um conflito entre dicionário e textos jornalísticos, e sim como uma amostra de que o dicionário não consegue abarcar o todo, ele é parcial, já que há sentidos que ainda não estão cristalizados entre os falantes e, por tal motivo, ainda não comparecem no instrumento linguístico (podendo vir a comparecer em algum momento ou não) (Silva; Branco, 2021, p. 283).

Apresentadas as definições para cada palavra, nesta seção, analisaremos o funcionamento do efeito “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019; 2020) no interior do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” a partir do verbete “distanciamento social”. Para isso, consideramos o que nos explica Petri (2019, p. 110, grifos da autora) sobre o “[...] funcionamento metodológico do ‘palavra-puxa-palavra’” cujo efeito “[...] tem por base o processo discursivo da remissão”.

O verbete “distanciamento social” possui remissão para cinco verbetes: “contágio”, “coronavírus”, “colapso”, “confinamento”, “isolamento social”. Segundo Petri (2020), com a remissão, os dicionários “[...] estão propondo um trajeto de leitura possível ou, ao menos, direções possíveis para a produção de sentidos” (Petri, 2020, p. 41). Diante disso, o efeito “palavra-puxa-palavra” estimula a busca por outros verbetes no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” para “completar” os sentidos trazidos na definição.

O “Vocabulário” possui remissões que se dão por meio de *links* – por ser um vocabulário digital – que remetem aos verbetes e que, por sua vez, podem indicar direções para compreender os sentidos para “distanciamento social”. Nesse viés, para compreender o “distanciamento social”, o sujeito leitor poderá buscar por “contágio”, “coronavírus”, “colapso”, “confinamento”, “isolamento social” no mesmo vocabulário. A remissão promovida pelo efeito “palavra-puxa-palavra” promove uma rede de sentidos interna no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, e, desse modo, os sentidos se movimentam no interior do “Vocabulário”.

Nunes (2003, p. 16), ao apontar para o funcionamento da análise discursiva de enunciados definidores, afirma que “[...] os sentidos da definição, de um ponto de vista discursivo, não são detectáveis no interior de um enunciado definidor, tomado isoladamente, mas

sim na relação que esse enunciado estabelece com outros em determinadas formações discursivas”. Cada palavra pode ter um sentido diferente dependendo da Formação Discursiva na qual se insere. E por Formação Discursiva entendemos “[...] aquilo, que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina *o que pode e deve ser dito*” (Pêcheux ([1975] 2009, p. 147, grifos do autor). Ainda, destacamos que a Formação Discursiva se relaciona com as condições de produção de determinado momento histórico (Pêcheux; Fuchs, [1975] 2010). Levando isso em consideração, compreendemos que o verbete “distanciamento social”, bem como os outros verbetes do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, produzem sentidos na sua relação com a Formação Discursiva da pandemia da covid-19 e com o efeito “palavra-puxa-palavra”.

Nesse viés, as noções de Formação Discursiva e dos processos discursivos de paráfrase e polissemia são importantes para compreender os sentidos do/no “Vocabulário”. Destacamos que a polissemia é “a produção da diferença” (Orlandi, 1998, p. 15) e a paráfrase é “a reiteração do mesmo” (Orlandi, 1998, p. 15). Segundo Orlandi (1998, p. 15), a relação entre paráfrase e polissemia é “[...] uma relação contraditória porque não há um sem o outro”, ou dizendo de outro modo, “[...] onde está o mesmo, está o diferente” (Orlandi, 2007, p. 93). Assim, a produção de sentidos se dá entre a paráfrase – o mesmo – e a polissemia – o diferente.

Considerando os verbetes puxados por “distanciamento social”, observamos que “colapso” promove uma relação polissêmica com “distanciamento social” em vista de acrescentar outras possibilidades de sentidos para este verbete. No desejo de ilustrar essa relação, transcrevemos a seguinte acepção do verbete “colapso”: “[...] é a impossibilidade de funcionamento pelo excesso, que leva um sistema a suspender suas atividades”. Observamos que, nesse verbete, não há uma remissão “direta” ao verbete em análise, no entanto, os sentidos trazidos por “distanciamento social” estão presentes e atualizados nessa acepção, pois, no verbete

distanciamento social (transcrito anteriormente), diminui-se o “[...] fluxo de pessoas nos espaços públicos e privados” o que promove “[...] a impossibilidade de funcionamento pelo excesso”. Dessa forma, o funcionamento da linguagem também se dá na tensão entre o mesmo e o diferente – ao tomarmos uma palavra já-dita, mexemos em seu sentido, produzindo diferentes formulações de sentidos (Orlandi, 2008).

Além da relação polissêmica nas remissões dos verbetes, verificamos que o “mesmo” trazido pela paráfrase está presente nas definições de “contágio”, “coronavírus”, “confinamento” e “isolamento social”, os quais serão apresentadas na sequência.

Em relação ao verbe “contágio”, destacamos a seguinte acepção:

O cumprimento das medidas de segurança anunciadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é imprescindível para que sejam evitados ou, ao menos, diminuídos os índices de contágio e possíveis mortes causadas pela doença. A transmissão ocorre, principalmente, quando são formadas aglomerações e não são respeitados os protocolos de segurança, como o indicativo de distanciamento social (VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS, 2023, n. p.).

Aqui, já podemos observar que há remissões para o verbe “distanciamento social” e para o verbe “aglomerações”, além de reiterações do sentido de evitar a reunião de muitas pessoas no mesmo local. Para a análise do verbe “coronavírus”, trazemos a seguinte acepção:

Os efeitos do novo coronavírus podem ser prevenidos com o uso de máscaras, distanciamento social e a correta higienização das mãos. A vacinação contra a covid-19 pode diminuir os efeitos que esse vírus pode causar no organismo humano, reduzindo as chances de internações e mortes (VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS, 2023, n. p.).

Assim como no verbe anterior, temos remissões a outros dois verbetes, “máscaras” e “distanciamento social”, e o sentido de prevenção também retorna nesse verbe.

Para compreender os sentidos dos últimos dois verbetes destacados anteriormente, transcrevemos uma das acepções da definição de “distanciamento social”, a qual apresenta que:

Distanciamento social, isolamento social e confinamento possuem sentidos próximos, pois, quando se fala em medidas de prevenção, temos tanto o distanciamento como o isolamento social. Destacamos que o isolamento é recomendado para afastar as pessoas do convívio social, quando se encontram infectadas com o novo coronavírus ou com suspeita de infecção (VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS, 2023, n. p.).

Nela, observamos que foram remetidos sentidos para “isolamento social” e para “confinamento”. Logo, para “completar” o sentido dessa definição, buscamos por “confinamento”, e o “sentido próximo” mencionado na acepção anterior aparece na seguinte acepção:

[...] é a condição da pessoa que se afasta ou é afastada do convívio social, permanecendo sem contato físico com o mundo exterior. No contexto da pandemia da Covid-19, é efeito ou ação deliberada e decretada pelas autoridades: as pessoas precisam adotar o isolamento social e confinar-se em casa para evitar a transmissão do vírus (VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS, 2023, n. p.).

Aqui, verificamos que “confinamento” não faz menção direta para o verbete “distanciamento social”, no entanto, o sentido de distanciar-se das pessoas é mantido. Por isso, consideramos que a remissão para o verbete “confinamento” se dá pela relação parafrástica entre as definições. E se buscarmos por “isolamento social”, temos a seguinte acepção:

[...] é o processo pelo qual as pessoas se afastam do convívio em sociedade por opção ou orientação. O isolamento social é uma das medidas adotadas para a contenção da pandemia do novo coronavírus e pode contribuir com a prevenção do contágio e disseminação da covid-19. Tendo em vista a rápida propagação do novo coronavírus e a decretação da pandemia, o primeiro movimento de contenção da doença é o isolamento social, em virtude da inexistência, tanto de remédios quanto de vacina.

Nessa acepção, podemos observar que o verbete “isolamento social” também possui remissões a outros verbetes, confirmando que o efeito “palavra-puxa-palavra” está presente no interior do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. Assim como os outros quatro verbetes anteriores, “isolamento social” estabelece relações parafrásticas com o verbete “distanciamento social”, reiterando o sentido de afastamento, de distanciamento e de prevenção. Destacamos que a paráfrase é o processo pelo qual “[...] em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (Orlandi, 2009, p. 36). Em vista de o já-dito ser reformulado em suas definições, as definições se complementam, mas não como repetição e sim revelando o diferente e promovendo a circulação de sentidos entre essas palavras.

Em relação aos movimentos de sentidos no interior do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, consideramos que ele produz sentidos de acordo com a sua Formação Discursiva e os processos discursivos observados confirmam que todo discurso tem sua relação com outros (Orlandi, 2008). “Os sentidos circulam” (Orlandi, 2008, p. 49) e, por circularem, eles são efeitos e não origem. Desse modo, o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” traz o efeito “palavra-puxa-palavra”, assim como os efeitos de sentido da pandemia.

Palavras finais

[...] para nós é essencial que se estabeleçam as relações da história da palavra com os seus funcionamentos na contemporaneidade; das palavras com outras palavras no interior de um mesmo dicionário; dos verbetes de um dicionário com verbetes de outros, e assim por diante (Petri, 2020, p. 61).

Dizemos, no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, alguns dos sentidos que circula(ra)m na/da/sobre a pandemia, promovendo a “metaforização da pandemia” (Orlandi, 2021, p. 3), pois, na pandemia, as palavras conversam “produzindo

transferências de sentidos, equívocos” (Orlandi, 2021, p. 3). Para as palavras finais deste texto, queremos unir o sentimento de resiliência com a continuidade da pesquisa científica da qual não desistimos nesse período de tristeza e incertezas. Assim como menciona Petri (2020) na epígrafe supracitada, o essencial é estabelecer relações: foi estabelecendo relações que produzimos este texto, olhando para os sentidos já produzidos da/na/sobre a pandemia pelo grupo de pesquisadores e com o momento histórico singular da pandemia que vivenciamos/estamos vivenciando.

No decurso desse texto, apresentamos o fazer do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” e suas implicações frente à lexicografia e à lexicografia discursiva, mostrando a relação entre sujeito elaborador de definições e sujeito consulente. Para compreender os sentidos do referido vocabulário, focamos no efeito “palavra-puxa-palavra”, analisando as relações de paráfrase e polissemia presentes nas remissões internas produzindo, com isso, uma rede interna de sentidos.

O “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” é um observatório de práticas sociais – assim como o definimos em reuniões do grupo. O “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” é movimento entre quem produz e quem consulta e o nosso papel foi tomar posição de elaborador de definições para compreender o que pode e deve ser dito, pois formulamos a partir de um já dito, como sujeitos que vivencia(ra)m a pandemia.

Referências

Auroux, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, [1992] 2009.

Brasil. Decreto-lei nº 6, de 20 de março de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação

do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/dlg6-2020.htm#:~:text=DECRETO%20LEGISLATIVO%20N%C2%BA%206%2C%20DE,18%20de%20mar%C3%A7o%20de%202020. Acesso em: 01 nov. 2023.

Lara, Luis Fernando. **De la definición lexicográfica**. México: El Colegio de México, 2004.

Lara, Luis Fernando. El discurso del diccionario. In: WOTJAK, Gerd (Org.). **Estudios de lexicografía y metalexigrafía del español actual**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1992.

Mariani, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

Nunes, José Horta. Definição lexicográfica e discurso. **Língua e instrumentos linguísticos**, Campinas. n. 11, p. 09-30, 2003.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

Nunes, José Horta. O discurso documental na História das Idéias Lingüísticas e o caso dos dicionários. **Alfa**, v. 52, n. 1, p. 81-100, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468/1173>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Nunes, José Horta. Um espaço ético para pensar os instrumentos linguísticos: O caso do dicionário. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Política lingüística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

Orlandi, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

Orlandi, Eni. **Formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Orlandi, Eni. **Língua e conhecimento lingüístico**. São Paulo: Cortez, 2002.

Orlandi, Eni. Paráfrase e polissemia. A fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, v. 4, n. 1, p. 9-19, 1998. Disponível em: <https://>

periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626/8177. Acesso em: 14 jan. 2023.

Orlandi, Eni. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

Orlandi, Eni. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**. v. 2. n. 1. p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/310/325>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Pêcheux, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Unicamp, [1975] 2009.

Pechêux, Michel; Fuchs, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: Gadet, Françoise; Hak, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2010.

Petri, Verli. Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”: projeto em curso e discurso. In: PETRI, Verli. *et al.* (Org.). **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Petri, Verli. É preciso “tomar de assalto” a palavra para saber mais sobre a sua história e a sua plasticidade. In: Venturini, Maria Cleci; Loregian-Penkal, Loremi; Witzel, Denise Gabriel (Org.). **Linguística na contemporaneidade**: interfaces, memórias e desafios. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 103-121.

Petri, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 29, p. 23-37, 2012. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao29/edicao29.html>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Petri, Verli. O que pode uma palavra? Reflexões sobre a história da palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentidos na contemporaneidade. In: Petri, Verli; Guasso, Kelly; Costa, Thaís; Freitas, Francine. (Org.) **Dicionários em análise**: palavra, língua, discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

Petri, Verli. **Um outro olhar sobre o dicionário**: a produção de sentidos. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2010.

Silva, Kelly Fernanda Guasso; Branco, Natieli Luiza. Quando ficar em casa (não) é opção: os efeitos de sentido em movimento sobre a palavra “casa” na pandemia. In: Petri, Verli. *et al.* (Org.). **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Obras literárias consultadas

Barros, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO PARA “ANGÚSTIA” E “SAUDADE” NA E PARA ALÉM DA PANDEMIA

Gabriela Gonçalves Ribeiro
Luana Vargas Aquino
Thaís Costa

Cidades desertas, onde transita apenas gente da segurança e da saúde, mede-se a temperatura de todas as pessoas na entrada de supermercados, centros comerciais e conjuntos residenciais. Se há membros da família em quarentena, apenas um membro tem o direito de sair, a cada dois dias para comprar mantimentos (Zibechi, 2020, p. 31).

Para introduzir...

A descrição apontada pela epígrafe supracitada revela como a pandemia do novo coronavírus interferiu nas práticas sociais dos diversos espaços no mundo. Em março de 2020, muitos países foram rápidos em fechar suas fronteiras e decretar o início do isolamento social, com finalidade de frear o intenso ritmo de propagação da nova mutação da doença que demandou novas pesquisas. Todavia, no Brasil, desde o primeiro caso de contaminação, em fevereiro de 2020, a situação foi tratada com descaso, como se um vírus vindo de um lugar tão distante não pudesse afetar a população brasileira de maneira tão drástica. No mesmo ano, a covid-19 foi chamada até mesmo de “gripezinha”¹ e que só afetaria pessoas em situação de risco, ou seja, com alguma doença crônica pré-existente. Os brasileiros foram surpreendidos

¹ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 4 jan. 2023.

com as mais de 620 mil² pessoas que tiveram como causa da morte a Covid-19, esse momento histórico foi marcado por grande angústia, tristeza e decepção com as entidades governamentais, grandes responsáveis pelo caos vivido no país.

Segundo Badiou (2020), a pandemia do novo coronavírus “[...] não é nada de novo sob o sol contemporâneo”, já que seu nome foi registrado como SARS-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave – 2), em 2003, quando houve a epidemia de sua primeira variante, denominada como SARS-1. É por isso que a pandemia iniciada oficialmente em 2020 pode ser considerada uma mutação da primeira.

No Brasil, o maior estudo realizado até o momento sobre a dispersão do vírus foi realizado por um grupo de pesquisadores sob a coordenação de um cientista brasileiro, Darlan Cândido, vinculado à Universidade de Oxford, o pesquisador afirma que, nesse estudo, mais de 15 instituições brasileiras participaram, fora as internacionais³. Esses esforços identificaram que apenas um homem, em sua viagem para a Itália, chamado inicialmente como “paciente zero”, não pode ser responsabilizado pela chegada da Covid-19 no país, uma vez que no mesmo período (fevereiro de 2020), mais de 100 casos foram registrados nos hospitais brasileiros. Com essa pesquisa, houve a possibilidade de sequenciar o código genético do Sars-Cov-2, momento em que os cientistas recolheram dados de 427 pessoas infectadas para comparar as sequências genômicas, organizando-as de acordo com a data e o local, reconstruindo, assim, os passos do vírus no país.

Mesmo com grandes esforços de profissionais brasileiros para que a covid-19 fosse tratada com o devido cuidado e pesquisa, o Brasil mergulhou em uma situação calamitosa na qual havia

² Conforme pode ser verificado no *link*: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-01/numero-de-mortos-pela-covid-19-no-brasil-passa-de-620-mil>. Acesso em: 11 jan. 2023.

³ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>. Acesso em: 1 jan. 2023.

hospitais lotados e pessoas desempregadas, muitas delas em situação de rua ou de fome, devido às consequências do modo pelo qual o governo brasileiro lidou (ou deixou de lidar) com a pandemia que se tornava uma realidade social a cada dia que passava. Muitos pacientes contaminados pelo vírus morreram esperando uma vaga nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), sem que houvesse a possibilidade de utilização de oxigênio para diminuir os sintomas causados pela doença, tal como ocorreu no colapso em Manaus⁴, no mês de fevereiro de 2021. Esse colapso, inclusive, ocupou espaço importante de discussão durante a realização da CPI da COVID⁵, devido ao número de contaminados que acabaram vindo a óbito pela negligência do governo, avisado da crise eminente do Sistema Único de Saúde (SUS) e não mobilizou esforços para evitá-la. É necessário pontuar, que a pandemia também acentuou as desigualdades, trazendo grandes impactos para a nossa sociedade em geral, como afirma Sipioni:

Ressalta-se que a pandemia pelo COVID-19 evidencia as desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero e as condições precárias de vida a que estão submetidas grandes parcelas da população brasileira, ressaltando seu potencial catastrófico junto a estes grupos. É importante destacar ainda que o aumento da pobreza e a piora dos indicadores sociais estão diretamente associados às medidas de austeridade, considerada, acima de tudo, um problema político de distribuição e não um problema econômico” (Sipioni *et al.*, 2020, p. 5).

No Brasil, a pandemia instaurou o caos, não somente o caos sanitário, mas duramente social, diante de tantas obstáculos que a população em situação vulnerável vivenciou – e ainda vivencia –, ao enfrentar muito mais do que o novo coronavírus. A situação grave e extremamente delicada que a doença causou em nosso país

⁴ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/15/covid-em-manaus-sem-oxigenio-pacientes-dependem-de-ventilacao-manual-para-sobreviver-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 3 jan. 2023.

⁵ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acesso em 13 de março de 2023.

despertou em muitos estudiosos a sensação de impotência mediante tanta devastação na área da Saúde Pública, do Direito, das Humanidades, das Letras isso se deu na área da Saúde Pública, do Direito, das Humanidades, das Letras, enfim, este sentimento é intrínseco à questão levantada por Petri (2021, p. 21-22):

“Há muito tempo que nos perguntamos: o que temos feito pelo social, nós, os analistas de discurso no e do Brasil? Em tempos de pandemia, isso se tornou ainda mais forte em nós. No Brasil, sobreviver tem sido um desafio, seguir trabalhando foi um modo de resistência”.

A distância física dos pesquisadores, imposta pelas condições pandêmicas, não silenciou linguistas, e os analistas de discurso, muito menos os impediu de buscar lugares de resistência diante da pandemia. Nosso ponto de partida é o projeto “A história das palavras e a dicionarização: ditos e não-ditos em tempos de pandemia no Brasil do século XXI” (CNPq-PQ2), coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri (UFSM), que congrega 26 pesquisadores, vinculado a 10 diferentes instituições de ensino brasileiras, interessados em desempenhar um papel social mediante à realidade pandêmica vivida desde 2020, com o objetivo de explicitar como se dá a resignificação dos sentidos das palavras em circulação nas mídias jornalísticas digitais nesse momento sócio-histórico. O “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”⁶ é um trabalho coletivo, compartilhado e elaborado por todos os pesquisadores que estão se dedicando a fazê-lo tanto no grupo de estudos PALLIND⁷

⁶ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novocoronavirus/#:~:text=O%20Vocabul%C3%A1rio%20sobre%20a%20pandemia,no%20espa%C3%A7o%20digital%2C%20desde%202020.> Acesso em: 10 jan. de 2023.

⁷ O Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso foi fundado em março de 2018, sob a coordenação da Profa. Dra. Verli Petri, sendo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM, na Área de Estudos Linguísticos e na Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História. O projeto objetiva realizar reuniões periódicas (quinzenais) com os orientandos da coordenadora e demais interessados, para discutir textos em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas.

como em outros grupos de estudos que se juntaram aos participantes do projeto (são 10 instituições), os quais buscam registrar, nas sugestões de cada palavra, uma realidade à qual fomos expostos devido ao ritmo de contaminação pela covid-19 no Brasil. Até o presente momento (fevereiro de 2022), foram publicadas 59 palavras no *site*, resultantes de um árduo trabalho realizado pelo grupo no compartilhamento de informações encontradas e na busca pela melhor forma de elaborar suas sugestões de definição, para que todas as pessoas compreendam e tenham a possibilidade de passar adiante o conhecimento produzido em um momento tão importante de nossa história. A partir das reflexões contidas na sugestão de definição da palavra “*angústia*”, propomos analisar como essa palavra assume sentidos diferentes de acordo com as formações discursivas, e posteriormente, o mesmo movimento será feito com a palavra “*saudade*”, ou seja, analisaremos dois recortes.

A “*angústia*” na pandemia e seus sentidos...

A pandemia, que como já mencionamos, no Brasil teve seu início em 2020, permitiu que diferentes sentidos começassem a circular sobre uma mesma palavra. Tendo em vista esses “novos” sentidos que passaram a circular em tempos pandêmicos, nos interessou compreender como estavam em circulação determinados efeitos de sentido, dadas as condições de produção nas quais essas palavras passaram a circular com mais frequência.

Freud, ao longo de sua atuação no setting analítico e em seus escritos, dedicou-se a explicitar e compreender o que era de fato, a angústia, e como esta se originava. Independente do quadro clínico que os pacientes de Freud apresentassem, a angústia era sempre seu principal sintoma, vindo à tona de distintas formas. Em dado momento, o psicanalista chegou a afirmar que a angústia – em seus pacientes neuróticos – tinha origem na sexualidade (Freud, [1894]1976). Assim, o autor pode diferenciar a etiologia das neuroses atuais e das psiconeuroses. Foi então que, na e pela relação analítica

que Freud passou a investigar o que foi nomeado por ele como afeto, como se originava e de que forma surgia enquanto sintoma, entretanto, nunca delimitou um único sentido para a angústia na clínica psicanalítica.

Mais adiante, conforme avançava seus estudos, e desconstruía algumas ideias elaboradas anteriormente, Freud ([1895]1976) passou a investigar a angústia a partir da questão do trauma. Assim, o autor atribui a angústia a impossibilidade do sujeito de elaborar psiquicamente a excitação sexual, “isto é, sua incapacidade de transformar energia em sentido” (Fuks, 2001, p. 2). Freud observa na clínica das neuroses e da histeria, que nos sintomas dos destes pacientes, há um acúmulo de tensão sexual psíquica. Dessa forma, a elaboração de que o excesso libidinal se transformaria em angústia, veio a corroborar com a teoria freudiana de que a neurose se origina no recalque. Essa afirmação guia, portanto, a compreensão da angústia sob um ponto de vista psicanalítico, pois há trata-se de um afeto em que não se é possível nomear sua origem, como se fosse um grande abismo, onde o vazio está sempre à espreita.

No caso de Análise do pequeno Hans, presente nas Obras Completas (Freud, [1909]1976), o autor demonstra a partir da fobia a relação do conteúdo recalcado com a angústia, amarrando-as com o complexo de castração, aquele que irá constituir o psiquismo e a vida sexual do sujeito. Embora não carecesse de material clínico para observações e estudos, a angústia sempre gerou a Freud um lugar de desconforto, afinal, nunca chegou a dar-lhe uma definição mais assertiva, “porque esse afeto escapa a toda e qualquer solução definitiva que lhe seja atribuído” (FUKS, 2001, p. 3). Em dado momento, Freud também passa a pensar a angústia para o que escapa da trama edípica, quando introduz na teoria os conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida – e o embate entre essas duas pulsões –. Nos anos 1920, com a virada freudiana a segunda tópica, Freud concede à psicanálise a oportunidade de perceber os sintomas para além do complexo edípico, declarando a existência de um terreno fértil e inexplorado no psiquismo humano, e assim,

“Freud endereçou sua escuta para além dos caminhos da libido, sem que tenha sido necessário, em momento algum, abandoná-los de todo” (Fuks, 2001, p. 3). Ao estudar as neuroses traumáticas, Freud correlaciona trauma e angústia, de forma que “o traumático, algo da ordem do excesso pulsional e irredutível às malhas da simbolização leva, de forma imediata e intensa, à emergência da angústia” (Fuks, 2001, p. 3).

Em um ensaio de 1919, intitulado *Unheimlich* (o infamiliar), Freud ([1919]2006) desenvolve a ideia de que o alastramento de algo que faz sujeito não se reconhecer mais a partir de seus modos de identificação, causa o emergir a angústia. Dessa forma, “Freud conduz o leitor ao encontro de contrários para demonstrar que, pela ação do recalque, o familiar, o que é mais íntimo ao sujeito, torna-se estrangeiro – o que lhe é mais estranho –, e que justamente seu retorno é o que provoca angústia.” (Fuks, 2001, p. 3). Experimentar o estranho, o infamiliar, faz com que se confirme a ligação direta entre a angústia e o recalque, ou neste caso, o retorno do recalcado. Lacan vai considerar as elaborações desse ensaio freudiano uma “dobradiça indispensável para abordar a questão da angústia” (Lacan, [1962-1963]2005, p. 51). Nesse sentido, entendemos que é no encontro entre familiar e estranheza, que o sujeito se depara com um outro confronto: o real e o imaginário.

É Lacan ([1962-1963]2005) que irá elaborar a ideia de que o irrepresentável que se descortina pelo estranho faz emergir a angústia. Com base naquilo que apreendeu do *Unheimlich*, Lacan cria suas próprias elaborações sobre a angústia, como a noção de *objeto a*, “objeto causa do dizer e, ao mesmo tempo, impossível de dizer” (Fuks, 2001, p. 4); mas leva em seu cerne a ideia de que toda experiência onde se revela o irrepresentável para o universo simbólico-imaginário do sujeito, a angústia se faz presente. É o real (o irrepresentável) que atropela o imaginário do sujeito e provoca a angústia, tornando-se estrangeiro ao simbólico.

Quando nos deparamos com o verbete *angústia*, é sobre essa experiência que buscamos explicitar: o encontro do sujeito com a

estranheza, fazendo com que o eu se torne estrangeiro de si mesmo. A angústia sugere também, uma abertura ao movimento, se o sujeito permite desdobrar-se e se deparar com sentidos outros. Nesse encontro entre Psicanálise e AD, a angústia é um lembrete de que o movimento tudo pode; pode levar ao desamparo, ao estrangeirismo e a estranheza de si, mas também a possibilidade de encontrar e formular novos sentidos, novas formas de (re)existência. Se a angústia é inerente ao sujeito, à sua relação com a ideologia que o interpela, é também uma convocação para a polissemia, para a criatividade, para a criação de espaços onde é possível resistir.

Para tanto, realizamos dois Recortes Discursivos (doravante RD) com o objetivo de analisar e compreender os sentidos em circulação acerca da palavra “*angústia*”. O primeiro, RD1, trata-se de uma fala do general Eduardo Pazuello, que na época da entrevista, também ocupava o cargo de Ministro da Saúde no Brasil, no período de 2020 até 2021, momento extremamente delicado da pandemia, em que as mortes aumentavam a cada dia, sem nenhuma perspectiva de que as vacinas contra a Covid-19 ficassem prontas para a distribuição. Partindo da leitura da sugestão de definição que está no Vocabulário da Pandemia do novo Coronavírus, fizemos um gesto de leitura sobre o que foi dito por Eduardo Pazuello, com a finalidade de movimentar esse discurso em sua relação sobre o significado de “*angústia*”. Eis o RD1, selecionado para nossa análise no presente texto, retirado de um pronunciamento de Eduardo Pazuello:

RD1: E afirmou: “Vamos levantar a cabeça. Acreditem. O povo brasileiro tem capacidade de ter o maior sistema único de saúde do mundo, de ter o maior programa nacional de imunização do mundo, nós somos os maiores fabricantes de vacinas da América Latina. Para que essa ansiedade, essa angústia? Somos referência na América Latina e estamos trabalhando”. (G1)

O recorte acima, retirado de uma coletiva de imprensa, em 2020, na qual participou Pazuello, explicita os principais questionamentos compreendidos acerca da questão sobre a compra e distribuição de

vacinas, com a finalidade de diminuir as mortes causadas pelo novo coronavírus no Brasil. É nessa entrevista que o ex-ministro se mostra aberto a receber as vacinas produzidas no Brasil para uso imediato, todavia sua fala coloca a maioria dos brasileiros à espera da vacina, o que demonstra o descaso com a urgência de proteção da população.

A palavra *angústia*, no pronunciamento do ex-ministro, se encaminha para o sentido de algo desnecessário, como se fosse uma preocupação sem motivo por parte dos brasileiros ou até mesmo um sentimento irracional em relação às mortes pela covid-19, em meio a uma crise sanitária iminente que abalou todos os pilares da nossa sociedade, principalmente os menos favorecidos. Ao dizer “O povo brasileiro tem capacidade de ter o maior sistema único de saúde do mundo” e “Somos referência na América Latina e estamos trabalhando”, Pazuello retoma a ideia de uma das propagandas da ditadura, a qual pregava soberania do país, que supostamente seria capaz de passar por tudo, o slogan “Ninguém mais segura esse país”. Podemos ver abaixo, o cartaz que contém o slogan “Ninguém segura esse país”⁸, utilizado durante a semana da pátria no período da ditadura no Brasil.

⁸ Cf: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Ninguem-mais-segura-este-pais_fig1_312417197> acesso em 27 de janeiro de 2023.

Imagem 1 – Slogan da Semana da Pátria durante a ditadura brasileira



Fonte: Researchgate.

Em determinada parte de seu pronunciamento, Pazuello utiliza a palavra “vamos”, conjugada na primeira pessoa do plural, o que traz à baila um questionamento: Quem são “nós”? O governo? O Estado? O povo brasileiro? É de certa forma um afastamento de uma questão tão séria que deveria ser tratada com mais responsabilidade e menos desdém. De acordo com Indursky (1997, p. 66, grifos da autora), “[...]através do *nós* o locutor pode associar-se a referentes variados, sem especificá-los linguisticamente, daí decorrendo a ambiguidade em seu dizer”. Ao utilizar essas palavras que causam ambiguidade em seu dizer, Pazuello pode até colocar tamanha responsabilidade nos braços do povo brasileiro, que mesmo tendo outros níveis de responsabilidade cidadã, jamais poderia negociar a compra de vacinas, por exemplo. Precisamos ter em vista que a posição-sujeito “general”, assumida pelo ex-ministro, não é anulada enquanto Pazuello discursiviza de seu lugar como ministro: na verdade, essas posições se somam, causando um efeito de “autoridade” ainda maior em seus ditos.

Não obstante, selecionamos também o RD2, fala de Marieta Severo. O recorte foi feito de uma matéria jornalística, realizada em 2021 para a revista Isto É, na qual Marieta Severo conta sobre seu estado de saúde após ter contraído o novo coronavírus, e demonstra também sua insatisfação com o governo vigente na época (Jair Bolsonaro 2019-2022):

RD2: Nunca tive uma angústia cívica tão profunda, apesar de ser de uma geração que viveu a ditadura. Sei o que é ter uma barreira diante dos sonhos, do melhor do país, impedindo a gente de florescer em plena juventude. Aqueles tanques na rua... Como alguém defende um regime que coloca um cano de descarga na boca de um jovem, arrastado em um quartel? (22/08/2021).

No RD2, temos acesso a uma Formação Discursiva da atriz, roteirista e produtora teatral brasileira, Marieta Severo. Cabe destacar que a atriz em questão vivenciou um momento histórico muito importante, pois além da pandemia, sofreu com os efeitos da ditadura militar brasileira, posto que precisou se exilar do país para evitar que seu então marido, Chico Buarque, fosse preso durante o nascimento de sua filha, ocorrido na Itália. As palavras ditas por Marieta Severo nos fazem pensar que seu discurso retoma um outro discurso, assim nos guiando ao que ensina Pêcheux sobre “processo discursivo”:

Em outros termos, o processo discursivo, não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto do discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (Pêcheux, 2014, p. 76, grifo do autor).

O que é discursivizado por Marieta Severo, no RD 2 evoca os acontecimentos da época da ditadura militar brasileira, ao provocar um efeito de comparação, a partir do qual é afirmado que a angústia sentida na época do regime não é tão grande quanto àquela sentida na pandemia de covid-19. Há um resgate de uma memória em

batimento com uma atualidade para estabelecer que sentido é esse que se coloca sobre a palavra *angústia*. De acordo com Pêcheux (2014, p.?) “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, o que nos leva a pensar que a pandemia compreende uma das condições de produção que interferem no deslizamento de sentido dessa palavra. É importante ressaltar que a angústia é amplamente estudada também por Lacan na área da Psicanálise, sobretudo em “O seminário, livro 10: a angústia”, onde ele a define como “Para introduzi-la, direi que é um afeto” (Lacan, 2005, p. 23), o estudioso ainda define a angústia como aquilo que não pode ser suficientemente representado, conceito que será retomado no verbete contido no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, que introduziremos mais à frente.

Em vista disso, verificamos como, no Dicionário Aurélio, é definida a palavra *angústia*: “s.f. 1. Redução de espaço ou de tempo; carência ou falta. 2. Estado de ansiedade, inquietude; sofrimento tormento”. Essa definição de angústia foi resgatada no RD1, com relação ao momento histórico pandêmico que estamos vivendo, pelo fato de existirem alguns movimentos que buscam resgatar a memória discursiva de um acontecimento como a ditadura como se fossem algo bom, em uma tentativa de revisionismo histórico que é proposta até mesmo pelo governo da época, cujo chefe se tratava de Jair Messias Bolsonaro. Retomando o que diz Orlandi (2015, p. 37):

[...] não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que os sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo o discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final pelo discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Podemos identificar que no RD2 há um discurso que se relaciona com outros, principalmente com o discurso em circulação durante com o momento ditatorial no Brasil (1964-1985). É importante pensar o quanto essa “*angústia*” precisa ser grandiosa e dolorosa a ponto de superar o sentimento sobre a ditadura,

momento em que a artista precisou se exilar devido à violência imposta principalmente aos diferentes tipos de artes, uma vez que por meio delas é que se instalava a resistência contra o regime. Sabemos que o sentido é determinado pelas posições colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas (Orlandi, 2015), ou seja, a palavra *angústia* é ressignificada quando discursivizada durante o período pandêmico. A expressão “angústia cívica”, ao ser usado durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil, nos indica que a época que vivemos consegue ser tão violenta quanto à ditadura em nosso país, uma vez que mais de 600 mil pessoas perderam a vida devido à contaminação pela COVID-19, e além disso, sabemos que o número de mortos assumido pela Comissão Nacional da Verdade, que foi de 434 mortes, pode ser muito maior, havendo discussão sobre o número de desaparecidos e supostamente mortos pela ditadura. O que determina que um desses acontecimentos é mais violento que o outro? O número de vítimas? As condições de produção? Essa é uma questão que deve ser pensada com um cuidado especial.

No “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, instrumento linguístico no qual são sugeridas definições para os verbetes, a partir da leitura e interpretação do discurso midiático em circulação no Brasil, nos salta aos olhos o recorte da definição da palavra “*angústia*” como algo que afeta as pessoas na pandemia, contrariando o sentido exposto pelo ex-ministro:

“**Angústia** é aquilo que afeta as pessoas, produzindo manifestações físicas e/ou emocionais, enquanto consequência de determinada situação ou causa de outras expressões de mal-estar no corpo, desestabilizando o estado psicológico. É aquilo que é sentido no corpo e, no entanto, ainda não está suficientemente nomeado/representado/elaborado pela pessoa. Especificamente, angústia é uma das consequências provocadas pelo isolamento social, devido à pandemia da covid-19.”⁹

⁹ Conforme pode ser verificado no *Link*: [49](https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novocoronavirus/#:~:text=O%20Vocabul%C3%A1rio%20sobre%20a%20pandemia,no%20espa%C3%A7o%20digital%2C%20desde%20020. Acesso em: 8 de jan. 2023.</p></div><div data-bbox=)

Partindo desse trecho de sugestão de definição disponível no *site*¹⁰ da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é possível perceber que a angústia mesmo sendo algo que produz manifestações físicas e emocionais ainda não nomeadas, representadas ou elaboradas de maneira suficiente, retoma também os sentidos estabelecidos por Lacan (2005). Relacionando esse significado ao RD1 e RD2, explicitamos que a mesma palavra pode ter diferentes significados, conforme a Formação Discursiva (FD) em que está inserida, que se contrapõe a FD dominante. No RD2, a angústia (cívica) remete ao descontentamento, em contradição com a Formação Discursiva dominante, representada por RD1, considerada aqui a FD dominante, por representar o Estado. Destacamos que o sujeito é constitutivo do que ele diz (Orlandi, 2015), estabelecendo uma relação de forças, pois os lugares dos quais cada sujeito fala são diferentes, uma artista como Marieta Severo tem posição diferente e oposta ao do ex-ministro e general Eduardo Pazuello, na análise aqui estabelecida. Seus ditos, mesmo que contraditórios se encontram, uma vez que Marieta passou pela Ditadura Militar no Brasil e Pazuello ainda pertence ao exército um dos Aparelhos do Estado segundo Althusser (1985).

Entendemos, assim, que palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes (Orlandi, 2015): é nesse batimento entre uma posição-sujeito general/ex-ministro e posição-sujeito artista/militante que podemos perceber a ideologia em funcionamento através dos sentidos em circulação para a palavra “angústia”. De um lado, a palavra é incorporada em uma fala na qual a pandemia é vista como uma atrocidade de nível igual ou pior do que a ditadura, e em outro, a mesma palavra assume o tom de desdém e despreocupação com o povo brasileiro.

¹⁰ Conforme pode ser verificado no *Link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus#:~:text=O%20Vocabul%C3%A1rio%20sobre%20a%20pandemia,no%20espa%C3%A7o%20digital%2C%20desde%202020.>

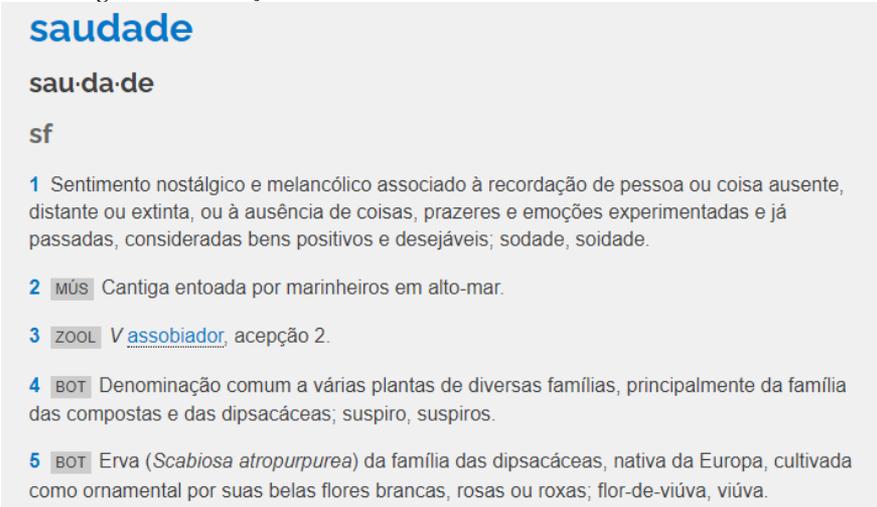
Saudade: um sentimento único e nostálgico

Era tanta saudade. É, pra matar. Eu fiquei até doente, eu fiquei até doente, menina. Se eu não mato a saudade. É, deixa estar (Buarque, 1989).

Guarda estes versos que escrevi chorando, como um alívio a minha saudade, como um dever do meu amor; e quando houver em ti um eco de saudade, beija estes versos que escrevi chorando (Assis, 1864).

A partir das epígrafes acima, iniciamos a reflexão sobre o verbete *saudade*, que é definido, segundo o Dicionário Michaelis, como um “sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas e já passadas, consideradas bens positivos e desejáveis”. Além de ser considerado um sentimento de nostalgia causado pela ausência de algo, de alguém, de um lugar ou pela vontade de reviver experiências, situações ou momentos já passados, conforme definição:

Imagem 2 – Definição do verbete *saudade* no Dicionário Michaelis on-line



saudade

sau·da·de

sf

- 1 Sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas e já passadas, consideradas bens positivos e desejáveis; sodade, soidade.
- 2 **MÚS** Cantiga entoada por marinheiros em alto-mar.
- 3 **ZOOL** V [assobiador](#), acepção 2.
- 4 **BOT** Denominação comum a várias plantas de diversas famílias, principalmente da família das compostas e das dipsacáceas; suspiro, suspiros.
- 5 **BOT** Erva (*Scabiosa atropurpurea*) da família das dipsacáceas, nativa da Europa, cultivada como ornamental por suas belas flores brancas, rosas ou roxas; flor-de-viúva, viúva.

Fonte: Dicionário Michaelis

Dessa forma, refletimos muito sobre os diferentes sentidos de saudade, principalmente quando remete à memória de algo que aconteceu e intensa vontade de reviver certos momentos.

Além disso, há uma expressão, “matar a saudade”, que, em determinadas condições de produção, remete ao momento em que o sujeito vê o objeto do seu sofrimento e, com isso, torna-se alegre e feliz, portanto, está matando aquela saudade. Já, em outras condições de produção, a palavra saudade nem sempre está vinculada ao sentimento de alegria e felicidade, pois, às vezes, as pessoas dizem: “Como gostaria de matar essa saudade”, referindo-se, por exemplo, a alguém já falecido, um amor não correspondido: o próprio objeto de seu sofrimento pode, na verdade, potencializar esse sentimento de saudade. Desse modo, refletir sobre os diversos sentimentos durante a pandemia do novo coronavírus, em 2020, faz com que pensemos em diversos momentos desse período.

Saudade, no contexto pandêmico, tem seus sentidos movimentados pelas novas relações entre os sujeitos e o mundo que surgem e se transformam durante as vivências na/da pandemia. A saudade de um ente querido que partiu, de um momento que passou, fazem parte daquilo que nos constitui, mas, durante a pandemia, esse sentimento se ressignificou e atingiu uma dimensão coletiva: sentimos falta da vida antes do novo coronavírus. Nossas casas, que antes eram espaço de descanso e refúgio, tornaram-se prisões; a rotina de ir ao mercado, de trabalhar, de ir à escola ou à universidade, foi virada do avesso. Nesse limiar, há de se refletir sobre os efeitos da saudade enquanto uma experiência coletiva e cheia de novas nuances.

Apresentaremos, a seguir, os recortes discursivos selecionados para compor nossas análises sobre o verbete *saudade*:

RD3: “Tenho saudade de sentir o sol”.

RD4: “Em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, a assistente social Thamires da Silva Netto, 29 anos, perdeu seis familiares em 2020. Em abril, o coronavírus levou a sua avó; a partir de outubro, veio outro baque: mãe, irmã e três tios faleceram em decorrência da Covid-19. Ela morava no mesmo quintal dos parentes que partiram. ‘Saudade é uma doença que não tem cura’, afirmou”.

A partir dos dois recortes, explicitamos os diferentes sentidos que a palavra *saudade* pode ter. Em um primeiro momento, o objeto faltante é o sol, o que nos faz retornar ao sentido de saudade determinado pelo dicionário (sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas [...]). O sol, nessas condições de produção, não está ausente ou tampouco extinto, entretanto, durante o isolamento social, o simples ato de sentir o sol na pele foi interrompido pela necessidade de estar em casa. Esse é um exemplo de como nossa rotina precisou passar por modificações durante o período pandêmico: então, o sol, enquanto uma alegoria, uma ideia ou lembrança daquilo que antes era o considerado “normal”, torna-se distante.

Já no RD4, deparamo-nos com a saudade enquanto luto que, segundo o Dicionário Michaelis, significa, entre outras coisas, um sentimento de pesar ou tristeza pela morte de alguém. Neste sentido, o sentimento de luto pode ser considerado uma experiência humana complexa, investigada a muito tempo por diversas áreas da psicologia e psicanálise. No último ensaio que compreende os textos metapsicológicos de Freud, intitulado “Luto e Melancolia”, o autor se debruça em tecer um olhar para esse fenômeno. Para Freud (1917[1996]), o desaparecimento do objeto amado não corresponde ao desaparecimento deste da vida psíquica do sujeito, e o luto seria, em última instância, uma resignificação desse objeto e a renúncia da relação pulsional que o envolve. A saudade, neste sentido, seria um deslocamento possível no decorrer do trabalho de luto, a produção de um novo efeito de sentido no discurso do sujeito... sempre interpelado pela existência de um inconsciente funcionando em pleno vapor. É possível explicitar a utilização de metáforas como

um recurso para que seja possível a esse sujeito resistir, atravessar o luto, afinal... se saudade é uma doença sem cura, atesta-se que há sempre resquícios de uma presença-ausente do objeto perdido, que está sempre aberta ao jogo discursivo, passível de mudança e transformação no e pelo trabalho da memória.

Considerações finais

Ao buscar uma possível formulação sobre um efeito de fechamento para este artigo, nessa breve reflexão acerca dos verbetes *angústia* e *saudade*, consideradas as condições de produção pandêmicas, tentamos apresentar o funcionamento dessas palavras para além dos dicionários de língua portuguesa. Além disso, recuperamos também notícias, disponíveis nas mídias digitais, que mobilizam os textos ou discursos, em formações discursivas diferentes analisadas, considerando o seu funcionamento em condições de produção distintas, a partir da seleção e análises dos recortes discursivos. Por fim, as análises realizadas indicam que as palavras sofrem processos de ressignificação, já que o sentido é determinado pelas condições de produção do discurso, pela posição ideológica do sujeito e pelo funcionamento da língua.

Referências

- Althusser, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- Badiou, Alain. Sobre a situação epidêmica. In: Davis, Mike, et al: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.
- Freud, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. **A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros**

trabalhos (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 249-263.

Freud, Sigmund (1909). Análise de uma fobia em uma criança de cinco anos. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, Sigmund (1985). Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'. In: Freud, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, Sigmund. (1919). "O Estranho". In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 2006.

Freud, Sigmund. Fragmentos da correspondência com Fliess (1894). In: Freud, Sigmund. **Obras Completas**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Fuks, Betty Bernardo. Notas sobre o conceito de angústia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Vol 1., n. 1, 2001. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7687/5551>>. Acesso em: 20/03/2023.

Indursky, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

Lacan, J. (1962-1963). **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia!** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Orlandi. Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

Pêcheux, Michel. A análise de discurso: três épocas. Tradução de Jonas Romualdo. In: Gadet, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania Mariani *et al.* 5 ed. Campinas: Unicamp [1983] 2014.

Petri, Verli. Algumas reflexões sobre o "Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus": projeto em curso e discurso. In: PETRI, Verli *et al.* **Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia**. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 21-46.

Sipioni *et al.* **Máscaras cobrem o rosto, a fome desmascara o resto: Covid-19 e o enfrentamento à fome no Brasil (2020)**. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/660/866/909>. Acesso em: 05/01/2023

Zibechi, Raúl. **Coronavírus a militarização das crises**. In: Davis, Mike, et al: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

Dicionários consultados

Dicionário Aurélio Online. **Angústia**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/angustia>. Acesso em: [05/01/2023].

Dicionário Michaelis Online. **Saudade**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/dicionario/online/portugues/SAUDADE/>. Acesso em: [05/01/2023].

Obras literárias consultadas

Assis, Machado de. **Crisálidas**. In: **PAPÉIS AVULSOS**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 7-18.

Buarque, Chico. **Tanta Saudade**. In: **CHICO BUARQUE DE HOLLANDA VOLUME 2**. [S.l.]: Philips, 1967. 1 disco sonoro.

“MEDO”: A PALAVRA EM DISCURSO E SEUS (RES)SIGNIFICADOS NA PANDEMIA DA COVID-19

Lucas Martins Flores
Graciele Turchetti de Oliveira Denardi

Cê tem medo de quê?
Olha o tamanho da vida!
Você tem medo, por quê?
Sinta estancar a ferida
(Aíla, 2016)¹

Ao mesmo tempo em que a pandemia da covid-19 avançou no mundo, houve a difusão de inúmeros sentimentos na/pela população: medo, tristeza, coragem, ansiedade, estresse, cansaço, solidão, fraqueza, entre tantos outros. Como as palavras que nomeiam nossos sentimentos funcionam? Elas continuam sendo (res)significadas da mesma forma? De que modo o espaço e o tempo, na pandemia, modificaram nossas maneiras de sentir e dizer o que e como sentimos?

Neste texto, apresentamos uma breve reflexão sobre a metodologia utilizada no interior do Núcleo Temático História, Memória e Pandemia², na participação da produção do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, junto ao Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso, sob a coordenação da Profa. Dra. Verli Petri, vinculada à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

¹ AÍLA. **Em cada verso um contra-ataque**. Belém: Tratore, 2016. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/aila/voce-tem-medo-por-que/>. Acesso em: 27 jan. 2023.

² Esse núcleo temático, assim como os demais, foi uma estratégia adotada pelo grupo de elaboradores quando iniciado o trabalho de construção do Glossário da Pandemia. Ao longo do processo, esses núcleos foram desfeitos.

Trata-se de um projeto que prevê, por meio de uma “autoria compartilhada” (Biazus, 2015), a escrita de verbetes relativos à pandemia. As palavras movimentam sentidos, alteram-se sob determinadas condições de produção e, em situações pandêmicas, como as vividas nos anos de 2020, 2021 e 2022 (e há quem diga que permanecemos em pandemia), elas podem tornar-se “novas”, “(res)significadas”. Dito de outra forma: a pandemia (res)significou palavras, logo, sentimentos e/ou estados emocionais. Para ilustrar o que estamos afirmando, analisaremos, neste texto, a palavra “medo”, já publicada no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, para demonstrar como ela – a palavra – tem funcionado quando está em circulação nos veículos de comunicação escritos, os quais são apresentados na escrita do verbete “medo”.

Na Análise de Discurso, doravante AD, lugar teórico-metodológico em que nos encontramos, compreendemos que a linguagem não é simplesmente um meio de transmissão de sentido. A linguagem é um processo que está inscrito na história e, por esse motivo, nessa inscrição, é que ela – a linguagem – faz sentido. Como nos ensina Pêcheux ([1976] 2019, p. 308, grifo do autor), “[...] as palavras, as expressões, as proposições têm sentido, ou seja, fazem sentido, e não necessariamente *um* sentido”. O sentido não se dá de forma isolada e independente, entendemos que o sentido é “relação a” (Orlandi, 2007), isto é, efeito do contato ideologicamente atravessado entre um dizer e outro. É por isso que as palavras, quaisquer que sejam (como aquelas em circulação em nosso cotidiano, por exemplo), já chegam até nós repletas de sentidos dos quais não sabemos como se constituíram, mas reconhecemos, de fato, que elas significam em nós e para nós.

É o que vivemos a partir do momento em que a pandemia começou. Passamos a utilizar/significar palavras novas que têm estreita relação com a pandemia, tais como: quarentena, isolamento social, *lockdown*, covid-19, etc. Nessa relação, é importante atentar para o fato de que a AD costuma observar atentamente o sujeito para, por meio dele e com ele, instaurar “novos” gestos de leitura. Como

nos diz Pêcheux ([1983] 1990, p. 8), a AD “[...] se apresenta como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise”. Disso, questionarmos: o que é uma pandemia? O que é uma epidemia? O que é um surto? O que é uma peste? O que é o coronavírus? O que é o colapso? O que é o medo? Essas foram algumas das questões levantadas, inclusive pela mídia brasileira, o que levou a população a refletir sobre os sentidos dessas e de outras palavras em funcionamento em momento pandêmico. Neste texto, nosso objetivo tocará, primordialmente, a palavra “medo”.

A AD observa o homem falando e, conforme sublinha Orlandi (2007), a língua é vista na sua forma material, não significada nela mesma, não transparente, assim, o que a teoria aponta é a opacidade, a incompletude da língua, o seu *real*. Discutir a língua na sua relação histórica e social, a partir das suas condições de produção em relação à memória discursiva, permite que compreendamos como o sentido faz sentido. Pensemos na palavra “medo”. Ela está no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”³. O que é medo? “Cê tem medo de quê?”: de altura, de ficar sozinho, de morrer? E “em relação à”⁴ pandemia: que “novos” sentidos a palavra “medo” pode ter? Se pensarmos em relação ao pronunciamento⁵ do ex-presidente do Brasil: teríamos medo de uma “gripezinha” hoje, na pandemia?

Esses dizeres já-ditos que sustentam e tornam possível todo o dizer, constituem a memória discursiva ou interdiscurso. Assim, para que nossas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido (Orlandi, 2007). Marca-se que, enquanto alguns sentidos são

³ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 5 ago. 2021.

⁴ “Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2007, p. 39). Pêcheux (1994, p. 62), ao citar G. Ganguilhem, aborda sobre “[...] o sentido é em relação à” em “Ler o arquivo hoje”.

⁵ Pronunciamento do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, em 24 de março de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 05 ago. 2021.

censurados, silenciados, outros, pela força da repetição, tornam-se naturalizados, mas, ainda que legitimados, estão sujeitos a furos e deslocamentos, rupturas dadas pela história e pelo jogo tenso das relações ideológicas de poder entre os sujeitos. É a ideologia que regula os sentidos possíveis para o sujeito em determinadas condições. Nessa direção, a Análise do Discurso apresenta o conceito de efeitos de sentido, duvidando da existência da objetividade, da neutralidade, do sentido único, verdadeiro e transparente.

É no jogo da tensão entre o dito e o não-dito, frente às condições de produção do discurso, dado o momento situacional de uma pandemia, “olhando o tamanho da vida”, que fomos desafiados a observar o movimento de sentidos pelo qual passam inúmeras palavras que antes significavam de uma forma e que, marcadas por deslocamentos, rupturas, repetições passaram a ser ressignificadas, como a palavra “medo”.

Assim, objetivamos apresentar, resumidamente, uma análise da entrada “medo”, isto é, como ela aparece em dois dicionários consultados no espaço digital, a saber, o **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** e o **Dicionário Aulete Digital**, em relação ao que é sugerido, por meio da “autoria compartilhada”, no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. Tomamos o dicionário como um “[...] objeto discursivo inserido em um espaço-tempo” (NUNES, 2006, p. 11), isto é, podemos perceber os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas. Nas palavras de Nunes (2006, p. 11), “[...] ver o dicionário como um discurso implica em desestabilizar aquilo que aparece como uma certitude”. Dito de outro modo, tomar o dicionário como discurso implica olhá-lo considerando que ele possui uma história, que ele atualiza a memória do dizer, que ele produz e desloca sentidos.

Na AD, o discurso é histórico e ideológico, pensado de maneira social, instaurado na/pela história e, por meio da língua, ele engendra sentidos enquanto trabalho simbólico. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 17), “[...] a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. A

ideologia é, pois, o elemento determinante do sentido. Nas palavras de Pêcheux (1988, p. 160, grifos do autor),

[...] é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

Partindo da evidência pecheuxtiana de que “[...] todo mundo sabe o que é um soldado”, nos questionamos: será que todos sabem o que é um dicionário? Evidências que nos são mascaradas pela ideia de que, como afirma Pêcheux, patrões e operários não falam a mesma língua deve ser posta como uma interpretação política da língua e não de sua forma linguística. Refletir sobre o dicionário “[...] comme un discours dont l’objet serait une théorie implicite du mot”⁶ (Collinot; Mazière, 1997, p. 82) não é diferente, porque o dicionário nos permite colocá-lo “[...] comme une construction historicisée par la nature même de son objet, le mot” (Collinot; Mazière, 1997, p. 140)⁷.

Assim, compreendemos que a palavra pode ser posta em questão em um duplo *status*: o da ordem da língua e ordem do discurso. Uma mesma palavra pode produzir outros efeitos de sentidos e significar diferentemente para uns e para outros. Como nos ensina Pêcheux ([1983] 1990, p. 53), “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Observamos isso, no uso da palavra “medo”, especialmente no auge da pandemia, nos anos de 2020 e 2021, em algumas notícias da mídia geral. À vista disso, sabendo que há necessidade de aprofundarmos o entendimento acerca dessas questões, sobretudo os estatutos da palavra, passamos a apresentação dos dicionários estudados.

⁶ Tradução nossa: “[...] como um discurso cujo objeto seria uma teoria implícita da palavra” (Collinot; Mazière, 1997, p. 81).

⁷ Tradução nossa: “[...] como uma construção historicizada pela própria natureza de seu objeto, a palavra” (Collinot; Mazière, 1997, p. 51).

Quadro 1 – Dicionários consultados

Dicionário Aulete Digital ⁸	Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP) ⁹
<p>Na página de abertura do Dicionário Aulete Digital, “[...] o dicionário da língua portuguesa na internet”, são apresentados “[...] mais de 818 mil verbetes, definições e locuções”. Afirma-se que é um dicionário de “[...] crescimento infinito, sempre em interação com a língua portuguesa”.</p>	<p>Na página de abertura, o DPLP afirma-se ser um dicionário de “[...] português contemporâneo com cerca de 133 mil entradas lexicais, incluindo locuções e fraseologias”, compreendendo, assim, um “vocabulário geral e os termos mais comuns das principais áreas científicas e técnicas”. Afirma-se que ele: engloba sinônimos e antônimos por acepção, permite a conjugação verbal e a consulta de informações sobre a origem da maioria das palavras, assim como a indicação de sua pronúncia, além de disponibilizar um <i>e-mail</i> para o envio de sugestões ou correções.</p>

Fonte: Consulta *Online* (<https://www.aulete.com.br/index.php> e <https://dicionario.priberam.org/>).

O critério de escolha dos respectivos instrumentos linguísticos está alicerçado no modo como são apresentados no espaço digital, o que proporciona um maior número de acesso pelo público em geral. Com o avanço da tecnologia e a facilidade no acesso à *internet*, eles são mais acessíveis. Também entendemos que o momento pandêmico em que estamos inseridos, leva-nos a fazer escolhas de pesquisas/consultas em espaços mais seguros, rápidos e que estejam próximos. Trazemos esses dicionários por serem instrumentos linguísticos de grande reconhecimento impresso e virtual, ambos constituídos por materialidades linguísticas de significativo valor social, apontados por Biderman (1984) como depositários da memória social.

Defendemos a teoria de que a língua deve ser vista, no discurso, na sua perspectiva histórica e social, constituindo-se como um

⁸ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 05 ago. 2021.

⁹ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

significativo instrumento para as sociedades. O dicionário é produzido para atender a necessidades específicas dos grupos sociais, permitindo que os usuários daquela língua tenham acesso ao registro do seu respectivo léxico, em consonância com os significados a ela inerentes.

Nesse contexto, trazemos à baila a palavra “medo” buscando observar, através dos verbetes, sentidos que estavam postos antes da pandemia e, já instaurados nos dicionários *online*, selecionados para esta análise. A partir disso, buscamos entender como os sentidos para a palavra “medo” vêm se constituindo, instituindo e circulando no discurso sobre a pandemia, (re)significando-se. Conforme Nunes (2006, p. 64) “[...] inserido em uma conjuntura, o dicionário transforma o espaço linguístico e os sujeitos aí inseridos, bem como estabelece ou desloca temporalidades para esses sujeitos”.

Na produção de verbetes para o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, tomamos por base as materialidades em circulação nos veículos de comunicação digitais, entendendo que a *internet*, cada vez mais, permite a agilidade na movimentação das informações. Nessas condições de produção das definições para a palavra medo, objeto de estudo neste texto, escolhemos três *sites*, selecionados a partir de um entendimento sobre a importância que essas mídias alternativas representam e instigam na articulação crítica, reflexiva, social e política. Os *sites* pensados para esse lugar de escrita são: G1, El País e CNN Brasil. A partir da leitura de notícias que estão postas nos referidos *sites*, desde o início da pandemia (em fevereiro de 2020), olhamos para a palavra “medo” e buscamos observar as relações que se estabelecem entre os sentidos cristalizados nos instrumentos linguísticos¹⁰ e como eles se

¹⁰ De acordo com o Aulete digital, por exemplo, “o usuário poderá consultar, a partir do verbe atualizado, o verbe original, e vice-versa. Poderá consultar o Dicionário analógico a partir de uma palavra do Aulete ou entrar diretamente no Analógico”. Disponível em: <https://lexikon.com.br/2021/02/06/aulete-digital/> Acesso em 19 mar. 2023. Diante disso, entendemos que os dicionários *online* contribuem para uma atualização de sentidos na contemporaneidade, no entanto, eles também permitem a cristalização dos sentidos no tempo e no espaço.

(res)significam nas definições dessa palavra, porém em outras condições de produção.

Apresentamos, a seguir, os sentidos da palavra “medo” institucionalizados nos dicionários **Aulete Digital** e **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**:

Quadro 2 – Verbetes “medo” nos dicionários *online*

Dicionário Aulete Digital	Dicionário Priberam da Língua Portuguesa
<p>medo (<i>me.do</i>) [ê] sm.</p> <p>1. Sentimento inquietante que se tem diante de perigo ou ameaça; FOBIA; PAVOR; TERROR: <i>Ele tem <u>medo</u> de tempestades.</i></p> <p>2. Ansiedade diante de uma sensação desagradável, da possibilidade de fracasso etc.; RECEIO; TEMOR: <i>Tinha <u>medo</u> de ser abandonada pelo marido.</i> [Antôn.: calma, despreocupação.]</p> <p>3. Atitude covarde; POLTRONARIA: <i>Fugiu por <u>medo</u> de apanhar.</i> [Antôn.: bravura, coragem.] [F.: Do lat. <i>metus, us</i>. Ideia de 'medo', usar pref. <i>fob(o)- e²med-</i> e suf. <i>-fobia</i> e <i>-fobo</i>]</p>	<p>Medo medo <i>adj.</i> <i>n. m.</i> medo <i>n. m.</i> medo <i>n. m.</i></p> <p>me-do é ² (latim <i>medus, -a, -um</i>) <i>adjetivo</i></p> <p>1. Relativo à Média, região asiática. <i>substantivo masculino</i></p> <p>2. Natural ou habitante da Média.</p> <p>3. Língua falada pelos medos.</p> <p>Sinônimo Geral: MÉDICO Palavras relacionadas: <u>amarelar</u>, <u>amedrontar</u>, <u>apavorado</u>, <u>apavorar</u>, <u>atrigar</u>, <u>aterrado</u>, <u>aterrorizar</u>.</p> <p>me-do é ³ (derivação regressiva de <i>médão</i>) <i>substantivo masculino</i></p> <p>Monte de areia, geralmente formado pelo vento, nas vizinhanças do mar. ☐ = DUNA, CAMARÇÃO, MÉDÃO Palavras relacionadas: <u>amarelar</u>, <u>amedrontar</u>, <u>apavorado</u>, <u>apavorar</u>, <u>atrigar</u>, <u>aterrado</u>, <u>aterrorizar</u>.</p> <p>me-do ê ¹ (latim <i>metus, -us</i>) <i>substantivo masculino</i></p>

	<p>1. Estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários. = FOBIA, PAVOR, TERROR</p> <p>2. Ausência de coragem (ex.: <i>medo de atravessar a ponte</i>). = RECEIO, TEMOR ≠ DESTEMOR, INTREPIDEZ</p> <p>3. Preocupação com determinado fato ou com determinada possibilidade (ex.: <i>tenho medo de me atrasar</i>). = APREENSÃO, RECEIO</p> <p>4. [Popular] Alma do outro mundo. = FANTASMA</p> <p>Palavras relacionadas: <u>amarelar</u>, <u>amedrontar</u>, <u>apavorado</u>, <u>apavorar</u>, <u>atrigar</u>, <u>aterrado</u>, <u>aterrorizar</u>.</p> <p>"medo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/medo [consultado em 06-08-2021].</p>
--	--

Fonte: Consulta *Online*. <https://www.aulete.com.br/medo> e <https://dicionario.priberam.org/medo> (Acesso em 19 mar. 2023).

Os verbetes acima trazem sentidos atrelados a uma memória discursiva em que a palavra “medo” funciona movimentando sentidos, sentimentos e sensações. A primeira descrição apresentada pelo **Dicionário Aulete Digital**, “*Sentimento* inquietante que se tem diante de perigo ou ameaça; FOBIA; PAVOR; TERROR”, assim como a inserção que traz o **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, “*substantivo masculino* 1. Estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários. = FOBIA, PAVOR, TERROR”, se assemelham e repetem termos que significam e se relacionam numa rede de memória e sentidos. Chama-nos a atenção como as palavras de introdução do verbete: “sentimento” e “estado emocional” significam a palavra “medo”.

Como já mencionado, estamos trazendo uma das palavras já registradas no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”: uma produção compartilhada por vinte e seis pesquisadores que,

online, dá visibilidade a outros sentidos que estão surgindo e movimentando sentimentos, emoções, reflexões. Paráfrases são criadas acerca da memória sobre a morte e surgem como uma rede de memórias que possibilitam a retomada de discursos já-ditos, pré-construídos, atualizando-os na historicidade do momento.

A nuvem de palavras é um recurso gráfico no qual o tamanho das palavras indica sua frequência nos textos. Por meio de algoritmos, é possível construir imagens formadas por dezenas de palavras e tem sido, habitualmente, usada como ilustrações, embora possa ser pensada como discurso, uma vez que provoca efeitos de sentido. Trazemos à baila a nuvem da palavra “medo” como postado pelo “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, o que, sob nossa perspectiva, pode provocar dois funcionamentos: a) o de promoção de condensação de dizeres que estão dispersos na entrada “medo”, isto é, pode promover o endereçamento do(s) sentido(s) possível(eis) ali contidos e b) o de espalhamento dos sentidos que as palavras, na rede, podem ter. A internet, de forma geral, pode ser reconhecido um “espaço polêmico das leituras de arquivos” (Pêcheux, 1994, p. 64), o que promove a “pluralidade dos gestos de leitura” (Pêcheux, 1994, p. 64 *grifos do autor*). O discurso como efeito de sentido e como movimento, que se instala em “clivagens subterrâneas” (Pêcheux, 1994, p. 57), permite deslumbrarmos a ideia de que o sentido sempre pode *vir-a-ser-outra* ou mesmo contraditórias na forma de ler o arquivo. Dito de outra forma, a nuvem da palavra como posta, logo após o a entrada do vocabulário “medo” limita o seu sentido, mas também o liberta, sobretudo, porque está “em relação ao” verbete escrito e/ou ao efeito do “palavra-puxa-palavra”¹¹ (Petri, 2018, p. 52).

Observamos que as palavras, algumas vezes, se repetem, metaforizam, outras vezes, as definições são outras e trazem sentidos que também se calam, deixam de dizer, silenciam, mas

¹¹ O efeito “palavra-puxa-palavra” consiste em “um gesto analítico bem específico” (PETRI, 2018, p. 47), uma “metodologia” (Ibidem, p. 52) que serve para explicitar os funcionamentos que as palavras podem ter tanto dentro dicionário ou para fora deles.

continuam significando e funcionando num espaço de consulta, análise, veiculando saberes sobre a língua. É o funcionamento de uma rede de memórias sobre o horror da morte que marca a naturalização dos efeitos do morrer, silenciando a dor dos doentes e das famílias enlutadas pela dor profunda da perda do seu ente querido que, morre sozinho sem direito à companhia e à despedida.

No “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, a palavra medo une “estado emocional” e “sentimento”, sugerindo, assim, que o medo pode ser inerente ao sujeito quando posto em ação nele – como um sentimento temporário – por meio de uma intervenção externa (medo de exposição, por exemplo). Observa-se, então, a relação de sentidos entre a palavra “medo” e os seus funcionamentos em tempo de pandemia do novo coronavírus.

De acordo com Ornell *et al.* (2020, p 12):

O medo é um mecanismo de defesa animal adaptável que é fundamental para a sobrevivência e envolve vários processos biológicos de preparação para uma resposta a eventos potencialmente ameaçadores. No entanto, quando é crônico ou desproporcional, torna-se prejudicial e pode ser um componente essencial no desenvolvimento de vários transtornos psiquiátricos.

Os autores explicam ainda que durante o surto de ebola, por exemplo, comportamentos relacionados ao medo tiveram um impacto epidemiológico individual e coletivo, aumentando as taxas de sofrimento e sintomas psiquiátricos da população, o que contribuiu para o aumento da mortalidade indireta por outras causas que não o ebola.

De modo similar a outros eventos mundiais, tais como o surto de ebola, os anos de 2020 e 2021 marcam um momento histórico mundial, a pandemia da covid-19, e isso nos leva a um lugar de pensar e refletir sobre quem somos, como estamos e o que devemos ou não dizer. A incerteza e o medo tornam-se sentimentos cotidianos, e é pela/na palavra que buscamos aflorar ou silenciar o nosso dizer. “Você tem medo, por quê?”

Considerações finais

Conforme mencionado no início do trabalho, o ano de 2020 marca um momento histórico mundial, a Pandemia da covid-19 nos leva a um lugar de pensar e refletir sobre quem somos, como estamos e o que devemos ou não dizer. A incerteza e o medo tornam-se sentimentos cotidianos e é pela/na palavra que buscamos aflorar ou silenciar o nosso dizer.

Assim, podemos observar que a palavra “medo”, ao ser analisada nas inserções dos dicionários, traz sensações, emoções, sentimentos, bem definidos pelos instrumentos linguísticos apresentados nessa escrita: “fobia, pavor, terror”. No entanto, quando articulamos o verbete posto no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, observamos que o mesmo já é diferente, que o igual já não é o mesmo, os sentidos são outros e assim, as palavras e expressões (res)significam a todo o momento e circulam em um espaço que não é único e nem acabado.

Palavras e expressões como: medo de perder algo ou alguém, de morrer, da insegurança, da ausência de coragem são movimentadas e (res)significadas a partir de uma rede de memórias que possibilita a retomada de discursos já-ditos, pré-construídos, atualizando-os à historicidade do momento. Nesse sentido, tomamos pandemia da covid-19 como um acontecimento na história que coloca em funcionamento dizeres derivados do ponto de encontro entre uma memória e sua atualidade. Ou seja, trata-se, recorrendo a Pêcheux (1990, p. 58):

[...] da possibilidade de uma desestruturação-reestruturação essas redes [de memória] e trajetos [sociais]: todo discurso é o índice potencial de uma mexida nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que constitui simultaneamente um efeito dessas filiações e um trabalho [...] e deslocamento em seu espaço [...].

O “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” permite a possibilidade de uma abertura para novas formas de significar, quando cita o jornal *El País* que define “coronofobia”: “[...] o medo

de que o menor sintoma signifique ter coronavírus, o pânico de contraí-lo ou de fazer muitos testes, como medir constantemente a temperatura, serão mais do que antes”. Entendemos ser as atuais condições de produção, no momento histórico, sendo discursivizados e (re)configurados nos discursos na pandemia e que não são os mesmos nem são iguais. As tomadas de posição (do jornal, da política de enfrentamento da pandemia no(s) país(es)) em relação a cada realidade social intervêm na produção de sentidos. E, para finalizar sem concluir, nos perguntamos: Como operário e patrão se discursivizam sobre a pandemia? Quais são seus medos? Como “estancar a ferida?”

Referências

- Biazus, Camila. **Dicionário Compartilhado**: espaço de criação, resistência e subjetividade. 2015. 284 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- Biderman, Maria Tereza Camargo. A ciência da Lexicografia. **Alfa**, v. 28, n. 1, p. 1-26, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442>. Acesso em: 04 mar. 2023.
- Collinot, André; Mazière, Francine. Un prêt à parler: le dictionnaire, André Collinot et Francine Maziere. In: **Langage et société**, n°83-84, 1998. Colinguisme et lexicographie. 1997.
- Nunes, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história – do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- Ornell Felipe; Schuch, Jaqueline Bohrer; Sordi, Anne Orgler; Kessler, Felix Henrique Paim. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/35/23>. Acesso em 04 mar. 2023.

Pêcheux, Michel. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, E. P. Gestos de Leitura: da história no discurso. Tradução de Bethania S. C. Mariani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

Pêcheux, Michel. Linguística e marxismo: formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas. In: Oliveira, Guilherme Adorno de; Nogueira, Luciana. (Org.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1976] 2019, p. 307-326.

Pêcheux, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, [1983] 1990.

Pêcheux, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

Petri, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Revista Conexão Letras*, 13(19) 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>> Acesso em 19 mar. 2023.

Dicionários consultados

Medo. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/medo>. Acesso em: 05 ago. 2021.

Medo. **Dicionário Aulete Digital**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/medo/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

EFEITOS DE SENTIDO DA PALAVRA “EDUCAÇÃO” EM VERBETES DO “VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS”

Marcia Ione Surdi
Heitor Pereira de Lima

Fomos formados no mato - as palavras e eu. O que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em par. Se a gente recebesse oralidades de pássaros, as palavras recebiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos da natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza. Em algumas palavras encontramos subterrâncias de caramujos e de pedras. Logo as palavras se apropriavam daqueles fósseis linguísticos. Se a brisa da manhã despetalasse em nós o amanhecer, as palavras amanheciam. Podia se dizer que a gente estivesse pregado na vida das palavras ao modo que uma lesma estivesse pregada na existência de uma pedra. Foi no que deu a nossa formação (Barros, 2008, p. 145).

As palavras e a pandemia

Possuímos uma relação de nunca acabar com as palavras. Elas nos interpelam, nos constituem, nos fazem olhar para a língua/gramática (Surdi, 2017), mas também para o dicionário. Conforme disse o poeta Manoel de Barros, a nossa formação está conjugada às palavras, o que nos leva a apreender os efeitos de sentido pela via dessa materialidade. Seja por isso, já há algum tempo, as palavras são o mote das nossas reflexões. Quando as observamos frente ao evento mundial da pandemia de Covid-19, por exemplo, pelo qual, segundo Orlandi (2021a, p. 3), “[...] nossas palavras se encharcam dos sentidos de pandemia”, temos

inúmeras possibilidades de compreender como o discurso é fluído, escorregadio, passível às brechas e às falhas – algo que nos interessa de perto.

Neste texto, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso (AD), bem como da História das Ideias Linguísticas (HIL), propomos a analisar os efeitos de sentido da palavra **educação**¹ em verbetes produzidos e publicados no período de março de 2021 a março de 2022, no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”² (a partir de agora, Vocabulário).

O ano de 2020 foi marcado pelo início da pandemia, um momento difícil para a humanidade, um acontecimento histórico que “[...] pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (Dela-Silva, 2008, p. 15) e que pode ser definido como “[...] um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica” (Le Goff, 1996 apud Dela-Silva, 2008, p. 14).

Dois anos após esse acontecimento, seguimos numa tentativa de estabilização emocional, financeira, psicológica etc., mas que por vezes apresenta-se trêmula, uma vez que os mais variados sentidos da/sobre a pandemia³ ressoam o amargo desse período. No primeiro ano pandêmico, especialmente, sem uma vacina que pudesse frear o avanço viral e, portanto, evitar que vidas fossem perdidas, algumas

1 Toda vez que citarmos a palavra **educação** enquanto aquela que norteia nosso trabalho, utilizaremos a marcação em negrito.

2 Disponível no *site* do Observatório de Informações em Saúde da Universidade Federal de Santa Maria: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 10 mar. 2023. Recentemente, o e-book *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* foi lançado pela Pedro & João Editores. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

3 Sugerimos a leitura da obra *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia* (2021).

medidas foram tomadas. Nesse cenário, o isolamento social⁴ foi incentivado como tentativa de minimizar tamanha catástrofe e, em razão dele, empresas, museus, clubes, escolas e diversos setores sociais foram fechados. A prisão temporária foi necessária. Ficar em casa⁵ foi, em alguns casos, uma opção prudente de apoio à vida.

Em meio à enclausura social, os sentidos não fizeram o mesmo. Eles estavam soltos. Eles são soltos, sujeitos à fluidez, embora, e na/com a pandemia, conseguimos apreender a deriva de (tantos) sentidos. Tal afirmação pode ser feita, por exemplo, na medida em que elegemos o Vocabulário como o lugar no qual, por meio de seus verbetes, é possível constatar o deslizamento de sentidos de diversas palavras/expressões em razão do evento pandêmico. Ou seja, percebemos como os sentidos escaparam, foram alterados, abriram espaço para tantos outros...

Seguindo nessa perspectiva, Orlandi (2021a, p. 03) afirma que a pandemia pode ser considerada como um “acontecimento discursivo” que domina as discursividades, contagiando não só as posições-sujeito, mas também as palavras, os sentidos. Birman (2022, p. 193, grifos do autor) corroborará essa noção de acontecimento ao explicar que:

[...] é preciso colocar em devido destaque que a atual pandemia do Coronavírus é o *ato inaugural* do século XXI, na medida em que não se considera a *emergência* de um novo século pela marca restrita da cronologia, mas pela emergência de um *acontecimento* crucial, que provoca, assim, uma *inflexão* decisiva e uma *descontinuidade* fundamentais no curso da *história* e do *discurso*, da mesma forma como a Primeira Guerra Mundial foi o ato inaugural do século XX, pela descontinuidade que promoveu entre o *antes e o depois*, pela

4 O verbe “isolamento social” pode ser consultado no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 10 mar. 2024.

5 Para saber mais sobre os efeitos de sentido da palavra “casa” na pandemia de covid-19, sugerimos a leitura do texto *Quando ficar em casa (não) é opção*: os efeitos de sentido em movimento sobre a palavra ‘casa’ na pandemia (Guasso; Branco, 2021), presente na obra *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia* (2021).

emergência do conceito da *guerra total* que introduziu no Ocidente, que diferenciava a dita guerra de todas as demais guerras anteriores.

Concordamos com Orlandi quando menciona que, no acontecimento discursivo da pandemia de Covid-19, o qual domina as discursividades, “[...] ‘palavras falam com palavras’, ‘uma palavra fala ‘com’ outras’, produzindo transferências de sentidos, equívocos. Silenciosa ou explicitamente, com ou sem nosso consentimento, com ou sem nosso conhecimento” (2021a, p. 3, grifos da autora). Isto é, na arena das palavras na qual há *nuances de sentidos* (Orlandi, 2021b, p. 57), o que há, então, é um processo de significação das palavras em relação às formações discursivas nas quais se inscrevem. No campo de sentidos distintos, com formações discursivas distintas, há oposição, resistência, debate e confronto. Palavras lutam com palavras e sentidos se combatem com sentidos. É nessa relação de nunca acabar entre o sujeito e o discurso que vamos tecendo alguns entendimentos sobre as palavras e a pandemia, afinal, “[...] o que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água” (Barros, 2008, p. 145).

Gostaríamos de dizer que no momento de escritura deste texto ainda estamos em tempos de pandemia. Esse acontecimento histórico e discursivo pode produzir efeitos de sentido diferentes, como ainda pode nos afetar enquanto pesquisadores da linguagem, sujeito-professores e sujeitos da língua,

[...] uma vez que o sentido é determinado pelas condições de produção do discurso, pela posição ideológica do sujeito e pelo funcionamento da língua. É nesse espaço em movimento que os sentidos se constituem e é nele que se instalam os analistas de discurso, sempre em um esforço de compreensão” (Petri; Pengo, 2021, p. 458).

Isto posto, organizamos nossas reflexões em duas seções, conforme segue: *A palavra educação no Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, na qual apresentamos o percurso metodológico empreendido para identificar o comparecimento (ou não) da palavra

educação nos verbetes do Vocabulário; e *Efeitos de sentido da palavra educação no Vocabulário*, na qual propomos a análise da palavra **educação** em funcionamento em verbetes do Vocabulário, tendo em vista os efeitos de sentido.

A palavra educação no Vocabulário

Nosso estudo pauta-se nas reflexões sobre o Vocabulário, de acordo com Auroux (1992) e Orlandi (2007), respectivamente, como instrumento linguístico e objeto discursivo histórico que se constitui como um lugar de produção de sentidos. Também compreendemos o Vocabulário como um lugar de memória, em específico, um lugar material onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos (Nora, 1993).

Corroborando com esses autores, compreendemos que o Vocabulário é um arquivo do/no tempo presente, na medida em que o exercício de sua construção é um exemplo de produção e divulgação do conhecimento que envolve a pesquisa do/no tempo presente: ao mesmo tempo em que se vive a pandemia, pesquisa-se sobre ela e produzem-se conhecimentos sobre a pandemia. Podemos dizer que o Vocabulário contribui para a constituição de uma memória sobre o acontecimento histórico e discursivo da pandemia. Nesse viés, mobilizamos a noção de arquivo como “[...] materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos” (Nunes, 2005, n. p), pois “[...] não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes” (Guilhaumou; Maldidier, 1997, p. 164).

O Vocabulário é temático e digital, em linguagem coloquial, e apresenta palavras no formato de verbetes, com sugestões de definições que têm circulado em veículos da imprensa nacional escrita no espaço digital, desde 2020, (Vocabulário da pandemia do novo Coronavírus) e exemplo(s) que ilustra(m) cada definição. Além disso, uma nuvem de palavras sintetiza cada verbebo.

Em meio a esse arquivo, a palavra **educação** desponta como aquela pela qual nossas análises serão guiadas, quer dizer, para alcançar nosso objetivo, tomamos a palavra **educação** e, a partir dela, consultamos os verbetes produzidos e publicados no recorte cronológico que assumimos: março de 2021 a março de 2022. Cabe destacar, ainda, que no Vocabulário não há a presença do verbe “educação”. Por outro lado, essa palavra comparece adjetivada, em formato de verbe, como: “educação a distância” e “educação remota”.

Diante das várias palavras/expressões presentes no Vocabulário, (nos) questionamos: por que a palavra **educação**? Por que essa palavra foi “escolhida” em detrimento de tantas outras? Foram essas questões que nos impulsionaram inicialmente a desenvolver este texto.

Surdi (2017) utiliza o poema *Prefácio*, do poeta Manoel de Barros, para fazer uma advertência ao leitor, ao dizer antes sobre o que vem depois. Nesse movimento, a autora desenha uma justificativa que discorre sobre os motivos pelos quais tomamos (ou somos tomados) (por) determinados objetos de estudo a partir de “[...] lugares que também lidam com palavras e com silêncios” (Surdi, 2017, p. 26). De acordo com esse entendimento, compreendemos, portanto, que elegemos a palavra **educação** em razão dos lugares que ocupamos: i) o primeiro lugar é o de pesquisadores da linguagem que se interessam pelo modo como o discurso funciona, bem como os efeitos de sentido emergentes; ii) o segundo lugar, certamente, é o de sujeito-professores que puderam (sobre)viver a um período catastrófico no qual pessoas (alunos, professores, gestores, familiares) e processos (educativos, pedagógicos) foram duramente prejudicados no/pelo evento pandêmico e pelas omissões que permearam esse período; iii) por fim, o terceiro lugar, ainda conforme Surdi (2017), é o de sujeitos do discurso interpelados ideologicamente e que, por isso, tomam uma posição acreditando na livre escolha.

O nosso trabalho iniciou por uma consulta no Vocabulário, na qual foram observados (na íntegra) todos os verbetes publicados até

março de 2022, isto é, as definições e os exemplos. É importante destacar que não levamos em consideração a nuvem de palavras porque as palavras que lá comparecem já estão contempladas nas definições e/ou exemplos de cada verbete. Ao todo, 67 (sessenta e sete) verbetes foram consultados a fim de identificar o comparecimento da palavra **educação**. A saber:

- | | | |
|-----------------------|-----------------------|----------------|
| 1. aglomeração | 32. imunização | 63. ventilação |
| 2. alta hospitalar | 33. infectado | mecânica |
| 3. angústia | 34. isolamento social | 64. viagem |
| 4. ansiedade | 35. jacaré | 65. vírus |
| 5. anticorpos | 36. janela | 66. zelo |
| 6. aula on-line | imunológica | 67. zoonose |
| 7. barreira sanitária | 37. luto | |
| 8. circulação | 38. máscara | |
| 9. colapso | 39. medo | |
| 10. confinamento | 40. narrativa | |
| 11. confraternização | 41. negacionismo | |
| 12. contágio | 42. olfato | |
| 13. coronavírus | 43. OMS | |
| 14. crise | 44. pandemia | |
| 15. desafio | 45. perspectiva | |
| 16. desigualdade | 46. posição prona | |
| 17. distanciamento | 47. protocolo | |
| social | 48. quarentena | |
| 18. educação a | 49. reencontro | |
| distância | 50. reinvenção | |
| 19. educação remota | 51. resiliência | |
| 20. enfermagem | 52. resistência | |
| 21. ensino remoto | 53. rodízio de alunos | |
| 22. exclusão escolar | 54. sanitização | |
| 23. felicidade | 55. saudade | |
| 24. gargalhada | 56. separação | |
| 25. gripe | 57. sequelas | |
| 26. hábitos | 58. sobrevivente | |
| 27. herói | 59. transformação | |
| 28. higienização | digital | |
| 29. hospital de | 60. traqueostomia | |
| campanha | 61. UTI | |
| 30. hospitalização | 62. vacina | |
| 31. impacto | | |

Após a leitura, selecionamos os 13 verbetes, listados a seguir, por haver o comparecimento da palavra **educação** em suas definições e/ou exemplos:

1. angústia
2. crise
3. desafio
4. desigualdade
5. educação a distância
6. educação remota
7. ensino remoto
8. exclusão escolar
9. impacto
10. medo
11. resistência
12. rodízio de alunos
13. transformação digital

Sabemos que para a produção dos sentidos, no caso da materialidade verbal (Vocabulário), importam as palavras e a sintaxe do texto; na mesma medida, a ausência da materialidade também produz sentidos. No momento de nosso trajeto de leitura, que culminou na seleção dos 13 verbetes, havia um imaginário sobre a possibilidade de comparecimento da palavra **educação** em verbetes como: “saúde”, “pandemia”, “reinvenção”, “resiliência”, “aula online”, “ansiedade”, “herói”, etc. Da mesma forma, era esperado que os verbetes “traqueostomia”, “UTI”, “alta hospitalar”, “ventilação mecânica”, de fato, não apresentassem o comparecimento da palavra **educação**. Nesse viés, podemos dizer que

[...] tanto o já-dito (pré-assertado, pressuposto) de uma FD quanto o pré-construído são diferentes formas de o sujeito enunciativo lidar com a memória: tanto a que se encontra em sua Formação Discursiva quanto a que se encontra alhures (Ernst-Pereira; Cazarin; Quevedo, 2013, p. 136).

Após empreender os movimentos descritos até então, constatamos que a presença da palavra que tomamos em nossa pesquisa compareceu de modos diferentes: ora nas definições, ora

nos exemplos, ou, em poucos casos, em ambos os lugares. Sobre essa questão, trataremos a seguir.

Efeitos de sentido da palavra educação no Vocabulário

Em um primeiro momento de nosso trabalho, nos propusemos a identificar nos verbetes (definições e exemplos) o(s) lugar(es) no qual(ais) está(ão) a palavra **educação**. Entendemos que esse gesto inicial foi importante, pois, a partir dele, pudemos compor o *corpus* de pesquisa. Sobre a questão do lugar dessa palavra no Vocabulário, entendemos que alguns aspectos precisam ser discutidos.

Quando fazemos uso da palavra lugar, imediatamente somos convocamos a um imaginário que insere essa palavra no campo das Ciências Geográficas, ou seja, lugar corresponde a espaço físico, à localização, a um ponto estático, empírico, imóvel. E acreditamos que, inicialmente, assumimos esse entendimento, inclusive, quando nos preocupamos com o lugar da palavra **educação** no Vocabulário. Além disso, esse conceito, embora seja mobilizado com características singulares na/pela Geografia Crítica, Geografia Tradicional, entre outras, ainda assim possui similaridades com a noção de espaço físico. Contudo, quando o mobilizamos no campo da Análise de Discurso, outros sentidos ganham contornos, porque abre-se espaço para uma perspectiva discursiva de lugar, diferente da perspectiva geográfica.

A tese de Elizabeth Dorneles, intitulada “A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados” (2005), aborda a noção de lugar discursivo próprio ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ao mostrar a relação entre os lugares sociais e os processos discursivos. Dessa forma, a autora reflete sobre o *contorno* que acontece do lugar (espaço físico) com a história e o sujeito. Em outras palavras, a reflexão de Dorneles (2005), pensada a partir do MST, nos possibilita, por exemplo, compreender que a visão dos alunos e professores para a escola pública fechada, no período de distanciamento social, não possui os mesmos *contornos* que o olhar

dos empresários do ramo educacional. Temos aí, então, percepções distintas quando se trata de lugar, uma vez que há contornos específicos, ideológicos, que determinam o modo pelo qual o lugar produz discurso, uma vez que, ainda segundo Dorneles (2005), um mesmo lugar tende a revelar para sujeitos distintos mundos diferentes.

Valemo-nos dessa discussão porque compreendemos que o lugar da palavra **educação** nos verbetes do Vocabulário vai além de uma posição geográfica da organização própria das sugestões de definição e dos exemplos apresentados nos verbetes. Ou seja, a ocupação da materialidade linguística no vocabulário, embora se apresente uniforme e linear aos consulentes, sob a perspectiva da Análise de Discurso, passa a ser considerada como um lugar discursivo pelo qual há remissão de palavras, efeito palavra-puxa-palavra (Petri, 2018); movimentado a partir da palavra **educação**. E sobre esse movimento, Pêcheux (1995, p. 160) nos ensinou que

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Adiante, nos interessou perceber o lugar discursivo da palavra **educação**. Em razão disso, organizamos o quadro a seguir que apresenta os comparecimentos dessa palavra nas sugestões de definição e/ou exemplos dos verbetes.

Quadro 1 – Comparecimentos da palavra **educação**

Comparecimento da palavra educação nas definições dos verbetes	Comparecimento da palavra educação nos exemplos dos verbetes
	angústia
	crise
	desafio
desigualdade	desigualdade
educação a distância	educação a distância
educação remota	educação remota
	ensino remoto
exclusão escolar	exclusão escolar
impacto	impacto
medo	
resistência	
rodízio de alunos	rodízio de alunos
educação a distância	educação a distância
educação remota	educação remota
	ensino remoto
exclusão escolar	exclusão escolar
impacto	impacto
medo	
resistência	
rodízio de alunos	rodízio de alunos

Fonte: elaborado pelos autores.

Alguns desses verbetes, desde então, acreditávamos serem lugares possíveis para o comparecimento da palavra **educação** por eles estarem em uma mesma unidade temática. Arriscamo-nos em dizer que isso pode ser possível porque, segundo Courtine (2009, p. 74), “[...] um elemento do interdiscurso nominaliza-se e inscreve-se no intradiscurso sob forma de pré-construído, isto é, como se esse elemento já se encontrasse ali”. Isto é, já havia uma previsibilidade que nos verbetes “educação a distância”, “educação remota”, “ensino remoto”, “exclusão escolar” e “rodízio de alunos” comparecesse a palavra **educação** em suas definições e/ou exemplos.

Diante do exposto e considerando que

[...] a escolha de um aspecto lingüístico e/ou enunciativo a ser focalizado em detrimento de outro assim como de um procedimento analítico em detrimento de outro depende da dinâmica do discurso, a ser observada pelo analista, aí implicados o sujeito submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, a memória estruturante do dizer e o sentido opacificante (Ernst-Pereira, 2009, n. p.).

Neste texto, optamos por analisar os comparecimentos da palavra **educação** em verbetes que não são da unidade temática educacional, nos termos de Ernst-Pereira (2009, n. p.), o “estranhamento”, “[...] aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso”, tendo em vista que assim podemos compreender como a palavra que elegemos comparece e se atravessa em outras temáticas, em outros discursos. Em razão desse gesto, considerando um segundo momento de nosso trabalho, os verbetes: “educação a distância”, “educação remota”, “ensino remoto”, “exclusão escolar” e “rodízio de alunos” foram retirados do *corpus*.

A partir disso, organizamos o quadro, a seguir, no qual apresentamos as sequências discursivas (SD). Mobilizamos a noção de sequências discursivas enquanto “[...] sequências lingüísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (Mariani, 1996, p. 53).

Quadro 2 – Sequências discursivas

Definições	Exemplos
	<p>Verbete Angústia</p> <p>SD1: “A situação de angústia relatada por Luiza diante das aulas presenciais no atual período tem sido um sentimento comum entre trabalhadores da educação de todo o país nas últimas semanas”.</p>
	<p>Verbete Crise</p> <p>SD2: “A pandemia de Covid-19 veio agravar a profunda crise política, social e econômica pela qual</p>

	<p>o Brasil vinha passando; a educação não saiu ilesa, ao contrário”.</p> <p>SD3: “Segundo a Unesco (órgão da ONU para a infância e a educação), até 40% dos países de renda baixa e média-baixa não apoiaram os alunos em situação de risco durante a pandemia”.</p>
	<p>Verbetes Desafio</p> <p>SD4: “Uma comissão da Câmara dos Deputados que acompanhou as despesas do Ministério da Educação em 2020 constatou que houve ‘uma queda abrupta e inexplicável do fluxo dos recursos federais [...]’”.</p> <p>SD5: “Uma revisão de estudos sobre ensino remoto na educação básica dos Estados Unidos lembra que as evidências em torno do tema são ‘esparsas’ [...]”.</p> <p>SD6: “Os desafios socioeconômicos ligados, principalmente, à desigualdade de oportunidades de aprendizagem e de acesso ao ambiente escolar são as principais barreiras encontradas na educação atual brasileira [...]”.</p>
<p>Verbetes Desigualdade</p> <p>SD8: “Problema de ordem social enfrentado por alunos mais pobres e seus familiares, na educação, durante a pandemia do novo coronavírus”.</p> <p>SD10: “Disparidade que só pode ser superada pela educação”.</p>	<p>Verbetes Desigualdade</p> <p>SD7: “A pandemia aprofundou ainda mais a desigualdade entre os brasileiros em relação à educação, como mostra a reportagem de Renata Ribeiro”.</p> <p>SD9: “Outro problema que ficou evidente na educação com a pandemia do Coronavírus é a desigualdade social e de acesso a tecnologias, o que causou um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet dentro de casa”.</p> <p>SD11: “Os argumentos das autoridades, em geral, giram em torno da importância da educação e do combate às desigualdades trazidas pelas aulas on-line. Abordam também o baixo impacto das crianças nas cadeias de transmissão do novo Coronavírus”.</p>

	<p>SD12: “Os especialistas concordam: educação é a vacina para desigualdade”.</p>
<p>Verbetes Impacto</p> <p>SD14: “É a dificuldade do governo de solucionar os problemas na educação”.</p>	<p>Verbetes Impacto</p> <p>SD13: “Comunicado divulgado pelas ONGs Human Rights Watch e Todos pela Educação aponta o fracasso do governo brasileiro no enfrentamento dos impactos da pandemia de Covid-19 na educação no país [...]”.</p> <p>SD15: “A maioria das escolas não conta com o suporte necessário para o oferecimento do ensino remoto ou a distância. Até então as plataformas digitais eram aproveitadas pela minoria dos estudantes da Educação Básica”.</p> <p>SD16: “Para entidades, governo fracassou em enfrentar impactos da pandemia na educação”.</p> <p>SD17: “Haverá uma ‘geração covid’, uma parte da população marcada pelo impacto da pandemia em sua educação? ‘É muito difícil prever’, reconhece o coordenador do relatório”.</p>
<p>Verbetes Medo</p> <p>SD18: “Medo é um estado emocional, sentimento de pavor de algo ou alguém. Pode-se ter medo da/de: altura, exposição, escuridão, solidão; crise (saúde, economia, educação), dor, perder algo ou alguém, morrer”.</p>	
<p>Verbetes Resistência</p> <p>SD19: “Devido às implicações do ensino a distância, do ensino remoto e do</p>	

<p>sucateamento da educação pública, tanto os professores quanto os alunos precisaram desenvolver novos métodos de ensino e aprendizagem durante a pandemia”.</p>	
<p>Verbetes Transformação digital</p> <p>SD20: “Consiste em uma alteração repentina na educação básica”.</p>	<p>Verbetes Transformação digital</p> <p>SD21: “A pandemia provocou uma transformação digital na educação básica que você não viu em um século. Da noite para o dia, as escolas precisavam de tecnologia”.</p> <p>SD22: “Não foi com a pandemia que o ensino começou a mudar. Essa transformação já estava em curso, mas foi acelerada com a crise do novo coronavírus. No entanto, como havia outras formas de lecionar, as escolas e educadores não incorporaram as diretrizes da educação 4.0 de forma significativa”.</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Agora nosso olhar volta-se para os efeitos de sentido “[...] que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender” (Orlandi, 2005, p. 30).

Concordamos com Guasso (2020, p. 200) que, na Análise de Discurso, “[...] tomar uma palavra para análise exige considerar essa palavra em discurso, em movimento junto com outras palavras”; isto é, observando-a atravessada em/por outras palavras, inserida em outros discursos, em lugar(es) discursivo(s) movimentado(s), puxando (tantas) outras palavras (Petri, 2018). Dessa forma, compreendemos que nas SD5, SD15, SD20 e SD21 a palavra **educação** comparece adjetivada, como em “educação básica”, e está relacionada aos níveis de educação, modalidades educacionais, conforme prevê o discurso oficial da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2005), em seu Capítulo I, Art. 21: “A educação

escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior”.

Orlandi, ao assumir a noção de *nuance* de Nietzsche, nos ensina a observar os sentidos *difusos* que circulam, sendo que “as nuances significam mais que qualquer declaração de sentido” (Orlandi, 2021b, p. 66). A autora faz um paralelo a partir da Formação Discursiva de direita para constatar que a marcha Deus, Pátria e Família, embora inscrita nessa FD, possui *nuances* distintas. Considerando 1960 e os dias atuais, temos, respectivamente, segundo Orlandi: o Deus das imagens (catolicismo) e o Deus da leitura da bíblia (dos evangélicos pentecostais); a Pátria do exército e a Pátria amada/armada de patriotismo e censura; por fim, a Família burguesa média e a Família modelar-cristã na qual, sobretudo, a mulher figura o papel da bela, recatada e do lar, uma princesa da contemporaneidade.

Ao refletirmos com Orlandi (2021b), compreendemos que os verbetes “desafio”, “impacto” e “transformação digital” apresenta(ra)m a palavra **educação** adjetivada, enquanto modalidade educacional, porque há *nuances* que significam a **educação** a partir de condições de produção distintas.

De acordo com Rodrigues, Conceição e Paixão (2021, p. 255), no artigo “Os sentidos de escola em tempos de pandemia: o ‘vírus’ do aprofundamento das desigualdades educacionais”,

[...] a pandemia fez emergir e flagrar históricos processos de desigualdades já existentes na educação básica brasileira, para além das mazelas infra-estruturais: as formas clássicas de organização da escola, a fragmentação da organização dos conhecimentos, os modelos engessados de currículo e a visão tradicional de aprendizagem.

Isto é, antes da pandemia de Covid-19, por exemplo, desafio da/na educação básica poderia ser a escassez de vagas de emprego na rede pública de ensino; já na conjuntura pandêmica, desafio é alimentar milhões de brasileiros da educação infantil e do ensino fundamental que, muitas vezes, frequentam a escola para realizar a única refeição do dia.

Impacto, anteriormente, poderia ser pensado a partir das leis educacionais do Estado que objetivam impactar (na ilusão da positividade) a vida dos estudantes, como a reforma do Ensino Médio. Em um estudo desenvolvido por Senhoras (2020, p. 129), intitulado “Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos”, o autor aponta que

A difusão da pandemia da COVID-19 gera impactos na educação de modo complexo à medida que há o transbordamento de efeitos de modo transescalar no mundo, embora com assimetrias identificadas, tanto, pelas distintas experiências internacionais em cada país, quanto pelas diferenciadas respostas intranacionais geradas entre o setor público e privado, bem como entre os diferentes níveis de educação.

Nesse viés, impacto, na pandemia, pode ser referido ao modo como a escola pública fechada impacta a dignidade alimentar (e humana) de milhões de alunos.

Até o início dos anos 2020, transformação digital implicava a aquisição de *software* de ensino. Contudo, na atualidade, refere-se ao fracasso do Estado que não conseguiu oferecer condições mínimas de trabalho aos professores na pandemia, como o acesso a aparatos tecnológicos e redes de internet. Para muitos estudantes, a transformação digital significou a disponibilização de atividades impressas, pelas escolas, a serem retiradas pelos pais e desenvolvidas pelos estudantes que não possuíam acesso à internet.

Na maior parte, nas sequências discursivas SD1, SD2, SD3, SD6, SD7, SD8, SD9, SD10, SD11, SD12, SD13, SD14, SD16, SD17, SD18, SD19 e SD22, a palavra que assumimos está relacionada à **educação** como processo formativo, de ordem social que, na maioria das vezes, se desenvolve nas instituições de ensino (dividida em segmentos), mas que pode ir além da estrutura educacional regular.

Chamou nossa atenção, desde a seleção dos verbetes, a relação da palavra **educação** com as palavras (e, conseqüentemente, os verbetes) “angústia”, “crise”, “desafio”, “desigualdade”, “impacto”, “medo”, “transformação digital”, com destaque para o comparecimento da palavra **educação**: presente seis vezes no

verbetes “desigualdade” e quatro vezes no verbete “impacto”. Ao lado disso, e considerando a educação brasileira, conforme conhecemos e sobretudo no período pandêmico, entendemos que a palavra **educação** “puxa” essas palavras (verbetes) em razão de estarem inseridas na mesma Formação Discursiva. Isso porque há uma regularidade nos efeitos de sentido para negatividade, dificuldade, obstáculo. Compreendemos que esses efeitos de sentido apontam para o

[...] comprometimento do processo de ensino-aprendizagem e pelo aumento da evasão escolar, os quais demandaram ações estratégicas de curtíssimo prazo para a eventual continuidade dos estudos, bem como o esforço de um planejamento de resolução de problemas para a normalização dos ciclos escolares no médio prazo (Senhoras, 2020, p.132).

É inimaginável pensar a educação do Brasil sem a permeabilidade da angústia, da crise, da desigualdade etc. A pandemia da Covid-19 potencializou o aumento da desigualdade na educação, pois as assimetrias já existentes na educação tenderam a se reproduzir de modo exponencial no contexto de isolamento social, por exemplo, as tecnologias digitais de informação e comunicação não estavam disponíveis ou acessíveis a todos os professores e estudantes, em especial da escola pública (Senhoras, 2020).

Assim, ao que nos parece, independentemente do período sócio-histórico, com ou sem pandemia, e das nuances de sentidos, te(re)mos uma educação funcionando a partir de/com efeitos de pré-construído da desvalorização, ou melhor, da valorização das classes dominantes. Durante o período de escolas fechadas, era comum que muitos professores, em tom de denúncia, afirmassem: “Somente a educação salvará o mundo”. Enquanto sujeitos-professores, concordamos com tal afirmação. Entretanto, acrescentamos a seguinte ressalva: qual educação salvará o mundo? A bancária? Aquela que continuará privilegiando ideologias burguesas?

Por fim, na SD4, a palavra **educação** está relacionada a um órgão regulamentador do Estado, o Ministério da Educação. Diante disso, observamos que esse efeito de sentido (regulador), presente

no verbete “desafio”, em nenhum momento apareceu em relação a verbetes como “crise”, “angústia”, “desigualdade”, “medo”, etc. Ou seja, quando se trata da educação enquanto aquela que determina, governa e disciplina, (só) há desafio. Contudo, quando tratamos da educação, especialmente aquela que se pratica no chão da escola, conforme se preocupou Paulo Freire, há tantos problemas e dificuldades. Em outras palavras, essa é a educação do/no Brasil, com ou sem pandemia.

Outras palavras: para encerrar...

Conforme anunciamos na introdução, neste texto propomos a análise da palavra **educação** em funcionamento em verbetes, produzidos e publicados no período de março de 2021 a março de 2022, no Vocabulário, tendo em vista os efeitos de sentido.

Em nosso gesto de leitura, identificamos três possíveis direções de sentido para a palavra **educação**: como níveis de educação, como processo formativo, de ordem social, que na maioria das vezes se desenvolve nas instituições de ensino (dividida em segmentos), mas que pode ir além da estrutura educacional regular, e como um órgão regulamentador do Estado.

No efeito palavra-puxa-palavra (Petri, 2018), observamos que o contexto da pandemia potencializou os desafios da realidade educacional já vivida por muitas escolas, professores, alunos e famílias. Tamanha foi essa potência que resultou em crise, desafio e transformação... Tamanho foi o impacto que os sentimentos latentes eram de angústia, medo, mas também resistência. E assim a palavra **educação** foi se encharcando de sentidos, foi incorporando o “[...] efeito da pandemia” (Orlandi, 2021a, p. 5) e “[...] se tinge das cores da pandemia, se espalha.” (Orlandi, 2021a, p. 4). Logo, compreendemos que os efeitos de sentido relacionados à palavra **educação** que circulam nos verbetes analisados vão se tingindo das cores da pandemia: angústia, crise, desafio, desigualdade, impacto, medo, resistência e transformação digital.

O efeito da pandemia promoveu um tensionamento nas formações imaginárias (Pêcheux, 1997) sobre educação, pois o espaço escolar não era mais o mesmo, as metodologias de ensino não eram as mesmas, a sala de aula migrou para a casa dos professores e dos alunos, o processo de ensino-aprendizagem era mediado (ou não) pela transformação digital. Nesse viés, podemos considerar, que “O sentido, então, emerge da materialidade discursiva em relação com a história e com o acontecimento, uma vez que a materialidade linguística em si não dá conta do seu sentido” (Santos, 2013, p. 231).

Nessa esteira, os efeitos de sentido vão sendo ressignificados na/pela pandemia, na relação língua, sujeito e história. Os sentidos já estavam lá, na memória discursiva, “[...] algo fala em mim antes que eu fale” (Orlandi, 2021a), mas com o acontecimento discurso da pandemia, os sentidos emergem e a ressignificação, os sentidos outros, baseiam-se nas projeções imaginárias criadas a respeito da pandemia, que levou à morte milhares de pessoas infectadas pelo vírus. Assim como em Manoel de Barros “[...] as palavras incorporavam as formas da natureza”, no acontecimento discursivo, dadas as condições de produção, as palavras incorporaram as formas, nuances e cores da pandemia... O acontecimento discursivo foi “[...] contagiando não só as posições-sujeito, mas também as palavras, os sentidos” (Orlandi, 2021a, p. 3).

Referências

Auroux, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: UNICAMP, 1992.

Birman. Joel. Trauma, subjetivação e governabilidade na pandemia do Coronavírus. **Tempo Psicanalítico**, v. 54, n. 1, p. 189-201, 2022. Disponível em: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/643>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Courtine, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, [1981] 2009. Dela-Silva, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. 237f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/436084>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Dorneles, Elizabeth Fontoura. **A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados**. 2005. 267f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5337/000468851.pdf?sequence=1&isAllo>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Ernst-Pereira, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. Seminário de Estudos em Análise do Discurso. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4. 2009. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, n. p. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedo discurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

Ernst-Pereira, Aracy; Cazarin, Ercilia Ana; Quevedo, Marchiori. Para além do efeito de circularidade: interpretando as noções de pré-construído e articulação a partir de enunciados *idem per idem*. **Revista Gragoatá**, n. 34, p. 131-143, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32963/18950>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Guasso, Kelly Fernanda da Silva. “Conhecimento”: na língua, no dicionário, no discurso. In: Petri, Verli. *et al.* **Dicionários em análise**: palavra, língua, discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 193-210.

Guasso, Kelly Fernanda da Silva; BRANCO, Natiele Luiza. Quando ficar em casa (não) é opção: os efeitos de sentido em movimento sobre a palavra “casa” na pandemia. In: PETRI, Verli. *et al.* **Ditos e não ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Guilhaumou, Jacques; Maldidier, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: Orlandi, Eni Puccinelli. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp, [1994] 1997, p. 163-187.

Mariani, Bethânia Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_eaef7ded2794f5e5d7dffa552a13eae. Acesso em: 19 mar. 2023.

Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v. 10, 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Nunes, José Horta. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO Discurso, 2. 2005. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2005, n. p. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/JoseHortaNunes.pdf>. Acesso em 19 mar. 2023.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, [1999] 2005.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Política lingüística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.

Orlandi, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2. n. 1. p. 1-15, 2021a. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/310/325/>. Acesso em: 02 jan. 2023.

Orlandi, Eni Puccinelli. A Terra não é plana e o mundo das palavras não tem só dois lados: ainda o silêncio em suas novas formas. In:

Grigoletto, Evandra; De Nardi, Fabiele Stockmans; Silva Sobrinho, Helson Flávio da (Org.). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021b, p. 53-74.

Pêcheux, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni Orlandi. In: Gadet, Françoise; Hak, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed. Campinas: Unicamp, [1969] 1997.

Pêcheux, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, [1988] 1995.

Petri, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>.

Acesso em: 15 fev. 2023.

Petri, Verli; Pengo, Carla. A história das palavras “justiça” e “anistia” e seus respectivos funcionamentos no discurso político brasileiro do século XXI. **Caderno de Letras**, n. 41, p. 441-460, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21503>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Rodrigues, José Rafael Barbosa; Conceição, Letícia Carneiro; Paixão, Carlos Jorge. Os sentidos de escola em tempos de pandemia: o “vírus” do aprofundamento das desigualdades educacionais. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 63, p. 254-265, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseiinovacao/article/view/4372>. Acesso em 20 fev. 2023.

Santos, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: Oliveira, Luciano Amaral (Org). **Estudos dos discursos**: perspectivas teóricas. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 209-233.

Senhoras, Elói Martins. CORONAVÍRUS E EDUCAÇÃO: ANÁLISE DOS IMPACTOS ASSIMÉTRICOS. **Boletim de Conjuntura**, v. 2, n. 5, p. 128–136, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/135>. Acesso em: 05 jan. 2023.

Surdi, Marcia Ione. **A produção do saber sobre a língua nas gramáticas de Rocha Lima: o (não) lugar da significação.** 2017. 188f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13356/TES_PPGLETRAS_2017_SURDI_MARCI_A.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 jan. 2023.

Obra literária consultada

Barros, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

Vocabulário consultado

Vocabulário da pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 15 jan. 2023.

A PANDEMIA DA COVID-19 EM DISCURSO: ANÁLISE DISCURSIVA DE FORMULAÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Kelly Fernanda Guasso da Silva
Lucas Martins Flores

Primeiras formulações

Não há mais fronteiras. Ou já não têm, ao menos, nem a mesma importância nem o mesmo sentido de outrora. Com a globalização, a construção dos grandes espaços econômicos (NAFTA, União Europeia...), com o aumento dos regionalismos e dos comunitarismos, com a fragilização dos Estados-Nação, com os novos nomadismos, a flexibilização do trabalho, o desenvolvimento da comunicação, a internet, a rapidez dos fluxos, as fronteiras são transpostas, algumas se tornam obsoletas, outras tornam-se, ainda porosas. O mundo caminha em direção ao fim das fronteiras?
(Robin, [2000] 2019).

Nesse fragmento de um artigo publicado na revista *Communications* (2000), traduzido por Thiago Mattos e disponível na obra *Efeitos da Língua em Discurso* (2019), Régine Robin nos provoca a refletir sobre os limites das relações humanas e sobre os espaços ocupados, chamando atenção para outros tipos de fronteiras, sobretudo, aquelas que “banalizam nossa definição do humano e da sua finitude” (Robin, [2000] 2019, p. 11).

Em 2019, o mundo sentiu-se ameaçado. Um vírus com alta capacidade de contaminação e efeitos letais disseminou-se entre a população mundial. Foram desenvolvidos protocolos clínicos e fortalecimento das infraestruturas de atendimento à saúde. No entanto, naquele momento, o distanciamento social e o fechamento das fronteiras passaram a ser compreendidos como meios necessários para reduzir a circulação e proliferação dos focos de contágio.

Diante disso, da pandemia da covid-19 e de uma “nova” configuração mundial pautada no distanciamento social, o mundo se viu preocupado com a produção de diversos estudos, em especial, nas ciências biológicas, biomédicas, farmacológicas e epidemiológicas. Apesar de parecer um relato de um filme de ficção científica, esse acontecimento também trouxe mudanças para a educação, porque as escolas precisaram fechar suas portas. Aulas, por vezes, quando possível, foram mantidas por meio das adaptações que, ligeiramente, instituições escolares procuravam realizar para manter em continuidade ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Após o retorno das atividades presenciais a uma possível normalidade, mas ainda afetados pela pandemia, nos questionamos sobre como os estudantes do Ensino Fundamental definiriam a pandemia da covid-19. O que dizem os estudantes sobre a pandemia?

Importante mencionar que somos professores, também pesquisadores interessados no “discurso”. Nosso viés investigativo se dá pela Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux. Nesse sentido, as questões que envolvem o discurso formulado a partir dos tempos vivenciados na pandemia vêm sendo o nosso objeto de estudo há algum tempo.

A Análise de Discurso considera as mais diferentes formas materiais significantes e estas podem ser postas em relação à noção do sujeito – o ser que fala no mundo em seu contexto social e cultural, interpelado pela ideologia. Entendemos, dessa forma, que as palavras podem mudar de sentido, dependendo de quem as emprega, da posição que ocupa, de onde e do momento em que as palavras são usadas. São essas circunstâncias sócio-históricas que permitem que um determinado sentido seja formulado.

Assim, para este texto, assumimos a posição-sujeito de quem vivencia a sala de aula, enquanto professores da área de Linguagens, e também a posição-sujeito de investigadores que estão preocupados em observar/descrever/refletir sobre como a

formulação de textos de estudantes sobre a pandemia da covid-19 pode provocar sentidos diversos.

Nosso interesse por tal tema se justifica porque trabalhamos em sala de aula e percebemos muitos atravessamentos, de diversas ordens (dificuldade de concentração, transtorno de ansiedade, problemas de saúde diversos, dificuldades financeiras, desemprego e situações de abandono, para citar alguns exemplos), que interferem direta ou indiretamente no processo de ensino e aprendizagem dos jovens. Tudo isso vem ganhando contornos cada vez mais amplos desde o retorno ao “novo normal” (outubro de 2021, momento em que as escolas do município de Santa Maria retornaram ao modelo presencial, após um longo período de distanciamento social que levou à adoção do ensino remoto e/ou de aulas online) até o que agora vem se delineando como o “pós-pandemia” (maio de 2023, quando a Organização das Nações Unidas – ONU – declarou o fim da emergência de saúde global).

Ademais, cabe destacar as condições de produção desses discursos aqui considerados, uma vez que há a especificidade de serem produzidos por sujeitos-estudantes matriculados em uma Escola do Campo, situada em um distrito da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Esses estudantes advêm, em sua maioria, de espaços rurais, sendo o seu sustento garantido por meio da Agricultura Familiar; logo, as suas relações com o urbano são, de certo modo, distantes. Este texto busca contribuir, também, ao mostrar esses discursos em sua particularidade, refletir sobre como essas formulações de discursos sobre a pandemia demonstram um tempo vivido, a pandemia da covid-19.

Condições de produção dos discursos formulados

[...] somos seres condicionados, mas não determinados.
[...] a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, [...] o futuro [...] é problemático e não inexorável (Freire, 1996, p. 11).

Refletir sobre educação e discurso na pandemia sugere considerarmos um aqui-agora difícil e diverso que se mostra e já se projeta problemático no futuro. Nesse sentido, ponderamos acerca do espaço-tempo, que perfaz as condições de produção dos discursos, e que possibilita trilharmos um caminho possível nessa busca por compreender e fazer ver discursos de jovens (estudantes entre onze a dezesseis anos de idade) do Ensino Fundamental II de uma Escola do Campo situada no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul.

Tomamos as palavras de Freire (1996) como epígrafe para esta parte de nosso texto porque compreendemos que elas colaboram na análise e estão em consonância com aquilo que acreditamos, isto é, que os sujeitos existem no mundo (não só, mas também) a partir de seus discursos, sendo esses discursos condicionados à exterioridade (questões sociais, políticas e ideológicas, por exemplo). Tal processo atravessa a constituição do sujeito e do seu discurso, mas não o determinam absolutamente, visto que tanto o sujeito quanto o discurso se constituem em um movimento contínuo entre língua, história, memória, ideologia e inconsciente¹.

Do lugar teórico que nos sustenta, defendemos que é a língua em funcionamento, ou seja, o discurso enquanto materialidade, que possibilita a análise. Desse modo, tomamos o discurso, de acordo com Pêcheux ([1969] 2014, p. 81), como o “efeito de sentido entre os pontos A e B”, dizendo de outro modo, o discurso é o efeito de sentidos produzido, em uma situação dada. É o discurso, enquanto materialidade, que possibilita ao sujeito significar e significar-se no mundo, na história, na memória e na língua.

¹ Cf. Petri (2013, p. 40).

E é essa materialidade, por sua vez, que permite compreendermos sujeito e discurso como essencialmente relacionados ao espaço-tempo:

A materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos/outros lugares, outras posições. É isso que significa a determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos: nem fixados *ad eternum*, nem desligados como se pudessem ser quaisquer uns. Porque é histórico que muda e porque é histórico que se mantém (Orlandi, 2015, p. 23).

Há um condicionamento, uma determinação histórica que interpela o sujeito a produzir e a interpretar discursos, fato que podemos relacionar, entre outras, à noção de esquecimento formulada por Pêcheux ([1975] 2009). Assim, o sujeito, para poder produzir discursos e sentidos, precisa esquecer-se de que não pode estar fora da Formação Discursiva que o determina, bem como ele se esquece de que sempre há outros sentidos possíveis para aquilo que ele diz. Há aí um processo complexo que mostra que o sujeito (e também o sentido) é um e é muitos; é permanência, mas também é alteração; se mantém, porém, muda.

Esse percurso discursivo demanda, ainda, considerarmos que a linguagem em funcionamento – discurso – não é evidente e/ou transparente, necessita da leitura e da interpretação da exterioridade. Afirma Orlandi (2012, p. 51): “A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia”.

Isso posto, nosso movimento de análise, como já dissemos, se propõe a analisar discursos produzidos por estudantes do Ensino Fundamental II de uma Escola do Campo. Para tanto, vemos a necessidade de ponderar sobre esse espaço-tempo, que possui algumas particularidades, uma vez que suas práticas envolvem as vivências e as experiências da comunidade escolar como uma forma de valorizar a identidade rural:

Suas práticas reconhecem e buscam trabalhar com a riqueza social e humana da diversidade de seus sujeitos: formas de trabalho, raízes e produções culturais, formas de luta, de resistência, de organização, de compreensão política, de modo de vida. Mas seu percurso assume a tensão de reafirmar, no diverso que é patrimônio da humanidade que se almeja a unidade no confronto principal e na identidade de classe que objetiva superar, no campo e na cidade, as relações sociais capitalistas (CALDART, 2012, p. 264).

Na Escola do Campo, funcionando como uma forma de recuperar tradições, histórias e memórias, há a valorização das práticas e dos saberes dos estudantes e de suas famílias. Essas práticas se unem aos saberes construídos na escola, se ampliam, são desconstruídos e reconstruídos em relação a cada componente curricular trabalhado na formação do estudante. Há uma troca, um vaivém de informações e saberes que se enriquecem nesse movimento de construção do conhecimento.

Importante mencionar que há uma diferenciação entre a designação “escola do campo” e “escola no campo”. “No” refere-se a escolas localizadas na zona rural, enquanto “do campo” “traz implicações teóricas próprias à Educação do Campo” (Flores e Denardi, 2008, p. 210). No âmbito educacional, apesar de algumas escolas utilizarem-se da designação “do campo”, acabam por fomentar um ensino tal qual o da cidade, uma vez que segue as normativas regidas pelas Coordenadorias Regionais de Educação para todas as escolas, independente de suas localizações e público-alvo.

Aqui, utilizamos a designação como “escola do campo”, porque a referida escola assim é designada e tratada, independente das normativas que regem o seu funcionamento. De qualquer maneira, a escola do campo trabalha com especificidades que mostram a valorização daquilo que identifica o sujeito às suas tradições, às memórias de sua família, às histórias que constroem o lugar, ou seja, recuperam o afeto e a emoção. Esse movimento, aliado aos conhecimentos construídos nos componentes curriculares, trabalhados em sala de aula, apontam para o fato de que “tanto a repetição quanto as emoções são determinantes para o processo de consolidação do aprendizado” (Catellan, 2022, p. 207).

Uma visada sobre a educação na pandemia

Ao mesmo tempo em que a pandemia de covid-19 foi avançando, difundiu-se também uma onda de sentimentos na população: medo, tristeza, coragem, ansiedade, estresse, cansaço, solidão, fraqueza, entre tantos outros. E esses sentimentos, mesmo que de forma não tão direta, sobretudo, àqueles que estavam afastados dos grandes centros, foram tomando conta da população e com os estudantes não foi diferente. Na educação, podemos perceber, a partir de nosso olhar enquanto professores, que a pandemia afetou sob diferentes aspectos.

Nas suas casas, a rotina familiar transformou-se significativamente. A rotina familiar em consonância com as educacionais, seja pelo recebimento de atividades, seja pelas aulas online, misturou-se com os afazeres domésticos. Nas escolas no campo, muitos dos estudantes acompanham as atividades familiares em concomitância com as atividades da escola, inclusive alguns passaram a exercer a função do trabalho em predominância às questões oriundas das escolas, ficando essa em segundo plano. Isso se deve também pelo fato de que nesse espaço familiar, muitos dos pais/responsáveis passaram a assumir, isoladamente, a educação formal dos filhos. No campo, a dificuldade de acesso à internet fez com que parte dos estudantes passassem a receber somente os materiais de forma impressa, ficando sob responsabilidade dos pais, muitos desses, sem o conhecimento formal sobre determinado conteúdo.

Na educação, há muitos relatos das crianças de que esses dois anos de pandemia se caracterizam como dois anos perdidos. Apesar de terem recebido um ensino remoto com aulas online, a sensação é de que o aproveitamento deles não poderia ter sido igual. Os pais, sobretudo no meio rural, não tinham conhecimento para poder guiar seus filhos com o suporte enviado pela escola. Faltava-lhes equipamentos adequados, celulares, computadores ou acesso à rede

mundial de internet². Além da falta de estrutura, perceberam-se efeitos negativos quanto à sociabilidade e amadurecimento das crianças que passaram a não conviver com seus colegas em uma fase da vida em que o contato com outros é importante para o amadurecimento e crescimento social.

Tecemos tais impressões tomados pela posição-sujeito professor, sendo que nesse percurso, interessados no espaço-tempo, entendemos estar em funcionamento o que propõe Bachelard (1929, p. 99): “só vivemos o tempo esquecendo o espaço, só entendemos o espaço suspendendo o curso do tempo, mas a fusão espaço-tempo é uma relação total”. Neste espaço-tempo, consideramos a linguagem como um processo inscrito na história e é por estar nesta inscrição que ela faz sentido, já que o sentido não se dá de forma isolada e independente.

Partimos do princípio de que “a formulação está determinada pela relação que estabelecemos com o interdiscurso” (Orlandi, 1997, p. 33), então, todo discurso formulado carrega em si uma historicidade, um saber discursivo que foi constituindo-se ao longo da história e foi produzindo “novos” dizeres. “Só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória)” (Orlandi, 1997, p. 33).

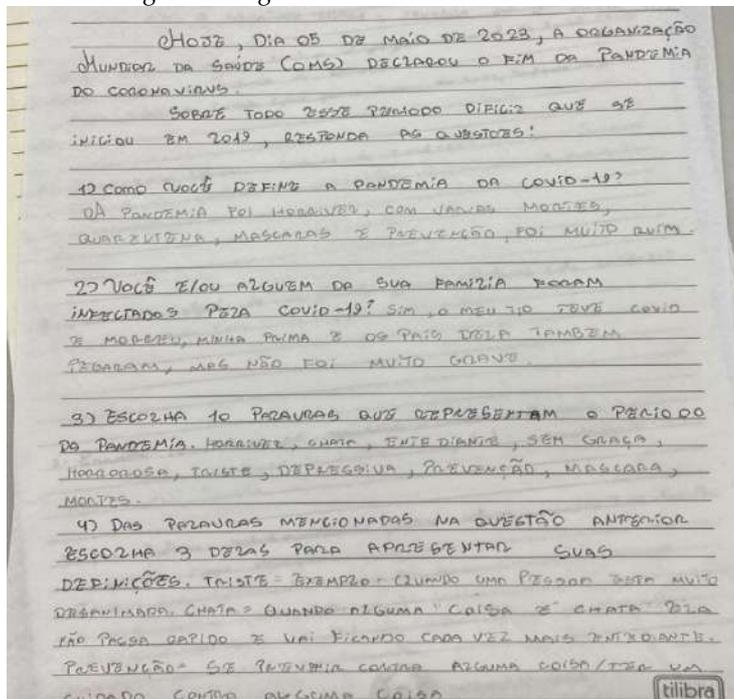
Diante disso, usamos, neste texto, a noção de espaço-tempo, como uma possível categoria discursiva que constitui a formulação do discurso e que, marcada no discurso, não se confunde com lugares empíricos no mundo nem com um tempo cronológico, em uma relação direta entre as coisas e as palavras. Isso se deve porque compreendemos que os discursos materializados em espaços-tempos remetem a acontecimentos discursivos, temporalidades históricas que se constituem na relação sujeito, língua e história.

² De acordo com o IBGE: em 2019, 84% dos domicílios tinham acesso à internet, aumentou para 90% em 2021. Na área rural, a proporção de domicílios com internet foi de 57,8% para 74%, entre 2019 e 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021> Acesso em: 15 nov. 2023.

Análise dos discursos dos estudantes

Diante do exposto, passamos a apresentar a metodologia utilizada para produção dos discursos a serem analisados, a saber: uma atividade proposta a jovens estudantes do Ensino Fundamental II (11 a 16 anos) de uma Escola do Campo situada no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Tal atividade consistiu em cinco questões, que foram entregues aos estudantes no dia 05 de maio de 2023, dia no qual a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o fim da emergência de saúde global causada pela pandemia de covid-19³.

Figura 1 - registro do caderno de um estudante



Fonte: Arquivo pessoal.

³ Mais sobre este fato pode ser conferido em: <https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%Aancia-de-sa%C3%BAde>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Essa atividade foi proposta em um período de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II, a um total de quinze (15) estudantes que estavam presentes em aula no dia da atividade (05 de maio de 2023), destes, apenas sete (07) entregaram todas as respostas na data estipulada (até o dia 15 de maio de 2023). A figura 1 traz um caderno de um estudante, demonstrando como eles se organizaram. As perguntas a seguir foram respondidas pelos estudantes:

1) Como você define a pandemia da covid-19?

2) Você e/ou alguém de sua família foram infectados pela covid-19?

3) Escolha dez palavras que representam o período da pandemia para você:

4) Das palavras mencionadas na questão anterior, escolha três delas para apresentar suas definições:

5) Com o decreto do fim da pandemia, você acredita que seja necessário mantermos os cuidados para prevenção da doença?

As respostas foram subjetivas e individuais, elaboradas de acordo com as vivências e experiências de cada estudante na escola e na comunidade.

O nosso objetivo é analisar alguns trechos desses textos elaborados pelos jovens, observando o que se repete em suas respostas, a fim de perceber os diferentes modos de dizer e de compreender um período tão complexo para a educação brasileira.

Elaboramos um quadro (Quadro 1) com as respostas para a primeira pergunta (Como você define a pandemia da covid-19?⁴):

⁴ Para garantir que a identidade dos estudantes seja preservada, os seus nomes não estão sendo apresentados.

Quadro 1 – Definição de pandemia da covid-19 de acordo com os estudantes

Estudante	Resposta
A	Eu defino a pandemia como um vírus que foi literalmente um vírus que parou o mundo porque as coisas começou a subir de preços, as escolas fechou e pessoas começaram a falecer , então esses três anos de tortura para a população foi horrível.
C	Foi terrível , porque foi muitas mortes de conhecidos amigos próximos, ficou tudo diferente, todos trancados em casa passaram pavor, quase nem podia ir no mercado ou médico em paz sem medo e desconforto e tudo com muito cuidado sempre em distanciamento das pessoas.
G	A pandemia foi horrível , com várias mortes , quarentena, máscaras e prevenção, foi muito ruim .
I	Uma doença difícil de superar, tirando vidas de muitas pessoas, uma quarentena que muitas pessoas perderam trabalho, passaram fome foi um tempo bem sofrido.
Ra	O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não a sua gravidade.
Rh	Um acontecido inesperado que trouxe muito caos e morte , muitos problemas foram causados trazendo também muitas emoções e dores.
Y	Uma época muito triste de muitas perdas que vai ficar guardada na mente de todos para sempre.

Fonte: Arquivo pessoal.

Observando o que foi formulado pelos estudantes, podemos verificar que ressoam e em alguns momentos até se repetem os adjetivos “horrível”, “terrível”, “triste”, “difícil” e “inesperado”, assim como os substantivos “mortes” e “perdas” e o verbo “falecer”, os quais sugerem o funcionamento de reforçar um sentido negativo referente ao período vivenciado e experienciado por eles na pandemia.

O funcionamento desses discursos, que repercutem, entre outros, um campo semântico negativo – de dificuldades -, avulta o fato de que essas emoções precisam ser superadas. É preciso ter coragem.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem (Freire, 1996, p. 26).

O papel do professor é contornar essas dificuldades, essas inseguranças, no dia-a-dia da sala de aula. Mesclam-se conteúdos, emoções e vivências de modo a reconstruir e fortalecer as práticas. Nesse percurso, seria importante ter outros profissionais aliados em prol da formação do estudante, uma vez que são condições adversas e a exterioridade atravessa o sujeito e o seu discurso.

Ainda no que se refere ao discurso e à seleção de palavras para construir um ponto de vista sobre a temática, pode-se verificar que as condições de produção dos discursos trazem um elenco de termos que podem ser relacionados à especificidade da área da saúde, são eles: distanciamento social, quarentena e máscara.

Entendemos que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas. Nessas formulações, os estudantes definiram pandemia a partir de sua posição de estudantes que necessitavam, sobretudo, escrever algo que eles observaram na pandemia. Era uma atividade escolar solicitada pela professora. Logo, algo tinha que ser escrito. Por isso, afirmamos que as definições desses estudantes trazem à baila também dizeres que foram, ao longo do período pandêmico, ditos por outros, nos noticiários, por exemplo. Muitos deles, talvez, nem tenham sofrido com a “morte” de alguém próximo a eles por estarem em um lugar mais distante dos grandes centros – no campo. Isso pode ser percebido quando um estudante se refere à pandemia como um “termo” (Ra). É nesse lugar que a noção de espaço-tempo é projetada no discurso: nessa prática discursiva, o estudante precisou formular

um discurso sobre a pandemia, colocando esse sujeito em contato com um tempo que talvez nem tenha sido vivenciado por ele, pelo menos não da mesma forma como foi experienciada por outros.

Perspectivas pós-pandemia

No que se refere a perspectivas para o período pós-pandemia, vemos um percurso difícil, que já se mostra e ainda se projeta doloroso para muitos. Entretanto, é necessário construirmos um caminho consciente de esperança em dias melhores.

Elaboramos um quadro (Quadro 2) com as respostas para a última pergunta da atividade proposta aos estudantes (Com o decreto do fim da pandemia, você acredita que seja necessário mantermos os cuidados para prevenção da doença?):

Quadro 2 – Opinião dos estudantes sobre manter os cuidados de prevenção da covid-19, mesmo com o fim pandemia

Estudante	Resposta
A	Eu acredito que sim porque quando tem um vírus aí, mas se falarmos só da covid-19 é bom ter cuidado sim.
C	Sim, é necessário porque mesmo assim devemos tomar seus devidos cuidados e para não estar se arriscando, porque este vírus ainda pode ter uma sobra por aí.
G	Sim, porque se não nos cuidarmos a doença pode voltar e se agravar, assim voltando a ser uma pandemia.
I	Sim, na minha opinião ainda é necessário porque a pandemia não foi totalmente embora ainda tem gente pegando covid-19.

Ra	Sim, por conta de ter terminado a pandemia não significa que a doença esteja acabada.
Rh	Acho que seja importante tomar um pouco de cuidado ainda.
Y	Sim, pois parece que se bobeamos demais e não nos cuidarmos é possível que tudo volte de novo e ninguém deseja isso, por este motivo devemos continuar se prevenindo e usando álcool em gel, cuidando a prevenção nunca é demais quando se trata de vidas.

Fonte: Arquivo pessoal.

O funcionamento desses discursos direciona à compreensão de que todos os estudantes defendem que ainda é necessário manter os cuidados para evitar uma nova situação de emergência de saúde. Há nos dizeres dos estudantes a recorrência da palavra “cuidado”, seja na forma de nomear, seja na forma de como agir, e isso assevera para o fato de que a pandemia possa ter trazido à baila um olhar mais atento para si como para o outro, para a coletividade da vida humana.

Da mesma forma como destacamos no Quadro 1, percebemos que aqui o espaço-tempo da pandemia traz nos discursos dos jovens algumas palavras específicas da área da saúde, elas passaram a se fazerem necessárias quando o assunto é a covid-19, são elas: vírus e pandemia.

Para um efeito de conclusão

Tomados pela posição de professores, percebemos a necessidade de que tenhamos um (re)conhecimento sobre o lugar em que atuamos. A escola não pode ser tratada como um espaço único, uniforme e igual. Há escolas e escolas. Há escola urbana,

rural, no campo e do campo. O contexto social em que o estudante está inserido faz diferença na produção dos seus dizeres. Chamamos atenção aqui para um outro tipo de fronteira, retomando a epígrafe que abre este texto, que se materializa nas esferas simbólicas do que é uma escola, onde ela está e para quem ela atua no aqui e agora e/ou para o amanhã.

Sob a perspectiva de analistas de discursos e retomando as análises dos discursos que aqui consideramos, podemos concluir que ainda há cicatrizes da pandemia de covid-19, ainda é doloroso falar desse período adverso da nossa história. É preciso ter coragem.

Nesse caminho, observando os discursos produzidos no tempo presente, os quais de alguma forma se mostram projetando o futuro, os estudantes mostram-se conscientes de que é necessário manter os cuidados a fim de evitar uma nova situação de emergência de saúde global.

Os discursos formulados pelos jovens, mesmo que de forma simplória, demarcam um espaço-tempo por nós vivenciado e que ressoa um tempo que não se esquecerá e que permanecerá atravessando o nosso tempo atual, sobretudo, nos espaços escolares em que os significados da vida estão sendo constituídos.

Referências

Bachelard, Gaston. **La valeur inductive de la relativité**. Paris, Vrin, 1929.

Caldart, Roseli Salette. Educação do Campo. In: Caldart, Roseli Salette *et al.* (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 259-267.

Catellan, Cinthia. A influência da relação professor-aluno no processo de aprendizagem. In: Martins, Néia (Org.). **Sanduíche do cérebro: alimentação complementar do saber para aprender**. Rio de Janeiro: Conquista, 2022, p. 206-214.

Flores, Lucas Martins Flores; Denardi, Graciele Turchetti de Oliveira. Em busca de uma imagem de campo: trajetos de uma leitura discursiva. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 28, n. 57, p. 209-227, 26 dez. 2018.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Orlandi, Eni P. Análise de Discurso. In: Orlandi, Eni P.; Lagazzi-Rodrigues, Suzy (Org.). **Introdução às Ciências da Linguagem** - Discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2015, p. 13-35.

Orlandi, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas/SP: Pontes, 2012.

Pêcheux, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: Gadet, Françoise; Hak, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, [1969] 2014, p. 59-158.

Pêcheux, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1975] 2009.

Petri, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: Petri, Verli; Dias, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

Robin, Régine. Do corpo ciborgue ao estágio da tela: as novas fronteiras. Tradução de Thiago Mattos. IN: Scherer, Amanda; Sousa, Lucília; Medeiros, Vanise; Petri, Verli (Org.). **Efeitos da língua em discurso**. São Carlos: Pedro e João Editores, [2000] 2019.

RENÚNCIA NA CONSTRUÇÃO DOS VERBETES “ISOLAMENTO SOCIAL” E “ENSINO REMOTO” EM AUTORIA COMPARTILHADA: UMA TOMADA DE POSIÇÃO

José Carlos Moreira
Yasmin Schreiner Heinzmann

Que não seja o que eu quero, senão o que tu queres
(Lucas 22:42).

Primeiras palavras...

Nesse trecho bíblico, as palavras de Jesus Cristo podem nos passar a ideia, em um primeiro momento, de uma certa submissão do sujeito diante desse “tu”, que se configura como “DEUS”, sendo, portanto, um homem resignado, obediente. Não entraremos nessa discussão, o que nos interessa aqui é partir para um outro olhar em relação a esta epígrafe. Ela nos parece apontar para o fato de que o sujeito, Cristo, está renunciando a sua vontade para acolher o que o outro, neste caso, Deus, tem a dizer.

É neste sentido de renúncia, enquanto acolhimento do dizer do outro, que empreendemos nossas reflexões. Renunciar significa, portanto, “deixar voluntariamente de possuir ou usar algo, de exercer (condição, direito), abdicar” (Aurélio, 2010). Dessa forma, a renúncia diz respeito à capacidade de ceder voluntariamente ao abdicarmos de nossa própria vontade. Contudo, muitas vezes, isso não é uma decisão fácil, apesar de sermos “livres”¹ em nossas escolhas.

¹ Parcialmente, pois não temos como dizer que o sujeito é totalmente livre, já que ele está sempre assujeitado, inscrito em uma Formação Discursiva (FD) que determina seu dizer. O sujeito é determinado pela linguagem que é exterior a ele: ao dizer algo, ele toma posição, mas não é a origem desse dizer. Está em funcionamento o efeito ideológico que trabalha atravessado pelo imaginário e “[...] que funciona nos processos discursivos com uma série de formações imaginárias

A renúncia, em nossa compreensão, é um gesto político, pois envolve a negociação de sentidos com o dizer do “outro”. O dizer será sempre determinado pela posição-sujeito a que estamos inscritos em determinada Formação Discursiva, a qual é determinante para aquilo que dizemos, para o modo como dizemos ou mesmo para aquilo que deixamos de dizer. Dessa forma, dizer que renunciamos a determinados sentidos para acolher outros, configura-se como uma tomada de posição, de negociação dos sentidos. Entendemos, a partir de Pêcheux ([1988] 2014), que as tomadas de posição do sujeito enquanto gestos de interpretação, são sempre marcadas pela história, pela ideologia e pelo inconsciente. Isto é, o analista de discurso não escapa ao gesto de interpretação.

Assim, dizer que renunciamos é ceder ao dizer do outro, mobilizando outros sentidos possíveis e acionando uma rede de memória e de já-ditos. Nós renunciamos a muitas coisas na vida: à carreira, ao mandato, às comodidades, ao conforto, ao presente...ao DIZER. Renunciar pode significar recusar, rejeitar, negar-se a si mesmo para acolher o outro. Se estamos trabalhando coletivamente, renunciar pode significar perdas e ganhos.

Ao tratarmos da questão do acontecimento da pandemia, citamos Pêcheux (2002), o qual nos ensina que a noção de acontecimento, dentro dessa concepção, não é apenas fato exterior ao discurso, mas parte constitutiva da discursividade. Dessa forma, o acontecimento discursivo é tomado enquanto ruptura da memória recorrente por meio do interdiscurso (Pêcheux, 1999). Afinal, a discursividade do acontecimento da pandemia é um fato que nos remete a outros discursos de outras pandemias na humanidade, que ressoam pela memória e pela história. Assim como ocorreu em outros acontecimentos pandêmicos, a renúncia pode significar também isolar-se socialmente, renunciar à escola, aos colegas, ao professor, por conta do fechamento das instituições escolares.

que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, [1988] 2014, p. 82, grifos nossos).

Devido à pandemia, passamos ao isolamento social para não disseminar o vírus, renunciamos ao convívio social, saímos do ensino presencial para o ensino remoto, renúncia que nos privou do contato entre professores e alunos, no colégio, na sala de aula.

Estar com o outro, tornou-se perigoso, mas nem todos viam dessa forma, o que, por vezes, escancarou nossas diferenças, pois muitos queriam manter essas relações da mesma maneira. O acontecimento da pandemia nos conduzia ao “Isolamento social” e no âmbito educacional, ao “Ensino Remoto”, essas expressões foram bastante recorrentes durante a pandemia do novo coronavírus, assim como outras palavras, tais quais: confinamento, contágio, colapso, educação à distância, genocídio, hospital de campanha, herói, intubação, janela imunológica, jacaré, negacionismo, luto etc., que circularam nos veículos de comunicação de massa.

Diante do cenário pandêmico e dessas novas palavras em circulação, interessamo-nos, enquanto pesquisadores e analistas de discurso, em contribuir cientificamente com o momento em questão, dando um retorno à sociedade daquilo que fazemos na Academia. Desse modo, frente à dor causada pela pandemia, o pesquisa-dor, analista de discurso, é aquele que vem tocar nestas “feridas abertas”, vem trabalhar com os dizeres da/na pandemia, lançando a partir deles o seu gesto interpretativo. Conforme afirma Riolfi (2001, p. 18): [...] o pesquisa-dor é aquele sujeito que, mais longe o possível das amarras que lhe impõem os diversos ideais, mergulha – implicado em todo seu corpo – na tarefa única e, de resto, para cada um absolutamente singular, de pesquisar a dor específica de sua existência. Nesse sentido, cada tema ou questão de pesquisa escolhido por um sujeito que teve a chance de, neste momento, efetivamente realizar uma escolha, é uma maneira simbólica de poder abordar, através de uma metáfora (o trabalho de investigação científico-acadêmica), este absurdo e obscuro objeto que lhe faz falta e, sem que ele saiba, dirija e modela sua existência (Riolfi, 2001)

Assim, a partir desse olhar acerca dos dizeres e palavras em circulação na pandemia, surge a elaboração do Vocabulário do novo

coronavírus, feito à várias mãos, mediante a elaboração da autoria compartilhada de verbetes. O Vocabulário reúne palavras que circularam em veículos de comunicação de grande circulação como G1, Terra, R7, El País, BBC etc. A partir da recorrência dessas palavras, elaboramos sugestões de sentidos para as palavras mais presentes durante o período pandêmico.

Nesse artigo, iremos analisar, em específico, os verbetes “Isolamento social” e “Ensino remoto²”, que compõem o Vocabulário em questão. Para tanto, mobilizamos, nesta pesquisa, o arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso francesa (AD), trabalhando com os conceitos de Condições de Produção, Sujeito, Discurso, Ideologia, Formação Discursiva (FD), Memória, Efeitos de Sentido etc. Movimentamos também os conceitos da História das Ideias Linguísticas (HIL), tais como: Instrumentos Linguísticos e Metalinguagem.

Os verbetes em questão, nos permitem observar os sentidos sobre “renúncia” em tempos de pandemia, (renúncia ao contato social, ao convívio, ao lazer, ao ensino presencial), reorganizando as redes de memória, isto é, os já-ditos e movimentando os sentidos na/pela história. Conforme destaca Indursky (2011, p. 76), os dizeres se “organizam em redes discursivas de formulações que garantem o regime de repetibilidade destes saberes, sustentando, dessa forma, as redes de memória que sustentam o memorável”, entretanto, pode haver um movimento nestas redes de memória, produzindo outros sentidos possíveis.

Além disso, como mencionamos, a elaboração do Vocabulário nos levou a experimentar também a renúncia na composição dos verbetes³, renúncia que vimos ao atuarmos em grupo na forma da autoria compartilhada.

² Sinalizamos a palavra “Ensino Remoto” sem o determinante emergencial, tantas vezes presente em outras materialidades, mas que aparece sinalizado deste modo nos veículos de comunicação consultados, a partir dos quais propomos sugestões de sentidos a este verbete.

³ Explicaremos e discutiremos melhor essa pesquisa ao longo desse artigo.

No que tange à autoria compartilhada, podemos sinalizar que o processo de formulação compartilhado dos verbetes, dos saberes ali implicados, nos remete ao esquecimento número dois de Pêcheux ([1988] 2014, p. 161) em que ele diz: “todo sujeito-falante ‘seleciona’ [...] no sistema de enunciados, formas e sequências” para fazer algo de uma maneira e não de outra, com escolhas que produzem uma ilusão referencial. Também o esquecimento número um de Pêcheux ([1988] 2014, p.162) comparece aqui quando ele diz que: “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da Formação Discursiva que o domina” visto que a renúncia nas escolhas dos verbetes é da instância do inconsciente e resulta do modo como somos afetados pela ideologia e temos a ilusão de ser a origem do que dizemos. Ao recuar, um dos autores faz brilhar a melhor opção de redação do verbete, não é a minha vontade que deve prevalecer, mas a do grupo e isso é inconsciente.

Às vezes nossas ideias em relação aos verbetes são acatadas, e quando isso ocorre, nos sentimos orgulhosos e satisfeitos por termos contribuído. Por outro lado, se, aquilo que fizemos, não for mantido, é o momento de aceitar e renunciar em nome do coletivo. Neste caso, ao menos tentamos e colaboramos de alguma forma, uma vez que abdicar de uma ideia também é contribuir. Inclusive uma sugestão que não foi aproveitada naquele momento, não impede que ela seja considerada depois. Renunciar é, para nós, antes de tudo, uma “[...] tomada de posição do sujeito que realiza seu assujeitamento sob a forma de ‘livre consentimento’ (Pêcheux, [1988] 2014, p. 199, grifos do autor). Um sujeito que é livre, mas ao mesmo tempo, identificado e assujeitado com a Formação Discursiva pelo discurso. E é pelo discurso, interpelado pela ideologia, que tomamos posição e renunciamos.

Desse modo, compreendemos a “renúncia” nesse texto sob dois aspectos. **Renúncia como gesto de autoria:** entre o dizer do “eu” e do “outro”, renunciar a determinadas posições para tomada de decisões e acolhimento do dizer do outro, compreendendo a heterogeneidade de posições que emergem das práticas discursivas que engendram o

trabalho compartilhado na elaboração de sugestões de definição para os verbetes que fazem parte do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. **Renúncia no contexto da pandemia:**⁴ sentidos em circulação no Vocabulário. O modo de renunciar com vistas ao Isolamento Social, isto é, a necessidade de afastar-se do trabalho, dos colegas, dos amigos, dos parentes, das áreas de lazer, das diversões etc. Renunciar também à escola, à faculdade, ao colégio e, assim, adaptar-se ao Ensino Remoto.

A renúncia produz seus efeitos de sentido, desse modo, o analista olha para o texto enquanto “[...] discursividade, materialidade que produz efeitos de sentido”, conforme sugere Nunes (2009, p. 83), de acordo com a inscrição do sujeito. Esse sujeito analista, no trabalho com seus pares, e aqui estamos falando da escrita compartilhada dos verbetes que iremos detalhar mais adiante, posiciona-se e toma decisões em seus trabalhos e análises, muitas vezes refletindo, deixando de lado ideias, convicções, conceitos, renunciando a tudo isso para acolher o que o outro tem a dizer.

Nessa medida, a questão que se coloca é: o que é ser pesquisador na área de Letras?

Muitas vezes as pessoas não se dão conta de que existe pesquisa em Letras. A área de Letras, nesse sentido, abrange os estudos descritivos e aplicados que abarcam diferentes áreas da linguagem, diferentes assuntos e aspectos do conhecimento despertam interesse de um modo geral. Trabalhamos em diferentes frentes como ensino e aprendizagem de línguas, questões relacionadas ao discurso e às práticas sociais, tratamos também de gênero, raça, identidade, políticas de identidade, sexualidade, letramentos acadêmicos e digitais, letramento literário, representações e representatividade e várias outras áreas.

O pesquisador da área de Letras pode ter seu início na graduação em programas como iniciação científica das instituições de Ensino Superior. O estudante tem a oportunidade de trabalhar com um professor orientador para pesquisar e produzir ciência.

⁴. Grifos nossos.

Muitos de nós, pesquisadores do Vocabulário da pandemia, nos encontramos em diferentes etapas de pesquisa: uns na iniciação científica, outros na pós-graduação: mestrado, doutorado, pós-doutorado etc. Há uma imensa variedade de pesquisa com suas determinadas linhas de pesquisa que se dividem em áreas como estudos literários e linguísticos. O pesquisador de Letras busca, através de seu projeto e de sua pesquisa, pelos conhecimentos adquiridos, intervir na realidade fazendo um movimento de transformá-la por sua ação⁵

Para o pesquisador Analista de Discurso, busca-se nos textos escritos ou orais, não o que o texto tem a dizer, mas como foi elaborado o seu dizer. Esses pesquisadores recorrem à Análise de Discurso por compreenderem que não basta buscar nos textos (orais ou escritos) o que dizem, mas como elaboram seu dizer. Para Orlandi (2015, p.17), “A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?” Para o pesquisador Analista de Discurso, a resposta não está dada, nem o suporte metodológico é de fácil compreensão e aplicação. Nosso olhar busca estratégias de análise sempre com um direcionamento para o discurso. Além de precisarmos diversas vezes trabalharmos coletivamente, o que nos leva a escolhas, renúncia, negociação...

Muitas vezes, é ter que renunciar ao desejo, à própria vontade quando se trabalha no coletivo, o que não é uma tarefa fácil, pois só quem passa por esta experiência é capaz de compreender o significado de resignação voluntária, experimentando a abertura e o acolhimento das ideias alheias que abrem para possibilidades, o que instala a polissemia. Enquanto sujeitos, entendemos que o dizer só

⁵ Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/letras/noticias/qual-a-importancia-da-pesquisa-na-area-de-letras>. Acesso em: 11 nov. 2023.

pode ser um, mas Orlandi (2015, p. 35), nos ensina que “[...] ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre poderia ser outro”. Pelas redes parafrásticas, pode-se compreender que, ainda de acordo com a mesma autora, “[...] todo dizer é ideologicamente marcado” (Orlandi, 2015, p. 380). O analista, portanto, traz um outro dizer e encontra-se interpelado ideologicamente em seu discurso, produzindo efeitos de sentidos, determinados pela maneira na qual a pesquisa que fazemos se inscreve discursivamente na história pela língua. A língua presente nos verbetes, o que para o analista de discurso que os formula no interior do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus, significa um trabalho que emerge da coletividade, um gesto de partilha de sentidos, de “autoria compartilhada” (Biazus, 2015), envolvendo a renúncia, negociando sentidos.

Renúncia como gesto de autoria: entre o dizer do “eu” e do “outro”

“a linguagem é como uma pele: eu esfrego minha linguagem contra os outros. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos, na ponta das palavras” (Barthes, 1981, p. 64).

Isso é a linguagem, aquela que esfrega, que alcança e toca o “outro”. Esse “outro” a quem nos referimos ressalta a noção de Formações Imaginárias que pode ser profícua em nossas reflexões, já que para Pêcheux ([1983] 2014, p. 77), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formulações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”.

O “eu” e o “outro” considera a língua tomada pelo discurso sem o rigor institucional, rompendo e produzindo variedades, mas que permanece metalinguagem pelo fato de estar em curso, como ocorre

com os verbetes de nossa pesquisa sobre o Vocabulário⁶. A definição dos verbetes passa pela mídia escrita, em que eles são selecionados, discutidos e compartilhados por meio do site do Observatório de Informação em Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Essa é uma característica discursiva dos objetos tecnológicos lexicográficos (Nunes, 2013, p. 163).

Ao tratarmos do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus, nós o compreendemos enquanto gesto de autoria compartilhada, produzido a várias mãos, por meio do qual a linguagem perpassa o dizer do “eu” e do “outro”. Ao escrevermos coletivamente, percebemos que este processo envolve sujeitos-autores, situados na/pela história e determinados pela ideologia para a produção de sentidos.

Tal gesto de autoria compartilhada representou para nós, pesquisadores da área de Letras, um processo de renúncia, o que implicou o acolhimento ao dizer do outro. Assim, ao nos posicionarmos enquanto sujeitos-autores do Vocabulário, entendemos haver um processo de autoria imbricado nestas práticas. Discursivamente, compreendemos a autoria a partir da noção de “função-autor”, que se realiza sempre quando o sujeito, afetado pela ideologia e pelo inconsciente, acredita estar na “origem do dizer”, o que Pêcheux ([1988] 2014) denomina de “esquecimento nº 1” ou esquecimento ideológico, o qual é inconsciente, como já foi dito anteriormente.

Na ilusão de “unidade”, o sujeito-autor acredita estar na origem do texto e que as palavras são “realmente suas”, Orlandi (2007, p. 69) destaca que o autor é aquele afetado pela responsabilidade social e que ‘responde pelo que diz ou escreve, pois é suposto estar em sua origem’. Contudo, longe de estar na “origem”, ele é atravessado pelo dizer do outro e pelos já-ditos, os quais se movimentam e ressoam na/pela história. Assim, a escrita do Vocabulário exigiu que

⁶ Com o objetivo de causar um efeito de repetição, quando estivermos referenciando o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, por vezes, utilizaremos apenas “Vocabulário”.

compreendêssemos, antes de tudo, “que o sentido pode ser outro” (ORLANDI, 1988, p.116), o que em nosso caso, envolveu negociação dos sentidos com nossos pares.

Dessa forma, enquanto sujeitos-pesquisadores, organizamos metodologicamente o trabalho com o Vocabulário. Em um primeiro momento, delimitamos, em reunião, determinados verbetes que estavam em circulação, mas ainda não havíamos focalizado nos veículos de comunicação digitais, pois esse é um trabalho posterior, que surgiu com a elaboração das sugestões de definição.

Posteriormente, outras palavras passaram a ser definidas a partir das sugestões dos consulentes do Vocabulário, que se encontravam postadas no site. Para a definição dos verbetes mais recorrentes em sites de notícias da mídia escrita, utilizamos os principais jornais nacionais e internacionais⁷, sendo que não partimos dos sentidos postos nos dicionários⁸ para elaborar as sugestões de definição, uma vez que a interpretação está alicerçada justamente no que está posto nas notícias que consultamos. No percurso empreendido, atuamos juntos para desenvolver as definições de cada verbe. No início, montamos pequenos núcleos temáticos com o intuito de desenvolver uma metodologia própria. Tivemos os grupos: História e Memória, Vida e Saúde, Pandemia e Corpo e Pandemia e Educação.

A metodologia para a escolha das palavras partia da ideia de se pesquisar palavras-chaves em sites como G1, CNN, El País, ler a matéria e destacar as palavras que compunham este campo semântico. As primeiras palavras definidas foram Enfermagem, Gargalhadas, Medo, Confraternização, Reencontro, Gripe, Colapso, Felicidade, Viagens e Circulação, distribuídas aos 4 grupos temáticos. Esses termos foram definidos partindo da ressignificação que tiveram na pandemia. Em seguida, esses núcleos foram mudando, mas foi a partir deles que surgiu a ideia, através de um

⁷ BBC, Terra, G1, CNN Brasil, El País, UOL, R7, entre outros.

⁸ Como, por exemplo, o Dicionário Michaelis (online), o Dicionário Aurélio, o Dicionário Houaiss, e Dicionário Caldas Aulete.

dos membros dos grupos, Lucas Flores, da criação das nuvens de palavras, que mobilizam, de certa forma, o Vocabulário em torno do verbete. Nossa autoria compartilhada nos permitiu ir além das “sugestões de definição” e foi pela partilha que surgiu a proposição de serem criadas as nuvens de palavras⁹ para enriquecer o verbete.

À título de exemplo, trouxemos aqui como sugestão de definição, um trecho dos verbetes Ensino Remoto e Isolamento social, que se encontra também no site:

Ensino remoto é o modelo de ensino adotado durante a pandemia do novo coronavírus, mediado ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação, em substituição ao ensino presencial. Exemplo: “Com a alta de casos, o Estado iniciou o ano letivo de 2021 apenas com ensino remoto” (El País Brasil). Tentativa de simular as aulas do modelo presencial por meio de encontros ao vivo (síncronos) e também através de gravações e/ou materiais impressos (assíncronos).

Isolamento social é o processo pelo qual as pessoas se afastam do convívio em sociedade por opção ou orientação. O isolamento social é uma das medidas adotadas para a contenção da pandemia do novo coronavírus e pode contribuir com a prevenção do contágio e disseminação da covid-19. Tendo em vista a rápida propagação do novo coronavírus e a decretação da pandemia, o primeiro movimento de contenção da doença é o isolamento social, em virtude da inexistência, tanto de remédios quanto de vacina¹⁰ (todos grifos nossos).

Como podemos notar as definições não seguem um padrão estritamente formal como nos dicionários clássicos, essa foi uma opção do grupo. Além disso, para chegarmos a essas definições, passamos por muitas discussões e renúncias dos membros. No início, costumávamos utilizar sinônimos e antônimos no final de

⁹ Quando nos referirmos a nuvens de palavras, muitas vezes apresentaremos apenas como “nuvens”. Entendemos nuvem de palavras como uma representação gráfica de palavras onde o tamanho de cada palavra corresponde à sua frequência ou importância em um determinado texto.

¹⁰Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 15 mar. 2023.

cada verbete, mas percebemos que nem todos se encaixavam nessa definição.

Também, ao iniciar os verbetes, fazíamos uma comparação, como por exemplo, Ensino remoto ou Isolamento social era..., antes da pandemia, e num outro parágrafo: Ensino remoto/ Isolamento social é hoje em dia... com o tempo, abandonamos essa ideia. Conforme foi dito ao longo deste artigo, uniformizamos os dizeres, fizemos opções, definimos os significados, sempre passando pela renúncia do nosso dizer para acolher o dizer do grupo. Os exemplos nós trouxemos das mídias digitais escritas, renunciamos também a algumas mídias menos confiáveis.

Consideramos que faria sentido para nós autores do texto, explicitar as noções de verbete, dicionário e vocabulário porque estimamos que verbete, termo que utilizamos para nossa pesquisa, trabalha com a noção de produção de sentidos sem a preocupação de monitoramento, ainda mais em se tratando da pandemia, momento em que os sentidos sempre podem ser outros e em que as palavras foram sendo ressignificadas.

A noção de verbete, tal como a empreendemos ao trabalhar com o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, parte da multiplicidade de sentidos e de dizeres, reunidos por meio de sugestões de definição que foram produzidas através de um gesto de autoria entre o “eu pesquisador” e o “outro”, envolvendo renúncias. Essa produção de sentidos, contudo, não se restringiu à seleção feita pelos “dicionários tradicionais”, mas às condições de produção em que os discursos circularam na/pela pandemia.

O dicionário, por sua vez, é um objeto discursivo que compõe, juntamente com a gramática, o que Auroux ([1992] 2014, p.65) designa como “instrumentos linguísticos”, é o saber a/sobre a língua, é um saber que se ocupa de “preservar” essa língua num movimento de aprender e ensinar. Destacamos que o dicionário, diferentemente do vocabulário, trabalha com um monitoramento maior dos sentidos, sustentado a partir do “[...] desejo/necessidade de controlar os efeitos

de sentido que o verbete [...] poderia vir a produzir, seja via manutenção seja via atualização” (Nunes, 2010, p. 15).

Além disso, o dicionário permite a consulta de inúmeras palavras, mas possuímos a ilusão de que nele reside a “completude”, imaginando ser um instrumento capaz de “sanar” nossas dúvidas em relação a sentidos, mas também em relação a questões ortográficas. Pelo dicionário, “[...] é possível observar diferentes formas de nomear e de definir as coisas do nosso mundo, prevendo múltiplas possibilidades de funcionamento deste ou daquele sentido” (Petri, 2010, p. 19).

O vocabulário, a gramática e o dicionário “[...] constituem discursos sobre a língua, isto é, discursos que institucionalizam uma língua e que a trabalham como patrimônio” (Petri; Medeiros, 2013, p. 43). O vocabulário parece não ter muito compromisso com o controle dos sentidos, ele é constituído a partir de uma lista de palavras selecionadas para serem consultadas. Os dicionários registram e institucionalizam os sentidos, e o vocabulário produz variedade, outros sentidos possíveis que, no entanto, escapam. À vista disso, o dicionário serve como lugar de consulta da língua, ele permite ao consulente observar como determinados sentidos da/sobre a palavra são institucionalizados neste instrumento linguístico, o que produz um efeito de completude, de evidência. Todos esses instrumentos linguísticos são discursos que fazem parte da institucionalização da língua, trabalhando-a como patrimônio. Os sentidos produzidos, por esses instrumentos citados, bem como as diferenças e aproximações irão compor a heterogeneidade constitutiva da língua.

Dito isso, entendemos que dicionários e vocabulários são lugares de memória na língua. Nada impede de explicitar aqui que o verbete é também um lugar de memória que pode fazer funcionar efeitos de sentido a partir da perspectiva discursiva como lugares de incertezas e dúvidas. Ademais, tais objetos são produzidos por sujeitos e para sujeitos: é “um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade,

para um público leitor, em certas condições sociais e históricas” (Nunes, 2010, p. 07).

No verbete, as “palavras são ladeadas por outras palavras; por vezes não, quando se têm verbetes seguidos de classificações, explicações, definições, sinonímias e exemplos” (Petri; Medeiros, 2013, p. 51). No verbete compartilhado, a construção discursiva vai além de um texto informativo, de uma simples consulta. Nele, os sujeitos e as condições de produção fazem parte de sua definição.

Formular o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” – a várias mãos – foi experiência peculiar, um movimento intenso de gesto de autoria para nós pesquisadores! Essa autoria reúne, via Vocabulário, várias “posições-sujeito”, desde investigadores em formação – iniciação científica e pós-graduandos – até mestres e doutores. Ao total, foram 26 pesquisadores reunidos, vinculados a 10 diferentes instituições de Ensino Superior brasileiras. O Vocabulário, vale destacar, faz parte de um projeto maior, intitulado “A história das palavras e a dicionarização: ditos e não-ditos em tempos de pandemia no Brasil do século XX”, coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri, sendo que sua formulação e elaboração se dá por intermédio dos trabalhos desenvolvidos no interior do Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso.

O “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” apresenta palavras, no formato de verbetes, com sugestões de definições que têm circulado em veículos da imprensa nacional escrita no espaço digital, desde 2020. Trata-se, portanto, de um vocabulário temático e digital em linguagem coloquial. Nossa equipe de pesquisadores optou por essa linguagem por ser mais acessível para que o trabalho circule nas escolas de um modo geral. Ao formularmos sugestões de definição dos verbetes que fazem parte do Vocabulário, nos deparamos com uma situação inédita para nós pesquisadores, estávamos diante das condições de produção de uma pandemia que nos atingia/ atingiu enquanto sujeitos sociais.

Para muitos de nós, pesquisadores, essa experiência foi, e ainda é, singular. Tínhamos a ilusão de que escrever a várias mãos seria um

processo sem muita dificuldade. A bem da verdade, ao nos reunirmos, discutirmos, alterarmos determinado verbete com os colegas, entendemos que quase tudo o que pensamos, imaginamos, pesquisamos, eliminamos e transformamos, proporcionava uma sensação de “orgulho” pela contribuição compartilhada com o grupo. No entanto, havia também uma sensação de “perda”, não em seu sentido negativo, mas enquanto convencimento da escolha de cada um que exigiu “[...] um ato de renúncia à própria escrita para que outras (escritas) tomassem forma no verbete; esse movimento é realmente de aprendizado, de desprendimento, de abertura e acolhimento ao que o outro tem a nos dizer” (Moreira, 2022, p. 41-42).

Para exemplificar, apresentamos, a seguir, as nuvens dos verbetes Isolamento Social e Ensino Remoto, de acordo com o Vocabulário:

Imagem 1 – Nuvens de palavras dos verbetes “Isolamento Social” e “Ensino Remoto”



escolhas que fizemos das cores. Não se trata apenas de combinar com as cores do site onde ficam hospedados os verbetes. Muitas vezes precisamos alinhar melhor e deixar as cores, o tamanho e tipo de fonte padronizados para a nuvem. As nuvens foram elaboradas a partir do texto do verbete construído pelo grupo responsável. Três anos após a pandemia, chegamos a quase 100 verbetes lançados no site, contando com as sugestões de todos os envolvidos no projeto. O cuidado com a organização do arquivo comporta a ideologia, que vai “[...] naturalizando alguns processos de significação e, simultaneamente, apagando outros” (Mariani, 2016, p. 15).

Como pudemos observar, a renúncia traz o dizer do “eu” e do “outro” na elaboração do Vocabulário da pandemia. É um gesto de autoria compartilhada que nos faz abdicar de nossos discursos pela língua. Afetados pela ideologia, o “eu” e o “outro”, enquanto autores, respondem pelas práticas do dizer produzindo sentidos negociados, que não são neutros, que produz efeitos de sentido se movimentando na história pelo discurso.

Em seguida, passamos a tratar dos sentidos que circularam durante a pandemia apontando para uma grande parcela da população que soube renunciar para evitar o pior, e com criatividade foi-se adaptando às novas condições de produção que exigia dessa população o Isolamento Social e o Ensino Remoto.

Renúncia no acontecimento da pandemia: sentidos em circulação no Vocabulário

A renúncia se dá pela língua, já que trabalhamos com verbetes. O acontecimento da linguagem ocorre pelo funcionamento da língua, o que chamamos de enunciação, vista como acontecimento histórico, de acordo com Guimarães (2002). Se considerarmos a pandemia como um acontecimento, o sentido está posto, desse modo, acontecimento e enunciação são determinados pelas condições sociais de sua existência (Guimarães, 2002). A renúncia na construção de verbetes

do Vocabulário aponta para sentidos nas discursividades em torno da pandemia, produzindo dizeres e saberes.

Apesar de sermos livres em nossas escolhas, a renúncia nos convoca à determinação e coragem no ato de decidir, selecionar o que deverá comparecer em um verbete. Conforme Saddi (2020, p. 80)¹¹, “[...] é preciso capacidade de lidar com a enorme dor provocada pela falta e perda de uma satisfação [...] É a desistência voluntária de seu direito, abrir mão de receber um bem ou uma vantagem, é uma concessão, mas do que isso [...] um ato de nobreza”. Renunciar, para nós, é assumir uma posição enquanto sujeitos, suportando a falta, a falha, enfrentando a contradição dos sentidos, que sempre podem vir a ser outros, ou mesmo que podem emergir do discurso do outro, o qual acolhemos como nosso. A pandemia nos fez renunciar a diferentes práticas em nome da coletividade, na vida e na língua. Tivemos muitos desdobramentos nesse aspecto:

[...] profissionais de saúde sendo atacados por negacionistas, enfermeiros e profissionais vestidos de branco são agredidos em espaços públicos. Os hospitais trabalham com utis repletas, os profissionais de saúde estão exaustos. Dois ministros da saúde foram demitidos, [...]. As feridas do país estão expostas, desorganização e incompetência, favorecimento das redes privadas de atendimento. Desinvestimento na saúde pública. Governadores e prefeitos contratam leitos de UTI, tais contratos facilitam a corrupção, mas não há programa de prevenção – prevenir é mais barato e não compensa em termos de marketing. Desistiram das medidas de isolamento, embora 40% da população, heroicamente, ainda o faça (Saddi, 2020, p. 80).

Essas eram as condições de produção em que a população se encontrava no início da pandemia, que ocorreu, no Brasil, a partir de março de 2020, um país assistia atônito a desaceleração da economia chinesa, epicentro da Covid-19. A parcela da sociedade que soube

¹¹ Luciana Saddi é psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SP), mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e autora dos livros de ficção *O amor leva a um liquidificador* (Ed. Casa do Psicólogo) e *Perpétuo Socorro* (Ed. Jaboticaba). Assinou por mais de dois anos a coluna *Fale com Ela* na "Revista da Folha", do jornal Folha de São Paulo. Representante do Endangered Bodies no Brasil.

compreender e respeitar o Isolamento Social, renunciando e seguindo as determinações recomendadas do “fique em casa”, pôde evitar o pior, para si mesmo e para os outros, apesar da renúncia que deixou uma grande parcela confinada e distanciada de seus colegas, entes queridos e amigos. Houve um efeito de resistência na luta pela sobrevivência contra o que estava posto. Isolar-se socialmente, conforme Orlandi (1998), uma resistência domesticada. Ensino remoto na pandemia, um assujeitamento/condicionamento do sujeito, que nos remete a Althusser ([1970/1996] 2007, p. 32): “a educação como aparelho ideológico, um dos braços dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)”.

Apesar de tudo, foi uma atitude acertada, ainda que não suficiente para evitar o grande número de mortes que presenciamos por falta de políticas públicas que agissem de imediato e com firmeza. Esse isolamento expôs, de forma intensa, as complexas relações familiares e de amizade, porém nem todos tinham condições de isolar o vírus da mesma forma, os mais abastados financeiramente, em suas fortalezas, dispunham dessa possibilidade de isolamento, no entanto, os mais desfavorecidos, com famílias numerosas, morando de forma indigna como os moradores de rua etc., não tiveram a mesma oportunidade. A economia que parecia uma locomotiva sem freio, de repente precisou parar, os negócios foram suspensos, os empregos perdidos, as empresas foram fechadas e as ações na bolsa despencaram, assim como o PIB dos países no mundo inteiro.

Será que aprendemos algo como esse vírus? Talvez um pouco mais de humanidade, de solidariedade, de valorização da ciência e dos profissionais da saúde, de compaixão para com o próximo. Nesse mesmo contexto, a pobreza, a miséria e a fome foram escancaradas de tal maneira que nos tornamos vulneráveis, indefesos e reféns de algo desconhecido que nos atingiu/atinge de forma devastadora e nos impulsiona a utilizar todos os recursos da ciência que temos, além de toda solidariedade, compaixão, empatia, cuidado com o outro.

No âmbito escolar, tivemos a questão das aulas que não poderiam mais acontecer presencialmente. Aulas suspensas por um curto período, os alunos sendo obrigados a renunciar ao convívio na escola para terem aulas on-line. São situações de Ensino Remoto e Isolamento Social que exigem renúncia, as duas situações estão imbricadas. A educação dos nossos filhos passaria a contar com estudos em uma plataforma virtual. Apesar de que houve um deslocamento, pois, a renúncia diz respeito aos modos como essas situações precisaram ser mudadas durante o acontecimento da pandemia, diante do isolamento social como foi necessário um deslocamento da presença física em sala de aula para a presença virtual na tela de aula. Uma presença/ausência. Passamos, de certo modo, da interação e socialização com os colegas de classe, para estarmos atrás de uma tela de computador acompanhando as aulas de casa.

Entretanto, nem todos tiveram acesso às plataformas digitais pelo computador ou celular para seguir os conteúdos das classes¹². Muitos alunos passaram pela renúncia “forçadamente” suspendendo seus estudos por não terem acesso às novas tecnologias. Como consequência, profundos abismos foram criados na aprendizagem. Como fazer para recuperar esse tempo perdido através de políticas públicas que façam esse ajuste? Uma das saídas apontadas pode ser reconhecida no caso da Prefeitura de Goiânia que propôs, no ano de 2022, uma “Maratona do Conhecimento” para os alunos do 5º ao 9º ano¹³.

¹² Sabemos que 90% dos alunos tiveram as suas aulas presenciais pausadas desde o começo da pandemia, em março de 2020, segundo a Unesco. Muitas instituições de ensino básico e superior se adequaram com facilidade ao ensino online, porém, essa não é a realidade de todos. Crianças, jovens e adultos tiveram dificuldades para se adaptar ao universo virtual por diferentes motivos, como falta de infraestrutura tecnológica da instituição e ausência de equipamentos e espaços adequados para assistir às aulas. Disponível em: <https://www.d2l.com/pt-br/recursos/relatorios/como-recuperar-a-aprendizagem-perdida-na-pandemia/>. Acesso em: 14 out. 2022.

¹³ Projeto que abrange módulos de Língua Portuguesa e Matemática, conforme pode ser verificado em: <https://www.goiania.go.gov.br/educacao-prioriza-recuperacao-das-aprendizagens-perdidas-na-pandemia/>. Acesso em: 14 out. 2022. A Prefeitura de

O Vocabulário produziu efeitos, dizeres e saberes a partir de sentidos em circulação, nos demandou renúncia, determinação e tomada de posição enquanto sujeito atravessado pela ideologia na construção de verbetes como Isolamento Social e Ensino Remoto.

Na próxima seção, veremos que: fomos capazes de aderir ao Isolamento social, mas nem todos, os negacionistas não renunciaram à vida que tinham antes, defendiam a economia a todo custo em detrimento das mortes por Covid-19, pagamos um preço alto por isso, o discurso da negação traz o equívoco e a contradição na fronteira entre o dito e não-dito.

A Renúncia pode passar pela contradição/resistência na adesão ao Ensino Remoto e ao Isolamento Social

O perigo do novo coronavírus nos tomou de assalto, o desejo de sair de casa, de não usar máscara, de aglomerar, de ficar próximo e abraçar, de resistir para não seguir os protocolos, fez muitos de nós “furar a bolha” e colocar em risco o outro. Assim como o desejo de ir à escola encontrar os colegas, os professores, de interagir etc., ainda que compreensível por um lado, parecia lançar um olhar de minimização sobre a situação caótica da pandemia. Mas havia

Goiânia, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SME), deu início, nesta semana, à Maratona do Conhecimento. O projeto é voltado para estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, matriculados na rede municipal de ensino, e tem como objetivo recomposição, recuperação e aprofundamento das aprendizagens de Língua Portuguesa e Matemática como estratégia educacional pós-pandemia.” Em decorrência da pandemia de Covid-19, muitos estudantes, mesmo sendo atendidos remotamente, tiveram dificuldade para se apropriar dos conhecimentos específicos de cada ano escolar. Dessa forma, a SME compreende que há lacunas de aprendizagens que necessitam ser trabalhadas, para que os estudantes concluam os anos iniciais e finais com os conhecimentos essenciais de cada etapa”, ressalta o secretário municipal de Educação, Wellington Bessa. Disponível em: <https://goyaz.com.br/secretaria-municipal-de-educacao-inicia-maratona-do-conhecimento-2023-para-estudantes-do-5o-ao-9o-ano/>. Acesso em: 09 nov. 2023.

também os negacionistas¹⁴, os que negavam a vacina, a ciência, baseando-se em informações falsas e teorias conspiratórias.

Por que estes se recusaram a renunciar? Recusaram intencionalmente, por interesse político-ideológico? por dissociação cognitiva? por desinformação? por maldade, perversidade? Há inúmeras notícias, por exemplo, inclusive de grandes figuras políticas, que se vacinaram escondidas e, na mídia, proferiram discursos antivacina. Dessa forma, instala-se a contradição, que consiste no fato de que uma parcela da população lutava contra o vírus, ainda que tivesse vontade de “furar a bolha”, enquanto outra negava o vírus e/ou a doença, minimizando-os, mas não deixava de tomar a vacina.

Trata-se, nesse caso, do cinismo enquanto forma de estruturação social e subjetiva na contemporaneidade (Baldini, 2009). Com efeito, os negacionistas sabiam o que estavam fazendo, mas mesmo assim o faziam, agiam, na verdade, como impostores. Estes costumam vestir-se de uma máscara ideológica da tradição, da moral, dos bons costumes, da religião e do conservadorismo neoliberal tal como nos aponta Zizek (1989, p. 313), o sujeito “reconhece, leva em conta o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica, a

¹⁴. Durante a pandemia da covid-19, o negacionismo, no Brasil, alcançou proporções alarmantes, manifestando-se na negação ou minimização da gravidade da doença, no boicote às medidas preventivas, na subnotificação dos dados epidemiológicos, na omissão de traçar estratégias nacionais de saúde, no incentivo a tratamentos terapêuticos sem validação científica e na tentativa de desacreditar a vacina, entre outros exemplos. O negacionismo acentua incertezas, influencia na adesão da população aos protocolos de prevenção, compromete a resposta do país à pandemia e ameaça a democracia. “O negacionismo vai além de um boato ou fake news pontual. É um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, e tem uma rede organizada de desinformação. Essa atitude sistemática e articulada de negação para ocultar interesses político-ideológicos muitas vezes escusos, que tem sua origem nos debates do Holocausto, é inédita no Brasil”, afirma Marcos Napolitano, professor de História do Brasil Independente e docente-orientador no Programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia>. Acesso em: 14 out. 2022.

distância que há entre a máscara ideológica e a realidade, mas ainda encontra razões para conservar a máscara. Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade; mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade”. Esse cinismo, como nos afirma “Baldini”, é o que vai sustentar as posições dos que negam o vírus, a vacina, o cuidado com o outro, e levá-los à perversão. Cinismo e perversão encontram-se em uma relação solidária.

De acordo com Moreira (2022, p. 58), “[...] nesse efeito de contradição, encontra-se o sujeito, ao mesmo tempo assujeitado à vontade do Estado e ávido pela economia, pelo progresso” a qualquer custo, mesmo que isso signifique a perda da vida das pessoas, o que configura o discurso neoliberal de que o “Brasil não pode parar”, justamente porque o próprio Estado negava a vacina, o vírus enquanto capacidade de vitimizar as pessoas devido aos casos de agravamento da doença, negava-se também a ciência... Nos deparamos com governantes que pouco faziam para amenizar os efeitos da pandemia, mesmo diante do horror e da dor da doença, das mortes por covid-19. No entanto, tivemos cidadãos conscientes da necessidade de se preservar vidas na luta contra a pandemia, entendendo que o Isolamento Social e o Ensino Remoto poderiam contribuir para salvar vidas enquanto a vacina estava sendo distribuída. Quantos médicos e enfermeiros, na linha de frente, exaustos, mas incansáveis, engajaram-se nessa luta desigual para tentar frear o vírus, muitos perderam a vida enfrentando o combate à doença. Outros tantos, inclusive, foram obrigados a se exporem por medo de perderem o emprego.

O confronto entre sentidos e sujeitos, produz efeitos e significações que possibilitam que a contradição organize estruturalmente o “todo complexo com dominante”, das formações discursivas, e, assim, na pandemia, coloca nele/para ele o que é imperativo à resistência, que, segundo Pêcheux ([1988] 2014), determinam o que o sujeito pode/deve dizer, já que ele é atravessado pela ideologia, fazendo com que ocupe diferentes posições-sujeito, instaurando a contradição. Assim, pode-se dizer que a contradição se

encontra na fronteira entre o dito e o não-dito. Na perspectiva teórica da AD, a contradição se coloca como própria do dizer, como uma força em confronto que faz retornar o mesmo, produz diferentes sentidos e rompe sob efeito de descontinuidade. Nesse sentido, a contradição se apresenta como um processo constitutivo do discurso, pois é no discurso que o sujeito é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, instaurando a falha e a falta. Para Moreira (2022, p. 97), “trata-se do entrecruzamento da história que desestabiliza, confronta e desloca o dizer, instaurando o equívoco”.

O equívoco, a falha encaminham para a contradição, esta encontra-se diretamente relacionada com a memória, que rompe e reconstitui o acontecimento, como um “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (Pêcheux, [1983] 1999, p. 50).

Negar a ciência e/ou a vacina, já é renunciar a elas, mas é também renunciar ao Isolamento Social e ao Ensino Remoto, é pensar em si mesmo, escorando suas crenças em informações falsas e teorias conspiratórias, isso é político, é posição-sujeito, é tomada de posição pela política que privilegia a economia. Este é um discurso que falha, desloca o dizer, se contradiz, quando boa parte do mundo está lutando para eliminar um vírus mortal que assola a humanidade. No entanto, no discurso, nega-se a ciência e a vacina, mas na prática utilizam-se das duas há muito tempo e nunca se questionou a autoridade científica e a eficácia da vacina.

Nessa direção, a renúncia parece trabalhar a favor, quando um vírus mortal é capaz de mudar o rumo da humanidade, muitas vezes é preciso recuar para depois avançar, a renúncia nos faz recuar para ganhar tempo enquanto a pandemia não passa. Como ocorre em nossa pesquisa do Vocabulário, há perdas e ganhos na tomada de posição dos sujeitos-pesquisadores na construção de verbetes do Isolamento Social e do Ensino Remoto.

Em nossas discussões, primeiramente trouxemos o significado de isolamento social antes da pandemia: quarentena, auto

isolamento e outras restrições de movimento que levavam as pessoas ao isolamento social, eram situações específicas e isoladas. Porém, durante a pandemia, interações físicas como beijos, abraços e apertos de mão, seja com familiares ou estranhos, tornaram-se restritos com a disseminação do vírus.

Em nossas pesquisas e debates, vimos que a vida social de crianças e adolescentes antes da pandemia era repleta de possibilidades: escola, cursos extracurriculares, programas culturais, casa de amigos, casa da avó, parquinho. Ensino remoto antes da pandemia, para muitos, significava Ensino à distância (EAD). A aula on-line no formato remoto é uma das ferramentas do EAD. No EAD há várias metodologias aplicadas.

Contudo, no acontecimento da pandemia, Ensino Remoto Emergencial e Ensino à Distância não se confundem, apesar de muitas pessoas os tomarem enquanto sinônimos. Joey, Moreira e Rocha (2020) destacam que esses termos não estabelecem relação de sinonímia, haja vista que cada um deles possui suas especificidades e contextos educacionais distintos. As autoras asseveram que, no Ensino à Distância (EAD), “os professores e alunos estão mediando seu conhecimento de interação síncrona e/ou assíncrona em espaços e tempos distintos, com ou sem uso de artefatos digitais”, sendo que o termo “à distância” demonstra como principal característica “a separação física do professor e do aluno em termos espaciais, não excluindo, contudo, o contato direto de alunos entre si ou do aluno com o professor, a partir do uso dos meios tecnológicos” (JOEY, Moreira, Rocha, 2020, p. 7).

O EAD surge como alternativa frente a essas novas relações educacionais, permeadas pelo advento da contemporaneidade, e que se caracterizam por uma maior flexibilização do tempo e do espaço no contexto de um mundo globalizado. Além disso, vale destacar que, no Brasil, a modalidade EAD está prevista constitucionalmente, através do artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, portanto ancorada em aparatos legais.

Em contrapartida, diferentemente do EAD, a educação adotada durante a pandemia de Covid-19 assumiu algumas particularidades, incluindo a própria forma de nomeação das atividades educacionais realizadas neste período. Autores como Hodges et al. (2020) e Justin et al. (2020) conceituaram tais atividades educacionais através do termo “educação remota de caráter emergencial”. Joey, Moreira e Rocha (2020), em relação à tal educação, nomearam-na como “atividade educacional remota emergencial”, assemelhando-a ao EAD apenas em um único aspecto: o uso de uma educação mediada pela tecnologia digital.

As autoras asseveram que o EAD e a atividade remota emergencial se distinguem, dentre vários aspectos, quanto ao perfil docente e ao perfil do aluno. Conforme elas, no EAD, a docência é:

compartilhada com outros especialistas, tais como o designer educacional, os professores conteudistas, os produtores de multimídia, os ilustradores, os gestores de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), dentre outros. Na educação remota, o professor, na maioria das vezes, o responsável por tudo, desde a seleção de conteúdos, produção de videoaulas, implementação de aulas em AVAs (se houver), dentre outros (Joey, Moreira, Rocha, 2020, p. 14).

Nesse sentido, no EAD, os profissionais da educação, docentes, compartilham desta modalidade de ensino com outros profissionais que lhes dão suporte, como os produtores de multimídia, os ilustradores, os gestores de Ambiente Virtuais, etc, o que otimiza o processo de aprendizagem e permite que o formato das aulas à distância se efetive. Diferentemente, na educação remota, o professor assume estas diferentes funções, mesmo que sem preparo específico para isso, o que não se configura como uma atividade EAD.

O perfil de aluno em ambas as modalidades também é distinto. Joey, Moreira e Rocha (2020, p. 14) destacam que “Na EAD, o aluno tem um perfil andragógico, ou seja, é um adulto que possui uma motivação específica para estudar on-line e tem um perfil, a priori, autônomo”. Dessa forma, o aluno do EAD é um estudante autônomo, que flexibiliza seu tempo e espaço, de acordo com as demandas pessoais/profissionais, e possui uma motivação específica. Já o aluno

em atividades educacionais remotas emergenciais é diferente, sendo motivado por outros fatores como “conflitos bélicos, calamidades, pandemias, ou pessoas em trânsito ou com necessidades educativas especiais que não podem estar no ensino presencial de modo convencional” (Joey, Moreira, Rocha, 2020, p. 14).

Nesse sentido, o perfil desses alunos, geralmente crianças e adolescentes em fase escolar, configura-se diante de uma situação emergencial, no caso em questão, à pandemia de Covid-19. Ao passo que no EAD o aluno possui uma atividade colaborativa com seus pares e uma interação professor-aluno, nas atividades emergenciais existe uma baixa interatividade deles, além do estudante configurar-se enquanto um simples reprodutor do conteúdo.

Como ressaltamos, na pandemia, a escola ganha outro formato, o ensino remoto emergencial, como forma de manter o aluno estudando “fora do colégio”. Nos debruçamos, então, para definir o verbete “Ensino Remoto” na pandemia, o qual conta com atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orienta pelos princípios da educação presencial. As aulas remotas oferecem a continuidade da escolarização por meio de recursos tecnológicos, só que à distância e sem o auxílio de especialistas no formato de docência compartilhada.

Há o distanciamento geográfico de professores e alunos fazendo com que as atividades escolares não sejam interrompidas. De qualquer forma, tanto no Isolamento social quanto no Ensino Remoto, houve renúncias para se adaptar à nova realidade, assim como ao construir esses verbetes, nós, pesquisadores, trabalhando de forma compartilhada, também precisamos renunciar ao que compreendemos como conceitos e definições para que o grupo se sobressaísse acatando a escolha determinada pela maioria, o que nos apontou para possibilidades de aprender com a renúncia, compreendendo que recuar poderá produzir mudanças significativas no resultado de um acontecimento. Tudo depende de nossa postura, de nossa tomada de posição diante de um desafio,

muitas vezes gigante, exigindo de nós confiança e determinação, mesmo na renúncia.

Efeitos que encaminham para a conclusão

Tentamos trazer, para este artigo, uma discussão sobre o significado de renunciar, ainda que de forma parcial. Renunciar pode passar pelo ato de coragem, por ganhos, mas também pela negação e perdas.

A renúncia, na pandemia do novo coronavírus, desencadeou mudanças na vida do brasileiro: o lazer, o encontro com amigos e familiares, com professores e colegas, as aulas, tudo isso foi suspenso, tivemos que nos isolar socialmente. Trabalhamos também, neste artigo, com a possibilidade de renúncia ao compartilhar a construção dos verbetes no Projeto do Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus por analistas de discurso, um esforço coletivo que demanda no gesto de partilha de sentidos, de autoria compartilhada, negociação constante. Desde a escolha e partilha dos verbetes que se dava na reunião do Grupo de estudos Pallind (Palavra, Língua e Discurso) e que depois iríamos discutir em grupos temáticos, até o fechamento da definição dos verbetes com as nuvens de palavras. Todo esse processo se dava em várias etapas, passando por discussões, compartilhamento de ideias, definições, sugestões, revisões e finalização.

Utilizamos definições de dicionário, verbe e vocabulário num primeiro momento, entendo-os como instrumentos linguísticos que poderiam dar suporte ao que estávamos buscando na mídia escrita digital para definição dos verbetes durante a pandemia. Segundo Aurox ([1992] 2014, p. 65), o dicionário compõe com a gramática os instrumentos linguísticos, saberes metalinguísticos que preservam a língua, lugar de consulta da língua. Todos são instrumentos linguísticos com diferentes funcionamentos. O vocabulário, por sua vez, não tem a mesma função do dicionário, “bem como não se realiza efetivamente como um glossário, muito embora esteja o

tempo todo em relação com os modos de funcionamento destes outros dois instrumentos linguísticos” (Petri, 2021, p. 24). Ele não aponta para um determinado monitoramento, parece ser mais descompromissado. O que eles têm em comum é que todos são lugares de memória da língua.

Vimos que o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, projeto disponível no site da UFSM, compreende uma experiência singular, ao nos reunirmos para formular as sugestões de definição para determinado verbete, decidir e compartilhar os textos, as definições e nossas pesquisas, passamos por momentos de renúncia, deixando de lado as próprias ideias para acolher o que o outro tem a dizer, não é tarefa fácil, mas necessária e que conta com consenso da maioria.

A renúncia que percebemos nos verbetes “isolamento social” e “ensino remoto” faz parte de um momento histórico e trágico na humanidade que exigiu não só criatividade, mas assujeitamento, conformação, resiliência, resistência etc. para se adaptar à nova realidade, eram as condições de produção da época, um vírus que se espalhava rapidamente em todas as camadas da formação social, produzindo efeitos devastadores nas economias dos países, nos empregos, na saúde, na vida das pessoas. Há os que renunciaram a essa luta contra o vírus e se tornaram negacionistas, mesmo diante dos fatos e evidências.

O “fique em casa” e as “aulas remotas”, formulações correlatas para “isolamento social”! e “ensino remoto”, criaram polêmicas, divisões na adesão ao isolamento social e ao mesmo tempo verificou-se um abismo na aprendizagem, apesar da necessidade de se tomar posição diante de uma catástrofe sanitária no Brasil e no mundo. A renúncia trouxe igualmente momentos contraditórios. As pesquisadoras Márcia Ione Surdi, Mary Neiva Surdi da Luz e Mary Stela Surdi (2021), em trabalho¹⁵ publicado acerca do ensino remoto

¹⁵ O título do artigo, publicado no livro: “Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia”, de 2021, intitula-se “Representações sobre o sujeito-professor no contexto de pandemia: o que os memes têm a nos dizer”.

e pandemia, discutem os desafios do Ensino Remoto Emergencial (ERE), demonstrando as representações sobre o sujeito-professor frente às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que circularam nas mídias sociais durante esse período.

Trabalhando com um movimento de sentidos, o papel do professor (re)inventou-se, sendo que tal reinvenção, conforme as autoras, “está associada à representação do professor tecnológico que, no contexto da pandemia, assumiu outras funções, tais como ‘youtuber, câmera man, redatora, digital influencer, editora de vídeos, apresentadora...” (2021, p. 54). Portanto, houve um movimento nas redes de memória, demonstrando o caráter heterogêneo e complexo do sujeito-professor, que é atravessado por uma multiplicidade de vozes. Além disso, o professor, na pandemia, passou a ser representado também como aquele que “está sob pressão”, o que observamos através do funcionamento metafórico (panela de pressão - professor - covid-19 - EAD), trabalhado pelas autoras em seu texto.

O movimento “fique em casa” também trouxe muitas reflexões, apontando para interrogações durante a pandemia, tais como: Estar/ficar em casa é, de fato, sinônimo de “segurança”? Para qual ou para qual(is) parcela(s) da sociedade? Guasso e Branco (2021), no mesmo livro, em texto intitulado “Quando ficar em casa (não) é opção: os efeitos de sentido em movimento sobre a palavra ‘casa’ na pandemia” discutem tal questão, via funcionamento do discurso midiático. As autoras observaram os ditos e os não-ditos (apagamentos) sobre o verbete “casa” nas mídias sociais e no dicionário, e como esses produziram sentidos. “Estar em casa” passou a significar de modo particular na pandemia, pois “provocamos uma contradição: como sentir-se à vontade quando não se está em segurança?” (2021, p. 282). Conforme os pesquisadores, foi na pandemia que dados alarmantes como o aumento da violência doméstica contra a mulheres e crianças subiram exponencialmente, sendo os sentidos para “casa” e para “estar em casa”, enquanto sinônimo de lar, segurança, tranquilidade, (re)significados.

Trouxemos, também, a questão da contradição entre aqueles que seguiam o protocolo de isolamento social, mas que em determinado momento “furaram a bolha” saindo de casa, não usando máscara, “pagando para ver” ou apostando no que poderia acontecer. Além disso, discutimos sobre os negacionistas que minimizavam a pandemia, o vírus, as vacinas, muitos nem mesmo acreditavam, ou pior, negavam a luta para salvar vidas pelas medidas tomadas para afastar o vírus, questionando/desconsiderando a eficácia das vacinas, mesmo se servindo destas em alguma medida, o que também é contraditório. A contradição que se deu entre aqueles que lutavam desesperadamente contra o vírus e aqueles que o negavam apesar das evidências, como se pudéssemos ter essas duas opções. São sentidos e sujeitos que produzem efeitos e determinam o que pode ou não ser dito.

A contradição encontra-se neste lugar do dito e do não-dito. Nesse contraditório, a renúncia também encontra seu espaço, seja na preparação de verbetes, no isolamento social que nos obrigou a ficar em casa, no afastamento da escola que nos impôs o ensino remoto ou mesmo diante dos negacionistas, que em certa medida também preferiram renunciar à vacina, ao isolamento e apostar na sorte acreditando que estavam fazendo a melhor escolha, quando sabemos que não estavam, pois os resultados falavam/falam por si só. Renunciar exige abdicação, aceitação voluntária, abandono de uma ideia, resistência, perseverança, mesmo na contradição, diante do caos, de desafios inimagináveis, afinal, todos fomos afetados.

Referências

- Althusser, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1970/1996] 2007.
- Aurélio, Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 164.

Auroux, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução: Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1992] 2014.

Baldini, Lauro. **Cinismo, discurso e ideologia**. IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Barthes, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1981.

Biazus, Camila Baldicera. **Dicionário Compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade**. 2015. 284 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 28 de mai. 2022.

Guasso, Kelly; Branco, Natíeli. **Quando ficar em casa (não) é opção: os efeitos de sentido em movimento sobre a palavra “casa” na pandemia**. In: Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia. Orgs: Petri, Verli et al, 1a. Ed - Campinas, SP, Pontes Editores, 2021.

Guilhaumou, Jacques.; Maldidier, Denise.; Robin, Regine. **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Tradução de Carolina P. Fedatto e Paula Chiaretti. Campinas: Editora da Unicamp, [1994] 2016.

Guimarães, Eduardo. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002b.

Indursky, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: Indursky, F.; Mittmann, S.; Ferreira, M. C. L. F. (org.). Memória e história na/da análise do discurso. 1. ed. Campinas: Mercado de letras, 2011, v. 1, p. 1-335.

Joye, Cassandra.; Moreira, Marília. M.; Rocha, Sinara. S. D. **Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19**. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. e521974299-e521974299, 2020.

- Mariani, Bethânia. **Da incompletude do arquivo:** teorias e gestos nos percursos de leitura. *Revista Resgate*, v. 24, n. 1, p. 9-26, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8647082>. Acesso em: 25 de mai. 2022.
- Moreira, José Carlos. **História, memória e designação na/da língua: institucionalização do Curso de Francês da UFPR (de 1938 a 2020).** Tese de doutorado em Estudos Linguísticos - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.
- Nunes, José Horta. **O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários.** *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 52, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- Nunes, José Horta. **Dicionários:** história, leitura e produção. *Revista de Letras, Taguatinga*, v. 3, p. 6-21, 2010. Disponível em: https://journaldatabase.info/articles/dicionarios_historia_leitura_producao.html. Acesso em: 30 mai. 2022.
- Nunes, José Horta. A Invenção do dicionário brasileiro: transferência tecnológica, discurso literário e sociedade. **Revista de historiografia linguística**, v. 2, p. 159-172, 2013. Disponível em: <https://rahl.ar/index.php/rahl/article/view/71/0>. Acesso em: 22 de mai. 2022.
- Orlandi, Eni. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas: Edunicamp, 1988.
- Orlandi, Eni. **Ética e Política Linguística.** In: Orlandi, E. P. *Línguas e Instrumentos Linguísticos.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- Orlandi, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5 ed. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2007
- Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- Pêcheux, Michel. **Papel da memória.** In: Achard, P. et al. *Papel da memória.* Campinas (SP): Pontes, 1999. p. 49-57.
- Pêcheux, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

Pêcheux, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1988] 2014.

Pêcheux, Michel. **Análise automática do discurso**. Tradução: Eni P. Orlandi. In: Gadet, F.; Hak, T. (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, [1983] 2014.

Petri, Verli. **Um outro olhar sobre o dicionário**: a produção de sentidos. Santa Maria: PPGL Editores, 2010. 119p.

Petri, Verli.; Medeiros, Vanise. Gomes. de. **Da língua partida**: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. Revista Letras, v. 46, p. 43–66, 2013. Disponível em:<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11725>. Acesso em: 25 de mai. 2022.

Petri, Verli. **Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”**: projeto em curso e discurso. In: PETRI, Verli et al. (Org.) Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas, Pontes Editores, 2021, p. 21-46.

Petri, Verli et al. **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. (Orgs.), 1ª. ed. – Campinas: SP: Pontes Editores, 2021. 116p.

Riolfi, Claudia. Formacriação. **Revista Línguas e Letras**, Unioeste. v. 2, n. 1, 1ª. Semestre de 2001, p. 13-18.

Saddi, Luciana. Pandemia e pandemônios no Brasil, o valor da psicanálise. **Revista IDE**, São Paulo [online], 2020, v. 42, n.69, pp. 77-83. ISSN 0101-3106. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-31062020000100008&lng=pt. Acesso em: 20 de mai. 2022.

Surdi, Marcia Ione; Da Luz, Mary Neiva Surdi; Surdi, Mary Stela. **Representações sobre o sujeito-professor no contexto de pandemia**: o que os memes têm a nos dizer. In: Ditos e não-ditos:

¹⁶ O texto é da autora Verli Petri, mas, ao final dele, há depoimentos de participantes e o meu é um deles. Moreira, José Carlos (60. depoimento). In: Depoimentos: o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” e o desenvolvimento de sugestões de definição de verbetes por meio da “autoria compartilhada”, p. 40-43. In: Algumas reflexões sobre o “vocabulário da pandemia do novo coronavírus”: Projeto em curso e discurso (Petri, 2021, p. 21-46).

discursos da, na e sobre a pandemia. Orgs: Petri, Verli et al, 1a. Ed - Campinas, SP, Pontes Editores, 2021.

Zizek, Slavoj. (1989) **“Como Marx inventou o sintoma?”**. In: In: Zizek, S. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Vocabulário da pandemia do novo coronavírus. Santa Maria, RS: UFSM, 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 05 mar. 2023.

VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: PONTILHADOS ADJACENTES AO PROCESSO DE (DES)ORDEM DA(S) PALAVRA(S)

Elivélton Assis Krümmel
Kelly Fernanda Guasso da Silva

O pintor está ligeiramente afastado do quadro. Lança um olhar em direção ao modelo; talvez se trate de acrescentar um último toque, mas é possível também que o primeiro traço não tenha ainda sido aplicado. O braço que segura o pincel está dobrado para a esquerda, na direção da palheta; permanece imóvel, por um instante, entre a tela e as cores. Essa mão hábil está pendente do olhar; e o olhar, em troca, repousa sobre o gesto suspenso. Entre a fina ponta do pincel e o gume do olhar, o espetáculo vai liberar seu volume (Foucault, 1999, p. 3).

Mo(vi)mentos de (des)ordem: da dispersão à apreensão de efeitos de sentidos pandêmicos

Em seu funcionamento, os mo(vi)mentos de (des)ordem atravessa(ra)m constantes (pro)posições no empreendimento de (des)(re)alocar os efeitos de sentidos possíveis para determinadas palavras que permearam/permeiam os discursos acerca da pandemia de covid-19¹ no Brasil. Pode-se afirmar que as condições de produção pandêmicas provocaram movimentos inapreensíveis na ordem das coisas considerando-se, por exemplo, que ações

1 “A covid-19 é o nome oficial da doença provocada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Do acrônimo inglês COVID (de *coronavirus disease*), o termo faz ainda referência ao ano em que a doença foi pela primeira vez identificada (2019), mais precisamente no mês de dezembro na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei, com rápida disseminação por todo o país e, posteriormente, por vários países”. Disponível em: <https://www.volp-acl.pt/index.php/item/covid-19>. Acesso em: 05 jan. 2023.

simples do cotidiano precisaram ser reconfiguradas de modo a evitar e/ou reduzir a (re)contaminação pela doença, tanto que se problematizou durante algum tempo a imposição de um “novo normal”. Várias medidas de prevenção, por exemplo, foram e são discursivizadas no Brasil², mesmo a Organização Mundial da Saúde (OMS) tendo decretado o fim da pandemia. As reflexões aqui propostas partem desses mo(vi)mentos em (dis)curso.

Considerados esses mo(vi)mentos em discurso, na/pela interlocução do que diz Foucault (1999), entendemos que, no **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**³, de modo semelhante ao gesto do pintor, estabelecemos um modo particular de trabalho com a “[...] produção de efeitos de sentido, [...] de sentidos possíveis para a palavra” (Petri, 2020, p. 38-39) que, dadas as condições sócio-históricas pandêmicas, é resignificada. É no Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso que tomamos uma posição em detrimento de tantas outras possíveis, de modo a considerar “[...] o que está posto no social e os sentidos que estão em circulação no espaço midiático” (Petri, 2021, p. 30), e, por isso, focalizamos nossa atenção nos movimentos de sentidos, em constante (trans)formação, no espaço digital das mídias jornalísticas do Brasil, nos anos de 2020, 2021 e 2022.

À vista disso, também lançamos um olhar em direção ao modelo, conforme menciona Foucault (1999), pois mobilizamos uma memória discursiva do que é um instrumento linguístico⁴ e como pode ocupar um espaço de legitimidade enquanto “objeto técnico-histórico” e “técnico-tecnológico” a ler (Petri, 2021, p. 37). Nesse

2 Conforme o **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**, a “pandemia é causada por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente entre a população mundial”, entretanto, dadas as condições de produção de nosso discurso, se faz necessário fazermos um recorte geográfico: nosso trabalho contempla reflexões a nível de Brasil.

3 Disponível no *site* da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pode ser acessado no *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>.

4 Conforme Auroux (1992).

limiar, a partir do gesto de leitura e interpretação dos pesquisadores responsáveis pela elaboração de sugestões de definição para os verbetes, não propomos “acrescentar um último toque” aos efeitos de sentidos possíveis para os verbetes, visto que o **Vocabulário**⁵ compreende uma pintura inacabada, mas retomamos o seu processo coletivo de construção com o objetivo de refletir sobre ele, bem como sobre os sentidos que ele mobiliza.

De fato, inúmeras vezes, houve a necessidade de permanecer imóvel, em silêncio, “[...] entre a tela e as cores”, similarmente ao modo como Foucault (1999) descreve as condições de produção em funcionamento no trabalho de um pintor. Nesses instantes, cedemos espaço aos gestos de outras mãos que imprimiram seus gestos de autoria, e, em razão disso, as concessões necessárias representam os traços (des)alinhados necessários ao processo de escrita das sugestões de definição: se a mão é o prolongamento do braço, esses gestos são o prolongamento dos efeitos de coletividade depreendidos.

Nesse processo, as mãos estiveram pendentes do olhar que, em troca, repousou sobre o gesto em suspenso, pois também permanecemos afastados, de modo a imprimir sutis evasivas como forma de concessão. Na metáfora proposta, enquanto “pintores”, na singularidade da posição ocupada, é como se cada um “[...] não pudesse ser ao mesmo tempo visto no quadro em que está representado e ver aquele em que se aplica a representar alguma coisa” (Foucault, 1999, p. 4), uma vez que transitamos entre o lugar do leitor e do autor. O **Vocabulário** é, por assim dizer, um objeto no qual se observa a invisibilidade necessária ao gesto singular das mãos: em cada sugestão de definição reside o “[...] esconderijo essencial onde nosso olhar se furta a nós mesmos no momento em que olhamos” (Foucault, 1999, p. 4), espaço no qual estão sobrepostos olhares e gestos.

5 A fim de desfazer repetições, doravante, quando dissermos **Vocabulário** estaremos versando acerca do **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**.

Dessa forma, empreende-se uma proposta de (des)ordem dos sentidos para os verbetes “resistência”, “reinvenção” e “resiliência”, ou, dito de outro modo, mo(vi)mentos de (des)ordem, afinal, nas mídias jornalísticas, há um constante movimento de produção de sentidos para as palavras que afeta(ra)m/atravessa(ra)m os discursos acerca da pandemia no Brasil. Em razão disso, está em funcionamento, no **Vocabulário**, um processo de interlocução guiado pela possibilidade de definição que é atravessada pelo gesto de leitura e de interpretação de inúmeros pesquisadores. Para tanto, balizamos teoricamente nossas reflexões a partir da Análise de Discurso, preconizada por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil, também com vistas à História das Ideias Discursivas (Orlandi, 2018). Desse lugar teórico, o movimento de discursos e de sujeitos é fundamental para a apreensão dos sentidos, isso porque (assim como não avistamos a completude e/ou a saturação), não há estagnação de saberes, mas sim uma (re)construção constante em um movimento pendular⁶ que se (re)configura na/pela própria discursividade.

A seguir, então, tentamos explicitar como, no **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**, conforme menciona Petri (2021, p. 27), há um trabalho de “[...] elaboração de verbetes com sugestões de definições” que se dá por meio da “[...] escuta sensível dos envolvidos, uma escrita compartilhada e uma noção de provisoriedade dos sentidos”, com o objetivo principal de produzir divulgação científica nos/pelos “[...] movimentos de sentido entre a produção do saber científico e a possibilidade de divulgação para a sociedade”. Além disso, propomos uma reflexão sobre como o trabalho com instrumentos linguísticos⁷ demanda extrapolar os seus

6 Conforme Petri (2013, p. 40).

7 Foram consultados os dicionários impressos **Novíssimo Dicionário Ilustrado** (El-Khatib, [1971] 1980), **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** (Ferreira, 1975) e **Novíssimo Dicionário Fundamental da Língua Portuguesa** (Garcia, 1978). E também os dicionários *online* **Houaiss** (Houaiss; Uillar, 2001) e **Caldas Aulete** (Aulete; Valente, s.d.).

próprios limites, de modo a desfazer o ilusório imaginário de que compreende algo da ordem do acabado.

Pul(sen)sações: são tão fortes as coisas⁸!

O acontecimento tira sua novidade paradoxal por estar ligado ao dito re-dito, ao dito fora de contexto, fora de propósito. Impropriedade da expressão que é também uma superposição indevida dos tempos. O acontecimento tem a novidade do anacrônico. E a revolução, que é o acontecimento por excelência, é por excelência o lugar em que o saber social se constitui na denúncia da impropriedade das palavras e do anacronismo dos acontecimentos (Rancière, 1994, p. 39).

Na conflagração dos sentidos emergem as pul(sen)sações de um acontecimento histórico que demanda discursividade. Com a pandemia, pela confluência de discursos, sob a forma específica de um deslocamento de efeitos de sentido, houve a constante necessidade de re-dizer sobre como as condições de produção afetaram os modos de (con)viver em sociedade. Presos ao anacronismo de um tempo de suspensões, esse re-dizer deslocou os sentidos possíveis para as coisas, para as palavras. Imersos e guiados pelas incertezas do (des)tempo, experimentamos uma forma particular de discursivização e, por algum tempo, na estagnação de um presente que insistiu em se alongar, compartilhamos da compreensão de Rancière (1994, p. 40): “[...] o que explica as palavras, é o que não é mais palavras”, afinal, foram muito fortes as coisas.

Em espaço (trans)formado por mudanças contínuas, por efeitos de domínio provocados pelo embate entre a pulsação da vida e da morte, a partir do dia 11 de março de 2020, devido à emergência de saúde pública e sua importância internacional, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Abhanom Ghebreyesus, anunciou que a covid-19, doença causada pelo novo coronavírus,

8 Inspirados pelos versos de Carlos Drummond de Andrade, no poema “Nosso Tempo”, o qual convoca a noção de “pulsão” desenvolvida por Freud.

caracterizava-se como uma pandemia. Desde então, mobilizados no/pelo Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso, por meio de uma “partilha do sensível” (Rancière, 2005), propusemos modos outros de re-dizer sobre as palavras, dados os gestos de leitura e de interpretação, carregados, muitas vezes, pelos traços de lamentação devido, justamente, ao fortalecimento da pul(sen)sação da morte e seu prematuro triunfo sobre a vida.

Contudo, é nesse mesmo espaço que encontramos o conforto necessário para seguirmos com o intuito de transpor “[...] uma nuvem espessa de palavras a dissipar” (Rancière, 1994, p. 41), porque essa (des)ordem constitui, em nossa compreensão, um movimento necessário para também investir um olhar sobre as condições materiais de existência do sujeito, em um batimento (de)marcado pelo barulho do silêncio e o silêncio do barulho. De um lado, a pul(sen)sação de morte contribuiu para a instalação de um silêncio emergente do movimento coletivo de luto, em meio à conflagração de mortes e à presença dolorosa de uma tragédia que, por outro lado, provocou um barulho que, contraditoriamente, parecia abafado pelo tecido negacionista que revestiu o Brasil por muito tempo.

Nessas condições de produção do(s) discurso(s) acerca da pandemia, a pul(sen)sação de morte emanou de um movimento de desinvestimento e abandono, aparição onipresente. Vibrações de invisibilização sobrepujaram os espaços e – em nosso país – assistimos, atônitos, ao sepultamento de uma nação despedaçada, (re)constituindo fronteiras e simulacros em uma sociedade convertida em números... em porcentagens... em dados. Na contramão, contudo, seguimos. O **Vocabulário** também compreende o resultado de um movimento de (re)existência frente ao cenário imposto. Por muito tempo, trabalhamos em meio aos rastros de destruição deixados por esse momento sócio-histórico, atravessados e sensibilizados pela obscuridade que insistia em obstruir o caminho em direção ao porvir.

Diríamos que, de certa forma, fomos tomados pela fascinação nostálgica necessária para, via pesquisa científica, impulsionar a pul(sen)sação de vida imprescindível, com o propósito de deslocar os sentidos da morte, quase em uma tentativa de contorná-los, porque (sobre)viver exigiu (re)atualização e, nessa direção, diante da sublimação de sentidos em circulação no espaço midiático, estabelecemos um lugar específico para compreender como as palavras também (re)existiram, contornaram os sentidos em mo(vi)mento que condenavam o sujeito à sucumbência.

Alguns contornos a partir da teoria discursiva: pontilhados sobre posição-autor, efeito-leitor e posição-revisor

Não serei o poeta de um mundo caduco / Também não
cantarei o mundo futuro / Estou preso à vida e olho meus
companheiros / Estão taciturnos, mas nutrem grandes
esperanças / Entre eles, considero a enorme realidade / O
presente é tão grande, não nos afastemos / Não nos
afastemos muito, vamos de mãos dadas [...]
(Andrade, 1977, p. 55).

Conforme explicitado, as condições de produção que permeiam nossas reflexões estão atravessadas pela pandemia: ainda sofremos as suas consequências, sobretudo em um país (in)conformado com o engendramento antagônico de (di)visões entre “[...] o sujeito na relação consigo mesmo e com o outro” (Orlandi, 2017, p. 14). Em razão disso, nosso empreendimento abarca um presente hostil que desordenou todas as coisas. Em alguns momentos, ficamos imóveis diante da realidade que nos apavorou, já que a pul(sen)sação da morte rondava nossos dias, em outros, voltamos a nos movimentar, trabalhamos muito, respeitamos o isolamento social, bem como todas as demais medidas necessárias para evitar a proliferação do vírus e a confluência desses mo(vi)mentos demandou uma tomada de posição frente à realidade que conclamava sentidos.

Nesse caminho, para além das relações de afeto mais próximas, a manutenção dos laços acadêmicos nos fortaleceu e mostrou que,

enquanto Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso, poderíamos agir coletivamente e, de “mãos dadas”, com “grandes esperanças”, movimentar discursos e problematizar os efeitos de sentido produzidos na/pela mídia sobre a pandemia da covid-19. Nesse espaço de desfronterização – porque permanecemos em nossas casas –, (re)organizamos modos de mobilizar e colocar em circulação saberes em um **Vocabulário** por meio da “[...] materialização da voz em sentidos, do gesto da mão em escrita, em traço”, espaço em que “[...] sentido e sujeito se constituindo ao mesmo tempo” (Orlandi, 2017, p. 33), (con)tornaram em seus pontilhados a compreensão diante da ressignificação das palavras que (re)vestiram a formulação, constituição e circulação do discurso midiático brasileiro.

Dadas essas condições, então, formulou-se o **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**: ele é uma tomada de posição – dentre outras possíveis – no discurso⁹. Trata-se, consideradas as posições assumidas pelos pesquisadores, do resultado de uma interpelação¹⁰ e da identificação com a Formação Discursiva¹¹ que nos constitui(u) enquanto sujeitos. Há que se destacar, a Formação Discursiva, como define Malidier (2003, p. 52, grifo da autora), concerne “[...] o que pode e o que deve ser dito [...] em uma formação ideológica definida, isto é, a partir de uma posição de classe no seio de uma conjuntura dada”, e, em razão disso, entendemos que “[...] os sentidos sempre podem ser plurais” (Orlandi, 2017, p. 241),

9 “[...] o termo discurso, [...] não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, [1969] 2014, p. 81, grifos do autor).

10 “[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a Formação Discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 150).

11 “[...] o próprio de toda Formação Discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa Formação Discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ (ça parle) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (Pêcheux, [1975] 2009), p. 149, grifos do autor).

deslocando nosso lugar na produção do conhecimento na/pela concessão ao gesto de leitura, interpretação e escrita de outros sujeitos e o “[...] efeito de sua intervenção” (Orlandi, 2017, p. 241).

Confrontamos, em nossa prática, a presença e a ausência da distância, posto que nosso trabalho demandou romper com o distanciamento físico necessário para, por meio do espaço digital, repensamos as fronteiras até então impostas pela exigência de uma presencialidade que, esfacelando-se, sobremaneira devido à emergência constitucional do espaço da *internet*, eliminou, consideradas as materialidades midiáticas sobre as quais concentramos nossa atenção, “[...] os laços hierárquicos verticais, as mediações”, dado o “[...] processo de democratização, laços horizontais, entre iguais”, de modo a eliminar “[...] as discriminações que advém das hegemonias, das escolhas institucionais dominantes” (Robin, 2019, p. 22).

Presos à vida e na forma com que olhamos nossos companheiros, inspirados pelos versos de Andrade (1977), então, prezamos pela criação de um instrumento linguístico no qual não houvesse o “[...] direito de controle sobre a palavra” (Robin, 2019, p. 22), mas a mediação de efeitos de sentido em circulação – incontroláveis, voláteis, mas passíveis de apreensão –, (re)pensados na formulação de sugestões de definição de palavras caminhantes que seguem o seu curso, porque não há divisas que estanquem essa deriva. Nessa perspectiva, por que não considerar o **Vocabulário** como um lugar no qual afloram “discursividades contemporâneas” (Nunes, 2007)? Há, afinal, novas discursividades que estão atreladas à pandemia enquanto acontecimento, e, por isso, esse artefato de leitura, diferente dos dicionários que visam à estabilização dos sentidos, concentra a instabilidade dos modos de significação de verbetes na/pela “[...] ligação entre palavras e coisas [que] não estão estritamente ajustadas” (Nunes, 2007, n. p., acréscimo nosso).

Nesse esforço de compreender o que produzimos, Petri (2021, p. 30-31, grifo da autora) colabora com as nossas reflexões quando

destaca que o **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**¹² demanda um processo constante de discussões e (re)tomadas, uma vez que é:

[...] um artefato de leitura já disponibilizado no *site* da UFSM, privilegiando uma linguagem acessível a todos, com raras inserções de jargões científicos, promovendo a negociação de sentidos entre sujeitos, instaurando o político no seio do grupo que elabora os verbetes e abrindo espaço de interlocução com os consulentes que fazem uso da plataforma tecnológica para entrar na elaboração [...] com sugestões de verbetes, de sentidos e de fontes de consulta.

Contudo, é esse mesmo processo de interlocução contínua que desnuda “[...] uma migração de sentidos, da qual resultam transferências e deslocamentos na passagem de um a outro discurso” (Nunes, 2007, n. p.), dado que a pandemia colocou em funcionamento, no espaço midiático brasileiro, um borbulhamento de formas de tomada de posição na realidade social. Nesse processo, compreendemos que os sujeitos, ao discursivizarem nesse artefato de leitura, assumem uma posição-autor e esta, por sua vez, se atravessa pelo efeito-leitor, já que “[...] a posição-autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor). O que, em análise de discurso, está subsumido pelo chamado efeito-leitor” (Orlandi, 1996, p. 74). Por conseguinte, o sujeito assume a posição de autor¹³ ao produzir verbetes que sugerem definições da/na/sobre a pandemia com o intuito de manter certa unidade de sentido.

A organização desse processo de escrita se dá, no **Vocabulário**, por meio da “autoria compartilhada” (Biazus, 2019), posto que faz

12 Para compreender de maneira mais detalhada o trabalho com o **Vocabulário** no interior do Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso, sugerimos a leitura do texto de Petri (2021), intitulado “Algumas reflexões sobre o ‘Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus’: projeto em curso e discurso” e do texto de Denardi, Silva e Flores (2022), intitulado “O Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus: algumas reflexões sobre o arquivo”.

13 O autor é “[...] responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo um efeito de continuidade do sujeito” (Orlandi, 1996, p. 69).

ver o “movimento de coautoria” (Silva, 2021) e mostra que a escritura se constrói conjuntamente/coletivamente, isto é,

[...] no “movimento de coautoria”, as tomadas de posição se mesclam, coautores formulam/reformulam, costumam juntos e são, juntos, responsáveis pela unidade do texto. Não se pode saber ao certo onde estão as formulações de um e/ou outro no discurso. O que se mostra como um processo complexo de escritura (Silva, 2021, p. 82, grifos da autora).

Desse modo, não há marcações explicitadas nos verbetes que permitam a identificação de qual autor os escreveu, as (re)formulações são resultado de uma escrita que demanda a coletividade. Apenas há a apresentação das fontes (notícias divulgadas pela mídia jornalística) que serviram como ponto de partida para a elaboração das sugestões de definição dos verbetes e, por isso, são retirados os exemplos. Tem-se um funcionamento de citação direta e, concomitantemente, sugere-se ao leitor possibilidades de leitura e interpretação, ao indicar as respectivas fontes e seus *links*. Ademais, o trabalho de elaboração das sugestões de definição dos verbetes ocorreu de modo virtual, visto que a pandemia demandou, conforme sublinhamos, medidas de distanciamento social. Para tanto, agendamos reuniões quinzenais via *Google Meet* para empreender discussões gerais com todo o grupo e também compartilhamos, via *Google Drive*, documentos que permitiram a inserção de pequenas problematizações com o propósito de entrelaçar ajustes na escritura quando necessário.

Nesse movimento de produção de efeitos de sentido da/na/sobre a pandemia, além da posição-autor e do efeito-leitor, há a figura imprescindível do papel do revisor¹⁴ de texto, interpelado, dadas as condições de produção específicas desse **Vocabulário**, pelo arcabouço teórico da Análise de Discurso e, em razão disso, ele assume uma posição-revisor, lugar de entremeio atravessado pelo efeito-leitor que, de maneira mais ou menos consciente, busca

14 Papel desempenhado voluntariamente por integrantes do Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso.

“acomodar” (para além das questões gramaticais e de estilo/formatação) as formações imaginárias¹⁵ que circundam o processo de elaboração dos verbetes.

Os pontilhados são adjacentes ao processo de (des)ordem das palavras, conforme enunciamos em nosso título, porque consideramos essas posições e sua importância no processo de elaboração das sugestões de definição dos verbetes. Há pontilhados porque se faz necessário tecer pontos que emendam o bordado do texto e, assim, reforçam a costura dos sentidos. Nesse movimento, ao ocupamos a posição-autor, somos atravessados pelo efeito-leitor e também assumimos a posição-revisor, lugar em que se dá a leitura e a adequação do texto, mesclando certo cuidado que passa pela verificação da digitação, da formatação, da ortografia, da sintaxe, da coesão e coerência – para citar alguns exemplos – até chegar ao sentido e o que ele pode implicar. Nessa posição de revisor, é preciso enfatizar, o sujeito problematiza a unidade do texto, se questiona sobre os efeitos de sentido convocados, pesquisa fontes, verifica repetições e sugere adequações quando necessário¹⁶. O revisor não se coloca em um lugar privilegiado de conhecimento, ele não sabe tudo, mas ele tem certo distanciamento do texto/verbeito produzido e, justamente, é desse lugar do outro que ele trabalha, tentando interferir minimamente na formulação.

15 Pêcheux ([1969] 2014, p. 82) preconiza que o processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias que projetam antecipações não só em relação a quem fala, mas também em relação a quem lê. Tais antecipações giram em torno de questões como: “Quem é ele para que me fale assim?”; “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”; “Quem sou eu para lhe falar assim?”; “Quem sou eu para que ele me fale assim?”.

16 Na prática, o revisor não toma decisões sobre o texto do outro, ele sugere alterações – por meio da ferramenta de revisão do *Word* – deixando marcadas as alterações ou inserindo balões de comentário ao autor, este por sua vez poderá aceitar ou não as modificações.

Em (des)tempos de (dis)junções: o Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus e a constituição de um arquivo

Calo-me, espero, decifro. / As coisas talvez melhorem. /
São tão fortes as coisas! / Mas eu não sou as coisas e me
revolto. / Tenho palavras em mim buscando canal, / são
roucas e duras, / irritadas, enérgicas / comprimidas há tanto
tempo, / perderam o sentido, apenas querem explodir
(Andrade, 1967, n. p.).

Desde 2020, quando a pandemia do novo coronavírus produziu uma (des)ordem nas discursividades no mundo, fomos afetados pelos modos de compreensão acerca da realidade social na qual estávamos inseridos. Com a proposta de elaboração do **Vocabulário**, encontramos um espaço no qual também conseguimos direcionar as palavras que clamavam discursivização: “roucas”, “duras”, “irritadas”, “enérgicas”, não é demais afirmar que queriam, definitivamente, “explodir”. É, pois, devido às mudanças e aos seus efeitos que a relação entre o sujeito e a linguagem também provocou alterações no conhecimento e, talvez mais do que nunca, nas novas formas de leitura no espaço digital ocupado pelos veículos da imprensa nacional.

De certa forma, com a congregação de inúmeros pesquisadores, vinculados a 10 diferentes instituições de ensino superior brasileiras, também experimentamos novas formas de subjetividade no/pelo contato com arquivos que evidenciavam ou apagavam determinados sentidos em detrimento de tantos outros. Sem pretensões de completude ou de totalidade, o trabalho colaborativo proporcionou a construção de um arquivo em processo que se forma/compõe “[...] ao legitimar certos saberes para que não sejam esquecidos, construindo uma unidade institucionalizante estabilizada das coisas-a-saber” (Dias, 2017, p. 269).

Há que se destacar, um arquivo pode ser entendido como “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux, [1982] 2014, p. 59). No instrumento linguístico que produzimos, percebemos esse funcionamento. De fato, há um

processo de produção de sentidos sobre as palavras e as práticas linguageiras que apreende o que, na pandemia, permite observar como “[...] os sentidos circulam em nosso dia a dia, sem compromisso com uma regularidade qualquer”, em um “[...] momento histórico-social no qual é possível tomar o discurso como estabilizado” (Petri, 2019, p. 230). Tal conjuntura precede a constituição de um artefato que diz muito do tempo que vivenciamos, momento em que, definitivamente, “[...] o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo” (Dias, 2016, p. 9), resignificando-se enquanto o lugar que permitiu, consideradas as medidas de distanciamento social, ao homem e aos sentidos fazerem seus percursos no/pelo discurso “[...] no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade (Orlandi, 1999, p. 53).

Isso posto, entendemos que os sentidos em circulação no espaço midiático conferem uma possibilidade de reflexão sobre “[...] sua constituição enquanto saber linguístico em transformação” (Petri, 2021, p. 29). A própria nomeação de **Vocabulário** permite “[...] abrir um pouco mais de espaço para o múltiplo, para a polissemia, para a metáfora”, em virtude de não haver um compromisso exacerbado com “[...] o controle de sentidos de uma palavra ou expressão” (Petri, 2021, p. 24), porque a própria materialidade desse arquivo “[...] é aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro, que faz com que ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade” (Dias, 2015, p. 973). Há um efeito de unidade porque nesse instrumento linguístico comparece “[...] o funcionamento de arquivo, um arquivo digital sobre a pandemia, já que ele se constitui como uma fonte que disponibiliza /veicula/publica/compartilha palavras e expressões, que por meio de verbetes, em constante movimento de sentidos tomam outros lugares, e significam diferente” (Denardi; Silva; Flores, 2022, p. 339, grifos dos autores).

Contudo, para que houvesse a efetivação desse empreendimento, isto é, a construção desse **Vocabulário** e, posteriormente, a constituição desse arquivo, um grande esforço precedeu delimitações imprescindíveis, uma vez que não consultamos enciclopédias, dicionários, glossários ou outros vocabulários. Detivemo-nos na mídia digital escrita e, a partir dela, também confeccionamos¹⁷ um arquivo maior do qual são retirados os exemplos que apresentamos em cada uma das sugestões de definição dos verbetes, visto que são eles que antecedem o processo de escrita dos autores. O espaço digital, nessa direção, capta o sujeito que assume a posição-autor, atravessa as relações e as articulações entre a filiação teórica e a realidade social e, por isso, engendra uma porta de entrada para o acesso ao(s) discurso(s) que versava(m) sobre a pandemia.

Nesse movimento da formulação, em diversas vezes, emergiram a dificuldade, o equívoco e a falha na nomeação. Por algum tempo, (re)pensarmos na questão do nome, afinal, conforme já destacado por Petri (2021, p. 23), estivemos diante da “[...] saturação de modos de nomear que referendam a existência de instrumentos linguísticos que ora se tocam, ora se distanciam e ora se recobrem parcialmente”. Em razão disso, para chegarmos ao **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**, tal como está disposto no *site* da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e publicado em formato de livro¹⁸, perpassamos pela seleção de palavras que produziram, naquele momento, um efeito de especificidade necessário para a constituição de um instrumento

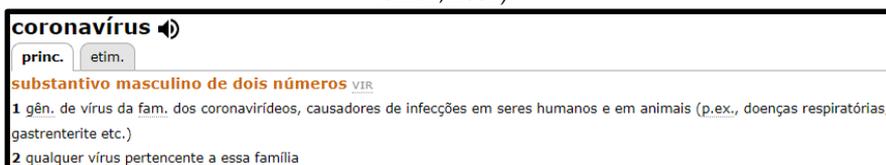
17 Elegemos essa palavra porque acreditamos que, em nosso trabalho de elaboração de sugestões de definição para os verbetes, precisamos reunir o necessário para produzir um vocabulário que, em sua materialidade, está constituído por diversas posições-sujeito, conforme destacamos, ocupadas por diversos sujeitos que imprimem gestos de leitura e interpretação e, por meio da “autoria compartilhada”, delineiam percursos de significação em um objeto que concentra muito da memória e da história desse (des)tempo, em suas (dis)junções.

18 Cf. Petri, Verli; Surdi, Marcia Ione; Severo, Robson (Orgs.). **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**. 1. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

técnico-científico de divulgação para a sociedade. Isso pode ser verificado, por exemplo, se focalizamos nossa atenção sobre a definição do verbete “coronavírus”, apenas para ilustrar.

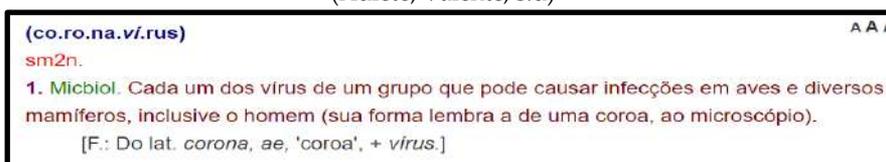
Para essa rápida intervenção em nosso texto, buscamos pelo verbete “coronavírus”, em três dicionários impressos aos quais temos acesso, quais sejam: o **Novíssimo Dicionário Ilustrado** (El-Khatib, [1971] 1980), o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** (Ferreira, 1975) e o **Novíssimo Dicionário Fundamental da Língua Portuguesa** (Garcia, 1978). Em nenhum deles conseguimos localizar a entrada para o verbete “coronavírus”. Em contraste a isso, já os dicionários *online* **Houaiss** (Houaiss; Uillar, 2001) e **Caldas Aulete** (Aulete; Valente, s.d.) apresentam a entrada e sua definição, conforme mostram as figuras 1 e 2:

Figura 1 - Definição do verbete “coronavírus” no **Dicionário Houaiss** (Houaiss; Uillar, 2001)



Fonte: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3. Acesso em: 11 jan. 2023.

Figura 2 - Definição do verbete “coronavírus” no **Dicionário Caldas Aulete** (Aulete; Valente, s.d)



Fonte: <https://www.aulete.com.br/coronav%C3%ADrus>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Diante desta ausência do verbete nos dicionários impressos dos anos 1970 e da sua presença nos dicionários *online* da atualidade, refletimos sobre essa presença/ausência, uma vez que se constata – buscando mais informações em fontes especializadas sobre o assunto – que a família dos coronavírus já é conhecida há bastante

tempo pelos cientistas, entretanto, essa palavra não figurava nos discursos contemporâneos com muita constância, apenas naqueles específicos da área da saúde. Verificamos que o(s) sentido(s) sobre coronavírus agora abarca(m) tudo o que envolve a pandemia de covid-19 e isso indica, portanto, um índice de uma “discursividade contemporânea” (Nunes, 2007, n. p.):

As discursividades contemporâneas podem ser consideradas como uma forma do discurso do novo, no qual se dá a instituição de novos sentidos. Elas são próximas, portanto, dos discursos fundadores, na medida em que eles trabalham a passagem do sem-sentido ao sentido (cf. Orlandi, 1993, p. 11). As novas discursividades, entrelaçadas aos acontecimentos, se mostram como lugares de instabilidade, nos quais as ligações entre as palavras e as coisas não estão estritamente ajustadas. Os equívocos são mais visíveis e as nomeações falham (Nunes, 2007, n. p.).

Ao longo de nossa incursão no **Vocabulário**, das pesquisas e das discussões empreendidas pelo Grupo PALLIND – Palavra, Língua e Discurso, diversos foram os sentidos problematizados por serem entendidos como instáveis. E nossa preocupação com a língua em movimento girava em torno de questões como: acesso, entendimento e comprometimento com as medidas para evitar a proliferação do vírus, etc. Questionamos, por exemplo: quem tem acesso ao que é veiculado pela mídia está entendendo o que lê? Qual será o comprometimento de uma pessoa com as medidas de prevenção da contaminação pelo vírus da covid-19 se ela não compreende o que está sendo veiculado na mídia?

O trabalho no **Vocabulário** é de divulgação e democratização dos saberes científicos. A figura 3, a seguir, demonstra a definição do verbete “coronavírus” no **Vocabulário**:

Figura 3 - Definição do verbete “coronavírus” no **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**

Coronavírus são uma família de vírus já conhecidos há bastante tempo por provocarem infecções respiratórias em seres humanos e em animais. O novo coronavírus causa a covid-19 que pode apresentar como sintomas iniciais tosse seca, dificuldade para respirar e febre, evoluindo, em alguns casos, para consequências mais graves como, por exemplo, pneumonia e, em casos mais extremos, até a morte. **Exemplo:** “Covid-19, Sars, Mers: as síndromes respiratórias causadas por coronavírus. Das sete categorias de coronavírus que causam enfermidades em seres humanos, estas três são as responsáveis pelos quadros mais graves” (**Revista Galileu**). Os coronavírus recebem esse nome porque têm forma de coroa (do latim, *corona* = coroa + vírus). **Exemplo:** “Apesar da situação atual, o coronavírus não é recente. Os primeiros coronavírus humanos foram identificados em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do seu formato, parecendo uma coroa” (**Secretaria da Saúde do RS**). A Organização Mundial da Saúde (OMS) soube da existência de um novo coronavírus com sintomas e complicações mais graves, o SARS-CoV-2, em 31 de dezembro de 2019, e a partir de 11 de março de 2020 determinou o estado de pandemia, já que esse novo vírus foi identificado em várias partes do mundo. **Exemplo:** “A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que vivemos uma pandemia do novo coronavírus, chamado de Sars-Cov-2” (**Veja Saúde**). O novo coronavírus, tratado cientificamente de SARS-CoV-2, causa a doença chamada de covid-19, que pode ser transmitida diretamente de uma pessoa infectada para outra não-infectada, por gotículas de tosse ou espirro transportadas pelo ar, e/ou indiretamente, quando uma superfície infectada é tocada, e, em seguida, as mãos são levadas aos olhos, à boca ou ao nariz. **Exemplo:** O novo coronavírus causa a doença chamada de Covid-19, sigla para Coronavírus Disease 2019. Portanto, Covid-19 é a doença causada pelo SARS-CoV-2, ou novo coronavírus, que causa sintomas como febre, cansaço, tosse seca e falta de ar” (**Educa Mais Brasil**). Os efeitos do novo coronavírus podem ser prevenidos com o uso de máscaras, distanciamento social e a correta higienização das mãos. A vacinação contra a covid-19 pode diminuir os efeitos que esse vírus pode causar no organismo humano, reduzindo as chances de internações e mortes. **Exemplo:** “No contexto da pandemia da Covid-19, o Ministério da Saúde reafirma seu compromisso com a vida atuando para vacinar todos os brasileiros. Para vencer o coronavírus a premissa é uma só: Brasil unido por uma Pátria vacinada” (**Ministério da Saúde**).

Fonte: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Um pouco dessa (des)ordem da(s) palavra(s): o vai-vem de sentidos sugeridos no Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus

O consulente/leitor, ao acessar o **Vocabulário**, para além das sugestões de definição de cada verbete, encontra sugestões de fontes que podem auxiliá-lo na compreensão dos sentidos em circulação, podendo valer-se (ou não) desse movimento “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019) para “ampliar” o seu entendimento sobre o assunto. Entretanto, é imprescindível destacar que o **Vocabulário** não pretende controlar os sentidos, mas sim colocá-los em movimento, permitindo assim associações, aproximações, distanciamentos e/ou contrastes de sentido.

Com esta leitura, dentre as tantas possibilidades de abordarmos o funcionamento do **Vocabulário**, propomos observar um pouco do movimento “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019) em ação a partir dos verbetes “resistência”, “reinvenção” e “resiliência”, justamente por tais palavras reverberarem múltiplos sentidos do/no discurso produzido nestes tempos pandêmicos. Não só quem ficou doente, quem perdeu entes queridos, quem trabalhou na linha de frente no tratamento dos contaminados pelo vírus SARS-CoV-2 – para citar alguns exemplos –, mas todos que ficaram em casa, que tomaram a vacina e que se protegeram (para proteger o outro) precisaram ser resistentes, precisaram se reinventar e precisaram ser resilientes. Mas o que tais verbetes podem significar?

A partir dos verbetes, chamamos a atenção para o movimento “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019) propriamente dito, o qual destacamos a partir do quadro 1 a seguir, que se compõe de trechos dos verbetes nos quais há referência a outro verbete:

Quadro 1 - O movimento “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2019) a partir dos verbetes “resistência”, “reinvenção” e “resiliência”

Verbetes “resistência”

[...] Resistência significa, ainda, protesto, denúncia e necessidade de reinvenção. Devido às implicações do ensino a distância, do ensino remoto e do sucateamento da educação pública, tanto os professores quanto os alunos precisaram desenvolver novos métodos de ensino e aprendizagem durante a pandemia. No entanto, em muitos dos casos, isso foi ineficiente, causando insatisfações dos alunos.

Exemplo: “Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para ‘aprender de verdade’ em 2021. [...] ‘Não aprendi uma gota de matéria em 5 meses. Em 4 meses, não vou conseguir recuperar. Não é suficiente para aprender a matéria toda de um ano. O Enem que vou fazer em janeiro vai ser por teste de resistência, porque eu não tenho condições de fazer. Não é que vou tomar bomba, eu só vou realmente fazer meu terceiro ano, ano que vem. Aprender de verdade para ter condições de fazer um Enem decente, digno” (BBC) [...].

Verbetes “reinvenção”

[...] o mundo reinventou-se. Há, daqui em diante, um outro mundo: o pós-pandêmico. A reinvenção está relacionada com o processo de resiliência. **Exemplo:** “[...] Primeiro, que somos resilientes, ou seja, a maioria de nós conseguiu se reinventar e recriar nossas vidas da melhor maneira possível durante a quarentena” (BBC) [...].

Verbetes “resiliência”

[...] a palavra é utilizada para referenciar a capacidade que as pessoas têm de adaptação às mudanças, a resistência que desenvolvem diante das situações de pressão, ou mesmo a superação que alcançam frente aos obstáculos cotidianos. [...] **Exemplo:** “‘Temos que aproveitar esse momento, por mais difícil que possa parecer, para trabalhar a nossa resiliência. Essa capacidade do ser humano de superar uma experiência traumática e, graças a essa superação, ser capaz de atingir um nível de desenvolvimento pessoal que ele não teria acesso se não tivesse enfrentado esse episódio’, afirma a psicóloga Patrícia Salvador Barata” (BBC) [...].



Fonte: Elaboração nossa.

Os verbetes “resistência”, “reinvenção” e “resiliência” se puxam, se convocam, se atravessam, o que demonstra o movimento “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019). Isso quer dizer que o consulente/leitor pode aceitar a sugestão de ler as definições desses verbetes e assim complementar os sentidos possíveis para cada palavra em sua singularidade. As palavras podem ser lidas uma após a outra ou a leitura pode se mesclar em um vai-e-vem, o(s) movimento(s) resulta(m) da decisão¹⁹ do consulente/leitor no momento em que se depara com o texto no *site*. Ademais, cabe ressaltar que os verbetes que se puxam não se fecham em suas significações, eles se ampliam e expandem as possibilidades de leitura/interpretação/produção de sentidos, assim sendo, demonstramos, no quadro 1, que “resistência” puxa “reinvenção” que por sua vez puxa “resiliência”, contudo cada um desses verbetes puxa muitos outros que compõem o **Vocabulário**.

A figura 4, a seguir, ilustra o movimento “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019) dentro do verbete “resistência”:

Figura 4 - Definição do verbete “resistência” no **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**

Resistência é a forma com que as pessoas, na pandemia, enfrentam o novo coronavírus, evitando a contaminação. Como ato de resistir, implica no desenvolvimento de estratégias e posicionamentos para driblar o contágio. **Exemplo:** “A moradora de Macaé (RJ) Polyanna Linhares, de 28 anos, está acostumada a passar o Natal na casa da tia com mais ou menos vinte pessoas. Para o fim de 2020, no entanto, a família mudou a tradição. ‘Estamos agora há praticamente sete meses sem nos ver. São pessoas de quatro casas diferentes, que vão passar o Natal cada um na sua. Aqui em casa seremos eu, meu pai, minha mãe (que são idosos), minha irmã e meu sobrinho’. [...] Ela diz que a festa virtual não é o que gostaria de fazer, idealmente, mas foi a melhor opção encontrada para proteger a família” (BBC). Resistência é um modo de combate. Na pandemia, muitas pessoas têm lutado para combater e denunciar o avanço das notícias falsas (*fakenews*), sobretudo em relação à imunização. **Exemplo:** “Influenciados por mentiras sobre imunização, familiares lutam para convencer parentes a receber a primeira dose do imunizante. [...] Quando a mãe da pesquisadora Juliane Juski

¹⁹ Clicando sobre a palavra destacada, o leitor/consulente será direcionado para o verbete selecionado e poderá conferir a sua definição e os seus exemplos.

avisou no grupo de WhatsApp da família que não tomaria a vacina contra a covid-19, os filhos se assustaram. ‘[...] Começamos a contra-argumentar para convencê-la’, conta Juliane, de 32 anos. ‘Minha mãe é muito esclarecida, mas a desinformação acaba interferindo na vida das pessoas’” (R7). Resistência é uma palavra empregada no sentido de reação ao que está estabelecido, como um movimento contrário, uma forma de barreira. No Brasil, muitas pessoas, popularmente designadas como “antivacinas”, mantêm uma postura inversa ao que é estipulado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Dessa forma, a resistência também é compreendida como uma forma de violência. **Exemplo 1:** “Tem gente que acredita, veementemente, que a vacina, além de não imunizar contra as doenças, ainda coloca a saúde em risco. [...] Especialistas afirmam que os apoiadores do movimento antivacina não se atentam para a ciência em si [...]” (UOL). **Exemplo 2:** “O diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antonio Barra Torres, afirmou nesta quinta-feira (16) que a ‘violência antivacina’ está em ‘viés crescente’ e que é preciso falar sobre o assunto antes que ‘ameaças se concretizem’” (G1). Resistência é o rompimento de algumas barreiras que impedem/limitam as ações de promoção à saúde. É na/pela resistência que muitas equipes de saúde levam as vacinas contra a covid-19 para serem aplicadas em pessoas que residem em locais difíceis de serem acessados, como a zona rural. **Exemplo:** “No estado, dois em cada 10 moradores vivem fora das cidades. E em muitas localidades, o trajeto para levar a vacina a quem mais precisa se parece com uma prova de resistência. [...] Mesmo assim, desistir nem passa pela cabeça dessa equipes cheias de coragem [...]” (G1). Na pandemia, resistência passou a indicar também a capacidade de suportar a infecção pelo novo coronavírus e, com isso, a doença (covid-19) e os seus efeitos. Nesse caso, a resistência observada no organismo de alguns pacientes pode auxiliar na elaboração de outras formas de tratamento. **Exemplo:** “Coronavírus: como pacientes ‘resistentes’ podem ajudar na busca por tratamento para covid-19. Na esperança de encontrar o calcanhar de Aquiles do SARS-CoV-2, cientistas têm pesquisado o genoma daqueles que, mesmo expostos ao vírus, não chegaram a adoecer ou ficaram assintomáticos” (G1). Resistência também produz sentidos de ineficácia. Com a infecção pelo novo coronavírus e as consequências da doença no corpo, houve o aumento de tratamentos por meio de antibióticos. Com isso, muitas bactérias desenvolveram a resistência como habilidade de tolerância, de maneira que muitos medicamentos tenham pouca eficácia. **Exemplo:** “Uso desenfreado de antibióticos na pandemia pode levar a ‘apagão’ contra bactérias resistentes. [...] Pesquisadores e médicos atentos ao problema da resistência de bactérias e fungos acreditam que o uso desenfreado de antibióticos no tratamento de covid-19 tornará ainda mais drástico o cenário atual, em que já há falta de antibióticos capazes de combater certas doenças e micro-organismos – que, por vários fatores, têm se mostrado fortes e hábeis em driblar esses medicamentos” (G1). Resistência indica mobilização. Com o tempo, o novo coronavírus pode apresentar mutações. Dessa forma, com outras

cepas surgindo, há maior potencial de resistência às vacinas. Em razão disso, quando identificadas, essas mutações, que começam a se espalhar pelo mundo, como a recente expansão da ômicron (em dezembro de 2021), são necessárias pesquisas e mobilizações científicas para que sejam pensados os meios de combate à variante. **Exemplo:** “Ômicron, o que se sabe sobre a nova variante do coronavírus. [...] Até o momento, não se sabe se a ômicron apresenta resistência à vacinação – que é bastante baixa nos países do sul africano, onde foi identificada. A OMS reforça que as vacinas continuam sendo fundamentais para a redução de doenças graves e mortes, inclusive contra a delta (a variante mais transmissível até agora)” (G1). Resistência significa, ainda, protesto, denúncia e necessidade de reinvenção. Devido às implicações do ensino a distância, do ensino remoto e do sucateamento da educação pública, tanto os professores quanto os alunos precisaram desenvolver novos métodos de ensino e aprendizagem durante a pandemia. No entanto, em muitos dos casos, isso foi ineficiente, causando insatisfações dos alunos. **Exemplo:** “Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para ‘aprender de verdade’ em 2021. [...] ‘Não aprendi uma gota de matéria em 5 meses. Em 4 meses, não vou conseguir recuperar. Não é suficiente para aprender a matéria toda de um ano. O Enem que vou fazer em janeiro vai ser por teste de resistência, porque eu não tenho condições de fazer. Não é que vou tomar bomba, eu só vou realmente fazer meu terceiro ano, ano que vem. Aprender de verdade para ter condições de fazer um Enem decente, digno” (BBC)

Fonte: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 11 jan. 2023.

A figura 4 reforça o que viemos afirmando acerca da amplitude no que tange aos sentidos possíveis para cada verbete. É justamente o movimento “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2019) que possibilita leituras múltiplas/diversas (mas não quaisquer leituras, visto que os discursos em questão abrangem condições de produção análogas, quais sejam: a pandemia da covid-19).

Para um efeito de arremate dos contornos: algumas conclusões

Todos os esforços para guardar uma memória sobre este tempo que nos assola são tomados por nós como investimentos necessários para que uma nova pandemia seja controlada de maneira mais efetiva. Nesse processo, nosso objetivo neste trabalho foi refletir sobre a construção do **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**, sobre as suas possibilidades de produção de sentidos

e sobre como ele pode intervir na sociedade a partir do seu funcionamento de arquivo. Construímos aqui um caminho poético, por assim dizer, a arte de Carlos Drummond de Andrade serviu de impulso para tentar falar sobre algo tão pesado, tão doloroso... Em alguns (ou em muitos) momentos, as palavras falharam, ficamos imóveis diante das notícias veiculadas pela mídia que versavam sobre a falta de vacina, falta de leitos nos hospitais, a pul(sen)sação da morte é/foi aterrorizante. Logo em seguida, percebíamos que precisávamos agir pois a pul(sen)sação da vida nos dava forças para problematizar o que estava posto.

O trabalho de escritura a muitas mãos mostra a importância da coletividade e também é uma afronta ao isolamento imposto pelo vírus SARS-CoV-2 (ainda que o entendamos como necessário), já que nos mantivemos isolados fisicamente, mas, por intermédio do digital, trabalhamos juntos assumindo ora uma posição-autor, ora um efeito-leitor, ora uma posição-revisor e tudo isso mesclado e atravessado na discursividade que a teoria discursiva engendra. É um movimento que nos fortaleceu enquanto Grupo de Estudos PALLIND - Palavra, Língua e Discurso para poder produzir um artefato científico que pudesse, de alguma forma, contribuir com a sociedade neste momento pandêmico.

A dificuldade de nomear pairou no(s) discurso(s), o que nos leva a compreender justamente que a pandemia da covid-19 é um acontecimento que faz ver as “discursividades contemporâneas” (Nunes, 2007, n. p.). Essa problemática se dá pela irrupção de sentidos novos para as palavras em (dis)curso e, nesse caminho, significados se mesclaram e corroboram para construir novas/outras definições. A (des)ordem da(s) palavra(s) é um sintoma da (des)ordem das coisas, e este texto buscou contribuir mostrando uma (des)/(re)acomodação dos sentidos de “resistência”, “reinvenção” e “resiliência” postos em movimento em discursos pandêmicos.

Referências

- Andrade, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 1 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/ANDRADE-Carlos-Drummond-A-Rosa-do-Povo.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- Andrade, Carlos Drummond de. **Reunião**. Dez livros de poesia. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 55.
- Biazus, Camila Baldicera. **Dicionário compartilhado: um encontro entre escrita, análise de discurso e psicanálise**. Curitiba, PR: Appris, 2019.
- Denardi, Graciele Turchetti de Oliveira; Silva, Kelly Fernanda Guasso da; Flores, Lucas Martins. O *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*: algumas reflexões sobre o arquivo. In: Venturini, Maria Cleci; Teixeira, Maria Cláudia; Tafuri, Leandro (Org.). **Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano em (dis)curso**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2022, p. 333-347.
- Dias, Cristiane Pereira Costa. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, p. 8-20, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236654535.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.
- Dias, Cristiane Pereira Costa. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Revista Estudos Linguísticos**, n. 44, v. 3. São Paulo, p. 972-980, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/viewFile/1030/611>. Acesso em: 06 jan. 2023.
- Dias, Cristiane Pereira Costa. Memória como arquivo: sujeito, dados e circulação. In: Venturini, Maria Cleci. **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 269-187.
- Foucault, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

Malldidier, Denise. **A inquietação do discurso – (Re)Ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

Nunes, José Horta. Discursividades contemporâneas e dicionário. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 3., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007, n. p. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simpósios/JoseHortaNunes.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

Orlandi, Eni Puccinelli. Ética, ciência, ideologia, interpretação. In: Baronas, Roberto Leiser *et al.* (Org.). **As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamentos(s) de vulneráveis: reflexão e práxis – Homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi**. Campinas: Pontes, 2018.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Eu, Tu Ele: Discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Pêcheux, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: Gadet, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Unicamp, [1969] 2014, p. 59-158.

Pêcheux, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Unicamp, [1975] 2009.

Petri, Verli. “História de palavras” na História das Ideias Linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 188 13, n. 19, p. 47-58, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Petri, Verli. Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”: projeto em curso e discurso. In: Petri, Verli

et al. (Org.). **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 21-46.

Petri, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: Petri, Verli; Dias, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

Petri, Verli. O que pode uma palavra? Reflexões sobre a história da palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentido na contemporaneidade. In: Petri, Verli; Guasso, Kelly; Costa, Thaís; Freitas, Francine de (Org.) **Dicionários em análise**: palavra, língua e discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 37-62.

Rancière, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo, SP: EXO Experimental; Editora 34, 2005.

Rancière, Jacques. **Os nomes da história**: um ensaio de poética do saber. Tradução de Eduardo Guimarães e Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo, SP: EDUC/Pontes, 1994.

Robin, Régine. Do corpo ciborgue ao estagiário da tela: as novas fronteiras. In: Scherer, Amanda; Sousa, Lucília; Medeiros, Vanise; Petri, Verli. **Efeitos da língua em discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 11-36.

Silva, Kelly Fernanda Guasso da. **Discursos que ressonam sentidos**: por uma História das Ideias Discursivas a partir do autor Michel Pêcheux. 2021. 194 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

Dicionários Consultados

Aulete, Francisco Júlio de Caldas; Valente, António Lopes dos Santos. **Dicionário online Caldas Aulete**. Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon, s.d. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 11 jan. 2023.

El-Khatib, Faissal. **Novíssimo Dicionário Ilustrado**. Paraná: Grafipar, [1971] 1980.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Garcia, Hamilcar de (Org.) **Novíssimo Dicionário Fundamental da Língua Portuguesa**. São Paulo, SP: Rideel, 1978.

Houaiss, Antonio; Uillar, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa *online***. São Paulo: UOL, 2001. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#6. Acesso em: 11 jan. 2023.

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DO LUTO NA PANDEMIA DE COVID-19: SENTIDOS EM (DIS)CURSO

Keisy Morais
Yasmin Heinzmann

Neste país não há tempo para a despedida. A morte é substituída por outra morte e o processo de luto é enterrado no sofrimento da próxima perda (Teles, 2021).

Considerações iniciais

No Brasil, os primeiros casos de covid-19 foram confirmados em março de 2020. À vista disso, com o decreto da pandemia, houve a necessidade de (res)significar nossas práticas sociais, dentre elas, a ritualização da morte (em seus diferentes cultos e manifestações), a vivência do luto e a externalização da dor. No Brasil pandêmico, conforme indica Teles (2021), não houve tempo para “despedidas”, a morte virou número, dado estatístico¹, uma sucessão de eventos em série. Já o luto, entendido pelo campo da psicologia e das humanidades como um processo² indispensável para a significação da dor, foi “enterrado”, “impedido”, “negligenciado” aos sujeitos durante a pandemia.

¹ Diante do cenário de crise sanitária e do aumento da fatalidade em decorrência da covid-19, ocorreu um processo de “quantificação” das mortes, como se fossem tão somente “números” e “dados estatísticos”. Em contrapartida, muitas iniciativas foram tomadas, inclusive nas redes sociais (devido ao isolamento), para dar nome a essas pessoas e voz às suas histórias. Exemplo disso é a página *Inumeráveis*, no *Instagram*, um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil e que abordaremos neste texto.

² No campo da psicologia, Worden (1983) define algumas tarefas constitutivas do processo de luto, tais como: a aceitação da realidade da perda, a experiência e o processamento da dor, a adaptação ao ambiente no qual a pessoa perdida já não está presente e o reinvestimento noutras relações.

Historicamente, o processo do luto faz parte das práticas humanas, e a morte envolve, em cada cultura, uma diversificação de ritos e cultos. Na tradição cristã, por exemplo, o enlutamento envolve ritos como a cerimônia religiosa (culto ou missas), dirigida, geralmente, por um padre ou pastor, além das orações, do velório, da coroa de flores, e, em alguns casos, da queima de velas. São ritos de despedida, formas de significar a dor, no percurso da passagem do ente querido ao plano espiritual. Diferentemente, é a tradição judaica que pratica o ritual denominado “keriá³” e destina um período de luto de sete dias, o “shivá”, em que os enlutados ficam em casa, sem exercer quaisquer atividades de lazer ou profissionais, sendo que os amigos e parentes os visitam⁴, e é feita uma série de serviços religiosos.

Outra manifestação cultural envolvendo a morte e o luto vem da tradição mexicana, na qual o funeral é repleto de homenagens acompanhadas de flores, músicas, comidas e bebidas, sendo que os familiares fazem cortejos pela cidade relembrando o que o ente querido gostava, tanto que no México existe um dia especial de comemoração, o Dia dos Mortos (*Día de los Muertos*), uma das festas mais populares e tradicionais do país. No Dia dos Mortos, a cultura popular mexicana festeja a morte através de brincadeiras que misturam o sagrado e o profano, mas também com muito temor e respeito. Percebe-se, assim, uma mistura do sagrado com o profano enquanto uma forma de tornar a morte mais próxima, mas ao mesmo tempo distante, conforme sublinham Concione e Villaseñor (2012).

³ O “keriá” consiste no ritual em que, com um estilete, é feito um corte na roupa dos familiares enlutados, em sentido vertical. Ele simboliza a dor da perda e a forma como eles sentem seu coração dilacerado. Quando a perda é de um pai ou mãe, o talho é realizado do lado esquerdo, para mostrar que essa é a pior dor que existe. Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://www.ufsm.br/midias/arco/finados-judaismo>. Acesso em: 05 mar. 2023.

⁴ Observamos como, na pandemia, essas práticas também ficaram comprometidas, devido à exigência do isolamento social. Os ritos de luto foram limitados pelas condições vigentes.

Em suma, os rituais fúnebres são realizados de um modo específico em cada cultura, respeitando a tradição de um povo. Os modos de comemoração e homenagem, presentes em muitas culturas, marcam um ciclo que se finda, um rito de passagem que se faz necessário e marca o momento de despedida. É um processo importante, sendo que para alguns religiosos esse ato marca o início de uma “nova vida”, pois a morte não seria o fim, mas um começo, o que faz com que a vivência do luto se torne mais significativa.

Em contrapartida, nas condições de produção pandêmicas, esses ritos foram impedidos/cerceados, momento em que houve a (res)significação dos sentidos investidos para “luto” (assim como para a própria vivência da morte), diante dos protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde. Conforme assevera Teles (2021), no Brasil, país com um dos maiores números de mortes pela covid-19, não foi permitido viver o luto, isto é, viveu-se a morte, não apenas a física, do corpo individual, mas “[...] a morte social, coletiva. Colapso do sistema funerário, sepultamento de corpos em massa e esgotamento da estrutura de saúde pública expuseram a hierarquização da vida e a subjetivação da morte como forma de controle dos corpos” (Teles, 2021, s/p).

O luto (individual e coletivo) passou a ser (res)significado por meio de uma (re)organização na filiação de sentidos, produzindo movimento, deriva, deslocamento nas redes de memória. Acerca desse movimento, Pêcheux ([1983], 1990, p. 53) afirma que todo “[...] enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Enquanto antes da pandemia o luto evocava determinados espaços de memória, durante a pandemia esses sentidos são deslocados, posto que o luto passa a significar ausência (de despedida, de ritual, de abraço), vazio, solidão e tristeza, sentimentos intensificados pela falta de um ritual que amenize a dor dos amigos e familiares. Esses deslocamentos indicam o caráter lacunar da memória, o qual possibilita que os sentidos “[...] deslizem, derivem, se transformem, se re-signifiquem” (Indursky,

2003, p. 104), dadas as condições de produção. Esses significados são construídos a partir dos deslocamentos que permitem novas significações a partir do já-dito.

Escrita a muitas mãos: o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”

O “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” não nos salvará e nem salvará nossos consulentes, mas nos faz caminhar e caminhar de mãos dadas e cabeça erguida, buscando por dias melhores, por mais compreensão do que estamos vivendo e para onde estamos indo (Petri, 2021, p. 37).

Um caminho delineado por muitas mãos, sensíveis à realidade social e à pandemia, que se uniram mobilizadas por um objetivo em comum: descrever, interpretar e analisar as palavras e seus sentidos, que permeiam, deslocam, (res)significam, no jogo da/pela língua, para então observar o seu funcionamento no discurso midiático. Nessa perspectiva, o “Vocabulário⁵ da pandemia do novo coronavírus”⁶, elaborado por uma equipe de pesquisadores (da qual fazemos parte) instigados a investigar os sentidos de alguns verbetes que se (res)significaram por meio da pandemia, trouxe novas formas de dizer, em uma linguagem simples, por meio da qual podemos observar como se constroem os sentidos a partir de notícias que têm circulado na imprensa nacional desde 2020.

A pandemia do novo coronavírus não impediu que, enquanto grupo, produzíssemos conhecimento linguístico e divulgação científica, pois houve a necessidade de pesquisar e instrumentalizar os sentidos postos, por meio desse vocabulário, a fim de que a

⁵ A grafia “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, com inicial maiúscula, identifica o Vocabulário produzido pelos pesquisadores, no interior do grupo Palavra, Língua e Discurso (PALLIND), permitindo diferenciá-lo do “vocabulário”, com inicial minúscula, que está vinculado a esse instrumento linguístico de maneira geral.

⁶Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 24 de dez. 2022.

comunidade tivesse acesso ao resultado da pesquisa. Quando falamos de instrumentalização, é difícil não lembrar dos estudos de Auroux (1992, p. 65) sobre a gramatização, isto é, a importância de “descrever” e “instrumentar” a língua por meio dos dicionários e das gramáticas, os quais eram/são considerados “[...] pilares do saber metalinguístico”. O vocabulário tem seu lugar a partir da lexicografia que, segundo Auroux (1992, p. 71), “[...] é mais antiga que a gramática propriamente dita”, assim o dicionário era dividido por “listas temáticas” como profissões, plantas, armas, entre outros temas específicos, considerados os “[...] mais antigos instrumentos pedagógicos da humanidade”.

Hodiernamente, compreendemos que existem outras formas de instrumentalizar a língua. Além dos dicionários e das gramáticas, podemos citar os dicionários regionais que contemplam as variações da língua em cada região do país, os dicionários de termos específicos, como de grupos africanos e indígenas, entre outras materialidades discursivas. “Nesta esteira, podemos pensar que instrumentalizar uma língua, atualmente, é bem mais do que pensar em dicionários e gramáticas” (Petri, 2012, p. 29). Dessa forma, o vocabulário foi construído e materializado no/pelo digital que surgiu na pós-modernidade e produziu uma mudança do discurso no mundo, nas relações históricas, sociais e ideológicas (Dias, 2018, p. 9).

Entendemos que, elaborado a várias mãos, o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” propõe sugestões de definição para palavras em circulação durante esse período, sendo estruturado via escrita organizada em verbetes. Além disso, por configurar-se como uma “autoria compartilhada” (Biazus, 2019), ele envolve renúncia(s)⁷, visto que na posição-sujeito de analista, precisamos renunciar “[...] a determinadas posições, à tomada de decisões”,

⁷ Heinzmann e Moreira (2023), em seu trabalho, discutem a renúncia sob dois aspectos. No primeiro, é preciso renunciar para isolar-se socialmente, isto é, afastar-se do trabalho, dos amigos, dos parentes, renunciar ao lazer diversão etc. No segundo, a renúncia ocorre no interior do próprio Vocabulário, mais especificamente por meio da “autoria compartilhada” de verbetes, em que é preciso renunciar a determinadas posições, tomar decisões, acolher o dizer do outro.

permitindo “o acolhimento do dizer do outro, compreendendo a heterogeneidade de posições que emergem das práticas discursivas que engendram o trabalho compartilhado na elaboração de sugestões de definições para os verbetes [...]” (Heinzmann; Moreira, 2024, p. 119-20),⁸ isto é, há a necessidade de acolher o dizer do outro, realizando negociações de sentidos entre os sujeitos.

Ademais, o Vocabulário não se confunde com o dicionário, com o glossário ou mesmo com a enciclopédia. Conforme Petri (2021), o vocabulário não é um dicionário, pois não há um compromisso com o saber sobre a língua, nem um glossário, que possui como finalidade explicar/glosar palavras na tentativa (ilusória) de controlar os sentidos ou mesmo uma enciclopédia que reúne conhecimentos humanos sobre determinado tema. Para a autora, o vocabulário é um “artefato técnico-tecnológico” (Petri, 2021, p. 30) que ainda está em construção e que propõe sugestões de sentidos para palavras em circulação durante pandemia, trabalhando um movimento entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia), reunindo gestos de interpretação no momento sócio-histórico em questão. Entendemos que o Vocabulário não se preocupa em “fixar sentidos”, em uma ideia de completude e totalidade, mas, longe disso, ele busca entender a língua em seu funcionamento na/pela história, compreendendo os sentidos como múltiplos, diversos, heterogêneos.

Ao considerar um vocabulário construído sob as condições de produção da pandemia, percebemos o quanto a realidade social afetou/afeta os sujeitos, tornando-se um desafio em que é preciso um olhar para fora, para o outro, em meio a tantas dificuldades políticas e econômicas que nosso país enfrentou/enfrenta, e, assim, perceber os sentidos mobilizados nos meios de circulação. Como aponta Petri (2021, p. 31) “[...] tem sido um desafio constante que envolve

⁸ Artigo presente no livro sobre o Vocabulário. Texto intitulado “Renúncia na construção dos verbetes ‘Isolamento Social’ e ‘Ensino Remoto’ em autoria compartilhada: uma tomada de posição”, presente no livro “Observatório de práticas sociais e linguageiras: produção de sentidos em tempos de pandemia” (2024).

sujeitos, tomadas de posição e trabalho coletivo, o movimento de estabelecer ou não um laço desejado”. Uma tomada de posição em que deixamos de apenas observar e ficar alheios à realidade social e passamos a interpretar os sentidos que nos rodeiam diariamente.

Trata-se de uma “partilha do sensível” (Rancière, 2005) que permite iniciar de um ponto em comum e a partir dele produzir recortes com perspectivas distintas, isto é, “[...] um comum partilhado e partes exclusivas”, pois a autoria compartilhada possibilita várias leituras sob um mesmo objeto, levando em conta que “[...] cada um de nós acessa uma parte desse sistema, cada um de nós produz seu próprio recorte” (Petri, 2021, p. 35). Para explicitar algumas palavras e seus significados, o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” foi organizado, em um primeiro momento, em grupos temáticos, a fim de reunirmos os verbetes em grandes áreas (educação, saúde, história), contudo, ao longo do desenvolvimento e elaboração dos verbetes, fomos ampliando e dialogando de modo multidisciplinar, inclusive, trabalhando com novos colegas pesquisadores durante a elaboração dos verbetes.

A escrita compartilhada permitiu que nos (des)construíssemos enquanto sujeitos no momento em que nossas ideias foram questionadas, inclusive, quando era necessário partilhar diversos saberes, conhecimentos e inquietações, de modo que nossas vozes ressoavam em uma única voz. Durante o trabalho, confrontos, ideias e divergências surgiam, o que contribuiu para a construção dos ditos e não-ditos na pandemia. Um dos verbetes pesquisados é “luto”, que passou a ter novas significações, considerados os veículos de comunicação, especialmente, na imprensa midiática.

Escrever sobre o luto nos afeta e, por vezes, traz certo desconforto, porque muitos de nós perdemos parentes, amigos e conhecidos vítimas do vírus, entretanto, surge a necessidade, no lugar de analistas de discurso, de entender o funcionamento do mesmo e do diferente no interior do discurso, para assim compreendermos os sentidos que nos afetam dentro de uma realidade social, partindo da exterioridade. Como sugere (Petri,

2021, p. 29) “[...] é preciso intervir na realidade social, pois isso nos faz sentir e ser analistas de discurso”, por mais que sejamos sujeitos afetados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente, precisamos tomar uma posição, ocupando um lugar próprio nos estudos discursivos.

Para isso, abordaremos as (res)significações do verbete “luto” no discurso midiático, apontando os sentidos mobilizados, via funcionamento da paráfrase e da polissemia, tendo como aporte teórico o estudo dos dicionários em comparação com o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, a fim de explicitar os diferentes modo de dizer em uma determinada realidade social.

(Res)significações dos sentidos para a palavra “luto” no discurso midiático sobre a pandemia

A pandemia de SARS-CoV-2 impôs novos contornos às relações humanas e sociais, desestabilizou modos de vivência, trabalho, consumo e, sobretudo, destituiu fantasias que nos protegiam da crueza da morte, obrigando-nos a nos confrontarmos cotidianamente com ela (Bocchi, 2021, p. 2).

Ao nos reportarmos à pandemia, que iniciou em março de 2020, e que estamos ainda vivenciando, em 2023, somos afetados por memórias que significam e nos deslocam enquanto sujeitos, mobilizar os sentidos do “luto” é reviver uma história que, por muitas vezes, foi silenciada, mas que ressoou através de vozes das vítimas e seus familiares que lutavam, incansavelmente, pela vida. A pandemia alcançou proporções inimagináveis de forma acelerada, um acontecimento que desestabilizou nosso cotidiano, pois nossas rotinas foram alteradas devido às medidas de proteção tais como: o uso obrigatório de máscara, a utilização de álcool em gel, o isolamento social, as restrições à abertura de empresas, comércios, restaurantes, clubes etc. Somente os serviços essenciais puderam continuar funcionando (mercados, farmácias, hospitais), sendo que estes foram bastante sobrecarregados pela alta demanda.

Além disso, fomos tomados pelo sentimento de insegurança provocada pelo futuro “incerto”, que a dura realidade da pandemia nos trazia, período de 2020 a 2021, o medo, a ansiedade e a angústia em perder algum familiar, amigo ou conhecido, ou de até mesmo ver o boletim diário nas mídias sociais e perceber que o vírus estava se espalhando cada vez mais na/pela população. Hospitais, UTIs móveis e postos de saúde lotados: um cenário caótico. Assim, muitos ficaram em isolamento para evitar o contágio, outros foram internados em hospitais na esperança de cura, entretanto alguns perderam a vida. A morte de muitos, silenciosa, sem direito a velório, ritos de passagem, nem sequer um abraço de despedida o qual não pôde ocorrer devido aos protocolos de segurança que determinavam o distanciamento social. Conforme menciona Biocchi (2021, p. 2), nessas condições, “[...] é preciso lidar com a morte tornada anônima, com números que crescem de forma indecorosa; ainda a morte passa a atingir pessoas mais próximas, conhecidos, amigos, familiares. E sem direito a ritos de despedida”.

A falta de um “adeus”, durante os momentos mais complicados da pandemia, é decorrente dos protocolos de segurança, os quais suspenderam velórios e, muitas vezes, quando podiam ocorrer, possuíam um número específico de pessoas, sendo que o caixão era lacrado. Nessas condições, restou o vazio da ausência e também o não reconhecimento da sua morte. Como afirma Bocchi (2021), é uma “perda seca” em que muitos não conseguem viver o luto, não têm direito de ver, pela última vez, aquele que partiu, visto que muitos estavam em isolamento e sem contato com a vítima há muito tempo.

Diante desse cenário, percebemos que o luto mobilizou muitos sentidos durante a pandemia, despertando nosso interesse, enquanto analistas, em observar e analisar tais discursos. Investigaremos, primeiramente, por meio do dicionário Aurélio (2010) aqueles sentidos postos antes desse período em questão, após partiremos para o interior do Vocabulário, a fim de verificar a movência de sentidos. A título de análise, trazemos o verbete “luto”, definido pelo dicionário consultado como:

Luto [Lat. luctu.] sm. **1.** Sentimento de dor pela morte de alguém. **2.** Os sinais exteriores desse sentimento, esp. o traje, ordinariamente preto. **3.** O tempo que se fica de luto (2). **4.** Consternação, dó. (Aurélio, 2010, p. 476)

No dicionário, o “luto” é significado como um processo, situado cronologicamente no tempo, por meio do qual o indivíduo pode externalizar sua dor, processá-la e mesmo materializá-la por meio de ritos, vestimentas e comportamentos. O “traje”, geralmente preto, marca um sinal de “pesar” pela morte do ente querido, que faz parte de um processo ritualístico de enfrentamento da morte em que é preciso ter “o tempo que se fica de luto”. Ao mobilizar esses sentidos, percebemos a repetição do mesmo, do já-dito, palavras que se repetem no fio do discurso, via funcionamento da memória, e marcam a cultura de um povo, o que Orlandi (1998, p. 10) designa como paráfrase, isto é, a “reiteração do mesmo”, o “retorno do mesmo espaço dizível”, produzindo um efeito na materialidade analisada. Notamos, dessa forma, os sentidos do “luto” no dicionário como repetição de um processo ritualístico.

Determinadas manifestações culturais vivenciam o luto como uma forma de despedida, um ritual que marca a passagem para outro plano espiritual, para uma “nova vida”, em que é necessário preparar o enlutado para receber essa notícia através de um processo que informe o luto de maneira branda, com certo “eufemismo”, reforçado pelos rituais fúnebres. As definições do luto estão ligadas não só a sentimentos, mas também a vários outros sentidos que mobilizam o luto enquanto uma realidade social. Entendemos, segundo o significado do dicionário, o “luto” como um processo ritualístico que apresenta marcas exteriores advindas desse sentimento.

Ao mobilizar, previamente, alguns sentidos no dicionário supracitado, compreendemos que eles se repetem, produzindo o efeito do luto como um processo. Temos, portanto, algumas definições possíveis para esse verbete no período pré-pandemia. Diante disso, propomos também analisar como esses sentidos para “luto” vão se movimentar, se deslocar, diante de uma das maiores crises sanitárias

da história mundial, juntamente com a Peste Negra (séc. XIV) e com a Gripe Espanhola (Séc. XX), isto é, a pandemia de covid-19.

À vista disso, trouxemos as definições de “luto” presentes no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, elaborado em autoria compartilhada, bem como os exemplos que fazem parte das definições propostas e que permitem observar tais sentidos através de sua circulação nos grandes veículos de comunicação.

O luto é um processo individual e também coletivo/global. **Exemplo:** “É preciso ressaltar: o luto pela covid não é um processo apenas individual, é um processo coletivo. [...] Em outros países e em algumas cidades daqui, todo dia é realizado um minuto de silêncio, é tocada uma música, ou passa algo na televisão sobre as pessoas que faleceram. É para dizer que não, essas pessoas não estão despercebidas, e nem sozinhas” (Brasil de Fato MG). Os ritos culturais associados à morte e ao processo de luto sofreram mudanças e restrições referentes ao óbito por covid-19, a fim de evitar a circulação do vírus. Algumas limitações, como a recomendação de manter o caixão fechado, podem ocasionar transformações na forma com que as pessoas vivenciam o processo de luto. A ausência de um corpo que pode ser tocado, olhado e preparado demarca um ritual incompleto, o que pode acarretar em dificuldades em elaborar a perda e em lidar com esse processo. **Exemplo:** “Uma das coisas que mais alivia a morte nas sociedades são os rituais. Eles existem como uma forma de nos consolar, abrandar a dor, criar um efeito simbólico entre a pessoa amada que partiu e quem fica. Foi outra coisa que a covid cortou, né? Os velórios devem ser rápidos e sem aglomeração até mesmo para aqueles que não morreram pela covid” (Brasil de Fato MG).

No Vocabulário, o “luto” surge não só como um processo individual (particular à vivência de cada sujeito), mas também como parte de um coletivo que se solidariza com a perda dos familiares. Notícias foram veiculadas frequentemente nos meios de comunicação, como os boletins diários que informaram o número de pessoas acometidas pelo coronavírus, a recuperação de cada vítima e, com muito pesar, o número de óbitos. A maioria da população que estava em isolamento, por meio dos canais de informação, acompanhou o que se passava para além de suas casas e viu que muitas famílias perderam seus entes queridos. O medo, a insegurança e a incerteza acompanhavam a maioria das pessoas, devido à

disseminação frequente do vírus, mas ao mesmo tempo o coletivo surgiu com força, pois não se tratava apenas de números, mas sim de vidas que eram ceifadas por um vírus que surgiu a nível mundial.

Muitos “se colocaram no lugar do outro”, vendo o sofrimento de milhares de brasileiros, o desespero de famílias com a dor da perda. Torna-se difícil falarmos sobre perda, porque é impossível não ligá-la à pandemia, não lembrar de conhecidos, parentes ou amigos que partiram sem ao menos os abraçarmos pela última vez. Protocolos de segurança tinham como regra não realizar velórios, quando o falecido era portador do vírus, salvo exceções, quando este não transmitia mais a doença, porém com o caixão fechado e com um número limitado de pessoas, de modo a evitar a transmissão do SARS-CoV-2. O que causou um sentimento de falta, uma ausência da despedida, do toque, do último olhar direcionado como forma de afeto.

Essa ausência e incompletude, que são próprias também ao funcionamento da linguagem, produziram, na pandemia, conforme Indursky (2020),⁹ uma “volatilidade de interpretações”, isto é, os sentidos circularam rapidamente nas redes, notícias e informações invadiram nossas realidades (naquele momento, isoladas), produzindo o que a autora denominou de “diluição do real”. Afinal, como discursivizar a dor, a morte, o luto, o horror? Como narrar o inenarrável? Aquilo que nos afeta enquanto sujeitos, que pulsa, que dói, tal como uma ferida que sangra. A pandemia uniu o coletivo, em sua maior parte positivamente, o luto se tornou nacional/mundial.

Exemplo desse luto coletivo é o próprio movimento nas redes sociais. A página do *Instagram*, denominada *Inumeráveis Memorial*¹⁰, reúne pessoas e famílias enlutadas de diversos estados do Brasil, com o objetivo de trazer à memória o nome de cada uma das vítimas,

⁹ Conferência on-line que a Prof^a Dr^a Eni Orlandi realizou ao vivo pelo ABRALIN, em maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg&t=672s>.

¹⁰ Conforme pode ser verificado no *link*: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>. Acesso em: 04 fev. 2023.

dar voz¹¹ e vez às suas histórias, de modo a não convertê-las somente em um número ou dado estatístico da/na pandemia. Na ausência do ritual, do processo, do velório, a linguagem tenta, de certa forma, preencher um pouco desse “vazio”, significando aquilo que não se consegue dizer (que se dói dizer), mas que significa (de diferentes maneiras). Segundo Souza e Souza (2019), os rituais de despedida permitem que os enlutados amenizem sentimentos de culpa, além de serem considerados necessários para a elaboração da dor, ajudando o sujeito a confrontar-se com a perda concretamente, bem como manifestá-la publicamente.

Com a ausência dos eventos ritualísticos, o luto foi atravessado pela pandemia, ganhando novos contornos. Dessa forma, os discursos produzidos, via funcionamento da página *Inumeráveis Memorial*, buscaram elaborar essa dor, bem como o processo de luto, trazendo à memória o fato de as vítimas serem pessoas e não números. Ao contarem suas histórias, em *posts*, com o nome, a idade e a cidade na qual residiam, o ritual foi (re)formulado, de modo particular às condições pandêmicas. Lisbôa e Crepaldi (2003) destacam que receber apoio emocional em momentos trágicos, quando as pessoas enlutadas podem contar com o apoio da sociedade, é fundamental no desenvolvimento do luto saudável. A comunicação, seja ela verbal ou não verbal, funciona como rito de despedida.

Mesmo com os rituais de despedida produzidos por meio de um movimento nas redes sociais, o contato e a despedida física formaram uma lacuna, afinal, como não velar, não dar um último abraço, um adeus?. Ao percorrermos os sentidos do “luto” postos no Vocabulário, entendemos que a falta da despedida (física) marca, como mencionamos, um “ritual incompleto” que interrompeu o processo do luto, causando um deslocamento, um deslize na cultura de um povo. Os rituais, que serviam como uma forma de amenizar e consolar, desapareceram juntamente com os abraços dos familiares e

¹¹ Lembramos, juntamente com o *Inumeráveis Memorial*, outros memoriais, relativos a situações de luto parecidas, tais como o *Memorial Virtual às Vítimas da Boate Kiss* que, assim como a pandemia, ceifou muitas vidas tragicamente.

amigos, as palavras de ânimo, as rezas, as orações e, muitas vezes, os discursos proferidos por religiosos, a fim de trazer uma palavra de consolo à família. O que faz com que o processo do luto não aconteça.

No Vocabulário, percebemos que o rito do luto marca o “efeito do simbólico de quem partiu e quem fica”, como uma forma de amenizar a dor, assim a repetição dos sentidos do luto se faz presente no fato de ser individual, assim como é posto no dicionário. Como aponta Orlandi (1998, p. 13) “[...] é impossível ao autor evitar a repetição já que sem ela o enunciado não teria sentido, não seria interpretável”, partimos então do já-dito, da memória e do interdiscurso para interpretar os sentidos mobilizados pelo Vocabulário. O que dizemos não é algo novo, mas sim a transposição do que foi dito anteriormente.

Nesse jogo do simbólico, explicitamos uma nova significação no Vocabulário a partir da repetição do que era posto no dicionário, sentidos que se deslizaram e passaram a se (res) significar, como o luto ligado ao coletivo, a ausência de velórios e rituais que marcam a passagem da vida e a falta de abraços e palavras de consolo. A essa nova significação, observamos o jogo do simbólico, em que para uma mesma palavra podemos atribuir novos significados, situação possibilitada pela polissemia, o diferente no discurso que permite “[...] um deslocamento, um deslize de sentidos” (Orlandi, 1998, p. 15), que traz uma brecha para o novo a partir do já-dito. Assim, observamos o jogo do mesmo e do diferente no discurso, a paráfrase e polissemia, uma “relação contraditória”, uma diferença “necessária e constitutiva” (Orlandi, 1998, p. 15).

Ao percorrermos os sentidos no dicionário e no Vocabulário, buscamos fotografias como forma de reforçar os diferentes sentidos para a palavra “luto”, partindo da compreensão de que a significação do luto, enquanto processo ritualístico, se resignificou na pandemia, fazendo movimentar as redes de memória, em um constante movimento entre paráfrase (mesmo) e polissemia (diferente), tal como foi posto por Orlandi (1998). Se antes da pandemia, através dos dicionários, observamos o luto como uma

vivência no/pelo tempo, como um ritual, envolvendo protocolos e trajes, no contexto da pandemia, entendemos que essa significação mudou, luto é ausência: de corpo, de velório, de rito, de despedida, é caixão lacrado, e diríamos ainda, conforme o Vocabulário, que o luto tornou-se um “ritual incompleto”, durante a pandemia de Covid-19. Diante disso, selecionamos ainda, por meio de jornais, duas notícias em que aparecem essas diferentes formas de significar o luto (antes e durante a pandemia), tal como posto nas análises anteriores.

Imagem 1 – Velório



Fonte: G1.

Na primeira notícia (2017), intitulada “Entenda os diferentes costumes e rituais para velar os mortos”, o jornal G1¹² apresenta os rituais dos velórios em diferentes culturas. A imagem a seguir mostra um velório, momento em que familiares e amigos recebem

¹² Conforme pode ser verificado no link: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/parque-memorial-japi/a-natureza-acolhendo-lembrancas/noticia/entenda-os-diferentes-costumes-e-rituais-para-velar-os-mortos.ghtml>. Acesso em: 4 fev. 2023.

abraços e mensagens de condolência em sinal de consideração e respeito. O caixão fica aberto para que haja a despedida, coroas de flores compõem a imagem como parte do ritual fúnebre.

Na segunda notícia (2021), intitulada “300 mil mortes por Covid-19 no Brasil: sepultamentos sem velório agravam o luto na pandemia”, o jornal O Globo¹³ traz questões mencionadas no vocabulário como o caixão fechado, poucas pessoas da família no sepultamento e protocolos de segurança sendo cumpridos, como o uso de roupas protetivas por parte dos sepultadores. O “agravamento do luto” ocorreu pela sua não vivência, em que o toque e o abraço eram deixados de lado.

Imagem 2 – Sepultamentos de mortos em decorrência da covid-19 no Cemitério do Caju, centro do Rio de Janeiro



Fonte: O Globo.

Por meio do recorte dessas duas notícias, reforçamos que o processo do luto sofreu novas significações explicitadas a partir do Vocabulário, sendo que as imagens, juntamente com os títulos das matérias, apontam para o deslize que a palavra “luto” sofreu no

¹³ Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://oglobo.globo.com/brasil/300-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil-sepultamentos-sem-velorio-agravam-luto-na-pandemia-24939294>. Acesso em: 5 fev. 2023.

período pandêmico, pois seu sentido foi deslocado, permitindo observar os efeitos polissêmicos na produção de sentidos, isto é, “[...] fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua” (Orlandi, 2015, p. 35).

Os rituais eram presentes em várias culturas como forma de vivenciar o luto, assim como os sentidos postos nos dicionários. No período pandêmico, contudo, percebemos outra realidade social, o luto agravado, silenciado e ausente em muitas famílias e sua nova significação, marcada pela falta de um ritual que até então era presente.

Considerações finais

A pandemia do coronavírus ceifou muitas vidas, fomos marcados pelo deslocamento do verbete “luto” e suas (re)significações que insistem em ressoar, que produzem sentidos e recuperam memórias, como a dor produzida pela falta de despedida, a ausência do ritual, a solidão. A lacuna, a falta e o vazio foram inevitáveis, e, diante dessas situações, nós, como analistas de discurso, sentimos a necessidade em analisar esses fatos por meio dos dicionários em contraste com o Vocabulário, pois fomos afetados por essa realidade social que permaneceu por dois anos e ainda deixa marcas. O jogo do simbólico é instaurado por meio dos sentidos que se deslocavam no Vocabulário: o que antes era ligado ao individual, ao comportamento, como o uso de trajes em velórios, aos rituais fúnebres, ambos ocorridos no período pré-pandemia, agora surgem como parte de um coletivo, de uma ausência dos ritos de passagem marcada pelos protocolos de segurança que visavam o combate à covid-19. O mesmo e o diferente se complementam como forma de instaurar o novo por meio da repetição, assim os sentidos deslizam, permeiam por entre os dizeres e se deslocam por entre a memória (interdiscurso).

Referências

- Auroux, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- Bocchi, A. F. de A. Versões do luto para um mundo pandêmico: o luto impedido no horizonte de uma perda seca. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665203>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- Concone, M. E. V. B. Villaseñor, R. L. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. **Kairós**, v. 15, 2012 p. 37-47. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17036>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- Dias, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- Heinzmann; Moreira. Renúncia na construção dos verbetes “isolamento social” e “ensino remoto”: uma tomada de posição.
- Indursky, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon (UFGRS)**, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- Indursky, F. Volatilidade da Interpretação: Política, Imaginário e Fantasia. Conferência Abralín. Youtube, 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg&t=672s>. Acesso em 20 mar. 2023.
- Lisbôa, M. L.; Crepaldi, M. A. Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. **Paidéia**, v. 13, n. 25, p. 97-109, 2003. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2003000200009>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- Orlandi, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- Orlandi, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, v. 4, n. 1, p. 9-19, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626/8177>. Acesso em: 8 dez. 2022.

Pêcheux, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, [1983] 1990.

PETRI, V. *et al.* Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia. In: Petri, Verli *et al.* (Org.). **Ditos e não-ditos**: Discursos na, da e sobre a pandemia. Campinas: Pontes Editores, 2021.

Petri, V. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Língua e instrumentos linguísticos**, n. 29, p. 23-37, 2012. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao29/edicao29.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Rancière, J. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

Souza, C. P.; Souza, A. M. **Rituais fúnebres no processo do luto**: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRjL4J8xg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 de mar. 2023.

Teles, E. A pandemia e o governo dos corpos. **Revista Cult**, s/p, 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pandemia-e-o-governo-dos-corpos/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Worden, J. **Grief Counselling & Grief Therapy**. London and New York: Tavistock Publications, 1983.

Dicionários consultados

Ferreira, A. B. de H. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira. - 8. ed. rev. atual, - Curitiba: Positivo, 2010.

Vocabulário consultado

Vocabulário da pandemia do novo coronavírus. Santa Maria, RS: UFSM, 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 05 mar. 2023.

Parte II
Palavras, expressões e ritos em
observação

O REDE NA REDE: DESLOCAMENTO DE SENTIDOS NO CONTEXTO PANDÊMICO

Daiana Marques Sobrosa

Laura Velasques

Taís da Silva Martins

Para nós, analistas do discurso, o passado não se torna um tempo encerrado que deve ser esquecido, mas é um espaço de memórias [...] Entendemos a pandemia da Covid-19 como um acontecimento na história que coloca em funcionamento dizeres derivados do ponto de encontro entre uma memória e sua atualidade

(Ruiz; Sousa, 2021, p. 4).

Considerações Iniciais

A pandemia do novo coronavírus, que afetou diversos segmentos da sociedade, tomada, discursivamente, enquanto acontecimento discursivo¹, produziu e produz novos discursos e sentidos, ao mesmo tempo que (re)significa discursos e sentidos outros, num batimento entre atualidade e memória. Temos assim, a educação, por exemplo, cuja metodologia reconfigura-se no contexto da pandemia, aderindo às aulas *online* quando possível, uma vez que o recomendável era “ficar em casa”. Essa recomendação, ainda que necessária – afinal, tinha o objetivo de frear o contágio pelo vírus da covid-19 –, provocou determinados efeitos na vida cotidiana de toda a população mundial. Embora esses efeitos possam ser observados sob diversos aspectos, não abordaremos, neste texto, questões sanitárias, questões de saúde mental, questões afetivas, questões econômicas, entre outros. Optamos por trazer à tona

¹ Segundo Freda Indursky (2003), o acontecimento rompe com a inscrição na ordem da repetibilidade, instaurando um novo sentido.

questões que dizem respeito à tomada de posição de uma Instituição Pública de Ensino Superior, a saber a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), frente ao desenvolvimento da prática educativa no período pandêmico, tendo como ponto de partida o R.E.D.E (Regime de Exercícios Domiciliares Especiais) e o portal “UFSM em rede”. Interessa-nos, ao explicitarmos essa tomada de posição, analisar e compreender os possíveis efeitos de sentido produzidos a partir do deslocamento de sentidos na/da palavra *rede* nas materialidades mencionadas. Ao abordarmos essa questão, inserimo-nos em uma perspectiva da Análise de Discurso pecheutiana e consideramos que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 2008 [1983], p. 53).

Um lugar de memória

A pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2 teve início em 2020, causando medo, dor e luto ao redor do mundo todo e permanece fazendo parte das nossas vidas ainda hoje, pouco mais de três anos após a primeira determinação de isolamento social. Diversos setores tiveram que se (re)inventar, (re)organizar, (re)significar; entre eles, e – principalmente –, as instituições educacionais. A Universidade Federal de Santa Maria, por exemplo, não parou, seguiu com suas atividades, colaborando com a produção, circulação e divulgação do conhecimento. Isto é, continuou produzindo e colocando em circulação, de maneira ininterrupta, conhecimentos técnicos-científicos, especialmente sobre a pandemia.

Ainda hoje, no segundo semestre letivo de 2023, a interface principal do site da UFSM possui uma aba que se destina a dar acesso às informações relativas ao período pandêmico. Cabe apontar que, após uma pesquisa nos sites institucionais de universidades federais do sul do país, observamos que apenas a UFSM mantém uma aba como essa ativa em sua página inicial e, mesmo as que

possuíam páginas semelhantes e reconhecida produção científica sobre o tema nos anos iniciais da pandemia como, por exemplo, a UFPEL², hoje não dão mais seguimento à ampla divulgação deste conteúdo em seu site institucional.

Essa aba (Figura 1) no site da UFSM é intitulada “COVID -19” e funciona hoje, em nosso entendimento, como um lugar de memória sobre as ações desenvolvidas pela instituição desde o início da quarentena ocasionada pela pandemia do Coronavírus.

Figura 1: Página inicial do site institucional da UFSM



Fonte: Disponível em: <https://www.ufsm.br/>. Acesso em: 01 set. 2023.

Ao acessarmos essa aba, encontramos um espaço repleto de ícones que dão acesso às atividades institucionais desenvolvidas pela comunidade universitária da UFSM no período pandêmico, tais como, “Captação de recursos”, “Projetos e ações”, “Contratações emergenciais”, “Setores da UFSM”, “Observatório Covid-19”, “Observatório socioeconômico”, “Serviços e dicas”, “Coronavírus”, “Perguntas frequentes” – conforme é possível observar na Figura 2. Esses ícones, quando clicados, levam a novas páginas que explicitam a finalidade de cada um. “Captação de recursos”, por exemplo, leva

² UFPEL COVID-19 BLOG. Informações sobre a COVID-19. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/covid19/>. Acesso em: 01 set. 2023.

a uma página que arrecada doações para auxiliar no enfrentamento ao vírus. Em “Observatório Covid-19”, temos acesso a relatórios, cartilhas, bem como o número de casos da doença do nível macro ao micro: Mundo → Brasil → Rio Grande do Sul → Santa Maria. Em “Projetos e ações”, explicita-se a atuação da instituição não apenas no combate à pandemia, mas também no atendimento ao público.

Figura 2: Página COVID-19 - no site da UFSM



Fonte: Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus>. Acesso em: 04 set. 2023.

Cabe ressaltar que, além dos ícones destacados, há uma série de *links* na página que dão acesso às instruções normativas da UFSM, às instruções normativas do Governo Federal e a uma série de outros

links que redirecionam às notícias que circularam na mídia local e nacional sobre as ações da UFSM durante o período pandêmico.

Ao observarmos toda essa rede de informações disponíveis na página “COVID-19” do site da UFSM, entendemos que este pode ser compreendido como um lugar de memória. Conforme Venturini (2009, p. 71), o lugar de memória “[...] pode ser definido como um depósito de arquivos, que aparentemente guardam vestígios históricos de memórias que não existem mais e que, por isso, necessitam de um lugar para lembrá-los”. Para nós, a UFSM, ao não remover de sua página inicial essa aba, apresenta uma vontade institucional de manter a atualidade dessa memória. O desejo de não ser conivente com o esquecimento desse período sombrio, mas também de possibilitar a rememoração, por meio de consultas e pesquisas, das ações da instituição, dos sujeitos e da sociedade em seu entorno durante a pandemia. Com isso, a manutenção deste lugar em evidência não possibilita apenas o arquivamento, a guarda, de informações, documentos, imagens de maneira digital, mas possibilita a realização de pesquisas, como esta que estamos realizando. Para nós, as transformações sociais do período em questão:

[...] permitiram reavaliar as práticas sociais e científicas, (res)significando-as a partir das novas condições de produção. A emergência do acontecimento discursivo da pandemia promoveu outras instâncias de memória coletiva, desregulando implícitos de uma “normalidade” aparente e transformando-a em um contexto de “novo normal” (Ruiz; Sousa, 2021, p. 12).

Em 2023, ao analisarmos as estratégias discursivas presentes nas publicações oficiais da UFSM (sites, instruções normativas, resoluções, redes sociais, entre outros) durante o período de paralisação das atividades presenciais, em busca de uma “normalidade” de uma não interrupção do processo ensino-aprendizagem, da continuidade das atividades de pesquisa e extensão, observamos que a instituição objetivou reinventar-se, pois, de acordo com Ruiz e Sousa (2021, p. 2),

[...] foi preciso se redescobrir, se reinventar diante de tantas mudanças e de um “novo normal” latente e imposto pela grave crise sanitária. Foi preciso inscrever novas formas de interação social que não colocassem em risco a vida, a nossa e a do próximo; o isolamento e o distanciamento social tornaram-se imperativos durante todo o período de quarentena que se estende[u] por mais de um ano.

Um exemplo disso é a inclusão de informações de toda a ordem no site institucional da UFSM como, instruções, normativas, *cards*, vídeos, depoimentos, imagens do período pandêmico, conteúdo que é alimentado diariamente, desde o início da suspensão das atividades presenciais, com produções de servidores técnico-administrativos, docentes, discentes e notícias da mídia local e nacional. O que demonstra um esforço da instituição para o estabelecimento de uma nova forma de interação entre a comunidade acadêmica (internamente) e entre a comunidade acadêmica e a sociedade, planejando estabelecer o mais breve possível esse “novo normal”.

A UFSM criou uma rede de informações em seu site institucional que permite que o sujeito as utilize para tirar dúvidas, acessar manuais, sentir-se como se estivesse no ambiente acadêmico presencialmente. Entendemos que ao produzir rapidamente essas materialidades digitais e também a instrução normativa do REDE, a UFSM não só procurou alternativas para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, mas também foi afetada “pelo discurso neoliberal de que o “Brasil não pode parar” (Surdi; Luz; Surdi, 2021, p. 48).

Por meio destas redes, a instituição reinventou o espaço universitário da UFSM, até então visto com um espaço público pulsante onde conhecimentos são produzidos, conhecimentos circulam e, principalmente, onde corpos circulam livremente³. Naquele primeiro período de isolamento social, esse esforço da instituição foi importante, pois

³ Mais de 30.000 pessoas circulam diariamente na UFSM, entre elas: estudantes, professores, servidores, visitantes e pacientes do Hospital Universitário.

Somos sujeitos, constituídos não só pelo conhecimento, mas também por práticas sociais e discursivas inerentes à vida que continua, apesar e acima dos discursos de negacionismo, de ódio, de descrença e de isolamento. Apesar da imobilidade, apesar dos corpos estáticos, sem movimento, apesar da interdição no que concerne à convivência social e cultural em presença física, os sujeitos e as instituições reinventaram suas práticas (Venturini; Fernandes, 2021, p. 210).

Os autores afirmam ainda que inscrevem nesta “reinvenção a visitação a museus, tendo em vista que esses espaços, enquanto materialidades discursivas, se transformaram, evidenciando que estão abertos e, ao mesmo tempo, fechados” (Venturini; Fernandes, 2021, p. 210). Nesta esteira, buscamos inscrever, nesta mesma ordem, o espaço universitário, mais especificamente o espaço universitário da UFSM, que, após o primeiro dia da divulgação da portaria emitida pelo reitor estabelecendo a suspensão das atividades administrativas presenciais na instituição (em 17 de março de 2020), já publicava uma instrução normativa relativa ao trabalho remoto e, além disso, trouxe o digital como um dos caminhos possíveis para “superar” a interdição dos espaços físicos da universidade.

R.E.DE ou REDE: redes de sentido

No dia 18 de março de 2020, foi publicada em Diário Oficial da União, a portaria n. 343, aprovada no dia anterior, pelo Ministério da Educação (MEC). Esta portaria autorizava o ensino remoto, em cursos presenciais, em instituições de ensino superior durante a pandemia de COVID-19. Vejamos:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, **por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação** [...]

§ 2º **Será de responsabilidade das instituições** a definição das disciplinas que poderão ser substituídas, a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a

realização de avaliações durante o período da autorização de que trata o caput (BRASIL, 2020, sem paginação, grifos nossos).

Esta portaria, ao mesmo tempo que autorizava a substituição das aulas presenciais por outras modalidades virtuais, delegava às instituições a responsabilidade de encontrar meios e métodos para essa substituição.

No tocante à UFSM, destaca-se que por meio da portaria 97.935, de 16 de março de 2020, o reitor da UFSM suspendeu as aulas presenciais na instituição pelo período de 30 dias. E, já no dia 17 de março, foi apresentada à comunidade acadêmica uma instrução normativa que previa o ensino remoto na UFSM. A Instrução Normativa N. 002/2020⁴, que regula o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE)⁵.

E, é justamente esta sigla, R.E.D.E que motiva nossa pesquisa. Buscamos observar o funcionamento da sigla R.E.D.E. (Regime de Exercícios Domiciliares Especiais) adotado pela UFSM no período da pandemia de COVID-19 e os efeitos de sentido possíveis produzidos por essa palavra⁶.

A seguir, discutiremos os deslizamentos de sentidos produzidos por duas materialidades elaboradas pela UFSM que utilizam a palavra *rede*: o portal “UFSM em rede”; e a instrução normativa 002/2020 que, como dito anteriormente, trata do Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE).

⁴ A instrução Normativa 002/2020 é uma versão do já existente Regime de Exercícios Domiciliares (destinada a alunos em licença médica). Em agosto de 2020, com a consolidação do REDE ocorreu a publicação da Resolução UFSM nº. 024, de 11 de agosto de 2020, que regula o REDE.

⁵ Podemos citar a UFSM como uma das primeiras instituições federais que adotaram o ensino remoto, pois “até maio de 2020, apenas seis instituições haviam aderido a esta forma de ensino” (CARVALHO, 2020).

⁶ Entendemos essa sigla como uma nova palavra (acrônimo).

O Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE)

O espaço digital, da internet, já não é mais uma novidade na sociedade, mas a pandemia impôs uma (re)significação desse espaço, seja pelas pessoas, seja pelas instituições, numa tentativa de manter uma aparente normalidade frente a um cenário trágico. É nessa (re)significação que o REDE se inscreve, pois o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) foi uma alternativa da UFSM para manter as atividades acadêmicas em funcionamento em meio à pandemia do novo coronavírus.

Através da Instrução Normativa nº 002/2020, publicada em meados de março de 2020, a reitoria apresentou, então, a possibilidade do ensino remoto ou Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE). Funcionando como uma nova construção, a partir do alicerce do já existente Regime de Exercícios Domiciliares, a inserção de “especiais” na nomeação do REDE, logo nos permite refletir sobre o deslocamento de sentidos entre atividades domiciliares em decorrência de questões específicas de saúde, mediante a apresentação de atestado médico, e atividades domiciliares no contexto pandêmico, aplicadas de forma geral a servidores e estudantes, com o emprego de tecnologias educacionais em rede, em face das medidas de enfrentamento à pandemia, um contexto totalmente atípico até então.

Todas as atividades acadêmico-científicas poderiam ser realizadas por meios virtuais, atentando-se às especificidades de cada curso, através de recursos como, por exemplo, *Moodle*, e-mail, redes sociais, etc. a critério dos docentes e sem prejuízo aos estudantes enquanto durasse a suspensão das atividades presenciais. Em agosto do mesmo ano, foi publicada a Resolução nº 024/2020 que regulamenta o REDE na instituição⁷. Conforme

⁷ É importante destacar que a IN 002/2020/PROGRAD/UFSM apresenta-se como uma alternativa para o docente que deseja não interromper as suas atividades de ensino, porém a Resolução UFSM nº. 024, de 11 de agosto de 2020, determina a obrigatoriedade da continuação das atividades em REDE, ao indicar em seu Art. 8

disposto no artigo 3º da Resolução, “O Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) é uma combinação da excepcionalidade dos exercícios domiciliares com as características do ensino remoto e da mediação por Tecnologias Educacionais em Rede (TER)”.

Quando a UFSM utiliza a sigla R.E.D.E. para designar as atividades virtuais, é possível depreender uma relação com o digital pelo funcionamento do interdiscurso, isto é, aquilo que fala antes e que permite que uma palavra tenha sentido, isso porque o interdiscurso recupera “a memória do sentido, o repetível” (Orlandi, 2008, [1990], p. 47). Com a expansão das tecnologias, o termo *rede* se popularizou no meio digital para referir-se ao que se relaciona com a informática e a tecnologia: *rede* de internet, *rede* de computadores, *redes* sociais, etc. Assim, a sigla R.E.D.E. utilizada pela UFSM vincula-se ao informatizado, ao digital. O digital, conforme pontua Dias (2016, p. 9), alterou a forma como a sociedade se organiza, como as relações sociais se estabelecem, instaurando uma nova discursividade:

O digital produziu uma mudança na discursividade do mundo, como tenho afirmado em meus trabalhos (DIAS, 2004, 2012) nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos, mas também na forma dos relacionamentos, do trabalho, da mobilidade, dos encontros, até mesmo do fazer científico, do qual faz parte a maneira de sua produção e seus meios de circulação (Dias, 2016, p. 9).

Essa nova discursividade, essa nova forma de nos relacionarmos e fazermos sentido no mundo, por meio do digital, foi intensificada e, ao mesmo tempo, (re)significada na pandemia à medida em que o prolongamento do isolamento social explicitou, em determinados contextos, a necessidade e a importância do “presencial”, além da demanda de formação de redes de apoio e

que “A não adesão do docente à disciplina ofertada pelo Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE), a partir do segundo semestre letivo de 2020, enquanto exceção, deverá ser justificada e aprovada pelo departamento didático”.

cuidado para o enfrentamento dos problemas referentes à saúde física e mental dos sujeitos nesse período.

Entendemos, então, que a sigla R.E.D.E. desliza para sentidos além do digital. Observemos, primeiramente, a definição do dicionário para a palavra REDE:

Rede (substantivo feminino): 1. trançado de fios que forma tecido de malha aberto em losangos ou quadrados, usado em pesca, esportes, etc; 2. equipamento de material resistente para aparar corpos em queda; 3. leito oscilante de pano com as extremidades presas à parede por ganchos; 4. conjunto de meios de comunicação, informação ou transporte; 5. canalização que distribui água, esgoto, gás; **6. conjunto interligado de pessoas ou estabelecimentos, 7. sistema constituído por dois ou mais computadores interligados, para comunicação, compartilhamento e intercâmbio de dados. 8. internet** (Houaiss, 2010, p. 663, grifos nossos).

No verbete recortado acima do Dicionário Houaiss, temos oito definições para o significado de *rede*, interessa-nos neste trabalho, no entanto, as definições 6, 7 e 8. Na sétima e oitava definições, como é possível observar, o significado de *rede* está atrelado ao digital, enquanto que na sexta definição o significado faz referência às relações interpessoais, à interação social. Quando pensamos as materialidades tomadas aqui como objeto de análise, temos esses dois significados funcionando em uma cadeia de sentidos que começa no digital e desliza posteriormente para o interpessoal/social à medida em que a pandemia avança e se agrava, como veremos no próximo tópico.

O Portal “UFSM em rede”

O “UFSM em rede” é um portal que aparece no contexto pandêmico com o objetivo de fornecer “dicas e orientações para o ensino remoto”, a fim de auxiliar os estudantes, professores e demais profissionais da instituição na utilização das ferramentas tecnológicas na emergência do ensino virtual/ à distância em detrimento do presencial, devido ao distanciamento social

necessário naquele período. A “rede” utilizada no nome do portal, portanto, refere-se, em um primeiro olhar, à rede de internet, computadores, informática, etc. Isso pode ser observado também pela imagem utilizada na capa do portal, que remete à uma “placa-mãe” – item essencial para o funcionamento de um aparelho de computador, cuja característica principal é a estrutura de circuitos que conecta diferentes componentes.

A plataforma “UFSM em rede” foi lançada em 23 de junho de 2020 e tem “a missão de facilitar o ensino tanto para o professor como para o aluno enquanto não houver o retorno das atividades presenciais nos campi” (UFSM, não paginado) e é organizado em quatro eixos temáticos que contemplam: 1) Planejamento; 2) Interação e a atividade; 3) Avaliação e 4) Depoimentos. Ao clicar nos três primeiros títulos, é possível acessar materiais, manuais e dicas para, conforme mencionado, o ensino remoto. Já em “Depoimentos”, é possível acessar o depoimento de professores da UFSM sobre o uso das tecnologias digitais utilizadas no ensino remoto.

Figura 3: Página “UFSM em rede”



Apresentação

Fonte: Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/ufsm-em-rede>.
Acesso em: 4 set. 2023.

Importante atentar para a cronologia dos acontecimentos, a Instrução Normativa do REDE, que regulamenta as atividades acadêmicas a distância, foi lançada em março de 2020, posteriormente, em junho foi lançada a Plataforma “UFSM em rede”. Podemos depreender dessa relação que, em um primeiro momento, a preocupação institucional se direcionava a uma regulamentação que transpassasse certo ar de normalidade e orientasse o seguimento das atividades institucionais, entretanto, conforme o período pandêmico foi estendido e agravado, percebeu-se a necessidade de um novo olhar diante dessa conjuntura, bem como novos mecanismos e ferramentas que fossem além da normatização das atividades administrativas e acadêmicas.

A plataforma “UFSM em rede” parece nascer desse anseio. Os sentidos se movimentam (d)o REDE para o(em) Rede, e o uso da preposição “em” indicando modo, forma, meio, nos mostra que esse era o meio pelo qual a UFSM estava trabalhando, “em rede”. Essa *rede*, portanto, pode ser pensada, como indicamos inicialmente, enquanto rede de internet, de computadores, mas também como rede de pessoas, rede de apoio, já que, para além da “placa-mãe”, a imagem símbolo da plataforma parece remeter também a pessoas unidas, interligadas.

Entendemos que essa movência de sentidos se produz na articulação entre paráfrase e polissemia, a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer, enquanto a polissemia promove um deslocamento nos processos de significação (Orlandi, 2012). Observamos o processo parafrástico quando a materialidade da plataforma retoma uma memória de sentidos produzidos na pandemia e reforça também o significado de *rede* relacionado ao campo semântico da informática, do digital. Por sua vez, em um processo polissêmico desloca e produz sentidos outros que fogem desse significado e constituem um novo discurso, centrado nos vínculos entre a instituição, seus discentes, servidores e a comunidade, menos normatizante, burocrático e mais humanizado, já que a plataforma demonstra também outras preocupações

institucionais, como afirmado na própria página, no *link* interação e interatividade: “Nesse momento é essencial manter a interação humana, não apenas para o conteúdo escolar, mas também para criar uma rede de apoio”.

Considerações finais

Recorrendo ao dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil, este artigo buscou desenvolver um gesto analítico discursivo acerca do funcionamento da palavra *rede*, em documentos e publicações institucionais da UFSM, no período da pandemia de COVID-19, e seus possíveis efeitos de sentido produzidos.

Para tanto, intentou-se observar os deslocamentos de sentido da palavra REDE em duas materialidades elaboradas pela UFSM em que essa palavra circulava: a Instrução Normativa nº 002/2020, que trata do Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e o portal “UFSM em rede”.

Com isso, foi possível refletir, a partir desses dois movimentos da instituição, sobre os efeitos de sentido que deslizam e ao mesmo tempo se complementam à medida em que a perspectiva institucional, frente à prática educativa, diante dos desafios impostos pela pandemia, também se (re)significa.

Reforçamos que, até o segundo semestre de 2023, a UFSM é a única instituição do sul do país que ainda mantém ativa em seu portal digital uma seção específica sobre a COVID-19. Seção na qual é possível observar a circulação, a produção e a divulgação de conhecimentos técnicos-científicos durante o período pandêmico, mas também conteúdo que possibilita a construção de novas pesquisas e trabalhos científicos, como este artigo.

Entendemos ainda que a manutenção do portal demonstra uma resistência. No sentido de que manter essas informações é uma forma de resistir ao esquecimento, talvez inevitável com o tempo.

Trata-se de uma forma de aprender com o passado, entender o presente e (re)significar o futuro, o que nos coloca também diante de um posicionamento institucional que confronta posicionamentos negacionistas e anticiência – o que muito nos diz sobre educação, ciência, história e memória.

Referências

- Brasil. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 9 set. 2023.
- Carvalho, Júlia. O enfrentamento da pandemia pelas universidades federais. **Jornal do Campus/USP**, 28 set. 2020. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/09/o-enfrentamento-da-pandemia-pelas-universidades-federais/>. Acesso em 1 set. 2023.
- Dias, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco**, Vitória da Conquista/BA, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>. Acesso em: 4 set. 2023.
- Houaiss. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 4.ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- Indursky, F. Lula lá: Estrutura e Acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v.17, n. 35, 2003.
- Orlandi, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.
- Orlandi, E. P. **Terra à vista** – discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

Pêcheux, M. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. 3. ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. Pontes, 2008. [Edição original: 1983].

Ruiz, M. A. A.; Sousa, L. M. A. e. Memória e(m) discurso na pandemia de COVID-19: o acontecimento do vírus e a arte em rede. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 63, n. 00, p. 1-14, e021032, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664096>. Acesso em: 4 set. 2023.

Surdi, M. I.; Luz, M. N. S.; Surdi, M. S. Representações sobre o sujeito-professor no contexto de pandemia: o que os memes têm a nos dizer. In: Petri, V. et al. (Org.). **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.

Universidade Federal de Santa Maria. Gabinete do Reitor. **Portaria nº 97.935**, de 16 de março de 2020. Santa Maria, RS: Gabinete do Reitor, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2020/03/PORTARIA-97.935.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

Universidade Federal de Santa Maria. Gabinete do Reitor. **Resolução nº 024**, de 11 de agosto de 2020. Regula o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e outras disposições afins, durante a Suspensão das Atividades Acadêmicas Presenciais em face da Pandemia da COVID-19. Santa Maria, RS: Gabinete do Reitor, 2020. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/download.html?action=arquivoIndexado&download=false&id=265269>. Acesso em: 9 set. 2023.

Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Graduação. **Instrução Normativa nº 002/2020/PROGRAD**, de 17 de março de 2020. Regula o regime de Exercícios Domiciliares Especiais e o funcionamento da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DERCA) durante a Suspensão das Atividades Acadêmicas e Administrativas em face da Pandemia COVID-19. Santa Maria, RS: Pró-Reitoria de Graduação, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/429/2020/03/IN-002-2020-PROGRAD.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

Universidade Federal de Santa Maria. **UFSM em rede**: Dicas e Orientações para o Ensino Remoto. Santa Maria, RS: UFSM, 2023. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/ufsm-em-rede>. Acesso em: 9 set. 2023.

Venturini, M. C. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. 1. ed. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2009.

Venturini, M. C.; Fernandes, R. Corpo e Museus em tempos de pandemia: uma poética da ausência. **Heterotópica**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 208-229, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/59309>. Acesso em: 4 set. 2023.

O ESPAÇO DIGITAL COMO OBSERVATÓRIO DE PRÁTICAS SOCIAIS E LINGUAGEIRAS NA PANDEMIA: O AGENCIAMENTO DE SUJEITOS MIGRANTES A PARTIR DO SITE REFUGIADOS EMPREENDEDORES

Laura David Bucholz
Marluza da Rosa

Considerações iniciais

Esta pesquisa está inserida no âmbito do projeto DiASPORA (Discursos de/sobre acolhimento: saber-poder, refúgio e alteridade) e faz parte do percurso de pesquisa que viemos construindo durante os dois anos de nosso mestrado. Apesar de muito ser repetido sobre as migrações atuais, entendemos que, enquanto pesquisadores do discurso, não basta nos determos ao que nos parece evidente para compreendermos a complexidade desse fenômeno. A temática muito nos interessa, pois acreditamos que é a partir de um olhar discursivo para o cenário migratório (e para os sujeitos migrantes) que podemos desestabilizar o que está na ordem da normalidade, visto que é na e pela língua(gem) que os sujeitos e os sentidos se constituem.

Tendo em vista que grande parte dos migrantes que chegam sem condições de se estabelecerem no novo país são recebidos com discriminação e intolerância, acreditamos tratar-se de uma temática urgente. Da mesma forma, consideramos ser importante problematizar o fato de que trabalhadores acabam se enquadrando em certo formato de trabalho, cumprindo regras e determinações impostas pelo agenciamento ao qual se submetem, que podem parecer melhores condições de vida, mas influenciam diretamente em seu sofrimento (Safatle, Junior, Dunker, 2021).

Os fenômenos migratórios são um importante movimento na constituição das sociedades. A vinda de europeus ao Brasil, nos séculos XVIII e XIX, por exemplo, é constitutiva da nossa formação social até os dias de hoje, pois faz parte do imaginário sobre as migrações, que compreende aqueles vindos de países do norte global como sempre bem-vindos. Entretanto, apaga-se, junto com as mudanças sociais, políticas e econômicas que nos parecem evidentes, que a tradição dos colonizadores portugueses era pouco hospitaleira. Segundo Barreto (2015), de 1500 até 1850, mais de 4 milhões de africanos foram escravizados, ao mesmo tempo em que foram dizimados mais de 3 milhões de indígenas, perpetuando-se a tentativa de estabelecer fronteiras entre “nós” e “eles”.

Quando falamos no cenário migratório, o atravessamento histórico é inegável e ecoa na atualidade, constituindo já-ditos que ressoam na produção de sentidos sobre as migrações contemporâneas. Com o período da pandemia, provocada pela disseminação do vírus SARS-CoV-2 e declarada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020, esse cenário sofre outras mudanças, do fechamento ainda mais contundente de fronteiras até o preconceito contra pessoas advindas de determinados países e a precarização das condições de trabalho e de vida da população migrante. A pandemia afeta também a leitura que se faz do fenômeno migratório, a partir de dados, números e nomes.

Apesar das inúmeras tentativas de definição ou designação (migrante, imigrante, refugiado, exilado, entre tantos outros), ou ainda da busca por determinar quem se enquadra em um deslocamento forçado ou voluntário, o ato de migrar impacta na constituição dos sujeitos, “dadas as perdas e as rupturas para aquele que se desloca para outro país, além da inevitável adaptação a uma nova realidade (língua, cultura, códigos, normas sociais etc.)” (Lara; Da Rosa; Tauzin-Castellanos, 2021, p. 2). Em um cenário pandêmico, essas designações ora se inflam, ora se esvaziam de sentidos, suscitando questões para a compreensão da constituição subjetiva. Portanto, entendemos que pesquisar sobre a chamada crise

migratória apenas a partir de dados numéricos, em meio ao que convencionou tratar de crise sanitária, estaria longe de abranger a complexidade desse cenário sócio-histórico e político.

Com base nos estudos materialistas do discurso (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2017), levando em conta seu singular atravessamento pela psicanálise, este capítulo propõe investigar como se dá o agenciamento de sujeitos migrantes a partir do site “Refugiados Empreendedores”¹, criado pelo Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e pelo Pacto Global “no contexto da crise global despertada pela pandemia de COVID-19” (ACNUR; Pacto Global, [s.d], [s.p]) com a promessa de dar maior visibilidade aos negócios criados por refugiados nesse período em que, devido às medidas de saúde pública, estabelecimentos físicos precisaram ser fechados.

O site Refugiados Empreendedores é estruturado em abas, sendo elas “Início; Sobre a iniciativa; Acesse produtos e serviços; Apoios para empreendedores; Como fazer negócios com refugiados; Inscreva seu negócio; Contato”. Há dois direcionamentos ao entrar na página (FIGURA 1), um para quem é refugiado e gostaria de empreender ou cadastrar seu empreendimento no site, e outro para quem gostaria de fazer negócios com refugiados e/ou conhecer seus produtos e serviços.

¹ Disponível em <https://www.refugiadosempreendedores.com.br/>. Acesso em: 10 ago 2023.

Figura 1 – captura de tela da aba “Início”



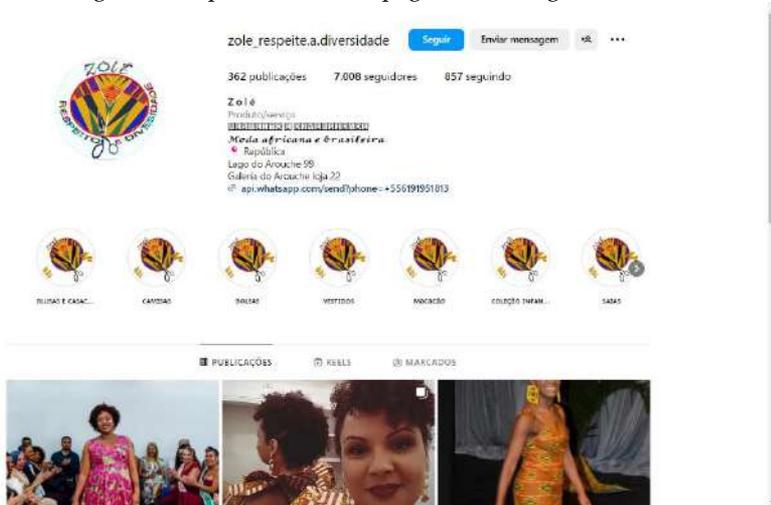
Fonte: <https://www.refugiadosempreendedores.com.br/>

Além disso, os empreendimentos são separados por país de origem dos migrantes, região do Brasil em que se instalaram e tipo de negócio. A plataforma também compila diversos materiais voltados a migrantes, como guias, cartilhas, cursos e direcionamentos para acesso a crédito, o que reforça, inclusive, a vulnerabilidade financeira à qual esses “empreendedores”, aparentemente donos de si e do próprio negócio, submetem-se. A precarização das relações de trabalho, a falta de hospitalidade com refugiados e o atravessamento das condições sociais, políticas e econômicas atuais criam camadas de sentidos que fazem parte do processo discursivo que buscamos compreender.

O site em questão ainda possui uma seção que compila páginas do Instagram de empresas criadas por migrantes que residem atualmente no país, o que nos leva ao segundo movimento que buscamos delinear neste capítulo. A partir da análise de um recorte oriundo do perfil comercial no Instagram da marca de roupas Zolé (FIGURA 2), criada por Franck, refugiado da Costa do Marfim, pretendemos refletir sobre o espaço digital como um dos possíveis observatórios das práticas sociais e languageiras, buscando traços,

equívocos, falhas (constitutivos da língua, do sujeito e da história) que nos permitem problematizar nossa formação social.

Figura 2 – captura de tela da página no Instagram



Fonte: https://www.instagram.com/zole_respeite.a.diversidade/?hl=pt-br

Com base na articulação feita nos estudos do discurso entre língua, sujeito e história, em um primeiro momento deste capítulo, partiremos do cenário pandêmico como parte das condições de produção dos discursos, para observar um recorte extraído da plataforma Refugiados Empreendedores. Entendemos que as restrições exigidas pelos órgãos de saúde no período da pandemia fizeram com que o espaço digital tivesse (ainda mais) importância nas práticas sociais e linguageiras. Levando isso em consideração, tomamos como foco de análise, em um segundo momento, o enunciado que apresenta a marca Zolé no Instagram.

Migrações em um cenário pandêmico: marcas da precarização neoliberal

Apesar de os dados numéricos repetidamente veiculados nas mídias sobre a situação migratória atual produzirem um efeito de

anormalidade sobre o tema, as migrações “não são fatos novos – mas antes, fenômenos antigos que recebem contornos diferentes a cada época, sendo marcados pelo desenrolar da história” (Lara; Da Rosa; Tauzin-Castellanos, 2021, p. 3). Nesse sentido, entendemos que as migrações atuais não produzem o mesmo efeito nem têm o mesmo impacto que as migrações do século XIX, por exemplo. Aqueles que vieram para o Brasil no século XIX são vistos como pessoas que auxiliaram no desenvolvimento do país, promovendo avanços econômicos e fornecendo mão de obra necessária e qualificada para o trabalho (Pavan, 2022). Em contrapartida, os migrantes atuais não teriam sido requisitados, o que influencia nos já-ditos sobre esses sujeitos, impactando nos crimes xenofóbicos (e na maioria das vezes também racistas) que eles sofrem.

Somado a isso, os migrantes que permanecem no Brasil ainda se inserem em um cenário tomado por desigualdades, em meio a uma crise econômica e social instaurada (não só, mas também) pela pandemia da COVID-19. Segundo Dias (2021), a “plataformização” das relações de trabalho através da tecnologia toma forma em uma conjuntura política de retirada de direitos trabalhistas, descaso com a saúde pública e invalidação da ciência. Nesse contexto dissemina-se a chamada uberização do trabalho, “onde o sujeito é o chefe de si mesmo, mas ao mesmo tempo totalmente atado pela tecnologia, preso em suas redes sem lei” (Dias, 2021, p. 50). As redes sociais digitais, atravessadas por uma retórica do empreendedorismo como parte do discurso neoliberal, cria, portanto, uma ilusão de que se pode trabalhar sem sair de casa e ganhar dinheiro pela internet.

Nesse cenário, os migrantes buscam formas de sustento para si e suas famílias, contudo, os preconceitos que circulam sobre eles fazem com que muitos se submetam a situações, por vezes, mais difíceis do que as vivenciadas pelos trabalhadores ditos nacionais. Devido a isso, é importante problematizar o fato de que trabalhadores acabam se enquadrando em certo formato de trabalho, cumprindo certas regras e determinações impostas pelo neoliberalismo, disfarçadas de melhores condições de trabalho (e de

vida), mas que influenciam diretamente em seu sofrimento (Safatle, Junior, Dunker, 2021).

As condições de trabalho autônomo, impostas pelo cenário de desemprego em massa, vêm disfarçadas de empreendedorismo fácil, mas escondem uma conjuntura política de retirada de direitos trabalhistas. O discurso neoliberal, atravessado pela ideia de que ser empreendedor seria a solução para todos os problemas, coloca os sujeitos como responsáveis única e exclusivamente por sua miséria. Empreender surgiria, assim, como a visada lógica para os que não querem submeter seu tempo, sua força de trabalho e sua dependência financeira a terceiros.

Diante disso, as mídias digitais prometem automatizar e simplificar as relações de trabalho, mas, na verdade, servem para gerenciá-lo independentemente da distância. O que acontece é, segundo Dias (2021, p. 49), “uma invisibilização da desigualdade, já que ‘não vemos’ o explorador, ele não tem rosto”, marca presente no neoliberalismo. As “facilidades” do espaço digital, portanto, atrelam-se à evidência de que o empreendedorismo tornaria todos iguais economicamente, dependendo supostamente apenas do esforço do sujeito empreendedor, tal como a figura do Barão de Münchhausen, que se puxa para cima pelos próprios cabelos (Pêcheux, 1995).

Com base nos estudos materialistas do discurso, tomamos a ideologia como mecanismo de produção de evidências (Orlandi, 2017), o que nos leva a refletir sobre nossa formação social a partir dos efeitos ideológicos que constituem a forma-sujeito histórica e interpelam os sujeitos. Na releitura de Althusser proposta por Modesto (2021), a compreensão de uma formação social se dá a partir do entendimento sobre os modos de produção. Segundo o autor,

A constituição do modo de produção vai se dar na unidade entre forças produtivas, de um lado, e relações de produção, de outro. No que tange a essa constituição, a especificidade da leitura que Althusser faz de Marx recai no fato de que, segundo o filósofo, embora a base material da unidade forças produtivas/relações de produção seja as forças produtivas, tais forças “nada seriam se não estivessem em condições de funcionar [...] elas só podem

funcionar em e sob suas relações de produção” (ALTHUSSER, 2008, p. 43-44). Essa tese, geralmente não reconhecida por outros marxistas, leva a dizer que as relações de produção são as que desempenham o papel determinante (Modesto, 2021, p. 6).

A partir disso, o autor chama a atenção para o fato de haver sempre um modo de produção dominante, “organizando materialmente aquilo que reconhecemos como ‘sociedade’, ainda que haja resistência” (Modesto, 2021, p. 6), nesse cenário, o modo de produção capitalista. Em nossa formação social atual, o neoliberalismo, portanto, representaria uma atualização do capitalismo, e, com Costa e Chiaretti (2023), compreendemos que essa racionalidade política instaura um novo regime de evidências que afeta os modos de produção subjetiva.

O termo neoliberalismo passa a ser discutido a partir de 1938, no Colóquio Walter Lippmann, em que economistas, sociólogos, jornalistas e filósofos se reuniram para debater a derrocada do liberalismo, que perdia sua hegemonia. A discussão girava em torno de que “livre-iniciativa, empreendedorismo e competitividade seriam características que brotariam quase que espontaneamente dos indivíduos, caso fôssemos capazes de limitar radicalmente a intervenção econômica e social do Estado” (Safatle, 2021, p. 24). Em relação ao liberalismo clássico, no neoliberalismo, seria priorizado o Estado mínimo através da sua retirada do mercado que, em tese, regularia toda a ordem econômica. A crítica neoliberal se sustenta em que o Estado prejudicaria as ações comerciais e que o fortalecimento de sindicatos seria ameaça à economia.

Porém, nas palavras de Safatle (2021), o neoliberalismo é o triunfo do Estado e não sua redução ao mínimo, pois quando os interesses pessoais são submetidos aos interesses do outro, é necessário que todos submetam-se a regras “impessoais” do mercado. Logo, o funcionamento desse modo de produção faz com que o sujeito seja regido pelo Estado, apesar da ilusão de autonomia.

Assim, conforme afirma Pêcheux (1995), o sistema capitalista se sustenta em formações ideológicas, disseminando seu poder pelo

mecanismo da interpelação ideológica que produz a evidência do sujeito e oculta o processo de identificação-interpelação do qual ele emerge (Silva; Tfouni, 2023). É nesse sentido que compreendemos a aproximação entre ideologia e inconsciente, por dissimularem no seu funcionamento sua própria existência, produzindo um tecido de evidências subjetivas (Orlandi, 2017), e esse efeito, tratando-se da ideologia, constitui a ilusão do sujeito como origem de si e dos sentidos como evidentes. Buscaremos aprofundar essa relação na segunda seção deste capítulo.

A partir do que retomamos sobre as condições de produção sócio-históricas e ideológicas, que determinam a produção de sentidos e sujeitos, entendemos que a plataforma Refugiados Empreendedores nos dá elementos para analisar de que forma os sujeitos migrantes são agenciados pelo discurso neoliberal, que faz parte da formação social em que são inseridos. O site, criado por iniciativa governamental durante a pandemia de COVID-19, conta com um texto de apresentação em uma seção chamada “Sobre a iniciativa”. Deste espaço, recortamos o seguinte enunciado:

E1:

A Plataforma Refugiados Empreendedores surge no contexto da crise global despertada pela pandemia de Covid-19 como uma ferramenta para dar maior visibilidade aos negócios liderados por **empresários(as) e refugiados(as)** no Brasil [...] Nesse contexto, é essencial **promover parcerias inovadoras** para a inclusão das pessoas refugiadas através da expansão das oportunidades de subsistência a longo prazo” (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.], [s.p.], grifos nossos).

Fortemente atravessado pelo discurso institucional, que se curva à lógica neoliberal a partir da retórica do empreendedorismo, o site nos parece uma materialização da precarização em que os migrantes se encontram. Entendemos se tratar de uma retórica visto que há, tanto no espaço direcionado a refugiados quanto na interlocução com brasileiros, um movimento de convencimento e persuasão. No primeiro cenário, percebemos que há a tentativa de

mostrar que ser empreendedor seria a melhor saída para refugiados que buscam formas de sustento no Brasil, pois não haveria necessidade de se submeter a certa ordem “tradicional” de trabalho. Já no espaço para brasileiros, a tentativa de convencimento gira em torno de que fazer negócios com empresários refugiados traria benefícios para as empresas brasileiras – funcionando como um possível condicionante de hospitalidade e acolhimento.

Em E1, vemos que a plataforma “surge” no contexto da chamada crise global despertada pela pandemia de Covid-19 e se autointitula como sendo uma ferramenta para dar maior visibilidade aos negócios liderados por empresários(as) e refugiados(as) no Brasil. Cabe pontuar que estão falando de “empresários e refugiados”, ou seja, não é qualquer refugiado, são “empresários”.

Entendemos, com Orlandi (2017), que este “e” indica uma conjunção, que, ao mesmo tempo, une e separa. Para que essa conjunção ocorra, segundo a autora, é necessário que um saber além da gramática funcione para articular os “conjugados” (Orlandi, 2017, p. 20). Podemos interpretar que tratar de “empresários e refugiados” teria como efeito a inclusão em determinado grupo (os empresários), mas, ao mesmo tempo em que se promete incluir alguns refugiados, também se exclui tanto o grupo dos migrantes que não são admitidos como refugiados, quanto o dos refugiados que não são vistos como empresários, nos moldes da plataforma.

Percebemos, aqui, uma contradição, pois dar ênfase a “empresários” faz com que os sentidos produzidos sejam outros. Se empresários, na visada neoliberal, teriam sucesso com seus próprios negócios, porque estariam, então, solicitando refúgio? Considerando que estamos pensando em efeito ideológico, em sujeitos na história e na sociedade, afetados pelo político (Orlandi, 2017), precisamos lembrar que somos falados pela ideologia no funcionamento do interdiscurso. Segundo Orlandi (2017), a memória fala por conta própria. Então, pensando que há uma memória sobre as migrações que nos constitui, de que os migrantes

viriam roubar empregos e usufruir dos benefícios, nomeá-los dessa forma e não de outra sugere que esses refugiados em questão não estariam nessa categoria, mas sim, que seriam empreendedores que vêm ao Brasil para enriquecer a economia local. Logo, se são empresários, “chefes de si mesmos”, não se enquadrariam como migrantes laborais, que precisam de ajuda e subvenção do Estado.

Portanto, não há como ignorar o fato de que esse direcionamento está amarrado com uma memória das migrações dos europeus para o Brasil, no século XIX, aqueles que foram requisitados (Andrade, 2021, Da Rosa, 2018), que vieram para “enriquecer a cultura” e “trazer progresso” ao país. Podemos indagar se esse movimento institucionalizado de querer que os migrantes tornem-se “empreendedores”, “donos do próprio negócio” não estaria relacionado com um movimento de agenciamento, que busca separar os “bons migrantes” dos “maus migrantes”.

Além disso, as expressões “negócios liderados por” e “promover parcerias inovadoras” são marcas linguísticas do discurso neoliberal. Entendemos que dizeres como “líder” e “parcerias” sugerem uma resignificação das relações hierárquicas, por vezes exploradoras, moldadas pela nossa formação social neoliberal e capitalista. Segundo Costa e Chiaretti (2023, p. 5), no neoliberalismo, a relação patrão e funcionário é substituída por uma relação contratual diferente, em que “delimitações a respeito do trabalho são vagas e, sendo assim, são também menos afeitas às sujeições jurídicas, mais passional e mesmo controlável, logo, mais sujeita a uma série de faltas e excedências”. Essa mudança no modo de dizer provoca um efeito de apagamento das relações de trabalho, visto que formular dessa forma sugere que, se alguém não quiser se submeter a um chefe, então deve “liderar seu negócio”, ou ainda, se resiste a um sistema de exploração, então deve firmar “parcerias”. Isso provoca o efeito de que ser empreendedor colocaria esses refugiados em outro âmbito, o âmbito comercial fortemente

atravessado pelo neoliberalismo. Esse discurso, plataformizado, parece agenciar também os modos possíveis de resistência.

Tendo em vista que a constituição dos sujeitos e dos sentidos se dá ao mesmo tempo e é determinada por um processo sócio-histórico, entendemos que aqui falamos de uma forma-sujeito capitalista, funcionando sob a ilusão de um sujeito autônomo e responsável, “em que a ideologia, pelo interdiscurso, fornece a ‘cada sujeito’ sua ‘realidade’ enquanto sistema de evidências” (Orlandi, 2017. p. 25). Então, parece-nos necessário buscar nas páginas do Instagram, compiladas na plataforma Refugiados Empreendedores, rastros desse sujeito que se constitui nesse processo, onde sujeito e língua se inscrevem na história.

Para encontrarmos e compreendermos esses rastros, na seção seguinte, dedicamos nosso olhar a um recorte extraído de uma das páginas de Instagram que compõem o site Refugiados Empreendedores, o que nos ajudará a refletir sobre o espaço digital como um dos observatórios das práticas sociais e linguageiras, bem como sobre o agenciamento de sujeitos migrantes pelo discurso neoliberal.

Espaço digital como observatório: a falha constitutiva do processo discursivo

Para iniciarmos esta seção, faz-se necessário explicitar o que compreendemos como espaço digital, para que possamos refletir sobre esse espaço como um possível observatório. Em seguida, partiremos do atravessamento da psicanálise nos estudos do discurso para construirmos a análise dos rastros que apontam para o agenciamento dos sujeitos migrantes neste espaço.

Dias (2021) define espaço digital como aquele que significa uma relação de memória que se estende para além do dispositivo, diferenciando-o do ambiente digital, que se refere a uma interface específica. Ao falar em espaço, a autora formula uma leitura discursiva sobre a noção. Segundo Dias (2021), quando falamos em

espaço digital, então, referimo-nos a um espaço simbólico atravessado e constituído pela história, um espaço de sujeitos e de significantes.

Importante é destacar que, nessa perspectiva, consideramos a opacidade na constituição do sujeito e dos sentidos. Logo, é preciso tomar a noção de espaço digital e “considerá-la na relação com o político e com a ideologia, em sua complexidade, como processo e não apenas como produto” (Dias, 2021, p. 38). É nesse sentido que propomos refletir sobre o espaço digital como um dos possíveis observatórios das práticas sociais e linguageiras, visto que, nos objetos aqui em estudo (o site Refugiados Empreendedores e uma das páginas do Instagram nele compiladas), é no e pelo espaço digital que os sujeitos migrantes são agenciados pelo discurso neoliberal.

Como vimos no início do capítulo, buscamos embasamento teórico nos estudos do discurso, principalmente a partir da noção de língua, onde sujeitos e sentidos se constituem, afetados pelas condições históricas e ideológicas. Portanto, como fio condutor desta pesquisa, interessa-nos estreitar as aproximações entre a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso com a psicanálise lacaniana.

Quando apresentam o quadro epistemológico da Análise de Discurso (AD), Pêcheux e Fuchs (2014) acrescentam: “Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 160). A psicanálise, portanto, não aparece como um dos pilares, mas como algo que atravessa as três regiões do conhecimento mencionadas.

No campo da linguística, esse atravessamento teórico se dá quando se passa a considerar o funcionamento da língua, e não apenas sua função, admitindo-se uma exterioridade constitutiva, uma incompletude, o lugar do possível (Orlandi, 2017). Busca-se, nessas lacunas, tangenciar o real da língua, o impossível de que não seja assim, conforme Pêcheux (1995).

Em relação ao materialismo histórico, Pêcheux (1995, p. 254) reitera que, para a AD, não basta a simples referência às condições de produção sócio-históricas do discurso, mas é preciso “explicitar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto das formações ideológicas”. Os sujeitos e sentidos se constituem, portanto, atravessados pelas condições sócio-histórico-ideológicas que se materializam na língua, onde há a possibilidade do equívoco através da inscrição do sujeito e da língua no processo histórico (Orlandi, 2017).

Já a determinação histórica dos processos semânticos, abarcada pela teoria do discurso, leva-nos ao processo de constituição de sujeitos e sentidos, que envolve as noções de real da língua (com sua aparente autonomia e unidade) e real da história (compreendido a partir das contradições no modo de produção), imbricados. Lembrando que somos falados pela ideologia no funcionamento do interdiscurso, ou seja, há um “processo sócio-histórico pelo qual se constitui o efeito-sujeito como interior sem exterior, e isto pela determinação do interdiscurso com o real (exterior)” (Orlandi, 2017, p. 25), podemos reiterar que sempre há exterioridade, há incompletude, e esse “algo” que sempre escapa é constitutivo do processo discursivo (e da constituição de sentidos e sujeitos), apontando para o Real.

Sendo o Real incontornável e inapreensível em sua totalidade, é pela falha, pelos deslizos e pelo equívoco, materializados na língua, que nos deparamos com ele e que se constitui o sujeito do discurso. Para Ferreira (2010),

Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado (Ferreira, 2010, p. 5-6).

Podemos observar esse funcionamento no recorte a seguir.

E2:

Respeito e diversidade



Respeite a diversidade

O enunciado selecionado para esta análise foi extraído do perfil comercial da marca de roupas Zolé, no Instagram, como apresentado nas considerações iniciais deste capítulo. Marca e perfil foram criados por Franck, refugiado da Costa do Marfim que, como indica o site Refugiados Empreendedores, com a crise econômica decorrente da COVID-19, precisou “fechar as portas do seu negócio, por não ter como pagar todas as despesas do empreendimento” (ACNUR; Pacto Global, [s.d], [s.p]). Cabe lembrar, num primeiro momento, que o enunciado está no espaço digital, que guia a constituição dos discursos e “atravessa a relação do sujeito com a linguagem” (Orlandi, 2012, p. 69). Com o cenário pandêmico em questão, entendemos que as redes sociais digitais, no caso, o Instagram, tomam lugar ainda mais relevante nesse atravessamento.

O *slogan* da marca, apresentado na foto do perfil, é “respeito e diversidade”. Porém, no nome da página, o enunciado é outro: respeite a diversidade. Percebemos que há um equívoco, atravessado pela historicidade. Poderíamos pensar que o deslizamento foi intencional, mas cairíamos no engodo de que o sujeito teria controle do que diz e dos sentidos que produz. A língua, sendo a “base comum de processos discursivos diferenciados” (Pêcheux, 1995, p. 91), a cadeia de significantes que interpela o sujeito, funciona como uma espécie de revestimento onde se entrecruzam o real da língua e o real da história.

Nesse sentido, podemos retomar o que Pêcheux (2014) postula sobre os esquecimentos. O esquecimento número dois é de ordem enunciativa e está relacionado com o imaginário. Há a ilusão de que

aquilo só pode ser dito daquela maneira. O esquecimento número um trata de que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer, como se não houvesse uma exterioridade que constitui o discurso produzido. É a partir dessas ilusões, desse jogo, que os sentidos são produzidos.

Em um jogo de paráfrases, se pensarmos em “respeito e diversidade”, poderíamos relacionar a formulação com um simples enunciado que se refere à missão e aos valores da empresa de Franck, no discurso neoliberal. O funcionamento do “e” é outro se compararmos ao enunciado “empresários e refugiados”, analisado na seção anterior. Na repetição, há um equívoco, surge a possibilidade da polissemia, de um outro funcionamento, de um outro sentido que “expõe o sujeito a seu próprio dizer, ao seu próprio olhar [...] uma inclinação da língua sobre ela mesma, pelo discurso” (Orlandi, 2012, p. 77). “Respeite a diversidade”. De uma aposição, em uma afirmação, passa-se a uma injunção, um imperativo. O “e” desliza, deixa de ser uma conjunção e passa a compor o imperativo. O sujeito escapa na/pela sintaxe, entre uma palavra e outra. Há uma parte do dizer inacessível ao sujeito, mas que fala em seu dizer, “o sujeito toma, então, como suas as palavras que falam nele: efeito ideológico” (Orlandi, 2017, p. 26), e assim podemos apreender a relação da linguagem com a historicidade, matéria da contradição e do equívoco.

O equívoco, como diz Orlandi (2012), não é o “a menos”, é o “a mais”. Não é o que falta, mas o rastro que permite os questionamentos possíveis. Podemos indagar quem é esse sujeito, por que há essa disputa de sentidos, por que, nessas condições, há a necessidade do pedido de respeito? Não é irrelevante, se pensarmos no cenário sócio-histórico, não só, mas também, das migrações no mundo, que “refugiados” negros e pobres recebem um tratamento diferente do que “imigrantes” brancos e ricos, sendo alvo de crimes xenofóbicos, racistas e aporofóbicos (Cortina, 2020; Ribeiro; 2021; Faustino; Oliveira, 2021).

Como vimos, segundo Pêcheux, a língua é a base dos processos discursivos. No caso em análise, há uma (con) fusão que aponta para o sujeito, inserido nas condições de produção mencionadas, buscando sobreviver em uma sociedade diferente, em um cenário em que as hostilidades se exacerbaram, em um espaço entre línguas. Como menciona Orlandi (2012), consideramos a língua como mediadora da relação do homem com a realidade social e entendemos esse deslizamento como um equívoco, pois há historicidade nessa falha e, ainda segundo a autora, essa historicidade é representada pelos deslizes produzidos nas relações de paráfrase. De forma geral, é nessa falha, nesse equívoco, nesse deslizamento que é constitutivo à língua que, como vimos anteriormente, podemos apreender o real da língua e o real da história, é onde escapa o sujeito, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente.

Entendemos, com Orlandi (2012), que a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, que atravessam a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso, apontam para o Real, como vimos acima. Ainda é importante mencionar que o Real só se dá na articulação com o Simbólico e o Imaginário, sendo assim que o discurso funciona (tanto na língua e na história, quanto na produção de sentidos e sujeitos, sempre interligados).

A partir da compreensão da tríade Real-Simbólico-Imaginário e da sua relação com o processo discursivo, a releitura de Lacan feita por Pêcheux e seu grupo traz à baila uma nova visada sobre o processo de constituição de sentidos. Passa-se a entender “a primazia do significante sobre o signo e o sentido” (Pêcheux, 1995, p. 262), sendo o significante determinante para a constituição dos sujeitos. O sujeito se produz, assim, na interpelação pela cadeia de significantes, pelas “representações” desprovidas de sentido (*non-sense*), em um movimento de “imposição de sentidos às representações” (Pêcheux, 1995, p. 262). Logo, o que acontece no momento em que o sentido se produz no amontoado de significantes é o que Lacan (1998) entende como metáfora e Pêcheux (1995) irá retomar como efeito metafórico.

Em síntese, E1 aponta para uma contradição, materializada em “empresários e refugiados”, enquanto E2 nos permite apreender rastros do sujeito que ali se constitui, agenciado pelo discurso neoliberal fortemente marcado em E1, através dos deslizos entre os enunciados “respeito e diversidade” e “respeite a diversidade”. As análises nos permitem apreender possibilidades de sentidos que existem nas relações de metáfora (substituição, paráfrase, sinonímia), potencializados pelos deslizos, derivas.

Palavras finais

Neste capítulo, propomos investigar como se dá o agenciamento de sujeitos migrantes a partir do site Refugiados Empreendedores, refletindo sobre o espaço digital como um dos observatórios possíveis das práticas sociais e linguageiras em tempos pandêmicos. Para isso, partimos dos estudos materialistas do discurso e delineamos um percurso sobre as condições de produção dos discursos, bem como sobre a relação entre ideologia e inconsciente. Com isso, buscamos vestígios que nos permitiram problematizar a nossa formação social capitalista e neoliberal, levando em conta a língua e o sujeito inseridos na história.

Pensar a pandemia como constitutiva das condições de produção dos discursos nos leva a refletir e indagar sobre aquilo que move o real da história, a luta de classes. Essa aproximação nos sugere que a pandemia acirrou essa luta, visto que, ao mesmo tempo em que não se podia sair de casa, os conflitos se intensificaram, os embates políticos, econômicos e sociais ganharam força. Nessas condições, a compreensão dos movimentos migratórios torna-se também mais densa, demandando outros gestos de interpretação.

A partir dos movimentos de análise, podemos compreender que há uma determinação da forma-sujeito capitalista pela qual os indivíduos são interpelados. Há, na plataforma Refugiados Empreendedores, a materialização de um “modelo a ser seguido”, o efeito de sujeito autônomo, livre e responsável, autorizado pelo

discurso institucional que se curva à lógica neoliberal. Na página da loja de Franck, divulgada pelo site institucional, contudo, observamos que há um agenciamento por esse discurso, mas algo escapa, pois é no espaço entre línguas, lugar da falha, do possível, que os sujeitos e os sentidos se constituem. Entendemos que o sujeito que se constitui nessas condições deixa sua marca (pelo equívoco) na língua do outro, no espaço que usa, em tese, para divulgar o seu negócio, a marca de roupas.

Nesta pesquisa, sendo o espaço digital tomado como lugar de constituição de sentidos e sujeitos atravessado pela história, podemos refletir sobre este observatório das práticas sociais e linguageiras de, ao menos, duas formas. Entendemos que o sujeito migrante que aí se constitui, na e pela língua, no e pelo espaço digital, é agenciado pelo discurso neoliberal, e compreendemos esse cerceamento como uma das práticas sociais de nossa formação social atual. Parece-nos que há a necessidade de inserir-se nesse meio – do empreendedorismo –, pois seria um condicionante de acolhimento e hospitalidade. Da mesma forma, o sujeito se constitui em um espaço intervalar, entre línguas, sendo estas passíveis de equívoco, o qual diz do encontro com o Real, que escapa ao controle e diz do sujeito.

Referências

- Acnur; Pacto Global. **Refugiados empreendedores**, [s.d.]. Disponível em <<https://www.refugiadosempreendedores.com.br/>>. Acesso em 2 jun. 2023.
- Andrade, E. R. O entre-espaço ocupado pelo migrante (des)acolhido: entre a hospitalidade e a hostilidade. **Revista da Abralin**, v. 20, n. 3, p. 289-309, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1919/2501>. Acesso em: 6 nov. 2022.
- Barreto, G. Dois séculos de imigração no Brasil. **Tese de doutorado**, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://>

oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2017/07/tese-gustavo-barreto.pdf Acesso em: 20 jun 2023.

Cortina, A. **Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia**. Tradução de Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

Costa, G.; Chiaretti, P. Costuras discursivas sobre el trabajo en facciones textiles en la ciudad. **Arboles y Rizomas**, v. 5, n. 1, p. 1-20. Disponível em: <https://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas/article/view/5742> Acesso em: 16 ago 2023.

Da Rosa, M. T. Seleção e ingresso de estudantes refugiados no ensino superior brasileiro: a inserção linguística como condição de hospitalidade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 3, p. 1534-1551, set./dez. 2018.

Dias, C. O objeto discursivo na Análise de Discurso: (novas) questões sobre o digital. In: Soares, T. B.; Cruz, M. S.; Coito, R. F. (orgs). **Novas fronteiras em Análises do Discurso: objetos outros**. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2021.

Faustino, D. M. Oliveira, Leila Maria de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. v. 29, n. 63, 2021, p. 193-210. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>. Acesso em 1 dez. 2022.

Ferreira, M. C. L. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Lara, G. M. P.; Da Rosa, M.; Tauzin-Castellanos, I. Migrações e refúgio: abordagens discursivas. **Revista da Abralin**, v. 20, n. 3, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2019/2529>. Acesso em: 6 ago. 2023.

Modesto, R. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, 2021, p. 1-19. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851/2289>. Acesso em: 08 ago. 2023.

Orlandi, E. **Eu, tu, ele**. Campinas: Pontes, 2017.

- Orlandi, E. Quando a falha fala: materialidade, sujeito, sentido. In: Orlandi, Eni Pulcinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012. p. 69-82.
- Pavan, L. H. Hélène. Ser-estar longe de casa: experiências de (des)acolhimento de estudantes refugiados. 213 p. **Dissertação (Mestrado em Linguística)** – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/4130>> Acesso em: 18 ago. 2023
- Pêcheux, M. **Semântica e Discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- Pêcheux, M. Só há causa daquilo que falha ou inverno político francês: início de uma retificação. In: Pêcheux, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, 1995. Campinas: Pontes, 2ª ed., p. 293-308.
- Pêcheux, M; Fuchs, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: Gadet, Françoise; Hak, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Cap. 4. p. 159-249.
- Ribeiro, J. Da xenofobia à glotofobia: a estrangeiridade como um problema discursivo. **Revista da ABRALIN, [S. l.]**, v. 20, n. 3, p. 331–356, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1991>. Acesso em: 3 dez. 2022.
- Safatle, V, Júnior, N. S, Dunker, C. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, 286p.
- Silva, J. C. Tfouni, L. V.. A gente se vê por aqui: a interpelação ideológica na sociedade do espetáculo. **DELTA: Documentação De Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 39(2), 202339252292. 2023 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/S5TxbkYpPXG3x7WN5bLkTHk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 08 ago. 2023.

**“RELICÁRIOS SÃO MEMÓRIAS”:
A PANDEMIA DE COVID-19 NO PERFIL DE *INSTAGRAM*
@RELIQUIA.RUM**

Bianca Martins Peter
Greciely Cristina da Costa

Omitir sempre uma palavra, recorrer a metáforas ineptas e a
paráfrases evidentes, é talvez o modo mais enfático de
indicá-la.

(Jorge Luis Borges, *O jardim de veredas que se bifurcam*)

Para o idealizador do “lugar de memória”, essa fotografia é
inútil, uma vez que privada do referente que ela visa: não se
vê ninguém nessa imagem. Mas será necessária uma
realidade claramente visível — ou legível — para que o
testemunho se consuma?

(Georges Didi-Huberman, *Cascas*)

Introdução

Os anos de 2020 e 2021 no Brasil serão lembrados como o período mais agudo da pandemia de covid-19 no país. Poder-se-ia dizer o mesmo sobre outros países do mundo e, com isso, dar ênfase ao caráter global da disseminação em massa de um vírus altamente contagioso. Com efeito, 2020 e 2021 foram os anos mais dramáticos da pandemia para uma boa parte do mundo, com a proliferação global do vírus e os desafios que isso impôs à saúde pública. No entanto, o Brasil aparece entre os países com a maior mortalidade do vírus no mundo: o segundo, atrás apenas dos Estados Unidos¹.

A pandemia da SARS-CoV-2 tem um caráter massificador e sua gravidade nos anos 2020 e 2021 foi constantemente divulgada por números: “médias móveis” de morte; “número total” de casos por

¹ Dados sobre a pandemia de covid-19 foram divulgados no site oficial da OMS. Disponível em: <<https://covid19.who.int>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

município e estado; “número total” de mortes; “índice” de vacinados, “taxas de internação” em UTIs, dentre muitos outros. A história da pandemia foi, de certa forma, contada na lógica da quantidade, e a magnitude dos eventos também se formulava em “marcas” que foram atingidas. A mais recente delas é a “marca” de 700 mil mortes por covid no Brasil, divulgada em 28 de março de 2023.

Com essa introdução, pretendemos, apenas sucintamente, relembrar que o que foi vivenciado da pandemia no país tem uma história. Este texto é um recorte de reflexões sobre o discurso da pandemia de covid-19 no Brasil, derivados da pesquisa de uma dissertação de mestrado². Nesse recorte, almejamos empreender gestos de análise que tomem como lugar de observação desse discurso um perfil de *Instagram* chamado @reliquia.rum, que se manteve ativo diariamente entre os dias 23 de março de 2020 e 2 de novembro de 2020. A página foi criada pela antropóloga Debora Diniz e contou com a colaboração do artista plástico Ramon Navarro.

O @reliquia.rum (lê-se “reliquiarum” ou “relicário”) se dedicou a lembrar mulheres que morreram pela covid-19 em nosso país, e de uma maneira particular: as imagens de cada publicação são colagens digitais (feitas por Navarro) que mostram mulheres trajando vestes antigas, em lugares desconhecidos, e com outros elementos justapostos, como animais e objetos. E nas legendas das publicações, que são escritas por Debora Diniz, topamos com uma certa história de mulheres que morreram por covid. Com “certa”, delineamos que não lemos uma biografia dessas vítimas, com detalhes memorialísticos sobre sua vida. As mulheres das colagens não são conhecidas, não mantêm com as vítimas uma relação manifesta. Suas imagens são fotografias ou ilustrações antigas, de séculos anteriores, mas emprestam corpo (Orlandi, 2005 [2001]) às mulheres também desconhecidas que foram vitimadas pela doença. Além de

² PETER, Bianca Martins. **Colagens e silêncio**: discursividades de uma pandemia no perfil de Instagram @reliquia.rum. 2023. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/11671>>.

as colagens não mostrarem as imagens reais das vítimas, os nomes dessas mulheres também não eram citados nos *posts*.

Em uma espécie de publicação-apresentação do projeto, feita no dia 23 de março de 2020, é descrito o intuito do projeto:

O luto é uma experiência íntima, mas também pública. Por isso, o luto é sempre político.

Seremos muitos a morrer nesta epidemia. Ramon e eu queremos que cada pessoa morta seja mais do que um número. Queremos que a tragédia da perda seja parte de nossa memória coletiva.

Ouviremos histórias e delas seguiremos o fio das palavras e imagens para a memória. Tentaremos publicar uma história por dia. Não será um obituário, pois não conhecemos as pessoas. Seguiremos os anônimos mortos pela epidemia.

Queremos deixar rastros de lembranças pelo que a morte deixou nas notícias. Falaremos de gente comum. Os famosos terão seus obituários estampados nos jornais.

Começaremos hoje com a primeira mulher que morreu no Rio de Janeiro (Reliquia.rum, 2020).

O texto acima descreve um gesto que se regularizou nas mais de 200 publicações em @reliquia.rum, com poucas exceções: comprometer-se a contar histórias de pessoas anônimas, a partir do que foi enunciado sobre elas nos jornais. O perfil publicava diariamente, por vezes com mais de uma publicação por dia, e se regularizou como um recinto digital de lembranças nos primeiros 7 meses da covid no país. Um período em que pessoas morreram ainda sem a perspectiva de imunizantes, marcado por muito temor e vulnerabilidade. Com a necessidade do isolamento social, os jornais televisivos e digitais se tornaram ainda mais cruciais para se ter informações sobre a pandemia, e se tornaram o principal canal de divulgação de mortes. Daí se justificam os gestos de @reliquia.rum de “deixar rastros de lembranças pelo que a morte deixou nas notícias”.

Porém, o que também é observado com regularidade nas publicações de @reliquia.rum não é o fato de que o perfil se apropria do discurso das notícias como fonte de informações, mas de que a

página o toma também como um objeto de interrogação, complexificando a divulgação de uma morte: por quê, diante do acontecimento de um óbito por covid, são empregadas certas palavras e não outras? Que sentidos são produzidos por estas palavras nas relações que se estabelecem entre elas e a exterioridade que as constitui? O que o discurso dos jornais coloca em evidência e o que é silenciado? Esses são alguns dos gestos que constituem a forma específica como os autores realizam a tarefa enunciada de “deixar rastros de lembrança”.

Amparando-nos na análise de discurso, formulamos uma questão que se tornou norteadora deste texto: como se dá a construção discursiva do referente mulher que morreu por covid-19 no perfil @reliquia.rum? Com isso, explicitamos um funcionamento discursivo observado no desenvolvimento da pesquisa de mestrado: o da formulação em colagem.

Para melhor descrever o posicionamento teórico deste texto e justificar a direção dessa pergunta, explicitamos alguns de seus princípios.

Análise de discurso, um dispositivo de interpretação

Os gestos de análise deste texto se dão a partir do dispositivo teórico da análise de discurso (AD) de filiação pêcheutiana, tomando a linguagem na sua relação com o político e o simbólico. Michel Pêcheux se propôs a construir um dispositivo de leitura não subjetiva de textos e sequências verbais (Maldidier, 2017 [1990]), um empreendimento que produziu desdobramentos em trabalhos de diversos outros teóricos que também enfocam a relação entre linguagens, ideologia e história. Na esteira do que foi desenvolvido por Michel Pêcheux acerca do discurso enquanto efeito de sentido entre locutores (2014 [1969]) e da língua como “*lugar material* onde se realizam esses efeitos de sentido” (Pêcheux; Fuchs, 2014 [1975], p. 171, grifos dos autores), esses estudos puderam vislumbrar o funcionamento de um objeto que atravessasse a sua evidência

empírica, a saber, a língua e sua estrutura formal, para observar como se produzem as significações nessa base material. Daí a formulação do discurso como efeitos de sentido, uma vez que o discurso não diz respeito ao objeto *empírico*, mas àquilo que sustenta sua interpretabilidade (sua relação com a história, com o real, com aquilo que constitui as circunstâncias de uma prática), ou seja, àquilo que o constitui enquanto objeto *simbólico*. Assim, para aprimorar a compreensão desses efeitos de sentido, Pêcheux trabalha com a noção de “condições de produção”. Para o autor,

as “condições de produção” de um discurso não são espécies de filtros ou freios que viriam inflectir o livre funcionamento da linguagem [...]. Em outros termos, não há espaço teórico socialmente vazio no qual se desenvolveriam as leis de uma semântica geral (por exemplo, leis da “comunicação”), e no qual se reintroduziriam, na qualidade de parâmetros corretivos, “restrições” suplementares, de natureza social. De fato, tudo o que introduzir acima visa explicitar as razões pelas quais o discursivo só pode ser concebido como um processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber, a materialidade linguística (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 179-180).

A língua como essa base material para a produção de sentidos a coloca necessariamente em uma relação com a história, entendida não como uma narrativa cronologizada, estabilizada e objetiva sobre a realidade, mas como real, que pede interpretações (Henry, 2014). Explicitar o funcionamento do discurso, por conseguinte, implica em concebê-lo como um movimento, como uma prática que não consiste em transmissão de informações. Nessa concepção, as práticas linguageiras seriam reduzidas ao exercício da decodificação, baseado na relação locutores-referente-mensagem, cujo processo pode ser “influenciado” por condições “externas”. No entanto, o discurso é tomado como um processo opaco, em que o referente é um “objeto imaginário” e “pertence igualmente às condições de produção” (Pêcheux, 2014a [1969], p. 83), os “locutores” não são a fonte do sentido e a “mensagem” não é transparente. O que tensiona esse modelo comunicativo tão estabilizado é o ponto fundamental de que não há a “semântica geral” de que falam Pêcheux e Fuchs (2014), ou

seja, uma rede de sentidos pré-existentes e a-históricos, e que uma desorganização nesse esquema significaria um desajuste desempenhado por algum dos fatores – locutor, referente, código ou mensagem – dessa “equação”.

Além das condições de produção, outra noção que se alia a essa para dar mais consistência ao funcionamento de uma exterioridade constitutiva do discurso é a de interdiscurso, ou memória discursiva. Para o autor, a memória discursiva toma parte na produção de sentidos porque “‘algo fala’ (*ça parle*), sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (Pêcheux, 2014b [1975], p. 149, grifos do autor). Courtine (1999 [1982], p. 18-19, grifos do autor), por sua vez, assinala que: “ressoa no domínio de memória somente uma *voz sem nome*”. Ou seja, os efeitos discursivos são acionados a partir de um saber que não nasce no locutor, mas que também que não coincide perfeitamente com uma ideia pré-confeccionada em um “dicionário universal” das significações. A noção de condições de produção e de memória discursiva indicam que há um político que atravessa essa produção de sentidos não como influência, mas como parte constituinte desse processo.

Orlandi (2005, p. 34) define o político como “relações de força que se simbolizam, ou em outras palavras, o político reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma de organização social que se impõe a um indivíduo ideologicamente interpelado”. Nesse sentido, a autora aponta que a análise de discurso pode ser praticada como um “dispositivo que permite analisar a textualização do político”, compreendendo a relação “entre o simbólico e as relações de poder” (Orlandi, 2005, p. 34).

As reflexões de Michel Pêcheux impulsionam outros trabalhos analíticos que enfocam essa conjugação entre o simbólico e político nas práticas de linguagem. Orlandi (1995, 2007 [1992]) se inscreve nessa discussão e pratica um deslocamento que é bastante expressivo ao, teoricamente, situar o silêncio como materialidade significativa por excelência. A autora critica a primazia do verbal nos estudos teóricos sobre a linguagem, que sobredetermina o não

verbal pelo verbal, e explicita que há uma relação de consistência significativa entre as várias linguagens na sua relação com a história. Segundo a autora:

O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações - as condições de produção de qualquer discurso - está a própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. Não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis sobre certas condições (Orlandi, 1995, p. 39).

Dessa maneira, explicitamos que diferentes linguagens se constituem como esse lugar material para os efeitos de sentido, se inscrevendo nas práticas sociais, produzido em um determinado momento das condições de produção.

Nessa perspectiva concebemos o funcionamento das práticas de linguagem em diferentes bases materiais – palavra, imagem, som etc. –, observando os percursos de sentido. Praticamos esses gestos de compreensão baseados no dispositivo teórico da análise de discurso, buscando:

contemplar o movimento da interpretação, de compreendê-lo, que caracteriza a posição do analista. [...] Numa posição que entremeia a descrição com a interpretação e que pode tornar visíveis as relações entre diferentes sentidos. Desse modo, ficamos sensíveis ao fato de que a descrição está exposta ao equívoco e o sentido é suscetível de tornar-se outro (Orlandi, 2020b, p. 87).

Em outras palavras, observamos, a partir de algumas publicações de @reliquia.rum, como interpretações tomam corpo, se materializam, constituindo unidades discursivas. Essas, as quais estamos chamando de unidade digitais significantes, reúnem imagem, texto-legenda e comentários de usuários. E cujos sentidos mantêm uma relação de consistência significativa com essas unidades heteróclitas (imagem, palavra etc.).

A primeira mulher sem nome

Para principiar a análise, tomaremos a primeira publicação da página, feita em 23 de março de 2020. Ela evoca o acontecimento da primeira pessoa a morrer no Rio de Janeiro por covid:

Recorte 1: publicação de 23 de março de 2020.



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-GACxAB0EY/>>. Acesso em: 18 mai. 2023.

A imagem consiste em uma colagem feita por Ramon Navarro. Nela, a fotografia de uma mulher negra, trajada à moda antiga, de quem se tem apenas o busto. Ela usa um penteado alto, preso por fitas, ao estilo *pompadour*, como era moda no início dos anos 20; a parte de cima de seu (provável) vestido é branca, com rendas até o pescoço. É uma fotografia em preto e branco de uma mulher que não é conhecida. Não temos acesso a outros detalhes da fotografia original, pois a colagem coloca esta imagem sobre outra, a de um grande campo rachado, sobre o qual essa mulher flutua grandiosamente. Maior do que ela, apenas, um corpo celeste azul que surge atrás de si. Na colagem também se vê céu e montanhas.

No texto-legenda lemos o seguinte: “A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é sem nome. Sabemos que era empregada doméstica. Morreu porque não lhe avisaram que a patroa estava doente. Deixou filhos. Deixou em nós a cicatriz do que faz a herança colonial neste país”.

A postagem também conta com comentários de usuários e, dentre eles, há uma pergunta: “Qual é o nome dela? Queremos saber!”.

Primeiramente, observamos como essa imagem, o texto-legenda e o comentário produzem sentido porque há memória. Uma memória discursiva que incide na formulação da postagem, “sem nome”, irrepresentável e não apreensível como uma matéria transparente, mas que comparece em determinadas condições históricas e sociais de produção discursiva. Isto quer dizer que há na formulação da colagem digital de Navarro, na legenda de Diniz e no comentário em destaque um trabalho da memória discursiva. Para Orlandi (2005, p. 9), a formulação é um dos momentos do processo de produção de um discurso: nele, a “a memória se atualiza” e a “linguagem ganha vida”. A autora afirma também que “Formular é dar corpo aos sentidos” (Orlandi, 2005, p. 5), sendo que a formulação é indissociável da constituição: “Todo dizer (intradiscurso, dimensão horizontal, formulação) se faz num ponto em que (se) atravessa o (do) interdiscurso (memória, dimensão vertical estratificada, constituição)” (Orlandi, 2005, p. 11).

Nessa publicação, topamos com diferentes modos de formular: a figuração, na forma de uma colagem; e a escrita, na forma de uma legenda e de um comentário. Figurar e escrever.

Iniciemos com a figuração da colagem, pois, em se tratando de uma rede como o *Instagram*, a imagem é estruturante (Coelho, 2021). Com exceção da mulher, todos os elementos da imagem aparentam não ser oriundos de fotografias e sim de ilustrações. Isso coloca a mulher da colagem em uma posição de excepcionalidade na imagem, pertencente a uma outra “ordem”, outro regime de tempo e espaço, como uma entidade. Outro regime de “real”, de leis

inclusive da realidade física que não se apresentam nessa colagem que poderia ser chamada de “surrealista”. Esse efeito de singularidade da mulher se acentua quando seu corpo se limita ao busto, acionando a memória discursiva por meio de imagens já-vistas de pessoas célebres que ganham estátuas em busto. Ao mesmo tempo, a mulher da imagem é desconhecida; está bem vestida, mas seu corpo traz as marcas de um sujeito historicamente invisibilizado, uma mulher negra. E o campo que está abaixo de si está rachado, o que nos permite remetê-lo a um mundo que está prestes a ruir.

Atada à legenda, essa imagem empresta corpo à primeira mulher que morreu no Rio de Janeiro: uma empregada doméstica que se contaminou com o SARS-CoV-2 no trabalho, de sua patroa que havia acabado de voltar da Itália, principal epicentro da pandemia na época. Sua morte foi anunciada por vários veículos de comunicação da seguinte forma:

Recorte 2: montagem com manchetes sobre a primeira vítima fatal de covid-19 no Rio de Janeiro

Governo do RJ confirma a primeira morte por coronavírus (G1) Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon (UOL)

Estado do Rio registra a primeira morte por coronavírus (Governo do Estado do Rio de Janeiro) Primeira morte do Rio por coronavírus, doméstica não foi informada de risco de contágio pela “patroa” (Agência Pública)

Rio de Janeiro confirma primeira morte pelo novo coronavírus (R7)

Fonte: elaborado a partir dos sites³ dos respectivos portais de notícias

³ **G1:** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 6 mai. 2023.

UOL: Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitimado-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 6 mai. 2023.

Agência Pública: Disponível em: <<https://apublica.org/2020/03/primeira-morte-do-rio-por-coronavirusdomestica-nao-foi-informada-de-risco-de-contagio-pela-patroa/>>. Acesso em: 6 mai. 2023.

Governo do Estado do Rio de Janeiro: Disponível em: <<https://www.saude.rj.gov.br/noticias/2020/03/estadodo-rio-registra-a-primeira-morte-por-coronavirus/>>. Acesso em: 6 mai. 2023.

No discurso dessas manchetes, a primeira pessoa que morreu de covid-19 no Estado do Rio de Janeiro tornou-se “a primeira morte”. Uma formulação que não apenas não dá visibilidade às condições precárias e lamentáveis dessa morte, como foi feito no *UOL* e na *Agência Pública*, mas também transforma o sujeito que morreu em “a morte” – como se fosse possível a morte sem a pessoa que morre. As reportagens sobre o falecimento dessa mulher prezaram por seu anonimato, não divulgando seu nome para “evitar retaliações contra parentes que moravam com ela e que estão em quarentena” (Melo, 2020). No entanto, enquanto a ausência desse nome pode ser naturalizada e “explicada” no discurso do jornal, bem como a própria ausência da humanidade de quem morre (“a primeira morte”), essa ausência reclama e produz sentidos. Na legenda de Debora Diniz, a vítima não é apenas “A primeira morte” ou “A primeira pessoa a morrer”, mas a “A primeira mulher”. O que poderia denotar, com essa especificação, de que antes dela morreu um homem. Mas o que se observa nas regularidades do funcionamento discursivo do perfil @reliquia.rum é que há uma proposta de rememorar principalmente mulheres que morreram na pandemia – apesar de isso não ser dito na publicação-apresentação do dia 23 de março de 2020 ou na *bio*⁴ do perfil. Nesse sentido, “a primeira mulher” não significa como uma distinção de gênero na sua relação com outras pessoas que morreram de covid-19 no Brasil, e sim como o início do fio que a página tecerá com a memória de mulheres.

Ainda, a formulação “A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é *sem nome*” faz eco à impessoalidade com que essa primeira vítima é tratada no discurso jornalístico. A ausência desse nome próprio nos jornais não é naturalizada no discurso de @reliquia.rum, e sim apontada, explicitada, colocada em cena. A indeterminação

R7: Disponível em: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro-confirma-primeira-morte-pelo-novocoronavirus-19032020>>. Acesso em: 6 mai. 2023.

⁴ *Bio* é o nome dado, pelo Instagram, do espaço do perfil que é destinado à sua descrição, fazendo referência à ideia de biografia do usuário. A *bio* costuma ser curta e permanece fixada no perfil. Na *bio* de @reliquia.rum, lemos o seguinte: “Relicários são memórias, aquilo que guardamos. Relicários de uma epidemia no Brasil”.

produzida no discurso jornalístico deriva para uma indeterminação que tem historicidade. Essa formulação insta perguntas: por que ela é dita *sem nome*? Qual é o nome dela? Quem tem direito ao nome próprio no discurso do jornal e por que essa ausência não é apenas uma questão meramente pragmática de “noticiabilidade”?

Essas questões estão ligadas à atualização da memória que circunscreve sujeitos nomeados e não nomeados, anônimos e conhecidos, no trato social. Essa memória remete a outras. Conforme Pêcheux (2020 [1983], p. 53): “uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório”. Em outras condições de produção, no discurso artístico-poético da postagem, essa “mesma” ausência é atualizada de forma que a primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro seja lida não como um “marco” do novo coronavírus, vitimada por uma pandemia inédita na história, mas vitimada também pelo racismo que estrutura a sociedade brasileira. Ou seja, posiciona-a numa história não da pandemia (como fazem os jornais), mas numa história do Brasil, parte de sua “herança colonial”.

Em cenários sociais onde certos grupos são mais suscetíveis do que outros e onde algumas pessoas podem se isolar enquanto outras não têm essa possibilidade, entre diversas variáveis, as mortes decorrentes da pandemia não podem ser dissociadas de mortes anteriores. Os lutos da pandemia estão intrinsecamente ligados a corpos que ao longo da história foram impactados pelos efeitos da colonização, do racismo e do patriarcado. Nesse sentido, deparamo-nos com um real que os discursos sobre a pandemia de covid nos jornais não costumam exprimir: o fato de que a vulnerabilidade ao vírus não é apenas de nível bio-fisiológico, justificada por “comorbidades”, mas também é formada por diferenças sociais profundas.

Considerando novamente a formulação “A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro *é sem nome*”, observamos que “sem nome” é antecedido pelo verbo “ser” flexionado no presente. “Sem nome”,

portanto, funciona como uma denominação ao, de uma maneira muito específica, dar nome. Segundo Costa (2014), o gesto de denominar faz com que um processo de significação seja instaurado, “o nome recorta uma região do interdiscurso que faz com que, ao denominar, se signifique, se produza sentido e este se instale em uma Formação Discursiva. A denominação é, pois, também parte da construção discursiva dos referentes” (Costa, 2014, p. 78). Assim, a ausência de nome próprio pode ter deixado um vácuo simbólico que barra a significação dessa vítima por uma singularidade biográfica; contudo, o gesto artístico-poético inscrito na postagem coloca outro nome em movimento: o “Sem nome”. Neste discurso, “Sem nome”, com efeito, se torna um nome, a maneira de nomear um anônimo, cuja existência não se quer apagar ou esquecer. Ou ainda, se torna a possibilidade de enfatizar que ela “tem nome”.

A análise deste simples vestígio parte de nossa inquietação a respeito da construção discursiva de um referente, a mulher que morreu em decorrência de covid-19 que, na formulação da postagem, é construída de uma maneira que aponta para o individual e para o coletivo ao mesmo tempo. Conforme o encadeamento da legenda: “Deixou filhos. Deixou em nós...”, a existência do sujeito, cuja individualidade é significada como mãe, é tecida a partir de outras existências, anteriores e alhures, um “nós” sem nome. O comentário do usuário também indica esse clamor coletivo que a ausência produz como sentido: “Qual é o nome dela? Queremos saber!”.

Considerando que “toda imagem está em relação com o que nela não está” (Costa, 2018, p. 361), é preciso atentar-se para o sentido que se “constitui em suas bordas pela historicidade, no movimento da memória discursiva” (Costa, 2022, p. 60), tendo em vista que uma imagem pode “tanto tornar invisível um sentido, um sujeito, formas de existência, quanto pode visibilizá-los de uma maneira ou outra” (Costa, 2022, p. 60). Na via destas reflexões, por um lado, é possível afirmar que no choque com a atualidade, a imagem do recorte 1 remete interdiscursivamente a um tempo em

que a abolição jurídica da escravatura havia acabado de se dar em alguns países das Américas. Por outro lado, a mulher negra anônima da imagem se formula como espécie de monumento para aqueles que raramente ganham monumentos em seu nome; insinua-se uma outra versão da história das pessoas negras no Brasil.

Essa publicação do dia 23 de março de 2020 é, com efeito, a fundadora do perfil @reliquia.rum e, a partir dela, uma série de publicações com essa regularidade de gestos é formulada, cujo funcionamento evoca o acontecimento da morte de uma mulher por covid-19 com imagens de mulheres de um “outro tempo” que são recortadas e rearranjadas em outras imagens, colocadas em relação a outros elementos, outras paisagens, objetos, animais etc.; e nas legendas, dedica-se uma escrita enunciando não só essa morte, pois a vítima é sujeito dessa e de outras temporalidades, e a morte é coletiva. Em todas as publicações, não há nunca menção ao nome da vítima nas legendas e, também, não há imagens fidedignas de cada mulher⁵ nos *posts*.

Com essa introdução mais abrangente sobre o funcionamento discursivo de @reliquia.rum, interessa-nos dar continuidade ao nosso trajeto, “contemplar o movimento da interpretação” (Orlandi, 2020b, p. 87) para enfocar outra camada dessas discursividades: a da colagem como formulação constituída de gestos de interpretação.

A colagem, um procedimento discursivo

Em seu estudo sobre a interpretação, Orlandi (2020b) atualiza a noção de “gesto” de Pêcheux (2014a, p. 77), a partir do que o autor assinala sobre os gestos como “atos no nível simbólico”. Orlandi (2020b) então articula a noção de gesto à noção de interpretação, concebendo que a interpretação é um gesto, pois implica uma

⁵ As últimas duas publicações de @reliquia.rum contam com colagens feitas com imagens reais de mulheres que morreram por complicações da covid, porém, elas pertencem a um desdobramento do projeto que não se regularizou na página: o de contar histórias de mulheres grávidas que se foram pelo vírus.

corporeidade simbólica. A noção de gesto de interpretação traz consigo a perspectiva de que a interpretação precede a produção dos discursos, visto que “não há sentido sem interpretação” (Orlandi, 2020b, p. 9), porém é também um processo afetado pela memória discursiva. Assim não inaugura significações, mas também não é mera reprodução do mesmo. O gesto de interpretação é “a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade” (Orlandi, 1996, p. 28).

Os gestos de interpretação garantem que um mesmo objeto simbólico aponte para direções de sentido diferentes, sendo compreendido como um “*bólido* de sentidos. Ele ‘parte’ em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes. Diferentes versões de um texto, diferentes formulações constituem novos produtos significativos” (Orlandi, 2020b, p. 14, grifos da autora). O gesto de interpretação, portanto, aglutina a força de dois movimentos: o da estabilização e o da dispersão, o da repetição e o da diferença – os quais Orlandi (2020a) nomeia como os eixos da paráfrase e da polissemia.

No recorte acima dos discursos de @reliquia.rum, pudemos explicitar esses movimentos se presentificando tanto na imagem quanto nos escritos, em que os diferentes sujeitos “autores” (Navarro, Diniz e usuários) intervêm com seus gestos de interpretação diante de um objeto de discurso, um referente específico. Navarro e Diniz interpretam o acontecimento da primeira vítima de covid do Rio de Janeiro a partir das notícias sobre ela; os usuários interpretam esse acontecimento já formulado em imagem e palavra por Navarro e Diniz. Há aí diferentes camadas de um processo discursivo que poderiam ser exploradas, no trânsito entre as formações discursivas – regionalizações do interdiscurso (Orlandi, 2020a [1996]) que são –, do discurso do jornal para o discurso da rede social, passando pelo discurso da arte e da poesia, e as implicações desse percurso nos efeitos discursivos. Há diferentes relações que cada um desses sujeitos estabelece com diferentes formas de linguagem, conforme Orlandi (1995), porque

essa multiplicidade é uma necessidade histórica. De acordo com a autora, não há

um sistema de signos só, mas muitos. Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significante e/ou a sua percepção - afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele (Orlandi, 2020b, p. 12).

As publicações de @reliquia.rum são um “bólide de sentidos” na medida em que articulam as diferentes matérias significantes que mencionamos. Recortamos então esse processo para dar atenção à construção discursiva de um referente que indica ser comum a todos esses gestos, o da mulher que morreu por covid-19.

Observamos com o primeiro recorte que essa construção se dá por uma espécie de indeterminação singularizada, em que um sujeito, mesmo sem aquilo que mais marca sua individualidade (o seu nome), pode ser interpretado em corpo de colagem, pode ter sua existência retificada e lamentada, colocada em cena com todas as ausências – e não esquecida, como tantas outras foram, no entulhamento de notícias, estatísticas, obituários.

Agora, o olhar analítico se detém no elemento que mais toma espaço em cada publicação de @reliquia.rum e que organiza a própria visualização do perfil como um todo: as imagens.

Recorte 3: visualização de parte do perfil



Fonte: captura de tela de um bloco de publicações do perfil @reliquia.rum.
Disponível em: <<https://www.instagram.com/reliquia.rum/>>.

Considerando então que a matéria significativa da imagem dá forma a um gesto de interpretação de uma determinada maneira, mobilizamos a noção de gesto de interpretação como parte da formulação das imagens. Interpretar é parte constituinte do processo de “dar corpo aos sentidos”, pois o gesto inscreve sentidos na matéria significativa da imagem. Como se dá esse processo na formulação de uma colagem?

A colagem é reconhecida nas Artes como uma técnica específica, que consiste na reunião de fragmentos e materiais que, juntos, formariam uma imagem única. A colagem é uma forma de figuração que funciona como uma montagem, e se notabilizou no movimento cubista, no início do século XX, com obras de artistas

como Georges Braque e Pablo Picasso. Nessa técnica, os gestos fundamentais não são o de pintar, desenhar, traçar etc. Diferentemente da pintura e do desenho, Iwasso (2010, p. 48) explica que o recortar e o colar são “ações que estão na origem da colagem”. A colagem se cria a partir da apropriação – também artística – de outras imagens que, muitas vezes, já estavam formuladas. No verbete “Colagem” da Enciclopédia Itaú Cultural, é dito que a técnica “representa um ponto de inflexão na medida em que liberta o artista do jugo da superfície” (Colagem, 2023). Dito de outra forma, a introdução da colagem como técnica aponta para uma figuração artística que não depende do traço originário do artista. Justamente por isso, a colagem visibiliza uma quebra do efeito de unidade da imagem, já que é feita de fragmentos diversos. Como vimos na colagem do *post* de 23 de março (recorte 1) e podemos observar no recorte 3 acima, as imagens são compostas por fragmentos oriundos de, ao menos, dois processos figurativos: fotografia e ilustração, que, apesar de “suavizados” para criar um efeito de unidade da própria colagem, ainda assim não são apagados os indícios de sua fragmentação. A colagem produz sentidos a partir dessa formulação estética fragmentária.

Dito isso, deslizamos a reflexão dos gestos técnicos de elaboração de uma colagem para pensar os gestos simbólicos, de interpretação, que se materializam na formulação de colagens do perfil @reliquia.rum, indagando: como uma mulher morta por covid-19 é discursivizada na imagem de uma colagem? Partindo do pressuposto de que os sentidos não são indiferentes à forma como se corporificam, como podemos observar esse “próprio” da colagem (enquanto técnica e formulação) no plano da significação, ao convocar o interdiscurso, o já-dito, já-visto, já-significado alhures e independentemente (Pêcheux, 2014b)?

De @reliquia.rum apresentamos mais um recorte abaixo, uma publicação do dia 1 de abril de 2020:

Recorte 4 : publicação de 1 de abril de 2020.



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-dGmJlgJ9/>>. Acesso em: 16 set. 2022.

Na imagem acima, vemos uma mulher segurando uma mala, ao lado de um trem a vapor. O trem, a vegetação e o céu estão em tom sépia, como uma fotografia antiga. Mas a mulher, apesar da valise e do vestido marrons, é colorida em sua feição. Veste um chapéu grande com flores amarelas e vermelhas, que também estão em seu colo. Com atenção é possível perceber que o rosto dessa mulher destoa do resto da imagem porque não é uma fotografia, e sim uma ilustração. Com a legenda do *post*, a mulher em desenho dá corpo à primeira vítima fatal da covid-19 do Estado de Minas Gerais: “Ela foi a primeira de Minas Gerais a morrer. Houve mais segredo que o anonimato das estatísticas. Ela foi só apresentada como ‘idososa’”.

Articulada com o texto, a mulher da ilustração se torna um significativo da primeira mulher a morrer em Minas Gerais pelo coronavírus. Elas se metaforizam, há transferência de sentidos de uma para outra, incitando aquele que vê a colagem a perguntar: de onde parte e para onde vai a mulher arrumada de chapéu com flores com essa única mala? Para onde ela olha? Quem foi essa “primeira mulher a mulher em Minas Gerais”, para onde ela teria viajado? O

fato de que sua morte se deu por complicações da covid não é enunciada, mas produz sentidos por sua ausência. Novamente, a indeterminação significa como uma ampliação simbólica.

A formulação “Ela foi só apresentada como ‘idosa’” faz sentido com o que se repetiu demasiadamente na pandemia: a indicação de comorbidades como explicação para a morte pelo coronavírus. Comprovou-se que a idade avançada é uma das condições que aumentam o risco de desenvolvimento de casos mais graves de coronavírus, o que justificou as diretrizes de saúde pública para priorizar a vacinação em faixas etárias mais avançadas, além de outras medidas de prevenção e tratamento voltadas para os idosos durante a pandemia⁶. Como resultado, tornou-se comum mencionar a idade avançada de uma vítima fatal de covid-19 como uma maneira de explicar por que ela morreu.

Essa apropriação do discurso médico pelas notícias (e por outros discursos), no entanto, reduz o sujeito apenas ao que seu corpo tem de mais biológico, apagando-se a memória de uma vida que se foi. E criando, como efeito, o imaginário de que a transmissão e infecção por coronavírus diz respeito apenas ao corpo, à presença ou não de comorbidades nele, produzindo um efeito de evidência socialmente pernicioso.

Para Orlandi (2020a, p. 53): “A evidência, produzida pela ideologia, representa a saturação dos sentidos e dos sujeitos produzidas pelo apagamento de sua materialidade, ou seja, pela sua des-historicização”. A saturação desses sentidos, por exemplo, repercute em falas como a pronunciamento oficial do ex-presidente Jair Bolsonaro de que, por ter histórico de atleta, a covid para si seria apenas uma “gripezinha”⁷, reforçando uma lógica meritocrática e

⁶ Observatório de Evidências Científicas covid-19, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://evidenciascovid19.ibict.br/index.php/category/sintomatologia/sintomas-em-idosos/>>

Acesso em: 25 ago. 2023.

⁷ 'Gripezinha': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19, UOL, 24 mar. 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas->

que, além de incorreta cientificamente, culpabiliza o próprio indivíduo pela sua doença.

Por outro lado, a formulação da legenda da publicação, em seu efeito discursivo, questiona a saturação de sentidos quando se associa a pessoa à “causa” de sua morte, permitindo que essa associação seja interpretada como uma forma de silenciamento. Além disso, a ausência de outras informações sobre a mulher que morreu em Minas Gerais contribui para esse silenciamento. A memória, ou justamente a falta dela, se junta ao *in memoriam* a pessoas cujas mortes sequer estampam reportagem de jornal, aquelas que se incluem apenas na estatística. Essas ausências são questionadas, afinal, porque elas têm historicidade, uma espessura simbólica, intensificadas em uma pandemia em que pessoas não puderam se despedir, velar seus entes queridos como antes. Há algo que não “cabe” nesses enunciados saturados.

O gesto de interpretação constitutivo do discurso de @reliquia.rum presentificado em suas legendas consiste em dirigir os dizeres sobre a pandemia, que circularam naquele período, para outra direção, a partir de “rastros” deixados nos jornais por essas existências silenciadas. Com os fragmentos, agora em forma de palavra, dessas vidas perdidas.

A questão da colagem, por essa via, pode então ser vista por outro prisma: dissemos anteriormente que a colagem enquanto técnica se funda nos gestos fundamentais de recortar e colar. Já, se concebermos a colagem como matéria significante de discursos, como formulação dos sentidos, o que se visibiliza é a sobreposição⁸ de interpretações, pois uma colagem é criada a partir de outras imagens, e, por conseguinte, dos gestos anteriores que as tornaram possíveis: fotografias feitas no século XIX ou XX de mulheres negras,

noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 25 ago. 2023.

⁸ Há maneiras diferentes de a sobreposição funcionar em um processo discursivo, um exemplo pode ser conferido no seguinte trabalho: Costa, G. C. Das imagens desorganizadoras na cidade ao confronto do simbólico com o político. **Revista e-Metrópolis**, v. 1, p. 46-54, 2018.

ilustrações com mulheres brancas etc. “Lascas de uma historicidade” (Costa, 2022) que permanecem significando, e na montagem da publicação significam na relação com a pandemia de covid-19, no encontro da memória com a atualidade, na formulação que “se desenha em circunstâncias particulares de atualização, nas condições em que se dá, por gestos de interpretação e através de discursos que lhe emprestam ‘corpo’” (Orlandi, 2005, p. 10). Além disso, no texto-legenda, as palavras de outros discursos também são visitadas, indagadas, colocadas em cena, rearranjadas. Trabalho da formulação que atualiza a memória discursiva. Esse processo discursivo coloca em centralidade a abertura do simbólico que constitui a relação dos sujeitos com as diferentes linguagens. O funcionamento de uma colagem, concebido como uma sobreposição de gestos de interpretação, não se limita a uma técnica da imagem. Diz respeito a um procedimento estruturante das publicações de @reliquia.rum, da colagem de Navarro ao comentário dos usuários.

Orlandi (2020b, p. 14) pontua que o texto⁹ é “bólide de sentidos, sintoma de um ‘sítio significante’”. O que pode nos levar a dizer que o sítio significante que se instalou nas publicações de @reliquia.rum permite que as diferentes interpretações sobre um mesmo objeto de discurso compareçam em sua multiplicidade. Esse procedimento se alinha ao que Pêcheux (2015, p. 51) afirma sobre um trabalho com a língua dedicado a “abordar explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico”. O autor propõe um trabalho baseado nas “transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações” (Pêcheux, 2015, p. 51). Por essa trilha, a colagem é um procedimento derivado desse trabalho do “sentido sobre o

⁹ A noção de texto é mobilizada pela autora como “peça de linguagem” (Orlandi, 2020b) ou, em outro trabalho, como “unidade de significação cuja relação com as condições de produção é constitutiva” (Orlandi, 2007, p. 77). Não se reduz, portanto, ao verbal.

sentido”, dá contorno imagético, verbal, digital, a esse trabalho. Um lugar material para se espacializar.

Com a intenção finalizar (provisoriamente) uma leitura desse *corpus*, analisamos uma última publicação, feita no dia 2 de setembro de 2020:

Recorte 5: Publicação do dia 2 de setembro 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CEp2bf0H8Rz/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

A colagem acima mostra uma mulher jovem e branca, sentada em uma poltrona; ela olha diretamente para o fotógrafo/espectador. Veste uma blusa de mangas compridas e bufantes, e uma saia longa. Ao fundo, há uma parede com um papel de parede roxo decorado com flores brancas, na qual estão pendurados vários quadros. As múltiplas molduras carregam múltiplas imagens da mesma feição da mulher, assim como a miramos, e suas superfícies apresentam rachaduras e/ou faltam pedaços. A fotografia parece ter sido colorida em edição e o artista imagina a cor do cabelo, do vestido e do assento. A legenda conta o seguinte: “Ela foi manchete típica: uma mulher sem comorbidades. Ela, como tantas. Nenhum

fragmento sobre quem foi, ou quem lamenta sua morte. Morreu aos 56 anos, em Rio Negrinho, Santa Catarina”.

Essa publicação traz o que seria o “limite” da simbolização, a mulher que foi “manchete típica”, um enunciado generalizante: “Ela, como tantas”. A princípio, em termos de dados, não teria nenhum traço de singularidade, “nenhum fragmento” que significasse essa mulher pelo diferente. A singularidade que esse enunciado apaga, porém, também guarda em si uma quantidade, um número alto de pessoas que também morreram sem comorbidades. Há aí a multiplicidade de um “mesmo”. Ao evocar o discurso do jornal, a formulação desloca essa ausência, fazendo-a significar como apagamento ao expor a espessura simbólica dessas ausências. Esse processo é figurado pela imagem cujos olhos da mulher são replicados em diferentes quadros, mas nunca se repetem da mesma maneira. Cada moldura enquadra um outro ângulo, com diferentes tipos de fissuras e de fendas em sua superfície.

A publicação do dia 2 de setembro de 2020 realça o processo discursivo, cujos gestos de interpretação e a “multidirecionalidade” de um objeto simbólico, bem como a *fragmentação simbólica* (Peter, 2023) de um “mesmo” referente (a mulher brasileira que morreu na pandemia) comparecem na colagem na sua figuração em fragmentos. A indeterminação das vítimas por covid-19 e as ausências inquietantes dos jornais não permanecem sem significar. Elas podem, por meio desses gestos de interpretação, significar justamente por uma poética dos fragmentos. As colagens figuram com ausências, expõem a materialidade simbólica do vazio das perdas.

Um devir de sentidos

O perfil @reliquia.rum tem sua existência enredada à existência da pandemia de covid-19. Direta ou indiretamente, os gestos, que constituem o discurso do perfil, dos sujeitos “autores” da página aos autores de comentário, mantêm uma relação indissociável com o acontecimento pandêmico, com a memória sensível dos primeiros

meses do coronavírus no Brasil. Trata-se de uma maneira particular de formular um discurso da pandemia, opondo-se a trajetos estabilizados de leitura que, como efeito, apagam a humanidade daqueles que, agora, já são mais de 700 mil vítimas do vírus no país. Apagam-se as histórias daqueles que são tornados dados de estatística, mas também a historicidade que atravessa essas mortes, a ligação inseparável que muitas delas têm com a desigualdade social, a precariedade dos trabalhadores “essenciais”, as diferenças de classe e raça que se vêm emaranhadas nesse processo.

Por outro lado, para compreender o que foi a pandemia de covid-19 no Brasil, ou ainda, para acessar alguma compreensão do que foi o seu real, é necessário também assumir uma posição teórica e ética de situar o que aconteceu no Brasil desde março de 2020 como uma experiência coletiva que não pode ser formulada por generalizações globais a respeito da covid-19. Pessoas adoeceram e morreram no país também por uma legitimação governamental da negligência instaurando uma política do “deixar morrer”. As práticas do governo federal da época materializam o que Mbembe (2016) denominou de necropoder. Para Mbembe (2016, p. 135), o necropoder representa o exercício de um Estado que, empenhado em sustentar sua soberania (“a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é”), aparelha-se para provocar a morte de indivíduos que afrontam essa soberania.

Pêcheux (2020, p. 49) define que um acontecimento discursivo “desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” da memória. Ele se encontra no “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 17). De acordo com o autor, o acontecimento sempre abala a memória, que se encontra disputada, podendo efetivamente ocasionar uma perturbação nos sentidos ou ser “negociada” para ter sua potência dissolvida. Observa Pêcheux (2020, p. 49) que “haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento”. Um acontecimento como o da covid-19 afetou e, ainda, afeta profundamente as práticas sociais, desestabilizando as

bases que amparam o cotidiano de grande parte da população mundial. Por outro lado, a pandemia no Brasil também significou uma ruptura com certo pacto civilizatório, em que o Estado se aparelhou de uma política de não-cuidado.

Assim, é possível afirmar que lembrar, recordar, evocar a memória da pandemia no Brasil não é uma ação meramente mnemônica, mas um gesto imbuído de historicidade, e que se opõe a um processo institucionalizado de esquecimento. Uma desmemória. A considerar as condições de produção de um discurso sobre/da pandemia de covid-19 no Brasil, essa desmemória se colocou como um horizonte significativo, colocado em cena por vozes do poder público, representantes do Estado, que banalizaram as mortes desde o seu princípio: “E daí. Lamento. Quer que eu faça o quê?”¹⁰, “A economia não pode parar”¹¹, “Uma gripezinha”¹² são algumas formulações de um esquecimento compulsório, enunciadas em março e abril de 2020. Essas formulações ambicionam a designificação que, segundo Orlandi (2020c [2007], p. 64, grifos da autora), ocorre quando algo está “*fora da memória, como uma sua margem que nos aprisiona nos limites desses sentidos*. O que está fora da memória não está nem esquecido nem foi trabalho, metaforizado, transferido”.

¹⁰ Resposta do ex-presidente Bolsonaro depois de ser comunicado que o Brasil havia ultrapassado o número de mortes da China. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

¹¹ Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/economia-nao-pode-parar-diz-bolsonaro-ao-setor-produtivo-brasileiro>> Acesso em: 18 ago. 2023. Em uma reunião com empresários em 20 de março de 2020, no início da pandemia no Brasil, Bolsonaro disse que “A economia não pode parar. Temos que produzir muita coisa”. Falas como essa se regularizaram na pandemia por parte de pessoas do poder público que eram contra medidas de isolamento social.

¹² 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de ‘gripezinha’, o que agora nega, **BBC**, 27 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

O perfil @reliquia.rum é afetado por esse horizonte da desmemória, o que também constitui seus gestos de interpretação. Conforme Robin (2016 [2003], p. p. 93), “O verdadeiro esquecimento talvez não seja o vazio, mas o fato de imediatamente colocar uma coisa no lugar da outra, em um lugar já habitado, de um monumento, de um antigo texto, de antigo nome”. Considerando essa afirmação a nível discursivo, muito desse vazio simbólico do luto coletivo da pandemia sofreu tentativas (como ainda sofre) de ser preenchida por formulações como essas do ex-presidente Bolsonaro, que pretendem contar uma outra versão da pandemia – de um “lamento” pouco lamentado, de uma adversidade contingente, de um acontecimento não-acontecimento que deve ser de-significado para que as coisas avancem.

Entretanto, o que se observa em funcionamento em @reliquia.rum é que o vazio simbólico do luto pelos mortos da pandemia se juntou a outros lutos. O discurso produzido pelo perfil põe em cena o silenciamento em curso da covid, compõem com seus vestígios, rastros, fragmentos, e com isso realça outros silenciamentos “de-significados” da história do Brasil: a escravidão, o patriarcado, a colonização, o peso simbólico dos “anônimos”. Desse modo, se constitui como uma forma de testemunho indireto dessas cicatrizes históricas das quais ficaram os

vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites. (Orlandi, 2020c, p. 65).

No desdobramento do que Pêcheux (2015 [1988]) desenvolveu sobre um trabalho analítico baseado nas transformações do sentido, Orlandi (1995, p. 38) observa que o silêncio é uma matéria significante, o que garante a “possibilidade do dizer vir a ser outro”. As colagens de @reliquia.rum têm imagens múltiplas, que enfatizam suas bordas provisórias, abertas. Palavras com margens incertas, que incitam perguntas, que não estancam o “relançar indefinido das interpretações” (Pêcheux, 2015 [1988], p. 51), um devir de sentidos.

Considerações finais

No movimento analítico que construímos, decidimos dar ênfase às condições de produção de um discurso da pandemia. Às condições que constituíram e produziram uma memória da pandemia, particularizada no funcionamento discursivo do perfil de *Instagram* @reliquia.rum. Nesse perfil foi possível testemunhar *fragmentos* de um “processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 180), pedaços de uma memória construída sobre solos equívocos. Assim, este texto buscou praticar um recorte analítico do processo discursivo de @reliquia.rum, que enfatizasse a incompletude da linguagem.

A colagem comparece como formulação que materializa a complexidade simbólica do “um”, dos sentidos fixados em seus referentes. A complexidade simbólica das palavras e das imagens que dissimulam as rasuras que as constituem, que interrompem percursos de interrogação. Ela visibiliza os muitos lutos de um só luto, as muitas mulheres em uma mulher, as muitas histórias em uma só história.

Nossa principal questão sobre como se dá a construção discursiva do referente mulher vítima de covid-19 se desdobrou ao observar os gestos praticados nesta construção e a formulação sempre aberta da colagem (de bordas e limites explicitamente inacabados), na qual a memória se atualiza, convocando uma temporalidade incerta, que conjuga o hoje e o ontem. Materializa-se aí o choque entre os efeitos da história de um vírus geneticamente novo e de uma história esquecida de violências, genocídios, explorações. Um processo múltiplo e equívoco que re-pousa e encontra como âncora (n) o discurso.

O discurso da pandemia no Brasil também é o discurso de uma violência, sobretudo quando *lembramos* de que o período de maior circulação do vírus, e conseqüentemente de maior número de mortes, foi o primeiro semestre de 2021, enquanto países na Europa

e nos Estados Unidos iniciavam e avançavam a vacinação com os imunizantes já fabricados. Enquanto isso, no Brasil, estávamos à mercê da falta de uma política de imunização e cuidados.

Como apurou a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da covid-19, que ocorreu entre os dias 27 de abril de 2021 e 26 de outubro de 2021, o governo federal institucionalizou o negacionismo e o anticientificismo ao apostar em medidas sem comprovação científica para o tratamento de covid-19 (com o incentivo ao protocolo do “tratamento precoce” e ao “isolamento vertical”) e, sobretudo, desempenhou prevaricação. Além disso, foi omissos na compra de vacinas, na crise do oxigênio de Manaus e criou um “gabinete paralelo” negacionista para aconselhamento do presidente nas questões da pandemia (Relatório [...], 2021).

Vivemos e estamos vivendo as consequências da pandemia agravadas por crimes e pelas inúmeras negligências do governo passado. Ao mesmo tempo, vivemos e estamos vivendo na história as disputas daquilo que vai se inscrever ou ser absorvido pela memória “sob o choque do acontecimento”.

Referências

- Borges, J. L. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Coelho, V. B. **Violências encenadas**: efeitos de um processo discursivo materializado no Instagram. 2021. 1 recurso online (138 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1641728>>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- Colagem. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo369/colagem>>. Acesso em: 23 ago. 2023.. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Costa, G. C. A imagem e suas discursividades. In: Lopes, M; Batista Júnior, J. R. L; Moura, J. B. (Orgs.). **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de palavra, 2018.

Costa, G. C. Lascas de historicidade entre discursos, imagens e arquivos. *In*: Márcia Amorim; Christian Antônio de Souza Sales. (Org.). **Discursos em rede: teias de saberes**. Campinas: Pontes, 2022, v. 1, p. 59-78.

Costa, G. C. **Sentidos de milícia: entre a lei e o crime**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

Costa, G. C. Das imagens desorganizadoras na cidade ao confronto do simbólico com o político. **Revista e-Metrópolis**, v. 1, p. 46-54, 2018.

Courtine, J. J. O chapéu de Clémentis. Trad. Marne Rodrigues de Rodrigues. *In*: Indursky, F.; Ferreira, M. C. L. (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

Didi-Huberman, G. **Cascas**. São Paulo: 34, 2017.

Iwasso, V. R. Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. **ARS**, 2010, v. 8, n. 15. p. 36-53. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-5320201000010004>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

Maldidier, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Orlandi 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

Mbembe, A. Necropolítica, **Arte & Ensaios**, n. 32, dez. 2016, p. 122-151. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

Melo, M. L. de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon, **UOL**, Rio de Janeiro, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-dorjera-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

Orlandi, E. Exterioridade e ideologia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 30, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637037>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Orlandi, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020a.

Orlandi, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

Orlandi, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 35–47, 2005. DOI: 10.20396/rua.v1i1.8638914. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>. Acesso em: 31 ago. 2023.

Orlandi, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020b.

Orlandi, E. P. Maio de 1968: os silêncios da memória. *In*: Achard, P. *et al* (Orgs.). **Papel da memória**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020c.

Pêcheux, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad. Eni Orlandi. *In*: Gadet, F.; Hak, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014a.

Pêcheux, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

Pêcheux, M. Papel da memória. *In*: Achard, P. *et al*. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

Pêcheux, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014b.

Pêcheux, M; Fuchs, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. Trad. Péricles Cunha. *In*: Gadet, F.; Hak, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014.

Peter, Bianca Martins. **Colagens e silêncio**: discursividades de uma pandemia no perfil de Instagram @reliquia.rum. 2023. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/11671>>.

Relatório afirma que Bolsonaro e gabinete paralelo estimularam a propagação do coronavírus e o uso de remédios ineficazes contra

Covid. **Jornal Nacional**. 19 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/10/19/relatorio-afirma-que-bolsonaro-e-gabinete-paralelo-estimularam-a-propagacao-do-coronavirus-uso-de-remedios-ineficazes-contracovid.ghtml>>.

Acesso em: 18 ago. 2023.

Reliquia.Rum. Publicação do dia 23 de março de 2020, **Instagram**, 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-GBh8KhwJQ/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

GRAMÁTICAS DOS CORPOS-MULHERES, CORPOS-FEMININOS EM MEMES: UMA POSSÍVEL CARTOGRAFIA DE AFETOS DA/NA PANDEMIA

Marcia Ione Surdi
Dantielli Assumpção Garcia

Em março de 2020... Havia rumores de uma pandemia

Fomos, de 2020 a 2022, corpos isolados, interditados e proibidos de circular ou permanecer em espaços que não fossem a própria casa, para, assim, inibir a propagação da COVID-19 e a transmissão local por pessoas infectadas; corpos que precisaram cumprir um distanciamento social para retardar a propagação da doença. A pulsão de morte que a pandemia evocava – efeitos de medo, angústia, desamparo, desalento, sofrimento... uma possível cartografia de afetos – colocou em suspensão a fluidez das vidas/dos corpos. Mas os sentidos – ah, os sentidos! – esses continuaram em movimento, circulando avidamente.

O isolamento, conforme Sousa e Garcia (2020), afetou a ordem de convivência social e determinou que as formas de interação face a face passassem a ser mediadas pela tecnologia. Sobre essa questão, podemos trazer à baila o que sinalizou, há bastante tempo, Lévy (1996, p. 11), que “Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência”. De fato, os corpos foram afetados, tanto pela virtualização quanto pela pandemia, o que era face a face passou a funcionar no tela a tela (para aqueles que dispunham dessa possibilidade).

No movimento de sentidos que ressignificou uma sociedade que sofreu transformações desde março de 2020, além de considerar

os diferentes espaços de constituição e circulação de sentidos, neste texto, a partir do quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso, propomo-nos analisar processos de produção de sentidos sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, tendo em vista a investigação sobre gramáticas constituídas, formuladas e que circulam na contemporaneidade, no ciberespaço¹, tomando como recorte temporal o período pandêmico e, como materialidades significantes, dois memes publicados no Facebook.

Acerca da noção de gramática, a compreendemos como objeto discursivo e como lugar de entremeio:

Esse lugar não tem um sentido único, nem limites exatos, pois se trata de um lugar que abarca conflitos internos pelos jogos de força entre o mesmo e o diferente, entre o que estabiliza e o que perturba. [...] Trata-se de um lugar que não é um ou outro, lugar que nos desacomoda, perturba nossas certezas e propõe a abertura para outras interpretações (Surdi, 2017, p. 173-174).

Em nossa leitura, essa noção de gramática “faz deslizar” (Biazus, 2015, p. 248)² a gramática de seu usual lugar como objeto (materializado em forma de livro físico ou digital), para um lugar que transgride e não toma a língua como locus de discussão, não apresenta como objetivo principal constituir-se como um “pilar do saber metalinguístico” (Petri, 2012, p. 31).

Nesse viés, interessamo-nos por gramáticas dos corpos-mulheres, corpos femininos, por compreender que essas gramáticas, que circulam no ciberespaço, podem funcionar como observatórios de regras sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos.

¹ Este texto faz parte da pesquisa de pós-doutorado “A(s) gramática(s) dos corpos-mulheres, corpos-femininos na contemporaneidade e no ciberespaço”, financiada pela Fundação Araucária/CNPQ (proc. nº 150011/2023-7), que tem como objetivo central identificar e analisar a(s) gramática(s) dos corpos-mulheres, corpos-femininos, presentes nos discursos mêmicos, que circula(m) no ciberespaço, na contemporaneidade, sob a supervisão da Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia.

² Ancoramo-nos na discussão desenvolvida por Biazus, ao tratar da noção de dicionário compartilhado.

Pensamos aqui no corpo “em sua materialidade significativa enquanto corpo de um sujeito” (Orlandi, 2012, p. 85); o corpo como materialidade significativa que deve ser tomada em sua opacidade, em sua não transparência, dada a incompletude que permite o sentido, a errância dos sentidos e dos sujeitos; e a contradição que indica a divisão a que estão sujeitos os objetos ideológicos (Azevedo, 2013).

A escolha pelo ciberespaço, especificamente o Facebook, justifica-se pelo fato de essa plataforma continuar sendo uma das redes sociais mais usadas, mundialmente, para qualquer finalidade (60%). Os dados relativos ao Brasil indicam que o público da mídia tradicional, como TV e mídia impressa, diminuiu significativamente na última década, enquanto o tráfego para sites on-line e de mídia social permaneceu relativamente estável. Nessa perspectiva, o Facebook é a terceira mídia social mais utilizada pelos brasileiros para qualquer finalidade (67%) (Newman, 2023).

Nessa esteira, nosso texto está organizado em dois momentos. No primeiro, intitulado *A partir de março de 2020... Quem era você na quarentena? Como estava se sentindo?*, analisamos dois memes, nos quais os corpos-mulheres, corpos-femininos aparecem destacadamente e, para tanto, pautamo-nos no movimento pendular (Petri, 2013), vai-e-vem contínuo, balizando análise e teoria em nosso gesto de leitura de funcionamento dos processos de produção de sentido. E no segundo momento, intitulado *Quando a pandemia passar...*, pontuamos algumas considerações sobre as gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos em memes, engendradas por uma possível cartografia de afetos da/na pandemia, com efeitos de sentido decorrentes desse acontecimento.

A partir de março de 2020... Quem era você na quarentena? Como estava se sentindo?

Levando em consideração a concepção de observatório como lugar de reflexão crítica e de escuta social (Braga, 2015), compreendemos que os memes podem ser um lugar dessa reflexão

crítica e de escuta social porque neles podemos observar o funcionamento discursivo de materialidades nas quais o sujeito mais se diz do que diz, como afirma Lacan (1998), e porque “É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz”, como explica Orlandi (2005, p. 53-54).

Com isso, assumimos a noção de escuta social já anunciada por Pêcheux no texto “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social”, publicado originalmente em 1966, com o pseudônimo de Thomas Herbert: “[...] proporemos o conceito de ‘escuta social’ para designar a função provável dos instrumentos re-apropriados futuros, em um sentido análogo à ‘escuta analítica’ da prática freudiana” (Herbert, 2011, p. 53). Propomo-nos, portanto, exercitar uma escuta social do discurso mêmico que engendre a tríplice aliança proposta por Pêcheux e Fuchs: “1. O materialismo histórico, [...] 2. A linguística [...] 3. A teoria do discurso, [...]” (2014, p. 160), atravessados e articulados por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Para a composição do *corpus*, realizamos uma pesquisa na plataforma Facebook, em 02/06/2023, e utilizamos a ferramenta de pesquisa disponível na própria plataforma. Inserimos as palavras-chave “memes pandemia” e, dessa busca, selecionamos a Figura 1: Meme “Quem é você nessa quarentena?” e a Figura 2: Meme “Numa escala isolamento social como você está se sentindo?”, por se constituírem em memes nos quais os corpos-mulheres, corpos-femininos compõem-se de maneira destacada.

Dito isso, passamos aos movimentos de análise, no intento de analisar processos de produção de sentidos sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, tendo em vista a investigação sobre gramáticas constituídas, formuladas e que circulam na contemporaneidade, no ciberespaço.

Iniciamos pelo meme “Quem é você nessa quarentena?” (figura 1) que foi publicado em 14/04/2020 e está organizado com uma composição de 12 imagens, destacando o rosto da Carminha, uma

personagem da novela Avenida Brasil, exibida em 2012, e cada imagem está acompanhada de dizeres:

Figura 1 – Meme “Quem é você nessa quarentena?”



Fonte: <https://www.facebook.com/setecultura/photos/pb.100063945127573.-2207520000.1424025497799803/?type=3>. Acesso em: 02 jun. 2023.

O meme “Quem é você nessa quarentena?” (figura 1), em nossa leitura, representa uma cartografia de afetos, diferentes emoções, “angústias difusas, complexidades afetivas e formas extremas de sofrimento, onde o medo, o desamparo, o ressentimento, o ódio, a vergonha, o tédio, dentre outros afetos, expressam-se de forma contundente” (Penna, 2017, p. 15). Compreendemos a cartografia a partir de Azevedo (2013, p. 39), “[...] como uma noção que possibilita abarcar a multiplicidade de sentidos [...]” dos afetos que se atravessam nos corpos-mulheres, corpos-femininos na pandemia. E parte-se de uma “[...] concepção de afeto enquanto discurso, o qual inscreve o político, o ideológico e o histórico. Afeto(s), pois, que marca(m) uma

divisão, uma disputa de sentidos. Afeto(s) como disputa e afeto(s) em disputa na história” (Salles; Lunkes; Branco, 2022, p. 5).

A composição do meme sugere a narração do dia de um corpo-mulher, corpo-feminino isolado na quarentena, em casa. Esse corpo não está sozinho nesse espaço, pois os dizeres “Qnd piso no lego no chão”, “Qnd meu filho tosse” e “Qnd a escola manda mais coisa” indicam que há um filho; e o dizer “Qnd invejo meu marido no quarto” aponta para a existência de um homem. Trata-se de um corpo-mulher, corpo-feminino mãe, em matrimônio. Alguns dos dizeres sugerem atividades domésticas realizadas por essa mãe, como “Qdo olho a pia” e “Qnd acho comida pronta congelada”, enquanto outros dizem apontam para um sujeito confinado que se movimenta entre: manter o controle da realidade, como em “Qnd acordo já planejando tdd”, “Qnd leio a 1ª notícia”, “Qnd volto a mim positiva” e “Qnd sobrevivo mais 1 dia”; e tentar fugir da realidade, como em “Qnd cogito estar num filme” e “Qnd digo que vou embora”.

A cartografia de afetos nesse meme é engendrada pelo acontecimento da pandemia, que pode ser considerado uma situação catastrófica e não demarcada por uma temporalidade, pois não se sabia quando seria o fim. Diante desse acontecimento:

[...] todos os nossos hábitos corporais foram afetados pela incidência da pandemia em curso sobre as nossas práticas corporais, de acordo com o discurso sociológico enunciado por Bourdieu na obra intitulada Esboço de uma teoria na prática, porque quase nós todos fomos confinados em nossas casas, o que suspendeu evidentemente o exercício de nossa mobilidade corporal e de nossos hábitos regulares centrados no corpo (Birman, 2022, p. 193).

Com a suspensão do exercício de nossa mobilidade corporal e de nossos hábitos regulares centrados no corpo, por tempo indeterminado, praticamente tudo precisou ser ressignificado e, conseqüentemente, pode ter deixado marcas, traumas nos sujeitos. Birman (2020, p. 139) afirma que “[...] a experiência psíquica do sujeito na pandemia é caracterizada primordialmente pelo trauma,

uma vez que o sujeito não pode reconhecer e realizar de fato a antecipação do perigo”.

No texto “Leituras de Gênero sobre a Covid-19 no Brasil”, em que se apresenta um breve panorama de problemáticas centrais às análises de gênero que têm afetado a resposta e o impacto da pandemia no Brasil, Pimenta *et. al* (2021) apontam que “Além de altas taxas de desemprego e da sobrecarga de trabalho não remunerado, as relações de trabalho foram transformadas tanto no trabalho remoto quanto no presencial. No *home office* a constante pressão e o acúmulo de responsabilidades põem em risco a saúde física e mental” (2021, p. 162).

De acordo com o relatório da pesquisa “Sem parar – o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” (2020), que objetivou conhecer as dimensões do trabalho e da vida das mulheres durante a pandemia, 50% das brasileiras passaram a se responsabilizar pelos cuidados de alguém na pandemia e muitas tiveram que deixar seus empregos. Devido à disparidade salarial, os casais tenderam a priorizar o emprego dos homens.

No texto “Educação e produtividade em tempos de pandemia: discursos e sentidos em mídias digitais”, Galli e Biziak (2021) propõem uma reflexão sobre como a mídia digital tem discursivizado a educação e sua relação com a produtividade, com a finalidade de compreender o modo de funcionamento desses discursos e a naturalização de uma memória que retorna e se ressignifica. As autoras explicam que:

A suspensão do ensino presencial e a adoção de atividades remotas por grande parte das escolas trouxe uma gama de alterações na rotina tanto de estudantes e pais/mães/responsáveis, quanto de professores/as, os/as quais passaram, desde o início da crise pandêmica, a trabalhar no “modo *home office*” (Galli; Biziak, 2021, p. 14).

Esses três exemplos de trabalhos que tratam dos impactos da pandemia ajudam-nos a compreender uma possível composição da cartografia de afetos, tendo vista a conjunção íntima entre o interior

e o exterior, assim como assevera Birman (2022, p. 190), ao entender que “[...] o trauma será concebido nas bordas entre os registros do corpo e da ordem coletiva, na medida em que a experiência traumática, para se configurar, pressupõe necessariamente a conjunção íntima entre os registros do interior e do exterior”. A nova ordem imposta pela pandemia, o exterior em funcionamento na vida dos sujeitos, fez emergir muitos desafios até então não vivenciados pelo coletivo e afetou diretamente o interior, assim as ordens coletiva e individual conjugam-se intimamente na constituição da experiência do trauma.

Além de uma possível cartografia de afetos,

A pandemia expõe limites capitalistas, mas não os destrói e nem rompe com eles, borrados que são: descobrimos efeitos novos deles sobre as vidas e seus reconhecimentos e “produtividades”. Nessa direção, nestas condições de produção, “educação” passa a ser afetada por formas de individuação do Estado (“aluno do ensino remoto”; “mães que acumulam trabalhos, o próprio e o do outro”; “maridos que transformam quartos em escritórios”) que não são novidades, mas (re)atualização das possibilidades de “vidas” identificáveis pela forma-sujeito capitalista (Galli; Biziak, 2021, p. 21).

Essa citação tem estreita relação com os efeitos de sentido que emergem do gesto de interpretação do meme “Quem é você nessa quarentena?” (figura 1). A pandemia expõe efeitos novos dos limites capitalistas sobre as vidas e, acrescentamos, sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos. Esses corpos estão confinados em casa e acumulam seus trabalhos e o dos outros, passam a ser professoras, cuidadoras, cozinheiras, faxineiras, lavadeiras em tempo integral... de seu grupo familiar. Diante desse cenário, questionamos: que gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos em tempos de pandemia são essas? Bem, não há nada de tão novo no front... pois “[...] o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito” (Orlandi, 2012, p. 95). Há “efeitos novos” dos limites capitalistas, mas somente “efeitos novos” e (re)atualização que não são novidades. Nessa materialidade significativa funcionam dizeres históricos acerca da instituição família e sobre a posição-

sujeito mulher, os quais, em tempos de pandemia, somam-se a outros dizeres e produzem outros efeitos de sentido, bem como sedimentam sentidos nas práticas entre os sujeitos.

No movimento de sentidos que ressignifica vidas/corpos em tempos de pandemia, o meme “Numa escala isolamento social como você está se sentindo?” (figura 2) também pode representar uma cartografia de afetos, juntamente com o atravessamento dos/nos corpos-mulheres, corpos-femininos modificados pelos efeitos dos afetos da pandemia (descabelada, na camisa de força, cansada, gorda...).

Figura 2 – Meme “Numa escala isolamento social como você está se sentindo?”



Fonte: <https://www.facebook.com/SimpleScienceBlog/photos/pb.100056650072354.-2207520000./481266096575652/?type=3>. Acesso em: 02 jun. 2023.

O meme “Numa escala isolamento social como você está se sentindo?” (figura 2) foi publicado em 06/03/2021 e está organizado com uma composição de 9 imagens que destacam a obra Mona Lisa, de

Leonardo da Vinci. O suposto sorriso enigmático (feliz ou entediada?) ganha novos traços nessa releitura pandêmica (efeitos de angústia, medo, desespero desamparo...), atravessados pelo desalento que assim conduzia esses corpos-mulheres, corpos-femininos:

[...] quando não podemos contar com instâncias de proteção pública que sejam confiáveis, como ocorreu concretamente no contexto social brasileiro modelado pela dupla mensagem, o sujeito se inscreve no registro psíquico do desalento [...] sem saber com quem contar para lhe proteger, o sujeito se sente entregue ao acaso e ao indeterminado, assim como ao que é arbitrário na existência, em que tudo de pior pode lhe acontecer [...] (Birman, 2020, p. 136).

Fomos tomados de assalto por algo que não sabíamos quanto tempo duraria e a “coesão social” (Safatle, 2016) foi posta em jogo, impulsionada pela pandemia e asseverada por uma (des)conjuntura política. Nessa esteira, de alguma forma, a vida deveria seguir... muitas seguiram, enquanto muitas outras, não. Aquelas que seguem são atravessadas por uma cartografia de afetos mobilizada no isolamento social.

A suspensão da fluidez das vidas/dos corpos é atravessada por uma cartografia de afetos mobilizada no isolamento social e materializada no meme em análise. A Mona Lisa do sorriso enigmático é ressignificada e ajuda a contar parte da história da pandemia, arriscamo-nos em dizer, parte ínfima sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos modificados pelos efeitos dos afetos da pandemia.

O meme questiona o leitor “Numa escala isolamento social como você está se sentindo?” e deixa a possibilidade de escolher: precavida, descabelada, enlouquecida, esquelética, protegida, cansada, resfriada, entediada, gorda. A composição do meme, pela ausência de uma legenda em cada quadro, dá abertura para outras leituras e isso é possível porque “A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente” (Orlandi, 2005, p. 52).

Em nossa leitura, os corpos-mulheres, corpos-femininos que compõem o meme infringem o estatuto da beleza, são corpos desviantes da “norma padrão”. Conforme já apresentamos em

outros textos, entendemos que há gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos na contemporaneidade análoga(s) à gramática normativa de uma língua, com suas regras, privilegiando uma “norma padrão”. Assim, o que foge/desvia da norma também é visto como erro, igualmente ao que acontece na gramática normativa da língua. A aparência destruída/desconstruída pelos efeitos dos afetos é consequência do período de reclusão da Mona Lisa.

Em relação à análise das duas materialidades significantes, consideramos importante também discorrer sobre o que se silencia em relação aos corpos-mulheres, corpos-femininos na pandemia, sobre “[...] o silêncio que tem sua materialidade definida pela relação estabelecida entre dizer e não dizer” (Orlandi, 2008, n.p). Em relação ao não dizer, compreendemos que a violência de gênero foi silenciada nos memes. Para mostrar esse batimento entre ditos e não-ditos, apresentamos breves recortes de três relatórios que divulgam dados da violência contra as mulheres durante a pandemia.

De acordo com o relatório “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil” (2021), que trata da violência contra as mulheres durante a pandemia: “4,3 milhões de mulheres (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus” (2021, p. 11); e “A residência segue como o espaço de maior risco para as mulheres e 48,8% das vítimas relataram que a violência mais grave vivenciada no último ano ocorreu dentro de casa, percentual que vem crescendo” (2021, p. 12).

Conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021), em 2020, o país teve 3.913 homicídios de mulheres, sendo 1.350 registrados como feminicídios. Nesses casos, as mulheres foram assassinadas por sua condição de gênero, ou seja, morreram por serem mulheres.

Em março de 2021, a Rede de Observatórios da Segurança divulgou o levantamento “A dor e a luta: números do feminicídio”. Os dados revelam um aumento de ocorrências de feminicídios e violência contra mulher durante a pandemia nos estados da Bahia,

Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao todo, foram monitorados 1823 casos, sendo 66% feminicídios ou tentativas. O levantamento mostrou que 449 mulheres foram mortas por serem mulheres e, em 58% dos casos de feminicídios e 66% dos casos de agressão, os criminosos eram companheiros da vítima.

A partir desses significativos números, o não-dito que emerge nos gestos de interpretação nos faz lembrar Authier-Revuz, para quem: “Sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas” (1990, p. 28), de tal modo que o que não se diz nos memes também ecoa como não ditos que nos dizem (e muito) sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos afetados pelo acontecimento da pandemia. Especialmente afetados pela violência de gênero.

Bandeira (2014, p. 450) explica que a violência de gênero “[...] ocorre motivada pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de sexo, a qual começa no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem no protótipo de relações hierárquicas”. A autora ressalta que a notável prevalência desse tipo de violência tem sido uma constante ao longo da história, principalmente direcionada aos corpos femininos e que as relações violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, podemos dizer que “[...] a violência contra a mulher, constitutiva da organização social de gênero no Brasil, desde as mais sutis até o feminicídio, tem seu funcionamento sustentado em uma memória sobre o ser homem e o ser mulher” (Garcia; Venson, 2021, p. 262), trata-se de um fenômeno complexo arraigado à ideologia dominante patriarcal.

Quando a pandemia passar...

No momento da escritura deste texto, junho/julho/agosto de 2023, ainda vivemos em tempos de pandemia porque a doença causada pelo Sars-Cov-2, o novo coronavírus, ainda se mantém em disseminação global, afetando vários continentes com a transmissão mais controlada do surto, graças à vacinação em escala global. Além disso, há o impacto

relevante no número de mortes e hospitalizações. Lembremo-nos que foram mais de sete milhões de óbitos no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Não esquecer disso é importante, uma vez que podemos (ilusoriamente) considerar que nossas vidas já voltaram ao “velho normal”, similar ao que vivíamos antes de março de 2020. O acontecimento da pandemia e todas as suas consequências estão marcados em nossas vidas e em nossos corpos, mostrando-nos que não se volta a um “velho normal”, porque não somos mais os mesmos. A pandemia e seus efeitos e afetos mobilizados nos resignificaram como sujeitos, uma vez que também resignificamos o que compreendíamos sobre medo, angústia, luto e morte, por exemplo.

Nesse sentido, o que Indursky explica sobre acontecimento discursivo nos auxilia na compreensão da impossibilidade de volta a um “velho normal”, pois:

Quando um *acontecimento discursivo* sucede, instaura-se uma relação tensa tanto com a memória (que tenta inscrevê-lo na ordem da repetibilidade, [...]) quanto com o discurso novo, inaugural, que rompe com a ordem da repetibilidade, construindo um novo sentido possível para o enunciado (Indursky, 2003, p. 107, grifo da autora).

Novos sentidos se instauraram em nossas memórias e na produção mêmica gerada durante o acontecimento da pandemia podemos visualizar esses movimentos. Voltemos à figura 01, no último quadro em que a imagem de Carminha sugere satisfação por ter sobrevivido mais um dia. Sobreviver assume novos sentidos em um contexto de milhares de mortes registradas diariamente em um momento da pandemia, abril de 2020, em que havia poucas informações sobre o vírus e muitas dúvidas e medos assombravam nossas vidas. Do mesmo modo, se observarmos a figura 2, no quadro 7, no qual Mona Lisa assoa o nariz, sugerindo estar resfriada, com a pandemia resignificamos os sentidos para gripe. Um resfriado não é apenas uma “gripezinha”, pois o vírus que a provoca pode ser letal e matar milhões.

Tendo em vista que os memes mexem “[...] profusamente com a relação dito/não dito, com a presença-ausente, com as bordas do silêncio, com o entremeio dos sentidos” e “Os processos de significação são sempre historicamente determinados no confronto do simbólico com o político” (Orlandi, 2021, p. 12), podemos considerar que as gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos em tempos de pandemia são engendradas por uma cartografia de afetos, diferentes emoções, efeitos de medo, angústia, desamparo, desalento, sofrimento; corpos que infringem o estatuto da beleza, com uma aparência destruída/desconstruída pelos efeitos dos afetos; bem como, uma cartografia de afetos em que há o silenciamento da violência de gênero. Compreendemos que as gramáticas desses corpos existem e não precisa que estejam materializadas. Sabemos da existência em virtude do funcionamento da memória discursiva que faz com que se retomem os sentidos desses corpos nos memes analisados. Enfim, as gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos estão na memória discursiva, funcionando e sustentando o que é da ordem do interdiscurso.

Referências

- Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021. Ano 15, 2021. ISSN 1983-7364. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- Authier-Revuz, Jacqueline. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, IEL, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- Azevedo, Aline Fernandes de. **Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz**. 2013. 189p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), Campinas.

Bandeira, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Bianconi, Giulliana (Org.). **Sem parar** - o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. Disponível em: https://mulheresnapanemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

Biazus, Camila. **Dicionário Compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria – RS, 2015.

Birman. Joel. **O Trauma na Pandemia do Coronavírus** – Suas Dimensões Políticas, Sociais, Econômicas, Ecológicas, Culturais, Éticas e Científicas. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2020.

Birman. Joel. Trauma, subjetivação e governabilidade na pandemia do Coronavírus. **Tempo Psicanalítico**, v. 54, n. 1, p. 189-201, 2022. Disponível em: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/643>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Braga, José Luiz. A política dos internautas é produzir circuitos. In: Alexius, Átila; Silva, Liz Carniel da; Maia, Marilene. (Orgs). **Observatórios, Metodologias e Impactos: referências, memórias e projeções**. São Leopoldo: Unisinos, 2015. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/observasinos/images/outras/Publicacoes/Anexos/caderno_observatorios.pdf. Acesso em: 16 ago. 2023.

Bueno, Samira (Coord.). **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Galli, Fernanda Correa Silveira; Biziak, Jacob dos Santos. Educação e produtividade em tempos de pandemia: discursos e sentidos em mídias digitais. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 24, n. 47, p. 4–26, 2021. DOI: 10.20396/lil.v24i47.8662144.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8662144>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Garcia, Dantielli Assumpção; Venson, Ana Paula Reckziegel. Entre o jurídico e o midiático, o estupro culposos: mulher e violência. **Leitura**, [S. l.], n. 69, p. 261–278, 2021. DOI: 10.28998/2317-9945.2021v0n69p261-278. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11830>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Herbert, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. In: Orlandi, Eni Puccinelli. (Org.) **Análise de discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi**. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 21-54.

Indursky, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003, p. 101-121.

Lacan, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

Lévy, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Newman, Nic. et al. *Reuters Institute. University of Oxford. Reuters Institute Digital News Report 2022*. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

Orlandi, Eni Puccinelli. Processos de significação, corpo e sujeito. In: Orlandi, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012. p. 83-96.

Orlandi, Eni Puccinelli. Silêncios: presença e ausência. **ComCiência**, Campinas, n. 101, 2008. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-7654200800040007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 01 ago. 2023.

Orlandi, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2. n. 1. p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/310/325/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Pêcheux, Michel; Fuchs, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: Gadet,

Françoise; Hack, Tony. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 2014, p. 159-250.

Penna, Carla. O campo dos afetos: fontes de sofrimento, fontes de conhecimento. **Dimensões pessoais e coletivas**. Cad. psicanal., Rio de Janeiro, v. 39, n. 37, p. 11-27, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Petri, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Língua e instrumentos linguísticos**, Campinas: RG Editora, n. 29, p. 23-37, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao29/artigo2.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Petri, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-48.

Pimenta, Denise Nacif. *et al.* Leituras de Gênero sobre a Covid-19 no Brasil. In: Matta, Gustavo Corrêa; Rego, Sergio; Souto, Ester Paiva; Segata, Jean. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. Disponível em: https://www.genderandcovid-19.org/wp-content/uploads/2021/07/livro_completo_impactossociais_covid.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

Ramos, Silvia (coord.). **A dor e a luta: números do feminicídio**. Rio de Janeiro: Rede de Observatórios da Segurança/CESeC, março de 2021. Disponível em: https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2021/05/REDE-DE-OBS_ELASVIVEM-1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

Safatle, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015; Ed. Pioneira 2016.

Salles, Atilio Catosso; Lunkes, Fernanda; Branco, Luiza Castello. Afetos e(m) discurso: O que (não) se pode/consegue dizer sobre os afetos? In: Salles, Atilio Catosso; Lunkes, Fernanda; Branco, Luiza Castello [Orgs.]. **Afeto(s) e(m) discurso: movimentos dos sujeitos e dos sentidos na história.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/01/Afetos-em-Discurso-2.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Sousa, Lucília Maria Abrahão; Garcia, Dantielli Assumpção. Dizeres de uma quarentena: depressa as fachadas gritam. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.35, Número Temático COVID-19. Setembro/2020, p. 1-30. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/758/441>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Surdi, Marcia Ione. **A produção do saber sobre a língua nas gramáticas de Rocha Lima: o não lugar da significação.** 2017. Tese (Doutorado em Letras). Programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2017.

NARRATIVA E NARRATIVAS: ASPECTOS DISCURSIVOS E SEU FUNCIONAMENTO NO CONTEXTO POLÍTICO NACIONAL

Carlos Ayres

Preparando o caminho

As formas do dizer constituem uma ilusão, dado que, na interpretação dos discursos, sentidos irrompem na ordem de um possível, atravessados pela tensão do dizer e constituídos por uma alteridade que circula entre o simbólico e o imaginário, potencializando as condições para o equívoco. A evidência do sentido e a impressão do sujeito ser a origem do que diz decorrem da ilusão da transparência da linguagem. Mas, nem linguagem, nem sentido, nem sujeito são transparentes. Enquanto materialidade, constituem-se em processos em que a língua, a história e a ideologia são estruturas correlatas. Essa ilusão de completude, de transparência no dizer ocorre por ser

A evidência do sentido – que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória). Por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia. (Orlandi, 2002, p.46)

É nesse contexto, em que sujeito, sociedade e sentido são efeitos do trabalho simbólico operado pelo discurso, que delineamos nosso tema para estudo: os efeitos de sentido produzidos pelo

funcionamento de diferentes formações discursivas constitutivas do discurso político-midiático em torno do vocábulo narrativa.

O título de nosso capítulo sugere um movimento de sentidos, especialmente dos discursos que circulam na mídia e refletem seu papel histórico e ideológico. Os aspectos articulados de memória, atualidade e possibilidade remetem à trajetória de sujeitos e sentidos no discurso sobre o vocábulo narrativa que vão se (re)construindo na história da circulação dos sentidos ininterruptamente.

O recorte do corpus de nosso estudo permite observar diferentes posições-sujeito na Formação Discursiva e também as relações entre formações discursivas diferentes.

Procuramos situar nossa leitura numa abordagem que vê o discurso enquanto lugar de ruptura e de evidência determinado por formações ideológicas e discursivas.

O processo de produção de sentidos implica múltiplas relações que estão imbricadas, entre outros, no entremeio do discurso e das condições de produção. Entra em jogo, então, a memória constitutiva dos dizeres caracterizados pelos discursos que escolhemos como objeto de investigação.

Os dizeres deslizam de um lugar para o outro, denunciando uma aproximação e uma interdependência, condicionando-os a funcionamentos discursivos em que se mostram como resultado ou efeito. As marcas linguísticas, que são constitutivas do discurso, fazem irromper sítios significantes que são constituintes do sentido em torno do vocábulo narrativa. E esses sítios de sentido são vistos como o possível, o não-preenchido. É no funcionamento discursivo que se possibilita compreender "o sintoma de um sítio signifiante que ali se produz." (Orlandi, 1996, p. 14). Esse sintoma é índice de uma ausência e se inscreve na materialidade do texto como uma espécie de desorganização textual, como pista de uma escrita que deve ser refeita. O sentido se constrói, não pela ilusão de completude, uma vez que é nas falhas, nas rupturas que se percebe que "todo enunciado é intrinsecamente, suscetível de tornar- se

outro, diferente de si mesmo, se deslocar de seu sentido para derivar para um outro (Pêcheux, 2002 , p. 53) .

Por essa razão, entendemos, que seja necessário pensar a memória discursiva como a possibilidade de dizeres que são constitutivos da Formação Discursiva. Problematizar as relações entre história e memória discursiva se apresentou como um requisito para percorrer os caminhos do sentido produzido pelo emprego do vocábulo narrativa.

Procuramos fazer irromper as relações entre o simbólico, o imaginário e os efeitos de sentido produzidos pelo deslocamento do termo entre formações discursivas determinadas por formações ideológicas distintas.

A partir de nosso olhar, procuramos entender porque

Os significantes aparecem dessa maneira não como as peças de um jogo simbólico eterno que os determina, mas como aquilo que foi “sempre-já” desprendido de um sentido: não há naturalidade no significante; o que cai, enquanto significante verbal, no domínio do inconsciente, está “sempre-lá” desligado de uma Formação Discursiva que lhe fornece seu sentido. (Pêcheux, 1997b, p.176)

Se o sentido é sempre uma palavra, uma proposição por outra, segundo Orlandi (1996), os sentidos só existem nas relações de metáfora em que certa Formação Discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório. E, se o efeito de evidência de sentido é fruto dos funcionamentos discursivos no interior de uma Formação Discursiva, nosso gesto procurou não só observar tensões, como também desestabilizar os modos de dizer pelo deslocamento do uso do vocábulo narrativa, fazendo irromper os sentidos que lhe são constitutivos e identitários.

Nossos marcos de referência

Não podemos pensar a análise de um texto como uma sequência linguística fechada sobre ela mesma. É preciso referi-la ao

conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção que, segundo Orlandi (2002 , p.39),

constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Uma delas é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo esta noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Para a autora os dizeres não podem ser tomados meramente como mensagens decodificadas, uma vez que são efeitos de sentido produzidos em determinadas condições de produção. Constituem o dizer, fazendo emergir, na aparente transparência da linguagem, vestígios que o analista de discurso deve apreender.

A memória discursiva reúne os dizeres, mesmo aqueles já esquecidos, que determinam os discursos. O interdiscurso é parte das condições de produção do discurso e determina os dizeres a partir da relação do sujeito com a língua e com a história, por meio da ideologia. Orlandi (2001, p. 47) afirma que a ideologia no discurso é vista não como ocultação, mas como “ relação necessária entre linguagem e mundo”. A ideologia é responsável pela produção de evidências que colocam o homem em relação imaginária com as suas condições históricas de existência. Segundo Pêcheux (1997b, p.159-160),

é a ideologia que, através do hábito e do uso, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de desvios linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de retomada do jogo. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc, evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Para lidar com esse complexo funcionamento discursivo, baseamos nosso trabalho na compreensão de Orlandi (2002), uma vez que passamos a considerar as condições de produção em dois níveis: as condições de produção em sentido estrito e as condições de produção em sentido amplo. No primeiro nível, concentramos nossa análise nas circunstâncias da enunciação e no contexto imediato. No segundo, ampliamos nosso escopo para abranger o contexto sócio-histórico, político e ideológico.

A ideologia produz efeitos no discurso e no sujeito que, então, é interpelado por uma formação ideológica, construindo sob o efeito desse processo de ideologização e discursivização, arcabouços de saberes sobre tudo o que o afeta. Nesse processo, produzimos fronteiras entre nós e o outro, demarcamos e somos demarcados por lugares discursivos com os quais nos identificamos. Essas fronteiras são constituídas discursivamente e, portanto, são permeáveis e, muito frequentemente, se modificam, deslizam ou são transgredidas e atravessadas por um dizer que carrega na sua constituição os já-ditos constitutivos da memória discursiva.

O modo como se constitui a Formação Discursiva implica um tipo de funcionamento que nos permite dizer que toda FD é constituída por um sistema de paráfrase, ou seja, uma FD representa o espaço em que enunciados são retomados e reformulados para demarcar as suas fronteiras, mantendo, assim, sua identificação com a Formação Discursiva de que são efeitos.

O discurso, por sua especificidade, pode ser visto como um aspecto material da ideologia. Podemos pensar também que os discursos são direcionados, moldados por formações ideológicas. Nesse jogo, é determinado o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição, numa determinada conjuntura, ou seja, essa posição diz respeito à relação de assentamento, ou estabilização de saberes, produzindo um efeito de homogeneização discursiva.

À noção de Formação Discursiva interessa ainda um outro tipo de funcionamento – o pré-construído. Courtine (1981) assinala que esse termo foi introduzido por P. Henry (1975) e passa a designar

uma construção anterior, que também é exterior, independente, por oposição ao que é construído na enunciação.

O funcionamento ideológico determina a Formação Discursiva, possibilitando o processo de assujeitamento - interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso. É nesse processo que o sujeito se filia a uma FD. Também podemos dizer que numa FD "n" sujeitos podem partilhar ou divergir a respeito do sentido potencializado pelo dizer. A ideologia é o movimento que caracteriza o sujeito do discurso que vive seu assujeitamento sem dar-se conta disso. O que não significa dizer que, no interior de uma FD, exista uma única forma de dizer para todos os sujeitos e tampouco uma específica para cada participante. Uma FD pode ser portadora de heterogeneidade, ou seja, vários dizeres em uma única forma. Para Courtine (1981), em virtude dessa heterogeneidade (que funciona como mecanismos de identificação de toda FD) é possível caracterizar uma FD como uma unidade dividida que tem na contradição seu princípio constitutivo. O discurso emerge em função dessa contradição e é num esforço não só de traduzi-la, mas também superá-la que o discurso se constrói. Podemos dizer, então, que na constituição do discurso, a contradição coloca-se como o princípio de sua historicidade.

A noção de FD implica sua relação com o interdiscurso, a partir da qual ela se define, segundo Courtine e Marandin (1981, p.113):

o interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração constante no qual uma formulação discursiva é conduzida a incorporar elementos pré-construídos no interior dela própria, a produzir sua redefinição e seu retorno a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar a repetição, mas também provocar eventualmente o seu apagamento, o esquecimento ou mesmo da negação.

À luz dessa concepção, temos a possibilidade de dizer que, não obstante o fato de uma FD ser determinante do que "deve e pode ser dito", criando um efeito de homogeneidade discursiva, é possível dizer que as tensões e contradições podem ser recuperadas na

aparente unidade dos discursos, uma vez que os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua, colocando-se numa relação de dependência das “relações e constituídas nas/pelas formações discursivas” (Orlandi, 2002, p.44).

Dessa forma nosso movimento de análise da rede de dizeres constitui-se em fazer com que as contradições desapareçam e reapareçam, fazendo emergir à superfície do discurso o jogo que estabelecem entre si. Nessa tentativa de encontrar um modo de exprimir as contradições, é preciso conferir-lhes uma aparência ainda que fugaz, com o intuito de dar-lhes corpo.

Conforme Orlandi (2002, p.44), as FDs “são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”. Cada Formação Discursiva tem seus limites dados por afastamentos e aproximações e as relações de sentido são determinadas em cada processo de significação. Esse jogo de constantes redimensionamentos é que constitui o sujeito e o sentido. As formações discursivas estão constituídas pela forma histórica dos mecanismos ideológicos que interpelam a relação com o simbólico e podem ser vistas como pontos de ancoragem.

No dizer de Indursky (1997, p.35), uma formação discursiva “deve ser entendida como dois ou mais discursos em um só”. A autora não ignora a existência de dois modos de conceber uma FD: uma noção de FD como um corpus-fechado e homogênea; e outra que entende uma FD que essa homogeneidade tende a desestabilizar-se quando invadida por elementos e os são estranhos, constituindo-se, por esse razão, de um espaço de heterogeneidade.

Na visão de Orlandi (2002), a multiplicidade e a diferença estão inscritas no discurso, uma vez que o múltiplo e o diferente se ordenam numa teia de memória ao produzirem seus efeitos de sentido. Analisar, então, o discurso é descrever os sistemas de dispersão dos enunciados que compõem uma Formação Discursiva através de suas regularidades e fissuras no processo de formulação.

Se na análise desses enunciados fica evidenciado que eles apresentam um sistema de dispersão semelhante, sugerindo uma certa regularidade, podemos dizer, portanto, que podem ser inscritos numa mesma Formação Discursiva.

Reflexões sobre os efeitos de sentido produzidos pelos usos do vocábulo narrativa e seu funcionamento discursivo

Antes de nos atermos ao vocábulo narrativa e sua presença na rede de dizeres, entendemos que, para pensarmos as condições de produção determinantes das formações discursivas observadas, é fundamental pensarmos o contexto histórico que cria as condições reais de existência e determina os modos de percepção da sociedade e dos acontecimentos históricos.

O ano de 2020 representou um divisor de águas na história recente da humanidade. Em entrevista ao Universo Uol, a historiadora Lilia Schwarcz discorre sobre essa questão ponderando que

O historiador britânico Eric Hobsbawn disse que o longo século 19 só terminou depois da Primeira Guerra Mundial [1914-1918]. Nós usamos o marcador de tempo: virou o século, tudo mudou. Mas não funciona assim, a experiência humana é que constrói o tempo. Ele tem razão, o longo século 19 terminou com a Primeira Guerra, com mortes, com a experiência do luto, mas também o que significou sobre a capacidade destrutiva.

Acho que essa nossa pandemia marca o final do século 20, que foi o século da tecnologia. Nós tivemos um grande desenvolvimento tecnológico, mas agora a pandemia mostra esses limites.

Mostra que não dá conta de conter uma pandemia como essa, nem de manter a sua rotina numa situação como essa. A grande palavra do final do século 19 era progresso. Euclides da Cunha dizia: "Estamos condenados ao progresso". Era quase natural, culminava naquela sociedade que gostava de se chamar de civilização.

<https://www.universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#cover>uol.com.br/

Segundo a historiadora, o acontecimento, afinal, parou o mundo e marcou uma virada, pois

Uma coisa é o tempo da indústria, da tecnologia, que é questão de segundos. Outra é o tempo do cientista, que usa da temporalidade mais alargada para descobrir novas saídas. As pessoas vão começar a entender, como na época da gripe espanhola, porque Carlos Chagas se tornou mais popular do que cantor e jogador de futebol — as charges falavam isso. A ciência, que era o bandido, é hoje a grande a utopia.

<https://www.universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#cover>(uol.com.br/)

Muitos imaginam que a história está pronta e que o papel do historiador é apenas contá-la, mas a história é uma construção e representa uma análise de um passado — próximo ou distante — que depende de quem escreve, do contexto que escreve e das fontes consultadas. Historiadores não são os únicos autores dessas narrativas que moldam a história, uma vez que governantes e todos os atores do cenário político, grupos de pressão, a mídia, o mercado e mesmo os produtos culturais (como filmes e livros), contribuem na formação de uma memória social, para citar exemplos de espaços e meios em que se operam essas escolhas do que vamos lembrar ou esquecer.

A memória e o esquecimento são da ordem do político e, como propõe Orlandi (2014, p. 27), “O político na análise do discurso não é o partidário nem é conteúdo”, como ela afirma. E ainda hoje, como sustenta a autora, é dessa maneira que teorizamos: O político é “funcionamento dos sentidos em qualquer discurso.”

Estamos entendendo que o político, ou melhor, o confronto do simbólico com o político como diz M. Pêcheux (1975), não está presente só no discurso político. O político, tal como o pensamos discursivamente, está presente em todo discurso. Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra Formação Discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia no dizer. As relações de poder são simbolizadas e isso é político. A análise de discurso trabalha sobre as relações de poder simbolizadas em uma sociedade dividida” (Orlandi, 2012, p.55).

Essa divisão da sociedade mascara lugares de sujeito e condiciona formações ideológicas e discursivas que modalizam o dizer e o filiam a uma rede de memória que produz determinados efeitos de sentido, bem como produz silenciamentos.

Em 12 de dezembro de 2020, em entrevista para BBC – News Brasil, o historiador Rui Tavares, ao ser indagado sobre quais fatores explicam a ascensão da extrema-direita – negacionista e seduzida por teorias conspiratórias, acima de tudo, especialmente num mundo que se mostrava acuado por um problema de magnitude Global, a pandemia do Coronavírus, diz que

A direita encontrou uma **narrativa** muito forte: a do egoísmo legitimado e calcado coletivamente. Esse egoísmo diz que vivemos em um mundo perigoso e que melhor coisa a se fazer é "cuidar dos teus": sua família, sua nação e contra todos os outros.

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55223561>

O vocábulo "narrativa" é bastante comum nas ciências humanas e sociais, em especial na análise de relatos históricos e assume um papel importante na medida em que reflete a maneira como os indivíduos constroem suas representações do mundo por meio de diferentes discursos. Segundo Dominique Maingueneau (2008, p.88), essa narrativa "organiza e dá sentido a um conjunto de acontecimentos que se articulam em uma história".

Nesse sentido, a narrativa é vista como uma forma de representação simbólica que permite a criação de uma ordem de sentido a partir da seleção e ordenação de eventos, personagens e sequências temporais. Como destaca Maingueneau (2008), a narrativa é também uma forma de construção identitária, pois permite que os indivíduos falem de si mesmos ou de outros a partir de uma determinada posição social ou cultural. Assim, a narrativa não é apenas um relato de fatos, mas um modo de construção de significados que se relaciona diretamente com a forma como os indivíduos se posicionam e se expressam no mundo.

Na mesma entrevista, Tavares (2020) diz ainda que

Curiosamente, a esquerda, (...) reforça essa ideia quando diz que as alterações climáticas vão acabar com o mundo ou que as contradições do capitalismo vão explodir a qualquer momento. São **narrativas** que reforçam o argumento da direita: se o mundo é um jogo de soma zero em que o outro precisa perder para que eu ganhe, então eu tenho que seguir meus instintos e me preocupar comigo em primeiro lugar.

É preciso substituir, então, essa **narrativa** do egoísmo pela da generosidade. A **narrativa** da generosidade é menos evidente e também mais difícil de se plantar, mas pode ser muito forte ao alertar que, em um mundo de todos contra todos, a maior parte de nós vai perder, e só vai se salvar quem é muito rico e poderoso.

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55223561>

O pensamento de Tavares (2020), ao empregar em três momentos do seu dizer, o vocábulo narrativa pode ser, de certo modo, confrontado com o que postula Pêcheux (2002), para quem o discurso é uma prática social situada historicamente e atravessada pelos conflitos e contradições presentes na sociedade. Dessa forma, o discurso é visto como uma forma de poder, que busca naturalizar determinadas posições e relações sociais. Nesse sentido, a narrativa é uma das estratégias discursivas utilizadas para construir e consolidar um determinado modo de percepção da realidade, modalizada por uma Formação Discursiva que é identitária de uma formação ideológica.

Há cerca de uma década, as conclusões da Comissão Nacional da Verdade (CNV) — que averiguou crimes cometidos pelas Forças Armadas durante a ditadura militar (1964-1985) — eram contestadas sob o argumento de que não passavam de narrativas. Para esses militares, essa expressão era sinônimo de fábulas ideológicas. O vocábulo narrativa passava, então, pelo atravessamento ideológico a significar o distanciamento da verdade, passava a ser, então, carregado de falácia.

Além dessa e de outras contestações, segundo Pedro Dallari, ex-coordenador da Comissão Nacional da Verdade (CNV), nesse período de quase uma década da entrega do relatório final vigorou uma combinação de silêncio e contemporização, que diz respeito

justamente à pouca apropriação da narrativa de verdade factual construída pela CNV e ao pouco avanço das medidas recomendadas pelo relatório.

O espaço que a verdade da Comissão não ocupou nos espaços públicos e na memória da sociedade brasileira foi paulatinamente ocupado pela contra memória: a de apologia à ditadura que boa parte das Forças Armadas e o presidente da república tentam construir. Diferente das manifestações anteriores, que reivindicavam "isenção" nas investigações sobre as graves violações de Direitos Humanos, o que tem sido feito durante o governo Bolsonaro, que conta com ampla e desastrosa participação de militares, é a negação e revisão da história - vista como **narrativa** enviesada da "esquerda terrorista". O Estado Democrático de Direito deve se alicerçar em **narrativas**, essas sim, baseadas em investigações, em testemunhos e respaldadas na ciência - seja a Medicina, a História, ou o Direito.

<https://noticias.uol.com.br/colunas/democracia-e-diplomacia/2022/01/13/quais-narrativas-aproximam-a-cpi-da-covid-da-comissao-nacional-da-verdade.htm>

Assim, a narrativa não é apenas um acontecimento discursivo em si, mas também uma maneira de compreender como os discursos são produzidos e utilizados na sociedade.

Narrativa, então, não é apenas um termo, mas um "acontecimento discursivo" que se refere a um fenômeno linguístico que não é apenas uma mera sequência de palavras, mas algo que carrega significados e efeitos dentro de um contexto sociopolítico e ideológico. Essa narrativa pode ser uma fala, um texto escrito, um discurso político, uma conversa, ou qualquer outra manifestação linguística que tenha relevância e produza sentidos numa rede de dizeres. Por essa razão contribui para a construção de discursos e representações dentro de uma determinada sociedade. Em resumo, o emprego do vocábulo narrativa enfatiza a importância de considerar o contexto e os efeitos de sentido ao analisar manifestações linguísticas.

É a partir da análise desse componente que podemos compreender as ideologias que estão presentes em determinados discursos, bem como sua influência na manutenção das relações de

poder e hierarquia na sociedade. Isso significa que as narrativas são construídas a partir de pressupostos e valores que influenciam a maneira como os indivíduos interpretam e representam a realidade. Maingueneau (2008) destaca que é preciso estudar as estratégias que organizam a apresentação dos fatos, e outros procedimentos que permitem a estereotipagem de certas categorias sociais.

Isso posto, vamos partir para um levantamento de passagens de portais de jornais e sites de notícias em que o vocábulo narrativa aparece, em dado momento, para marcar o discurso da direita, bem como na sua antítese - as manifestações do campo democrático, do qual a esquerda se apresenta como protagonista.

Em 13 de janeiro de 2022, diante das constatações da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia —que se debruçou sobre as ações e omissões do governo federal no combate à pandemia da Covid-19, bem como o colapso na saúde pública do estado do Amazonas—, senadores governistas lançaram mão da mesma tática que os militares críticos da CNV. Sobre essa questão o site Uol apresenta a seguinte matéria “Quais narrativas aproximam a CPI da Covid da Comissão Nacional de Verdade?:

É necessário, portanto, um olhar atento para as apropriações da expressão "**narrativa**" como recurso retórico para desvirtuar noções de ciência e verdade. Formada por 18 senadores, entre titulares e suplentes, a CPI da Covid, criada em abril de 2021 e encerrada em outubro do mesmo ano, emplacou diversas expressões usadas nos enérgicos debates e depoimentos. Uma das mais recorrentes foi "**narrativa**", palavra de ordem nas intervenções de senadores governistas como Flávio Bolsonaro (PL-RJ), e Marcos Rogério (DEM-RO), usada com o propósito de rebater depoimentos que comprometiam o governo federal na condução da pandemia. Para eles, **narrativa** "não é verdade", assim sendo, as responsabilizações da CPI da COVID não passariam de "expediente político, e bem rasteiro".

(...)

Assim como as descobertas da CNV, os achados da CPI da Covid sofrem ataques sistemáticos de grupos radicais que minam os esforços no combate à pandemia da covid-19 no Brasil, revelando o poder que as **narrativas** têm, bem como o perigo de não estarmos atentos a elas. O que hoje é uma negação e pulverização de responsabilidade para com a vida, não serve tão somente para safar Bolsonaro, no presente, de possíveis implicações punitivas, mas

para salvaguardar e sedimentar seu futuro político, apoiado no esquecimento e na naturalização da morte de mais de 620 mil pessoas.

<https://noticias.uol.com.br/colunas/democracia-e-diplomacia/2022/01/13/quais-narrativas-aproximam-a-cpi-da-covid-da-comissao-nacional-da-verdade.htm>

A observação da matéria publicado pelo site UOL permite dizer que as formações discursivas (FDs) são mobilizadas em complexos referidos como interdiscurso, e os sentidos específicos de uma FD são determinados de fora, por sua relação com outras FDs no interdiscurso. O estado particular do interdiscurso em um dado momento (quais FDs nele contidas e quais suas relações) depende do estado do embate ideológico em um Aparelho Ideológico de Estado (AIE). Por essa razão os sujeitos tendem a perceber a si mesmos como fonte dos sentidos, quando, na verdade, são efeitos de um assujeitamento. Althusser (1978) enfatiza a autonomia relativa da ideologia, uma vez que, para o autor, longe de serem meramente ideias descorporificadas, a ideologia ocorre em formas materiais. Além disso, a ideologia funciona pela constituição ou interpelação dos indivíduos em sujeitos sociais e sua fixação em posições de sujeito, enquanto ao mesmo tempo lhes dá a ilusão de serem agentes livres. Esses processos se realizam no interior de várias instituições e organizações, tais como a educação, a família, o direito ou a mídia que, na concepção do autor, funcionam como dimensões ideológicas.

Os pré-construídos, que são constitutivos de uma FD e reivindicados na produção do discurso, são tomados como o que é dado ou conhecido ou já dito pelos participantes, enquanto, na verdade, eles realmente se originam fora dos sujeitos, no interdiscurso. Enquanto o pré-construído relaciona-se a algo que já estava lá no momento da constituição do dizer, remetendo à sua objetividade material, o interdiscurso “(...) designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição” (Maldidier, 2003, p. 51).

Existe, portanto, uma relação intrínseca entre interdiscurso e pré-construído, pois as configurações de poder engendradas por interesses que são determinantes dos discursos existem sempre num espaço recursivo, de retorno, que replica apenas circunstâncias sempre repetidas na constituição da realidade dos sujeitos que são, por assim dizer, ilusões de produção do discurso.

Pêcheux (1996) estabelece a noção de interdiscurso como um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. Um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos através da ideologia e do inconsciente. O conceito de interdiscurso está intimamente ligado às diferentes estruturas de formações ideológicas. Significa que algo se expressa previamente, em um contexto distinto, de maneira autônoma.

A noção de pré-construído, segundo Malidier, fornece a ancoragem linguística da tomada do interdiscurso. A acepção do pré-construído remonta, no contexto discursivo, a algo “que já estava lá”, antes mesmo da enunciação. Seria aquilo que estava presente antes de o sujeito enunciar. Teoricamente, a noção do pré-construído diz respeito ao fato de que “(...) certas construções autorizadas pela sintaxe das línguas pressupõem a existência de um referente, independentemente da asserção de um sujeito” (Malidier, 2003, p. 35).

Em texto divulgado na Folha em 28 de outubro de 2022, sob o título de “O bolsonarismo é uma arte de inventar histórias”, podemos ler que

JA extrema direita é mestre em contar histórias, já nasceu assim, e em transformar em comunidades os que creem nas mesmas **narrativas**. O campo democrático também narra e espera que cada vez mais pessoas acreditem, por exemplo, na grande história da democracia brasileira ameaçada pelo bolsonarismo —que, embora seja verdadeira, custou quatro anos e mais os mortos da pandemia para formar uma comunidade consistente de crentes na plausibilidade do que vinha sendo contado.

(...)

O bolsonarismo é mais eficiente na contação de histórias por duas razões. Primeiro, porque não precisa lidar com o inconveniente com que se depara quem conta histórias verdadeiras: os fatos. As suas **narrativas** não se

importam com a verdade, o importante é que façam sentido e sejam consideradas plausíveis por quem as consome. O sarrafo da plausibilidade, contudo, estará cada vez mais baixo à medida que os que compartilham tais histórias vão se tornando uma comunidade de crentes.

(...)

Quem assume a obrigação de tecer uma **narrativa** apenas depois de apurar os fatos, como no jornalismo, corre sempre o risco de ver a sua linda história assassinada impiedosamente por uma gangue de fatos brutos. Esse risco não corre quem cria os fatos que usará para montar os relatos, posto que, se uma história é bem contada, os fatos que façam a gentileza de não atrapalhar.

A segunda razão é que o bolsonarismo não se incomoda de sujar as mãos. Escrúpulo saiu do grupo faz tempo. Comunicação política aqui é parte de uma guerra total contra o inimigo. Inventamos do nada, modificamos, distorcemos, fazemos qualquer negócio, inclusive usamos fatos reais quando calha de a realidade se encaixar na **narrativa**.

Dizem que a primeira vítima de uma guerra, mesmo uma guerra de informações, é a verdade. Pode ser, mas as histórias inventadas ocupam com vantagens o lugar da falecida. Depois de algum tempo, as pessoas já nem sabem distinguir entre fatos e histórias e entre as **narrativas** verdadeiras e as inventadas. Não é a verdade o que morre, mas a nossa capacidade de reconhecê-la, mesmo que ela grite na nossa cara e por diversas fontes.

Entretanto, o maior perigo desse mundo embaralhado por fake news e histórias de conspirações é que mesmo quem se julga crítico e consciente pode um dia acordar dando como certas determinadas coisas que, a rigor, foram plantadas por meio de **narrativas** inventadas.

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/wilson-gomes/2022/10/o-bolsonarismo-e-uma-arte-de-inventar-historias.shtml>)

Os atores sociais são constituídos em relação a formações discursivas particulares, bem como quanto a seus sentidos. Essas FDs são, de acordo com Pêcheux (1996), faces linguísticas de domínios de pensamento histórico-ideológico, constituídos na forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito e, simultaneamente, junto com ele, o que lhe é dado ver, compreender, fazer, temer e esperar.

O entendimento de ideologia e seu funcionamento, assumido em nosso estudo segue as reformulações feitas por Orlandi (1999) a partir de Pêcheux, demonstrando que ideologia é o que produz e imprime uma direção aos sentidos e o que faz com que os sujeitos os

tomem como evidentes, no interior das formações discursivas. Assumindo esse posicionamento sobre a ideologia e seus efeitos, ao olharmos para nosso corpus, podemos afirmar que os sentidos em torno do vocábulo narrativa vão tomando algumas direções e não outras. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido.

Na próxima sequência, encontramos na edição da folha de 20/01/2023, texto de cunho opinativo, no qual o enunciador, ao fazer crítica à falta de agilidade e de competência da esquerda no confronto com a produção de fake news, referenciado no texto como narrativas golpistas

Governo Lula patina em comunicação digital e abre espaço a **narrativas** de golpistas.

Esquerda que chegou ao poder é analógica e não parece saber enfrentar fake news para proteger a democracia

(...)

Sei que este é o momento da narrativa em que, vencidos os dois maiores campeões da extrema direita mundial, Trump e Bolsonaro, eu deveria falar das flores: o retorno das nossas esperanças de que, na dialética das revoluções digitais, como naquela do Iluminismo, o lado pró-democracia retome o passo.

(...)

Além disso, me impressiona a ausência de estratégias de comunicação do governo para enfrentar o momento seguinte. Os golpistas estão impondo a **narrativa** que lhes convém com essa história de campos de concentração, presos políticos, infiltrados, velhinhas em privação, ditadura de toga, ausência do devido processo. E o governo? Silêncio. Há enorme acúmulo de conhecimento sobre comunicação pública digital e gestão de crise, mas, aparentemente, o memorando não chegou à Secom ou a quem de direito.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/wilson-gomes/2023/01/governo-lula-patina-em-comunicacao-digital-e-abre-espaco-a-narrativas-de-golpistas.shtml>

Já na segunda ocorrência do vocábulo, vamos encontrar o termo empregado na mesma linha do que Maingueneau (2008) apresenta, uma vez que a narrativa é, na verdade, uma forma de construção identitária, pois permite que os indivíduos falem de si mesmos ou de outros a partir de uma determinada posição ideológica.

Importante reiterar que o sujeito e o sentido não são naturais, transparentes, mas sim, determinados historicamente e devem ser pensados em seus processos de constituição, da mesma forma que o sujeito não é fonte do sentido e que este se forma por um trabalho da rede de memória, conforme Orlandi (2002).

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam e os sentidos se constituem de acordo com o contexto histórico e ideológico em que os enunciados são produzidos. É a memória discursiva (ou interdiscurso, como definida por Orlandi (2001p.31)“que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

Em comentário do leitor desta editoria, também em 20/03/2023, sobre o texto destacado, vamos ler que

Ser induzido pela mentira é nocivo a vida, logo é crime. Viver ludibriado com anuência do Estado é inconcebível. Então é necessário combater a qualquer custo os formadores condutores e incentivadores das fake news. Não interessa a **narrativa** do direito de expressão, tanto usado pelos criminosos na brecha da democracia.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/wilson-gomes/2023/01/governo-lula-patina-em-comunicacao-digital-e-abre-espaco-a-narrativas-de-golpistas.shtml>

Novamente, o emprego do vocábulo narrativa revisita o sentido já empregado, o que estava lá, na rede de dizeres: tomado como golpe mentira, fake news e aqui caracterizado como crime. O que nos possibilita compreender o porquê de um mesmo enunciado significar de forma diversa em situações diferentes é o conceito de Formação Discursiva e de memória como instâncias constitutivas do discurso. Todo discurso pressupõe uma memória que é atualizada permanentemente a cada nova formulação discursiva, pois segundo Pêcheux (2002, p. 21), o enunciado é “repetido sem fim como um eco inesgotável, apegado ao acontecimento”.

Ainda na linha dos antagonismos de nosso tempo, vamos encontrar, em texto publicado em 28/01/2023, na Folha, uma

apreciação de como o componente religioso vem sendo usado na construção de narrativas que se opõem:

Para o bem ou para o mal, essa nova agenda vem ampliando seu poder de determinar, para além de seu grupo, o que é o certo e o errado dos pontos de vistas social, político, ético e estético, submetendo alguns desavisados a retratações públicas, processos judiciais, revisões de suas **narrativas** simbólicas, sob penas que variam de cancelamentos a marginalização política sumárias de indivíduos ou grupos.

Chegamos, portanto, a um momento incomum da nossa história social, onde coexistem duas moralidades rivais, uma sagrada e outra pagã. Em disputa estaria a construção dos valores simbólicos balizadores dos comportamentos sociais, éticos e estéticos e, por consequência, uma acirrada disputa por influência política.

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/evangelicos-se-radicalizam-para-disputar-monopolio-da-moralidade-com-progressistas.shtml>

Quando se trata do uso da religião no cenário político brasileiro, é possível perceber como as práticas discursivas religiosas são mobilizadas para construir narrativas políticas e influenciar as opiniões públicas. No contexto brasileiro, a religião tem sido frequentemente utilizada como uma estratégia política, especialmente por lideranças religiosas que ocupam posições de poder no cenário político. Em muitos casos, essas lideranças mobilizam a religião para construir discursos que promovem a moralidade, a ética e os valores conservadores, em oposição a movimentos progressistas.

Nesse sentido, num jogo de paráfrases, a religião é mobilizada para produzir efeitos de sentido no discurso político para construir discursos de exclusão e intolerância. Em muitos casos, líderes religiosos usam a religião para justificar a discriminação contra grupos minoritários, contra valores democráticos e, muito frequentemente, contra os direitos humanos. Ao examinar como a religião é mobilizada para construir discursos políticos, podemos entender como esses discursos influenciam a opinião pública e afetam também as políticas públicas.

Segundo Orlandi (2001, p.36), “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível a memória”. A paráfrase para ela retorna aos mesmos espaços de dizer; já a polissemia seria “a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer”. Para ela, “a polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. Segundo a autora, quando se pensa discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia).

Na última passagem selecionada de nosso corpus, vamos encontrar um texto que reflete sobre o vocábulo narrativa e o processo de desinformação que tem colocado a Democracia em xeque. Em texto veiculado pela edição de 17/02/2023 pela Folha

Para entender como os danos digitais estavam minando a democracia no Brasil, o Instituto Igarapé, em parceria com o Democracia em Xequê, passou a monitorar e avaliar **narrativas** desinformativas online e seus reflexos no mundo offline no período eleitoral. Em resumo, há quatro mensagens principais.

Primeiro, a extrema direita superou em muito o engajamento digital de esquerda, de centro e da imprensa convencional. Segundo, o alvo muitas vezes são as próprias instituições eleitorais. Terceiro, danos digitais são acompanhados de violência crescente contra candidatos adversários, mídia e atores cívicos. E quarto, as principais instituições foram razoavelmente bem-sucedidas na reação.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ilona-szabo/2023/02/precisamos-de-uma-alianca-pro-democracia-e-contra-danos-digitais.shtml>

As narrativas de desinformação formuladas pela extrema direita brasileira constituem uma grande ameaça à democracia e podem ser analisadas sob a perspectiva de como são construídas e como elas são utilizadas para produzir efeitos de sentido no discurso político.

Uma das principais características das narrativas de desinformação é que elas são construídas a partir de informações falsas

ou distorcidas, que são disseminadas por meio de canais de comunicação controlados pela extrema direita. Essas narrativas podem ser usadas para criar uma imagem negativa de grupos políticos ou sociais, como a esquerda, os movimentos sociais, os defensores dos direitos humanos e as minorias étnicas e sexuais. Além disso, essas narrativas também podem ser usadas para deslegitimar as instituições democráticas, como o Judiciário e a imprensa, que são vistas como obstáculos à agenda da extrema direita.

Nesse sentido, para identificar as estratégias discursivas usadas para construir e disseminar essas narrativas de desinformação, é possível examinar as escolhas linguísticas, os discursos e os argumentos usados para promover essas narrativas e entender como elas são inscritas na rede de dizeres. Assim, podemos compreender como essas narrativas de desinformação afetam a democracia e a participação política. A disseminação de informações falsas pode prejudicar a capacidade dos cidadãos de tomar decisões fundamentadas e participar efetivamente do processo democrático. Além disso, as narrativas de desinformação podem criar uma atmosfera de medo, intolerância e polarização, o que pode minar a confiança na democracia e nas instituições democráticas.

Para finalizar

Nesse processo, o discurso em torno do vocábulo narrativa se apresenta no efeito de verdade e sustenta esse efeito por outros efeitos relacionados como efeito de evidência, de universalidade. É um discurso atravessado de outros discursos que se complementam e que são constitutivos de uma memória, pois ao mesmo tempo estabelece relações com o *já-dito* e com o *dever*.

Procuramos analisar de que modo os deslocamentos no emprego do vocábulo narrativa funcionam como operadores de uma força capaz de produzir sentidos que se renovam em outros dizeres, bem como gerar silenciamentos ou cancelamentos

Este sempre foi o lugar da ruptura e da polêmica no Brasil: o da materialidade da língua, do sujeito, da história, do sentido, afetados pela relação do inconsciente com a ideologia. Entre o empírico e o abstrato, coloca-se, com a análise de discurso, o lugar do material. Não a evidência, nem a transparência: o material concreto.” (Orlandi, 2012, p. 23)

Nossa análise enfatiza a importância das narrativas como formas de construção simbólica e ideológica. A partir dessa abordagem, foi possível explorar o uso da vocábulo narrativa no estudo do discurso, considerando sua dimensão estrutural, identitária e ideológica. Com isso, ampliamos nosso entendimento sobre como as representações simbólicas se constroem e se articulam no discurso, bem como sobre as relações de poder que permeiam as práticas discursivas em uma determinada sociedade.

Referências

- Althusser, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença-Martins Fontes, 1974.
- Courtine, Jean Jacques. **O conceito de Formação Discursiva**. IN: **Langages**, 62, 1981.
- Courtine, J.-J. (1981). **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Trad. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2009.
- Courtine, J. e Marandin, J. **Quel objet pour l’analyse du discours?** In: **Matérialitiés discursives**. Lille: Presses Univesritaires de Lelle, 1981.
- Henry, Paul. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. (Tradução de Maria Fausta P. de castro) Campinas: Editora da Unicamp, 1992. (Título original: *Le mauvais outil: langue, sujet et discours*)
- Indursky, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1997.

- Indursky, Freda e Campos, Mario do Carmo (org.) **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra, 2000.
- Maingueneau, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- Maingueneau, Dominique. (1984). Gênese dos discursos. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Maldidier, D. **A Inquietação do Discurso. (Re)Ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas (SP): Ed. Pontes, 2003 (tradução Eni P. Orlandi).
- Orlandi, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**., Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- _____. **Análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. **Discurso fundador: a formação do país e a construção de uma identidade nacional**. Campinas: pontes, 2001.
- _____. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. 4ª edição, Campinas: Pontes, 2002.
- _____. **Discursos em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- Pêcheux, M. **Análise Automática do Discurso**, 1969. In: Gadet, F e Hak, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**.3 ed. Campinas: Unicamp, 1997a
- _____. (1988). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b
- _____. **O discurso. Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

PANDEMIA, MORTE E RITOS MORTUÁRIOS: AUSÊNCIA E PRESENÇA

Maria Cleci Venturini
Maria Claudia Teixeira

Não há como dimensionar as consequências de eventos pandêmicos e nem como destacar qual pandemia foi/é mais devastadora: a do novo coronavírus, que continua a fazer efeitos, a instaurar redes de memórias, e a estabelecer elos entre o passado, o presente e o devir ou as pandemias pretéritas, igualmente devastadoras (Venturini; Teixeira; Tafuri, 2021, p. 196).

Mas a vala comum, em contraste com outras modalidades de enterramento, patenteava, sem ambiguidades, um mundo de distinção social que feria o próprio preceito evangélico de igualização na morte [...] ela era, em síntese, o mais flagrante desmentido da idealização utópica do cemitério e a prova de que este foi se tornando num ‘grandioso teatro, aonde se representavam cenas da vida humana [...]’ (Catroga, 1999, p. 77, grifos do autor).

Na ousadia de atar e/ou desatar os fios: a construção de um efeito de introdução

A morte faz parte da vida, ao passo que a história tenta compreender as reações coletivas diante desse acontecimento inevitável, imprevisível e sempre aterrador. Na perspectiva discursiva, buscamos saber como os efeitos de sentidos se constituem sobre esse evento e, por isso, trazemos Vovelle ([1991] 2004, p. 128) que realiza uma pesquisa a esse respeito, enfocando as ideologias e as mentalidades desde a história da morte, que “pretende reencontrar os homens e compreender suas reações diante de uma passagem que não admite fraudes”, do que se pode entender que não há como negociar/fraudar a morte, pois diante dela seríamos todos iguais.

Nesse viés, tratamos de práticas e de coletivos nos quais a morte não está decifrada, entendida, pois o que funciona é um imaginário¹ que permite discursivizar e fazer circular sentidos sobre a morte, como um evento que afeta a todos. Segundo o mesmo autor, a morte está envolta em “[...] toda uma rede de mascaramentos, evitações, tabus e, inversamente, de criações fantásticas e comportamentos mágicos” (Vovelle, [1991] 2004, p. 129).

Constituída por mitos, por ritos, por dor e por saudade, a morte significa no social, em práticas, de acordo com diferentes culturas que respeitam as tradições e as narratividades sobre esse acontecimento que é avaliado em todas as sociedades, pois de acordo com Chaunu, mobilizado por Vovelle ([1991] 2004, p. 129) “[...] toda a sociedade se mede ou se avalia de uma maneira variável segundo o seu sistema de morte”. No Brasil e em outros países também, os ritos mortuários foram desconsiderados ou impossibilitados de serem praticados durante a pandemia, devido ao desconhecimento dos modos de contaminação do vírus SARS-CoV-2. Nesse período pandêmico, houve um colapso funerário ocasionada pelas muitas mortes e, nessas condições de produção, somos impelidos a resignificar a morte, especialmente, diante de ocorrências coletivas.

Nessa direção, Vovelle ([1991] 2004) nos adverte sobre duas questões em torno da morte: a primeira é que ela não está suficientemente pesquisada/estudada e a segunda é que a morte envolve uma duração muito longa, incluindo as transformações ocorridas em diferentes tempos e culturas. Para minimizar essas duas questões, o pesquisador aborda a morte em três níveis: a morte consumada – a morte em si –, a morte vivida – rede de gestos e ritos, até o enterro –, e o discurso sobre a morte – situada entre a morte consumada e a morte vivida, como práticas coletivas da morte. O que temos é que a morte atinge a todos, independentemente de classe social

¹ As formações imaginárias dão conta do modo como o sujeito A vê e interpreta o sujeito B, entendidos como interlocutores. É por esse mecanismo que os sujeitos ajustam o seu dizer, de acordo com Pêcheux ([1969] 2019) e Orlandi (1999).

ou da filiação ideológica: mais cedo ou mais tarde, morreremos. Apesar das evidências de saturação, a morte não atinge a todos da mesma forma e nem significa sempre do mesmo modo, ela é bem mais complexa do que parece e do que o senso comum concebe.

Tendo em conta nossa filiação aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, fundada e desenvolvida por Michel Pêcheux, em 1970, na França, divulgada, relida e transformada por Eni Orlandi e pesquisadores que com ela formam redes de pesquisa, no Brasil, trabalhamos com as práticas sociais e, dos três níveis abordados por Vovelle ([1991] 2004), colocamos em suspenso a morte vivida e o discurso *sobre* a morte, recortando um espaço (o Brasil) e um tempo (o período da pandemia covid-19).

A Análise de Discurso tem como objeto de estudos o discurso constituído por sujeitos que, sendo sempre já-sujeitos, são interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente (Pêcheux, [1975] 1997), e, nessa mesma direção, Orlandi (2004) enfatiza que como sujeitos somos instados a interpretar. Diante do recorte da morte como acontecimento de linguagem, povoado pelo simbólico e pelos ritos mortuários, nos propomos a discuti-la buscando compreender como ela e os ritos mortuários, que fazem parte da morte *vivida* e do *discurso sobre* a morte, constituem efeitos de sentidos no período da pandemia pelo SARS-CoV-2.

Nossa proposta para este texto consiste em estabelecer relações entre a pandemia, a morte e os rituais funerários, trazendo a história, e as memórias que ressoam sobre a morte, destacando os modos como os rituais funerários presentificam o ausente. Para isso, vamos mobilizar, a partir de Catroga (2009), as noções de *poética da ausência*, deslocada para o funcionamento discursivo por Venturini (2017a); além de *corpo-memória* e de *corpo-documento*, tal como são tratadas por Venturini (2017b). As questões que buscamos responder são duas: 1) Como os ritos mortuários e a morte foram discursivizados durante a pandemia? 2) Como se constituem os efeitos de sentidos de presença do ausente nesse discurso? Vale destacar, desde já, que o ausente se presentifica pelo túmulo, e, conforme Catroga (1999;

2009), a ausência entra em relação simbólica com o túmulo do sujeito, como o “céu da memória”.

O texto se estrutura em duas partes, além dos efeitos de introdução e de conclusão: na primeira, tratamos da historicização da morte a partir de Vovelle ([1991] 2004), das desigualdades sociais e dos silêncios diante desse acontecimento funerário, assim como dos ritos mortuários, dos cemitérios e dos túmulos, a partir de Catroga (1998; 2009). Na segunda parte, tratamos da pandemia, historizando os eventos de morte nesse período e analisando-os discursivamente, bem como as rupturas em termos de ritos funerários e do luto. Para isso, recortamos materialidades que enfocam a morte durante esse período.

Condições de produção em torno da morte vivida e do discurso sobre a morte

Apesar do que repetiram as velhas antes de morrer ou as danças macabras sobre a morte niveladora e equalizadora, que reduz todos os homens ao mesmo destino, nada há de mais desigual ou desigualitário do que a última passagem. Os vestígios que ela deixa são testemunhos para os ricos, porém muito menos para a massa anônima dos pobres (Vovelle, [1991] 2004, p. 137-138).

A citação que ilumina parte da nossa escrita desfaz evidências e pré-construídos sobre todos sermos iguais diante da morte e, especialmente, diante de mortes em massa, como ocorre em eventos como o vivido durante a pandemia da covid-19, que se estendeu de março de 2020 a maio de 2023. Em relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em maio de 2022, os impactos da pandemia devido à covid-19 causaram um excesso de mortes estimado em 4,5 milhões, segundo “dados de conjunto de Estatísticas Mundiais de Saúde referentes a 2020”² – os dados foram divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e

² Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-05/oms-1-ano-de-pandemia-levou-excesso-de-mortes-estimado-em-45-mi>, acesso em 13 de nov. de 2023.

Estatística). Desde o início da pandemia, foram registrados 699.634 óbitos no Brasil³.

A morte transformou-se ao longo dos tempos e significou diferentemente. De acordo com Vovelle ([1991] 2004), há dificuldades para escrever a história da morte. O evento está cercado de silêncios que se apresentam em dois níveis: (1) o voluntário, descrito como a tentativa de construir um discurso sobre a morte, silenciando, tentando “[...] banir a morte da vida das pessoas” (Vovelle, [1991] 2004, p. 138); (2) o silêncio involuntário silencia e, ao mesmo tempo, dá visibilidade às diferenças entre as classes sociais, fazendo um esforço para dirigir um olhar às massas anônimas e silenciar as desigualdades, embora elas sejam visíveis, pois a morte dos mais abastados deixa “testemunhos”. O autor destaca que “[...] ao lado da fonte escrita, as fontes iconográficas, arqueológica (a arqueologia dos cemitérios, a iconografia dos afrescos ou a decoração dos túmulos) adquirem uma importância tão grande quanto o discurso formal” (Vovelle, [1991] 2004, p. 138). A epígrafe que trouxemos de Vovelle ([1991] 2004) sinaliza que os ricos deixam testemunhos para os ricos e os anônimos continuam anônimos, invisibilizados, muitas vezes, com os ossos colocados/misturados aos restos mortais de outros anônimos.

A Rememoração/comemoração⁴ dos mortos e da morte, de acordo com Fernando Catroga (1998), historiciza esse evento e enfatiza as práticas sociais em torno dele, num tempo mais longo - o da história. Dentro do nosso recorte para este texto, selecionamos da tese de doutoramento do historiador as práticas fúnebres e os ritos mortuários, que funcionam como discurso *de* na sustentação do discurso *sobre* a morte. Desse modo, instaura e faz funcionar redes de memória, ajudando-nos a compreender, em 2020 e em 2021, o

³ <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/coronavirus/informes-semanais-covid-19/covid-19-situacao-epidemiologica-do-brasil-ate-a-se-10-de-2023>, acesso em: nov. de 2023.

⁴ Venturini (2009) trabalha a memória como discurso *de* e discurso *sobre* – rememoração/comemoração – e entende a rememoração como o que sustenta e legitima a comemoração, que não é igual para todos.

rompimento da repetibilidade. Catroga (1998) destaca, também, as diferenças sociais existentes nos eventos de morte em geral e as que se repetiram durante a pandemia, ampliando-os tornando-os mais e mais visíveis.

Dentre as desigualdades sublinhadas por Catroga (1998), destacam-se os espaços nos cemitérios destinados às elites e aos anônimos. Esses espaços vão de mausoléus (para os ricos) e covas rasas e coletivas (para os anônimos). O autor, em sua obra, fala dos cemitérios românticos, mas, curiosamente, as valas comuns continuam a existir na modernidade, aparecendo não só como “[...] anacronismos, mas também como símbolo de uma realidade social tão injusta quanto desumana”, funcionando, como “[...] um dos mais fortes símbolos da desigualdade existente entre os homens” (Catroga, 1998, p. 81).

Além de destacar as diferenças entre as classes sociais dentro dos cemitérios, Catroga (1998, p. 85) discute também o espetáculo fúnebre nos anos de mil e oitocentos como “espetáculo coletivo”, sublinhando os cortejos “do corpo pelas ruas até o cemitério”. Esse espetáculo e os mausoléus mostram os contrastes gerados na sociedade, já que para os privilegiados o túmulo representa o que ele designa de “céu da memória” dos sujeitos-mortos, sendo que para os vivos, esse mesmo “céu da memória” e os ritos mortuários que o envolvem adquirem um funcionamento catártico, significando como um modo de esquecer a “putrefação” do corpo.

Pode-se compreender, então que os modos de enterramento e os modos de viver o luto mudam de um tempo para outro, de uma cultura para outra, sinalizando para diferenças, mas também para o que permanece, que é o rito⁵. O modo de encarar e ao mesmo tempo

⁵De acordo com o Dicionário Aulete Digital, rito define-se como: “Conjunto de regras e cerimônias que devem ser cumpridas em uma religião”; “Qualquer cerimônia de cunho sagrado ou simbólico”; “Conjunto de normas estabelecidos por uma sociedade”; “Conjunto de procedimentos habituais”; “Conjunto de formalidades a serem observadas para a validade de um ato jurídico”. Disponível em: <https://aulete.com.br/rito>. Acesso em: 8 fev. 2023. Desse modo, rito refere-se

de viver o luto, conforme Venturini (2017b) presentificam o ausente pela relação corpo-memória/ corpo-documento. Esse efeito decorre da representação do morto por seu túmulo, pelos ritos funerários, instaurando efeitos de sentidos de “levar” para a morte o prestígio e a representatividade tida em vida.

O historiador português enfatiza, ainda, a importância social do culto aos mortos, indo ao encontro do que destacamos anteriormente, a partir de Vovelle ([1991] 2004), quando assevera que as sociedades, diante da morte, dão visibilidade ao investimento nos campos tanatológicos e aos cidadãos, respeitando os ritos e os costumes. Isso se dá tendo em conta que os corpos se constituem como memória e como documento, no modo como se inscrevem na história e no discurso (Venturini, 2017b). Catroga (1998, p. 267), por sua vez, destaca também o recurso da cremação, rechaçada por muitos, principalmente por aqueles que “[...] pugnam pela secularização e laicização dos cemitérios e pela descatoalização da morte”.

Em relação às condições de produção do discurso sobre a morte, no que se refere aos anos de 2020 e 2021, em sentido amplo⁶, estas podem ser analisadas a partir de Vovelle ([1991] 2004) e Catroga (1998; 2009), no sentido de que as CPs funcionam como discurso *de*. Já as condições de produção em sentido mais estrito dizem respeito à pandemia. Assim, destacamos que pandemias, catástrofes e mortes em massa rompem com a regularidade dos ritos mortuários e causam grande trauma, dando visibilidade à dificuldade de elaboração do luto individual e coletivo, resultante de experiências traumáticas que assolam a formação social.

Nos tempos modernos, é possível dizer que o chamado novo coronavírus (SARS-CoV-2) compreende um evento pandêmico que começou na China e, no Brasil, teve início em fevereiro e a primeira

àquilo que é tomado como prática habitual regida por regras e normas que tendem a ser imutáveis, invariáveis, permanentes.

⁶As condições de produção em sentido amplo envolvem o sócio-histórico e enfocamos esse contexto sócio-histórico da morte e dos ritos a partir de Vovelle ([1991] 2004) e Catroga (1998; 2009) enquanto que, em torno da pandemia, trazemos as questões políticas referentes ao cenário brasileiro.

morte em março de 2020, quando houve o registro da primeira morte – depois dela vieram outras tantas e tantas mortes. O agravamento da doença mostrou a necessidade de isolamento, do fechamento de escolas e de empresas. Diante disso, o governo brasileiro iniciou uma campanha contra o isolamento com declarações bastante polêmicas, permeadas de efeito de sentido de “descaso” com a população, especialmente por ressoar no discurso presidencial uma visível preocupação com a economia em detrimento da saúde. Assim, doença foi minimizada, a ponto de ser designada de “gripezinha”⁷ e de os contaminados serem taxados de “maricas”.

O grande número de mortes em todo o mundo acendeu a luz de alerta em relação à urgência de pesquisas com vistas à descoberta rápida e eficiente de vacinas. A morte começou a fazer morada em lares ricos e pobres, bem como nas ruas. Memórias e discursos em torno de outras pandemias retornaram, ressoando neles/por eles a importância da ciência – rechaçada pelo presidente – como uma esperança no combate à morte em grande escala. A negação da doença desencadeou uma crise política e sanitária que teve grande repercussão no Brasil e no mundo, redundando em pesquisas e discussões acerca das contradições que cercavam/cercam a pandemia, e, conseqüentemente, pesquisadores produziram muito, em diferentes domínios, buscando significar o evento.

A pandemia, a ciência e o discurso negacionista do então presidente em relação ao evento mostraram a fragilidade e o despreparo do governo, tanto que foi instalada, em 2021, a Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a atuação do governo federal durante a pandemia (CPI da Covid). O discurso do governante em exercício, além de desconsiderar o povo e a ciência, propagou ofensas, acusações e inverdades, o que desencadeou uma crise

⁷ Em 26 de novembro de 2020, Jair Bolsonaro ‘tenta’ desmentir pronunciamento em que refere à COVID-19 como ‘gripezinha’. <https://www.youtube.com/watch?v=rcxB7DsEAFQ>, acesso em 15 de nov. de 2023. O vídeo destaca várias manifestações do então presidente contra a vacina, tratando com descaso a pandemia. <https://www.youtube.com/watch?v=tF6-CzdSU0w>.

política que deu visibilidade a um governo autoritário e a ministros sem autonomia⁸.

Essa crise entrou no domínio público e instaurou efeitos de sentidos de desconfiança e de medo, especialmente, pela troca dos ministros da Saúde, tendo em vista que, entre os anos de 2019 e 2021, passaram pelo ministério quatro ministros: Luiz Henrique Mandetta (1º de janeiro de 2019 a 16 de abril de 2020), Nelson Tech (16 de abril de 2020 a 15 de maio de 2020), Eduardo Pazuello (15 de maio de 2020 a 15 de março de 2021) e Marcelo Queiroga⁹ (desde março de 2021 a 2022). A troca constante de ministros se deve ao tratamento dado à pandemia, a não concordância com o isolamento e a indicação de tratamentos precoces, além da negação das vacinas.

Dentre os quatro ministros, a resistência aos protocolos determinados pelo presidente veio de Mandetta, tanto que o Ministério da Saúde e o ministro chegaram a ter maior aceitação popular, pois, segundo o Jornal argentino *El País*¹⁰, 76% da população apoiava o ministro e somente 30% estava ao lado do governo de Bolsonaro. Tech, que o sucedeu, passou rapidamente pelo ministério e chegou a propor *lockdown* total para cidades com maior incidência do novo coronavírus, contrariando a Presidência da República.

Já Eduardo Pazuello defendia as pautas do presidente, chegando a recomendar o uso da cloroquina¹¹, sinalizando total

⁸ A matéria veiculada em vídeo destaca manifestações do então presidente da república contra a vacina, tratando com descaso a pandemia, ignorando as recomendações de isolamento. <https://www.youtube.com/watch?v=tF6-CzdSU0w>, acesso em 15 de nov. de 2023.

⁹ <https://jornal.usp.br/cultura/que-impactos-a-pandemia-teve-na-sociedade-e-na-politica-brasileiras/>

¹⁰ Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-03/aprovacao-de-mandetta-dispara-durante-pandemia-e-ja-e-o-dobro-da-de-bolsonaro-mostra-datafolha.html>. Acesso em: 1 fev. 2023.

¹¹ “Estudos publicados em revistas internacionais têm trazido esperança para o uso do medicamento cloroquina e seu análogo hidroxicloroquina para uma possível opção de tratamento. Esses fármacos são indicados para o tratamento de artrite reumatoide, lúpus eritematoso, condições dermatológicas provocadas ou

“obediência”. Ele foi bastante criticado por esse posicionamento e também pela demora em entrar em negociação com os fabricantes de vacinas. Além disso, Pazuello foi investigado pelo Supremo Tribunal Federal por denúncia de omissão por mortes e por falta de cilindros de oxigênio na Amazônia, sendo questionado pelos senadores da República¹². A morte de cerca de mais de dois mil amazonenses ficou longe de ser consenso, e o ministro, diante de tantas controvérsias e do aumento descontrolado de mortes, foi pressionado pelo centrão¹³.

Queiroga permaneceu como ministro até o final do mandato de Jair Bolsonaro em 2022, mesmo sendo contrário ao tratamento precoce com cloroquina. Com a descoberta de vacinas e a vacinação da população em geral, as mortes diminuíram de forma drástica, estabilizando os serviços de saúde – até então em colapso devido às grandes demandas, mas deixando uma grande cicatriz na vida e na história de dezenas de brasileiros. Foram contabilizadas 697.533 mortes por covid-19¹⁴ no Brasil, trazendo problemas para os enterramentos no auge da crise pandêmica, em 2021 que se estendeu até 2023, com menos mortes devido à vacinação.

agravadas pela luz e malária. A cloroquina é utilizada há mais de 70 anos, sendo um tratamento de baixo custo, de fácil acesso e também facilmente administrada. Porém, o efeito e a segurança da cloroquina e de seu análogo no tratamento de SARS COV 2 ainda é incerto”. Disponível em: <https://socesp.org.br/publico/qualidade-de-vida/farmacologia/uso-de-cloroquina-porque-nao-tomar-como-prevencao/> Acesso em: 23 mar. 2023.

¹² Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/19/senadores-questionam-pazuello-sobre-falta-de-oxigenio-em-manaus>. Acesso em: 26 out. 2022.

¹³ No Brasil, o centrão agrega políticos que não professam uma filiação ideológica e se colocavam ao lado do governo, buscando ter vantagens e distribuir apoios. Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://novo.org.br/explica/entenda-o-que-e-o-centrao/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

¹⁴ Conforme pode ser verificado pelo *link*: https://cultura.uol.com.br/noticias/55882_covid-19-brasil-registra-menor-media-movel-de-mortes-desde-dezembro-de-2022.html Acesso em: 8 fev. 2023.

Para situar as condições de produção no tempo presente, tal como trabalhado por Petri e Venturini (2021), destacamos, dentre as pesquisas científicas em busca da vacina e de tratamentos que estancasse as tantas mortes, o projeto sobre o Vocabulário da pandemia do novo coronavírus¹⁵, proposto pela professora e pesquisadora Dra. Verli Petri (UFSM), tendo como parceiras a Universidade de Coimbra e a UFSM. O projeto, que é mais um discurso *sobre* a pandemia, foi aprovado pelo edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - e institucionalizado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), por meio de seu *site*, no Observatório de Informações em Saúde.

Ainda que o projeto em tela não vá desenvolver a vacina e nem minimizar a morte, falar *sobre*, conforme Venturini (2009), se sustenta em memórias e discursos que já circularam antes, ancorando e legitimando o discurso no eixo da formulação. Assim, esse vocabulário transforma a morte – durante a pandemia – em um evento, porque envolve diversas instituições, dentre elas, a UNICENTRO, a UFPR, o IFPAR, a UFFS, a UNISC, a UNOCHAPECÓ e a PUCMINAS, e porque contribui com a interpretação de eventos do tempo presente (Petri; Venturini, 2021), de modo a explicitar como a pandemia afeta também o social.

A pesquisadora Profa. Dra. Verli Petri propôs realizar a investigação em torno da linguagem e da língua, enfocando a pandemia como uma forma de dar visibilidade às palavras e aos sentidos que elas adquiriram diante do evento pandêmico, sinalizando transformações, pois o que era relevante antes da pandemia deixou de sê-lo. O eixo estruturador da pesquisa em sua proposta foi, portanto, os sentidos das palavras, mostrando que a linguagem e a língua se alteram/transformam de acordo com demandas da formação social e dos sujeitos.

¹⁵ Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus#:~:text=Trata%2Dse%20de%20um%20Vocabul%C3%A1rio,pesquisa%20maior%20subsidiado%20pelo%20CNPq>. Acesso em: 29 jan. 2023.

Dentre as justificativas para abraçar essa empreitada, destaca-se a história, entendendo-a como trama discursiva pela qual ressoam outros eventos, que referendam a repetibilidade e a recorrência como elementos fortes, na perspectiva discursiva. Tendo em vista que acontecimentos trágicos ou não trágicos são interpretados a partir de sujeitos e isso ocorre pela narratividade, noção teórica a partir de Orlandi (2017, p. 77) para diferenciar de narrativa como gênero discursivo. No deslocamento para a perspectiva discursiva, a pesquisadora mobiliza a narratividade como um “modo de textualização da memória”, destacando a variação no que tange ao efeito metafórico da imigração.

No texto em tela, entendemos a narratividade como a estruturação de memórias em discurso pelos regimes de historicidade,¹⁶ considerando o retorno de eventos pandêmicos pretéritos que ressoam no acontecimento pandêmico e nos eventos que envolvem a morte e os ritos mortuários, neste período. O projeto possibilita abordar e ressignificar, esse acontecimento que desencadeou a ampliação do vocabulário (surgimento de palavras novas), deslocamentos de sentidos, identificação de equívocos. É assim que os modos de ler/interpretar/compreender o mundo e as práticas sociais e linguageiras passam por reconfigurações, alterando sentidos e práticas, como no caso de nosso texto, sobre a morte e sobre os rituais.

As palavras dentro da narratividade da pandemia, mesmo sendo graficamente as mesmas, sempre são outras¹⁷, com sentidos e funcionamentos antes não-imaginados. Felicidade, por exemplo, nesse tempo, passou a ter um funcionamento contraditório:

FELICIDADE

Felicidade, antes da pandemia, era o estado de espírito de quem está de bem com a vida, podendo ser relacionado à alegria, bem-estar, euforia,

¹⁶ Tomamos a noção regimes de historicidade de Kosseleck (2006), deslocando-a para a perspectiva discursiva como modos de interpretar acontecimentos do passado.

¹⁷ É o que dizem Pêcheux ([1975] 1997) e Orlandi (1999) sobre o sentido das palavras.

tranquilidade, equilíbrio, idealização, positividade, satisfação. **Felicidade**, durante a pandemia, é sobreviver à covid-19, manter o emprego, alimentar a esperança de rever os amigos, sonhar com aglomeração, ser vacinado e ver os amigos/parentes/colegas imunizados, recuperar-se da doença ou ver um familiar/amigo vencer o vírus, estar com a família. **Exemplo:** “A pandemia, e toda a alteração das nossas práticas habituais, nos fez refletir sobre o nosso sistema de valores, de crenças e qual o significado que atribuímos à nossa vida, o que possibilitou a construção de um novo sentido. Esta reavaliação ganhou conotações mais positivas” (G1). É acordar todos os dias, comer, sentir o gosto da comida, respirar.¹⁸

O projeto, proposto e coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri, centra-se em palavras e em práticas sociais, históricas, memoriais e discursivas que ressoam no discurso e demandam interpretação no tempo presente (Petri; Venturini, 2021). Não por acaso, diante do que propomos para esta escrita, elegemos as duas epígrafes, uma de Venturini, Teixeira e Tafuri (2021), em que os autores destacam a impossibilidade de dimensionar as consequências dos eventos pandêmicos que continuam a instaurar efeitos negativos na saúde, na economia, na cultura e na educação; e a outra de Catroga (1998), em que o autor menciona como ressoa a morte e o enterramento em valas coletivas, presentificando uma prática que rompe com os rituais que a envolvem e, conforme Catroga (1999; 2009), instauram efeitos sobre a utopia em torno dos cemitérios e da presença.

Catroga (1999; 2009) discute a morte como acontecimento que envolve o político e o social e instaura a contradição, entendida por meio da morte, que atinge a todos os seres vivos, mas ao mesmo tempo dá visibilidade à divisão social e à luta de classes, como nos ensina Althusser (1970). As bases das discussões vêm de pesquisas sobre o cemitério romântico e o culto da morte, em que o túmulo é significado pelo funcionamento metafórico de “céu da memória”. No texto de 2009, o autor desenvolve a noção poética da ausência,

¹⁸ Felicidade. Vocabulário da pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronaviruss#:~:text=Trata%2Dse%20de%20um%20Vocabul%C3%A1rio,pesquisa%20maior%20subsidiado%20pelo%20CNPq>. Acesso em: 23 mar. 2023.

entendendo-a como a re-presentificação do que não existe mais. Trata-se da presença na ausência, que abordamos a partir das noções corpo-memória e corpo-documento, entendendo que pelo corpo, enquanto materialidade, constituem-se redes de memória, instaurando a legitimidade do que ressoa pelo corpo e pelo documento, o qual presentifica o que não existe pelo discurso, enquanto movimento de sentidos.

A morte e os rituais funerários durante a pandemia se constituem em (dis)curso por meio de redes de memória, sustentados por discursos *de* (memória) que ancoram e legitimam o discurso *sobre* (atualidade), mas também pela História e pela Filosofia, que ajudam a compreender o funcionamento dessas práticas. Filiamo-nos à Análise de Discurso e mobilizamos os dispositivos teórico-metodológicos desse campo teórico para realizar análises e praticar a interpretação, tendo em vista, conforme Orlandi (2004), que o sujeito significa outros sujeitos, eventos e espaços. As materialidades a serem analisadas circularam, na *internet*, no auge da pandemia, com o objetivo de dar visibilidade às memórias e à história que ressoam no discurso *sobre* a morte, significada como uma memória histórica constitutiva do sujeito e das práticas sociais que se repetem e destacam os processos de identificação dos sujeitos como parte da sociedade, suscitando o desejo de transformar o ausente em presença pelos ritos mortuários e pelos túmulos em cemitérios, como “céus da memória”, em referência ao texto de Catroga (2009).

Pandemia, morte e ritos mortuários: uma presença na ausência

Os rituais de morte consistem em procedimentos individuais e coletivos, mais ou menos padronizados e codificados, por meio dos quais vivenciamos a finitude. Por intermédio de seus mecanismos e conteúdos buscamos entendimento e elaboração individual e coletiva da perda, o que possibilita imaginar o fim da própria existência (Silva; Rodrigues; Aisenbart, 2021, p. 220).

Nessa parte do texto, recortamos materialidades que deram visibilidade à morte durante a pandemia, especialmente no seu auge, quando houve, em alguns países, a impossibilidade de enterrar os mortos, perguntando pelos efeitos de sentidos constituídos pela ausência de ritos mortuários (vigília, chamada de velório). No Brasil, o aumento do quadro pandêmico e o risco de contaminação impediram os velórios, de modo que os mortos não foram referenciados e seus túmulos pouco visitados, enfeitados, ornamentados.

Possivelmente, os efeitos da pandemia são aqueles (in)visíveis quando olhados por aqueles que veem o que é palpável e apagam os sujeitos, seus traumas e “os restos de horror”¹⁹, dentre eles os efeitos da morte e da impossibilidade de organizar os funerais para seguir os ritos que constituem a memória e a história desse evento que não chega a ser um acontecimento, tendo em vista que todos os sujeitos, sem exceção, um dia morrerão. Birman (2021, p. 46), nessa direção, salienta que

[...] diante da extensão temporal da pandemia, assim como do aumento do número de mortos e dos contaminados em escala geométrica, passamos a conviver com a morte a céu aberto, de forma que os cadáveres nos invadem no nosso imaginário, na medida em que os mortos são tratados de forma indigna.

Birman (2021) destaca que o trauma e o luto são intensificados pelo isolamento social decorrente de orientações sanitárias e médicas durante a pandemia, referindo-se ao tratamento “indigno” dos mortos, que ficam a céu aberto. Entendemos por tratamento indigno o não enterramento por meio de ritos mortuários em que as famílias velam seus mortos, destinando a eles túmulos identificáveis, os quais podem ser visitados e venerados, tendo em conta, de acordo com Venturini (2017a), que a morte remete para o não ser e o túmulo, como monumento, presentifica o ausente e

¹⁹ Como indica a obra *Restos de Horror*, organizada por Scherer, Garcia, Barbosa Filho, Baldini e Sousa (2022), trazendo Agamben (2022) e outros autores.

guarda o corpo-documento, concretizando, pelo simbólico, efeitos de dever cumprido, trazendo alívio por “saber” em que lugar se encontra o ausente. O corpo, além de ser documento, é também memória, mais ainda depois de morto, quando retornam fragmentos do vivido, conforme Catroga (1998).

O ritual funerário é uma forma de compreender a dimensão social do luto e, de acordo com Birman (2021), de realizar o trabalho do luto, essencial para que os sujeitos elaborem as suas perdas, reelaborando os sentidos da morte. Não poder enterrar os mortos pode instaurar nos sujeitos efeitos de sentidos de que seus mortos estão insepultos, perdidos, sem poderem ser rememorados/comemorados, atendendo ao desejo de todo sujeito de presentificar o ausente (Catroga, 1999; 2009). Trata-se, de acordo com Catroga (2009, p. 19) “[...] do desejo de tornar presente o que se sabe ausente”, e os ritos mortuários são modos de organizar a presença e tentar retê-la. Os ritos, nesse limiar, funcionam como modos de presentificação, logo, ao não ser possível velar, cultuar e enterrar o corpo, produz-se uma ruptura, um deslocamento na ordem do já sabido, aprendido e aceito pela sociedade em relação aos seus mortos. Portanto, o medo do esquecimento se intensifica e instaura a falta – se não há ritual de despedida, como manter a memória? Sendo assim, Lachovski e Bilião (2017, p. 109), a partir de Catroga (2002), apontam que:

Como perda e queda, o esquecimento está intrinsecamente ligado ao passado. Saudade e nostalgia só são possíveis na relação com o já vivido, já sabido. Mas, é pelo retorno desse passado no confronto com o presente que a saudade produz sentidos, faz movimentar as experiências vividas e, no gesto de lembrar, reorganiza o presente colado ao passado que lhe é constitutivo.

Durante o período pandêmico, as medidas sanitárias impediram que os mortos – no cemitério em seus mausoléus significados como corpo-documento e também como memória –, recebessem os rituais de acordo com a cultura religiosa a que estavam filiados. Essa falha e mesmo essa falta exigiram adaptações, transformações nos modos de se despedir, conforme pode ser

conferido em Souza (2021) e, em Silva (2020), conforme Recorte 1, quando o autor comenta que os ritos foram realizados sem a presença do corpo e por outros meios que não o encontro presencial com familiares:

Recorte 1:

É praticamente unanimidade que a dor da perda é sempre grande, mas em tempos de coronavírus se agiganta e pode tomar proporções inimagináveis. Corpos estão sendo enterrados em caixões lacrados. As pessoas não estão podendo se despedir de quem morre. Entre parentes e amigos das vítimas falta aquele abraço apertado que ajuda a consolar o pesar. (SILVA, 2020, n.p.) Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/a-dor-da-falta-de-despedida-em-tempos-de-isolamento-social/136817/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

A despedida como rito praticado na presença do corpo-documento, em reuniões com familiares e amigos, deixa de ser uma prática permitida e passa a ser regulada. Inclusive, de acordo com o doutor em psicologia Leonardo Goldberg, em entrevista para Hysa Conrado (2021, n. p.):

Recorte 2:

‘Hoje temos as redes sociais onde podemos escrever sobre os mortos, sobre a história e nossa relação com cada um, e de alguma forma honrar a história deles, já que não podemos ir ao cemitério, fazer velórios, fazer os ritos que são necessários. O que podemos é compartilhar de forma coletiva o que foi perdido, porque sempre perdemos um pedaço quando alguém que amamos se vai’, afirma o psicólogo. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/400-mil-mortos-luto-coletivo-deixara-cicatrices-avalia-psicologo/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

O corpo-documento passa a ser discursivizado na mídia, não apenas no obituário como também no anúncio daquele que faz a passagem. O espaço cemiterial, os ritos e o próprio corpo ausente são transferidos para as mídias digitais, nas quais são elaboradas narratividades que simulam a despedida no velório. A proibição da permanência em velórios ou cemitérios, a ausência do corpo-documento no mesmo espaço ocupado pelos sujeitos em luto é substituída por homenagens póstumas nas redes sociais, em que se

fala sobre, de modo que se constrói uma narrativa sobre o corpo-documento e que, pelo funcionamento da rede, retorna como recordação/lembança ao ficar arquivado, o que “[...] dá futuros ao passado pelo presente, que representa, re-presentifica o ausente” (Catroga, 2009 apud Venturini, 2017a, p. 129).

No recorte 3 abaixo, outras práticas de enterramento dos corpos são evidenciadas:

Recorte 3:

Diante do colapso no sistema de saúde e de uma explosão no número de enterros, a Prefeitura de Manaus está empilhando caixões em uma vala comum para dar conta de todos os sepultamentos das vítimas do novo coronavírus.

Há uma semana, a prefeitura passou a enterrar os corpos um ao lado do outro, em uma vala comum no cemitério Nossa Senhora Aparecida, no bairro Tarumã.

Desde então, o número de mortes continuou a aumentar, e a prefeitura decidiu abrir uma cova mais funda para permitir o sepultamento em camadas, ou seja, o empilhamento de caixões. (Albuquerque, 2020, n.p.). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/sem-espaco-para-enterrar-as-vitimas-da-covid-19-manaus-empilha-caixoes.shtml> Acesso em: 28 jan. 2023.

O ausente, de acordo com Catroga (1999; 2009), se presentifica pelo túmulo, de modo que a ausência entra em relação simbólica com túmulo do sujeito, como o “céu da memória”, conforme sinalizamos no início desta discussão. Contudo, nas condições de produção da pandemia, essa presentificação pelo túmulo é colocada em suspenso e aquilo que seria individual torna-se coletivo: “[...] a prefeitura passou a enterrar os corpos um ao lado do outro”; “[...] a prefeitura decidiu abrir uma cova mais funda para permitir o sepultamento em camadas, ou seja, o empilhamento de caixões”. O Texto-imagem 1 ilustra essa prática coletiva de sepultamento dos corpos.

Texto-imagem 1 – Enterro em vala comum



Enterro em vala comum no Cemitério Parque em Manaus (AM), que teve 142 enterros no domingo (26) - Sandro Pereira - 27.abr.20/Xinhua

Fonte: UOL. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/sem-espaco-para-enterrar-as-vitimas-da-covid-19-manaus-empilha-caixoes.shtml>. Acesso em: 28 jan. 2023.

O Texto-imagem 1, articulado ao recorte discursivo, dá visibilidade às transformações não só nos modos de presentificar o ausente pelo monumento tumular, mas também às transformações na própria organização cemiterial, como discursivizado no recorte abaixo:

Recorte 4:

SP expande serviço funerário com cemitério vertical.

As 326 gavetas do bloco de mármore falso no estacionamento do cemitério da Vila Alpina vão começar a ser ocupadas a partir desta segunda-feira (25). Elas fazem parte do plano municipal de contingenciamento para o Serviço Funerário, que está trabalhando além do limite.

[...]

“A nossa preocupação é de estarmos preparados para organizar e minimizar a dor das famílias, para que elas possam dar um sepultamento digno aos entes que serão perdidos. Por isso, elaboramos este plano de contingência, para que

a gente possa ter um funcionamento adequado do sistema funerário na cidade de São Paulo”, disse o prefeito²⁰.

O recorte 4 evidencia outra transformação nos modos de praticar os ritos mortuários e de vivenciar o luto. A vala comum, apresentada no Texto-imagem 1, significa a partir da história, especialmente aquela trabalhada por Catroga (1998), que retoma os modos de transformação da morte e como os sujeitos – que Vovelle ([1991] (2004) designa de anônimos – eram enterrados em valas comuns, enquanto a elite era enterrada dentro da igreja.

Conforme o historiador, os ritos funerários foram se alterando, o que permaneceu foi a desigualdade.

Considerações finais

É por intermédio dos rituais funerários que os vivos externalizam os sentimentos diante da perda, e efetuam procedimentos para integrar os mortos em um lugar social. Se a morte é uma passagem, apenas morrer não é suficiente para ultrapassar a fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. É preciso que os sobreviventes aceitem a nova condição do falecido (Silva; Rodrigues; Aisengart, 2021, p. 220).

A partir da relação entre o lembrar e esquecer, entre o ritual e a despedida, como impossíveis diante do elevado índice de mortes e disseminação da covid-19, situamos nossa escrita. Pensar sobre a morte e falar sobre ela sempre foi, em condições históricas diferentes, um problema. Da morte bela e heroica dos gregos, dividida entre o céu e o inferno, entre Hades e o mundos dos mortais, a morte tornou-se aos poucos menos assustadora. Foi amada, romantizada e posta como objeto de estudos, abrindo-se espaço para que a ciência e as suas especificidades recobrissem

²⁰ Conforme pode ser verificado pelo *link*: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/enterros-sobem-57-e-cemiterio-vertical-exclusivo-para-covid-19-e-entregue-em-sp/> Acesso em: 28 jan. 2023.

aquilo que, por muito tempo, foi visto como parte do sagrado. Destino inevitável e fim predestinado aos homens, condicionados aos segredos do além.

Desse modo, por um lado, se a morte é entendida como fato natural, portanto, constitutivo da ordem orgânica de todos os seres vivos, por outro, a morte é também, na perspectiva que adotamos, uma construção, apontando para o funcionamento do histórico, do simbólico e do político. É lugar de observação do discursivo, de produção de sentidos e de movimentação da memória.

A memória do morto é sempre um apelo, sempre uma construção elaborada e eleita pelos vivos, pelos parentes e amigos que mantêm a cidade dos mortos em movimento. A memória do morto inquieta e perturba a memória dos vivos, desloca os sentidos acerca de si mesmo e da morte. Morrer, nesse sentido, não é ser esquecido. Não pode ser esquecido. A memória do morto, bem como suas ações, deve ser mantida, guardada. Morte e esquecimento. Presença e ausência, ou melhor, “[...] presença e recordação eterna ao ausente”, segundo Catroga (2002, p. 41). Tempo. Vencer e manipular o tempo, por esse viés, é luta constante do humano, necessidade e urgência em colar o passado ao presente. São essas dimensões do tempo presente que vimos esfaceladas no período de pandemia. Se a falta do corpo, sua impossibilidade de estar presente, causa traumas e dores naqueles que ficam, não há apelo pela sua memória – a morte torna-se faltosa, esvaída de nostalgias e saudades e, por isso, causa mais aflição, produzindo sentidos de um ritual não finalizado, de uma despedida que não se finda, mas que se perpetua e que fere mais ainda, os que ficam. Estranhos tempos, rituais inacabados e saudades atravessadas na garganta...

Referências

- Althusser, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- Birman, Joel. Trauma, angústia e melancolia na pandemia do Coronavírus. **La Revista De La Pátria Grande**, p. 44-48, 2021. Disponível em: <http://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2021/06/0170a.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- Catroga, Fernando. **O céu da memória: Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal (1756-1911)**. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.
- Catroga, Fernando. **Os passos do homem como restolho do Tempo**. Memória e fim do fim da História. Coimbra/PT: Edições Almeidina, 2009.
- Catroga, Fernando. Recordar e comemorar. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. **Mímesis**, v. 23, n. 2, p. 13-47, 2002. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v23_n2_2002_art_01.pdf Acesso em: 23 mar. 2023.
- Catroga, Fernando. Ritualizações da História. In: Torgal, Luís Reis; Mendes, José Amado; Catroga, Fernando. **História da História em Portugal (Séculos XIX-XX): da historiografia à memória histórica**. Lisboa: Temas e Debates, 1998. p. 221-361.
- Koselleck, R. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: Koselleck, R. (org.). **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006. p. 311-337.
- Lachovski, Marilda Aparecida; Bilião, Maurício. In: *Memorian: morte e esquecimento ou “os mortos não contam história” – ausência e presença in (dis)curso*. **Revista Interfaces**, v. 8, n. 4, p. 105-115, 2017. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfases/article/viewFile/5261/3645. Acesso em: 8 fev. 2023.
- Orlandi, Eni P. **Eu, tu, ele – discurso e real da história**. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2017.
- Orlandi, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2004.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Editora Pontes, 1999.

Pêcheux, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi; Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes, [1969] 2019.

Pêcheux, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1997.

Petri, Verli; Venturini, Maria Cleci. “E sou o presidente”: os ditos, não ditos dichos e reditos na política brasileira em tempos de pandemia. **Signo Y seña**, v. 38, p. 64-82, 2021. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/8522/9301>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Silva, Andreia Vicente da; Rodrigues, Cláudia; Aisengart, Rachel. Morte, os ritos fúnebres e luto na pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista NUPEN**, v. 13, n. 30, p. 214-234, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5684>. Acesso em: 8 fev. 2023.

Venturini, Maria Cleci. História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência. **Revista Interfaces**, v. 8, n. 4, p. 127-144, 2017a. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/5261/3645. Acesso em: 28 jan. 2023.

Venturini, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. 1. ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2009.

Venturini, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo-documento. *In*: Venturini, Maria Cleci. **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 2017b, p. 51-76.

Venturini, Maria Cleci; Teixeira, Maria Claudia; Tafuri, Leandro. Memória e história em (dis)curso: deslizamentos, rupturas e equívocos da palavra quarentena. *In*: Petri, Verli *et al.* **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas, SP: Editora Pontes, 2021, p. 191-217.

Vovelle, Michel. **Ideologias e mentalidades**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, [1991] 2004.

Sites consultados

Albuquerque, Ana Luiza. Enterros triplicam, e cemitério de Manaus abre valas comuns para vítimas do coronavírus. **Folha de São Paulo**, 21 de abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/sem-espaco-para-enterrar-as-vitimas-da-covid-19-manaus-empilha-caixoes.shtml> Acesso em: 02 fev. 2023.

Agência Brasil. **OMS**: 1º ano da pandemia levou a excesso de um mortes estimado em 4,5 mil. Relatório aponta impactos da Covid-19 nos sistemas de saúde. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-05/oms-1-ano-de-pandemia-levou-excesso-de-mortes-estimado-em-45-mi>, acesso em 13 de nov. de 2023.

Conrado, Hysa. 400 mil mortos: luto coletivo deixará cicatrizes, avalia psicólogo. **Instituto de Psicologia**. USP. 2021. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/400-mil-mortos-luto-coletivo-deixara-cicatrizes-avalia-psicologo/> Acesso em: 28 jan. 2023.

Silva, Wellington. A dor da falta de despedida em tempos de isolamento social. **Folha de Pernambuco**. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/a-dor-da-falta-de-despedida-em-tempos-de-isolamento-social/136817/> Acesso em: 28 jan. 2023.

Souza, Roberta. Como são os rituais fúnebres das religiões em tempos de Covid-19. **Diário do Nordeste**, 14 de abr. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/como-sao-os-rituais-funebres-das-religioes-em-tempos-de-covid-19-1.3071034> Acesso em: 2 nov. 2022.

A EXPRESSÃO “JEITINHO BRASILEIRO” E O VERBETE “REINVENÇÃO”: ENTRE A LÍNGUA E A EXTERIORIDADE NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Verli Petri
Robson Severo
Heitor Pereira de Lima

A expressão *jeitinho brasileiro*¹ carrega em si a importância de um dito popular enraizado na memória que marca, no discurso, as condições de produção no/do Brasil em diferentes momentos sócio-históricos. Na verdade, tal expressão apresenta em seu dizer um imaginário e um simbólico do povo brasileiro... um jeito(inho) de ser nacional e popular expressado na/pela língua. Nessa direção, propomos uma reflexão sobre a expressão *jeitinho brasileiro*, enquanto um modo de ser, criar, transformar, (cor)romper, elogiar o gentílico da terra *brasilis*.

Roberto DaMatta, já nos anos 1970, ao produzir a obra **Carnavais, malandros e heróis**, já se perguntava sobre o dilema do sujeito brasileiro em viver entre as leis universais e o jeito singular de se salvar como podia usando seu sistema de relações pessoais. Já nos anos 1980, com vivência nos Estados Unidos da América, dedicou um capítulo da sua obra, **O que faz do brasil, Brasil?**, ao “jeitinho” que nos interessa explorar um pouco nesta pesquisa. Para o antropólogo, “o *jeito* é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver [...] problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando” (DaMatta, 1997, p. 99 – grifos do autor), e, muito embora, seja um processo simples, ele tem suas fases, é um processo bem estruturado que se repete em diversas situações. Trata-se, invariavelmente, de situações difíceis

¹ A partir de agora, usaremos a expressão *jeitinho brasileiro* marcada em itálico.

de resolver, o que faz do *jeitinho brasileiro* um modo de viver, de ser brasileiro, indo muito além de um “jeito” enquanto estilo pessoal.

É este “modo de viver bem brasileiro” que vamos explorar, ainda que de modo parcial, o que um capítulo de livro pode abarcar. Nossa perspectiva teórica é discursiva e não temos a pretensão de recobrir a totalidade de sentidos possíveis para tal expressão, mas desejamos explicitar algumas alterações de sentidos que o acontecimento histórico da pandemia do Covid-19 produziu sobre ela.

Tomar o *jeitinho brasileiro* para análise é adentrar um observatório dos modos de invenção e reinvenção de um sujeito que se diz brasileiro, apesar das adversidades que este lugar social impõe. A realidade social experimentada durante a pandemia do Covid-19 (2020-2023)² nos tomou de assalto, mas também nos impulsionou em “dar um jeito” e seguir produzindo ciência da linguagem, o que resultou na elaboração e divulgação de um **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**³. São 80 verbetes, dentre eles destacamos, para esta reflexão, o verbete *reinvenção*, pois nos possibilita, pelo discurso, o estabelecimento do encontro entre uma memória – a do *jeitinho brasileiro* – e uma atualidade (Pêcheux, 1997) – as possibilidades de reinvenção em plena pandemia.

² De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, passou a ser caracterizada como uma pandemia em 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 5 fev. 2024. Já em 5 de maio de 2023, a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 5 fev. 2024.

³ “O Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” é um projeto criado e conduzido por Verli Petri, no PALLIND (Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso), da UFSM. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 2 fev. 2024. Recentemente, o e-book “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” foi lançado pela Pedro & João Editores. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 2 fev. 2024.

Nos propomos a estudar os diferentes funcionamentos de tal expressão, tão correntemente utilizada na oralidade do povo brasileiro, produzindo diversos efeitos de sentido, o que invariavelmente está relacionado com a tomada de posição-sujeito e inscrição em uma dada Formação Discursiva, num dado momento sócio-histórico, sob determinadas condições de produção. A questão que fica para nós é: como o sujeito brasileiro, a quem atribui-se, historicamente, o tal “jeitinho” se reinventa no período da pandemia do Covid-19 e como esse movimento de sentidos pode ser observado no **Vocabulário**⁴, elaborado coletivamente no espaço de pesquisa acadêmico ao qual nos filiamos?

Um esforço em compreender o *jeitinho brasileiro* em discurso

O nosso esforço em compreender um pouco mais o funcionamento da expressão *jeitinho brasileiro* tem como ponto de partida o pressuposto explicitado por Freda Indursky, quando nos ensina que “na base das práticas discursivas de um sujeito, pré-construídos provenientes do interdiscurso, ao serem retomados, trazem consigo um determinado espaço de memória que ecoa em seu discurso” (Indursky, 2013, p. 92). Esse sujeito referido por Indursky passa a ser nomeado em nosso trabalho como “sujeito brasileiro”, numa generalização que inscreve diferentes tomadas de posição-sujeito que de um modo ou de outro colocam em funcionamento um “modus operandi” de ser sujeito, de relacionar-se de diferentes maneiras com a ideologia que o interpela constantemente.

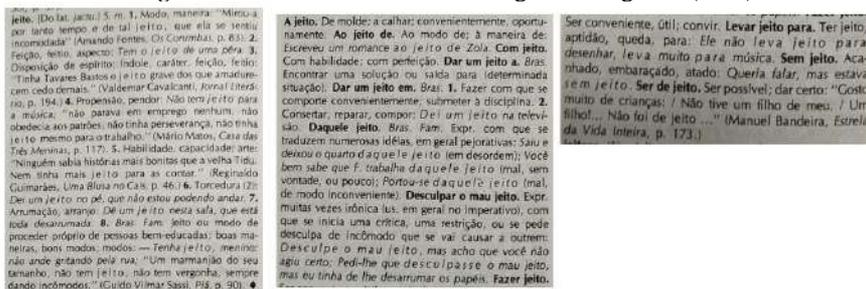
A noção de memória discursiva é fundamental para a nossa compreensão. Tomada por nós como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (Pêcheux, 1999, p. 56), essa noção abre espaço para uma reflexão que coloca em relação saberes advindos da

⁴ Como forma de abreviação, utilizaremos **Vocabulário** em substituição ao título **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**.

memória e saberes que se produziram em tempos de pandemia. O dizer *jeitinho brasileiro* nos remete a diferentes sentidos possíveis presentes no interdiscurso, dentre os quais destacamos, inicialmente, os institucionalizados no interior de dois dicionários de Língua Portuguesa, sendo o primeiro, **Novo dicionário da Língua Portuguesa**, datado de 1986, e o segundo, o **Dicionário de locuções e expressões da Língua Portuguesa**, datado de 2011.

O primeiro dicionário, datado de 1986 não contém dentre seus vocábulos a expressão *jeitinho brasileiro*, mesmo já com sua circulação na “boca do povo”. Ainda assim, o vocábulo *jeito* já apresenta algumas acepções possíveis que ressoam sentidos para a expressão em foco. A acepção 5, por exemplo, define como “habilidade; capacidade; arte”, já a acepção 8 define como um brasileirismo e descreve como “jeito ou modo de proceder próprio de pessoas bem-educadas, boas maneiras, bons modos, modos”, para além... os exemplos da acepção também são interessantes para pensar as nuances entre os sentidos populares de cordialidade e de malandragem, sentidos em voga para a expressão, para os exemplos estão “tenha *jeito* menino, não ande gritando pela rua” e depois “um marmanjo do seu tamanho não tem *jeito*, não tem vergonha, sempre dando incômodos”. Observa-se ainda algumas variações produzindo sentidos de “convenientemente, oportunamente”, “à maneira de”, “submeter à disciplina” entre outras, como podemos conferir na imagem com o verbete na íntegra.

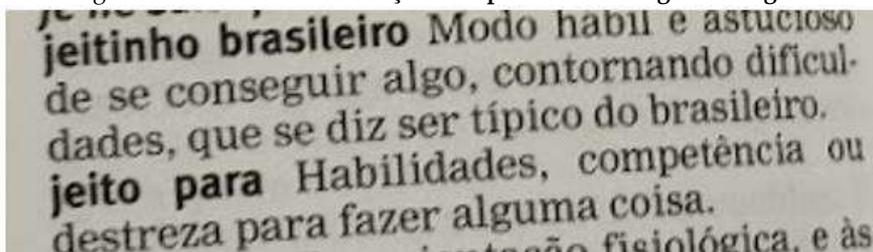
Imagem 1 – Novo dicionário da Língua Portuguesa (1986)



Fonte: Imagem feita pelos autores

O segundo dicionário, um específico de locuções e expressões brasileiras, datado de 2011, já contém em seus verbetes a expressão *jeitinho brasileiro*, colocando-a em um espaço institucional de sentidos. A produção de um dicionário de expressões brasileiras propõe em sua especificidade dar conta de palavras e expressões que não são oficializadas na Língua Portuguesa, mas que estão em circulação e merecem o lugar institucional e político, nesse caso em um Instrumento Linguístico (Auroux, 1992). Ainda que breve, a acepção proposta para o verbe *jeitinho brasileiro* diz que é um “modo hábil e astucioso de se conseguir algo, contornando dificuldades, que se diz ser típico do brasileiro”.

Imagem 2 – Dicionário de locuções e expressões da Língua Portuguesa



Fonte: Imagem feita pelos autores

Para esse sujeito brasileiro, em condições sociais, econômicas e políticas desfavoráveis, com grande parcela populacional ainda hoje sem alfabetização em conflito com a burocratização institucional, parece importante *dar um jeitinho* com certa habilidade, cordialidade e malandragem, para realizar sem maiores incômodos as tarefas cotidianas. Em um país historicamente marcado por conflitos impostos pela colonização, pela ditadura militar e mais atualmente pela ascensão fascista em meio a pandemia é preciso ser um “pouquinho” malandro, um “pouquinho” cordial, um “pouquinho” habilidoso, um “pouquinho” criativo, um “pouquinho” flexível, um “pouquinho” esperançoso, um “pouquinho” simpático, um “pouquinho” astucioso, um “pouquinho” solidário, e até um “pouquinho” hipócrita para sobreviver. Talvez isso explique de algum modo o diminutivo para esse “jeitinho”.

A proposta de colocar em discussão também as acepções em dicionários de Língua Portuguesa é lançada pois, “é possível identificar no interior dos dicionários os sentidos possíveis em um dado período histórico e social, de uma dada comunidade” (Petri, 2020, p. 42), sendo assim, ao colocar tais sentidos em relação com os sentidos produzidos e em circulação nas mídias digitais é possível perceber que “as características subjetivas e podemos identificar com mais facilidade as tomadas de posição do sujeito, que demarca de onde fala e para quem fala” (Idem.). De fato, ao tomarmos a expressão *jeitinho brasileiro* como materialidade discursiva a observar, levamos em conta que “toda materialidade carrega em si um conjunto de traços discursivos que a conectam a já-ditos anteriores e exteriores a ela mesma” (Indursky, 2013, p. 92). As práticas sociais colocam tal expressão em funcionamento porque os interlocutores reconhecem nela uma potencialidade de sentidos, pondo em funcionamento a memória discursiva de onde advém o que Courtine (1999, p. 19 – grifos do autor) descreveu como “uma voz sem nome”.

Nesse espaço discursivo do dizer, o “ser brasileiro” já pressupõe que o sujeito seja capaz de atribuir sentidos à expressão em análise, levando em conta que os interlocutores não busquem a origem deste dizer ou seu sentido literal. Trata-se de um espaço polissêmico, rico em possibilidades, mas que não “aceita” qualquer direção de sentido. Há um funcionamento ideológico que lhe confere uma direção de sentido e não outra, trata-se de uma característica constitutiva do “ser brasileiro” que se manifesta de diferentes modos na discursivização do sujeito que toma posição e estabelece relações singulares entre o que está determinado na lei e o que seriam “os seus interesses pessoais”. Tal tomada de posição implica em práticas sociais que em outros países seriam inadmissíveis, mas que no Brasil têm um funcionamento garantido pelos pré-construídos que demonstram que assim já foi em outro momento e que pode ser novamente, sem que se estabeleça a ideia de delito ou de “dano” (Rancière, 1996). Não nos cabe aqui realizar

qualquer tipo de julgamento, nos interessa compreender um pouco mais e melhor o funcionamento desta expressão que extrapola o linguístico e o discursivo, funcionando como prática social popular.

Nosso jeito, nossa tomada de posição: preparando o gesto analítico

A expressão *jeitinho brasileiro* popularmente pode contemplar sentidos de “solidariedade”, “cordialidade”, “sobrevivência”, “habilidade”, “criatividade”, “flexibilidade”, “improvisação”, “charme”, “simpatia”, “malandragem”, “astúcia”, “prevaricação”, “hipocrisia” e “flexibilidade moral”⁵. É nesse espaço que entra a palavra reinvenção, tal como está posta no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** (2023). O verbete *reinvenção* tem como primeira acepção “um processo de criação que está relacionado com a capacidade de transformação e adaptação em decorrência das mudanças sociais” (Vocabulário, 2023, p. 84), sendo assim podemos pensar como a exterioridade foi reinventada em três momentos (antes, durante e depois) da pandemia do Covid-19 para transformar/ sobreviver/ criar no Brasil e como tais práticas sociais movimentaram os sentidos contidos em um dito popular garantido na e pela língua.

Para a análise, elegemos quatro materialidades em circulação no espaço das mídias digitais (Dela-Silva, 2022) que tomam a expressão *jeitinho brasileiro*, em dados momentos sócio-históricos, a saber, antes, durante e depois da pandemia do Covid-19. As materialidades, recortes de notícias, foram selecionadas a fim de compor um arquivo com documentos que colocam em funcionamento a expressão. Sendo assim, são publicações disponíveis na mídia digital noticiosa, publicadas entre os anos de 2018 e 2023, abarcando, portanto, os três momentos.

⁵ Sentidos contemplados pela mídia digital que coloca em circulação possíveis sentidos para a expressão em análise. Disponível em: <https://www5.usp.br/noticias/sociedade/os-sentidos-do-jeitinho-brasileiro-em-nossa-cultura/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Metodologicamente, tomamos as materialidades noticiosas selecionadas e delas recortamos, no formato de imagem apenas as manchetes (e lides, em alguns casos), que deram destaque à expressão que nos interessa compreender nesta reflexão. Um dos critérios que orientou nossa seleção diz respeito à polissemia que tal expressão engendra, pois buscamos destacar diferentes direções de sentidos observáveis em cada materialidade selecionada, o que culminará com a seleção do verbete *reinvenção*, presente no **Vocabulário** (imagem 7). Passamos a uma breve descrição de cada uma delas, conforme segue:

Materialidade 1 (Imagem 3) – “Jeitinho brasileiro: vamos transformar essa expressão em elogio!”

Descrição: O primeiro recorte trata de um enunciado encontrado nas notícias do portal informativo da Sicredi, instituição financeira cooperativa, que se diz ser a 2ª instituição com maior liberação de crédito rural que oferece mais de 300 produtos e serviços financeiros de um jeito simples e próximo dos clientes. No recorte está a primeira sequência discursiva “Jeitinho brasileiro: vamos transformar essa expressão em elogio!” escrita nas cores verde e amarela com um foco maior para a expressão popular e um tom de interpelação, efeito produzido pelo ponto de exclamação. Ainda, na última letra é possível ver duas setas de meio círculo fazendo um movimento cíclico. O recorte está no *site* desde 15 de maio de 2018 com a chamada “Sicredi Parque das Araucárias PR/SC/SP lança projeto Jeitinho Brasileiro Cooperativa busca transformar a expressão em elogio”.

Materialidade 2 (Imagem 4) – “Pandemia à brasileira: será que o ‘jeitinho brasileiro’ será capaz de enfrentar a Covid-19?”

Descrição: O segundo recorte trata de um enunciado encontrado nas notícias do jornal GGN (Grupo Gente Nova), um

veículo de jornalismo independente que publica conteúdos colaborativos que passam pelo crivo da redação, composta exclusivamente por jornalistas profissionais. Um jornal fundado em 2013 pelo jornalista Luis Nassif, que aposta na pluralidade de ideias e no aprofundamento das pautas de interesse nacional, em contraponto às publicações da mídia comercial. Além de independência editorial, o GGN se diz independente de recursos de grandes empresas e partidos políticos, de acordo com seu *site*. A sequência discursiva em questão vem acompanhada do lide “O Sistema Único de Saúde – SUS, patrimônio da sociedade brasileira, completará 32 anos de existência e não há dúvida de que ele enfrenta seu maior desafio” e foi publicada em julho de 2020, ainda no primeiro ano da pandemia do Covid-19 no Brasil.⁶

Materialidade 3 (Imagem 5) – “Argentinos adotam ‘jeitinho brasileiro’ e surpreendem ambulantes em Florianópolis”

Descrição: O terceiro recorte traz um enunciado encontrado no portal do Jornal ND (Notícia do Dia) que se propõe a entregar notícias de primeira e a opinião de quem entende do assunto, é vinculado ao Grupo Record. Essa sequência discursiva, encontrada na subseção de Turismo, traz em seu lide “Com as dificuldades econômicas na Argentina, eles economizam o quanto podem durante as férias no Brasil” e foi publicada no dia 01 de janeiro de 2023, com a pandemia do Covid-19 mais controlado no país.⁷

⁶ Ainda é válido dizer que a sigla GGN é uma referência a um movimento de jovens secundarista integrado por Luis Nassif nos idos de 1960. O Grupo Gente Nova de então visava discutir problemas e organizar ações sociais.

⁷ Além disso, no site do jornal há a possibilidade de patrocinar outros projetos do Comercial Grupo ND, tal como “Balanço Geral”, “Tribuna do Povo”, “Fala Brasil”, “Cidade Alerta Santa Catarina”, “A Hora do Faro”, “Domingo Espetacular”, “Brasil Caminhoneiro”, “SC no Ar”, “A Hora da Venenosa” e outros programas da emissora Record.

Materialidade 4 (Imagem 6) – “MEI: O jeitinho brasileiro em se adaptar pós-pandemia”

Descrição: O quarto e último recorte trata de um enunciado encontrado no portal do Jornal da Band, um jornal pertencente à Rede Bandeirantes de Comunicação que diz valorizar a privacidade de cada dado pessoal de seus telespectadores, ouvintes, clientes e usuários, de acordo com suas políticas. Ainda, o *site* do Jornal da Band é vinculado ao UOL, uma empresa brasileira de conteúdo, serviços e produtos da internet que há duas décadas se destaca e proporciona benefícios para assinantes. Na sequência discursiva em questão é transcrita uma entrevista, no lide está “Lucas Sanseverino tira dúvidas sobre o Microempreendedor Individual com o contador Fabinho Nascimento”, e a coluna foi publicada em 10 de setembro de 2023, período já oficializado como depois da pandemia do Covid-19.

Para além das quatro manchetes em análise e das duas acepções selecionadas de instrumentos linguísticos de Língua Portuguesa, destacamos o verbete *reinvenção*, presente no **Vocabulário**, pois nele estão contidos sentidos que nos interessam para propor reflexões sobre uma expressão que sinaliza para reinvenção, para o improviso, para compreender um momento tal como foi a pandemia em que as condições de produção convencionais já não poderiam ser cogitadas, para elaborar um verbete que desse conta da condição do povo brasileiro também na pandemia, mas ainda mais, para propor um gesto de leitura sobre os discursos em circulação do e sobre esse sujeito-brasileiro que está sempre reinventando um jeitinho próprio, brasileiro. Sendo assim, o verbete *reinvenção*, com acepções discursivizadas no período da e para a pandemia, carrega em seu bojo possibilidades de gestos interpretativos, os quais apontam para a expressão *jeitinho brasileiro*.

Nosso jeito, tomadas de posição-sujeito e direção de sentidos: o gesto analítico

Nosso gesto analítico é focado nas diferentes tomadas de posição-sujeito a partir dos singulares direcionamentos de sentidos que cada materialidade significativa dá à expressão *jeitinho brasileiro*. Ou seja, levando em conta cada materialidade, propomos um gesto de leitura, desconstruindo evidências e explicitando o funcionamento ideológico que a expressão em análise ganha a partir da posição do interlocutor que produz e do veículo midiático que a coloca em circulação. Importa salientar que, da nossa posição de analista de discurso, compreendemos a mídia “como uma instância privilegiada de constituição e circulação de sentidos, como um espaço discursivo que comporta em si o jornalístico, o publicitário, o entretenimento” (Dela-Silva, 2022, p. 49). Isso implica, portanto, assumir a mídia enquanto esse espaço de estabilização de sentido, sustentado por uma Formação Discursiva, e que por não ser imóvel, estático, se constitui como espaço de/em circulação.

Sendo assim, passamos à primeira materialidade tomada em nossa análise, datada do ano de 2018, ou seja, antes da pandemia de Covid-19.

Imagem 3: -“Jeitinho brasileiro: vamos transformar essa expressão em elogio!”



Fonte: <https://www.sicredi.com.br/html/parquedasaraucarias/noticias/projeto-jeitinho-brasileiro/>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Essa imagem nos remete ao setor empresarial, neste caso uma cooperativa de crédito, a Sicredi⁸. O foco da matéria não está na expressão *jeitinho brasileiro* como a manchete supostamente propõe, mas sim nos cooperados que são convidados/intimados a mudar os sentidos de tal *jeitinho*, tentando fazer dele um “elogio”. Trata-se, portanto, de um projeto que visa à venda de produtos (alimentos e bebidas) na superintendência regional da cooperativa, sem que haja a presença de um funcionário responsável pelas cobranças, ou seja, o objetivo principal do projeto pressupõe que ninguém fiscalize as compras dos cooperados uma vez que se o *jeitinho brasileiro* é ser alegre, receptivo, amável e simpático, segundo a Sicredi, os colaboradores e visitantes precisam ser honestos à medida que sejam resgatados valores como a honestidade.

Essa direção de sentido é diferente das outras materialidades discursivas selecionadas, posto que a tomada de posição-sujeito está inscrita prioritariamente em uma Formação Discursiva empresarial, defendendo determinados interesses comerciais e não outros. Assim, a expressão *jeitinho brasileiro* é deslocada do que denominamos como “popular” para um espaço privado e empresarial, produzindo um “esgarçamento” de sentidos para a expressão em estudo. Orlandi (2023, p. 61), ao discutir a argumentação no discurso, explicita o funcionamento da “antecipação” (*o que o outro vai pensar*, grifo da autora) no que definiu como “a relação das palavras com os sentidos” como aquilo que “se esgarça, deixando muito espaço para a interpretação”.

O verde e o amarelo não comparecem ali por acaso, eles trabalham na construção dos sentidos. Essa coloração convoca um sentido que nos une em certa medida, produzindo um efeito de brasilidade, recuperando a memória das cores da bandeira nacional. Nesse movimento, os tons de verde da empresa Sicredi saem de cena para dar lugar ao verde e amarelo, presentes na bandeira do Brasil, e assim adentrar na “constituição da memória discursiva, entendida

⁸ Uma instituição financeira cooperativa do Brasil. Disponível em: <https://www.sicredi.com.br/site/sobre-nos/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

como um fio que puxa outros fios e tece o discurso, o qual, pelos efeitos de verdade e de evidência” (Venturini, 2009, p. 48). Em outras palavras, pelos efeitos de nacionalidade, promovidos por uma memória discursiva que sustenta a dupla de cores, o interesse na mudança de tal jeitinho deixa de ser uma necessidade exclusiva da empresa e passa a ser algo importante aos brasileiros como um todo. É pelo não-dizer que a agência de crédito diz sobre a necessidade engendrada no seu discurso por meio de uma memória resgatada e textualizada. Sobre essa questão, concordamos com Nora que diz:

a memória é a vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido ela está sempre em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

Assim como a memória é fundamental na produção de sentidos, o esquecimento também o é. Observemos o movimento cíclico representado pelas duas setas, marcado no centro da letra “o”, da palavra “brasileiro”, ele propõe a necessidade contínua do sentido de elogio à expressão, propondo que os sentidos opostos à honestidade sejam “esquecidos”.

Assim, entendemos ser imprescindível para a efetivação do discurso que os cooperados da Sicredi estejam empenhados no esvaziamento de sentidos negativos atribuídos à expressão em análise, uma vez que, ao serem conferidos sentidos de elogio ao *jeitinho brasileiro*, possíveis novos cooperados poderão filiar-se à cooperativa de crédito, colocando em funcionamento sentidos outros. Nesse movimento, acreditamos que o jeito em questão é o *jeitinho* capitalista que está centrado na urgência da empresa em alimentar o (seu) capital a partir das parcerias com clientes, empresas e o setor do agronegócio.

A segunda materialidade compreende o primeiro ano da pandemia do Covid-19, 2020, cujo *jeitinho brasileiro* apontava para as

mais diversas e possíveis maneiras de enfrentar o cenário de calamidade, sobretudo, no Brasil.

Imagem 4 – “Pandemia à brasileira: será que o ‘jeitinho brasileiro’ será capaz de enfrentar a Covid-19?”

Pandemia à brasileira: Será que o “jeitinho brasileiro” será capaz de enfrentar a Covid-19?, por Fernanda Almeida

O Sistema Único de Saúde - SUS, patrimônio da sociedade brasileira, completará 32 anos de existência e não há dúvida de que ele enfrenta seu maior desafio.



Publicado em 2 de julho de 2020, 8:31

Fonte: <https://jornalggn.com.br/artigos/pandemia-a-brasileira-sera-que-o-jeitinho-brasileiro-sera-capaz-de-enfrentar-a-covid-19-por-fernanda-almeida/>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Enquanto na materialidade 1, a expressão que assumimos apresenta um sentido a ser combatido/transformado, percebemos que a direção de sentido possível na materialidade 2 é outra. Direcionamos nosso olhar para o dizer “Pandemia à brasileira” e nos questionamos: Em que consiste essa adjetivação? O que significa (sobre) viver no Brasil em meio a pandemia? Como a exterioridade pandêmica adentra a língua para significar no discurso? Não pretendemos nos debruçar na investigação para essas perguntas (quem sabe, ela nos convoque a realizar outro estudo), mas a partir da expressão “Pandemia à brasileira”, iniciar nossa reflexão para a materialidade 2.

No entanto, não podemos deixar de destacar o livro **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia (2021), organizado pelo Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso, da Universidade Federal de Santa Maria, cujos capítulos (res)significam a pandemia pelo viés discursivo ao passo que registram como a pandemia afetou

distintamente os brasileiros, seja pelas relações sociais impostas pelo vírus, seja pela ação duvidosa do Estado⁹ para com a população.

Considerando as mais diversas negligências à brasileira, sobretudo, àquelas relacionadas às vacinas e à vacinação, o *jeitinho brasileiro* nesse caso pressupõe sentidos de reinvenção por parte do Sistema Único de Saúde (SUS), que precisou lidar, certamente, com dois vírus letais: o SARS-CoV-2 e o das *fake news*, por exemplo, como também a reinvenção enquanto ação necessária à população mundial/brasileira. Em uma das definições do verbete que assumimos, presente no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**,

Reinvenção é um processo de criação. No contexto da pandemia do novo coronavírus, a reinvenção está relacionada com a capacidade de transformação e/ou adaptação que as pessoas desenvolvem em função, principalmente, das mudanças sociais – muitas vezes, repentinas. Dessa forma, diz respeito também ao próprio ato de reinventar-se. Com o surgimento do novo coronavírus, sua disseminação e a decretação da pandemia da covid-19, doença provocada pelo vírus, a reinvenção é desencadeada como necessidade mundial (Vocabulário, 2023, s. p.).

Compreendemos que o sentido de reinvenção atribuído ao *jeitinho brasileiro*, conforme anunciado na materialidade 2, foi algo necessário na pandemia do Covid-19 no/do Brasil ao passo que somente esse *jeitinho* conseguiria ajudar os brasileiros a sobreviverem um momento em que a morte estava à espreita pelo novo coronavírus, a fome desvelava sua real cor/raça, o trabalhador essencial (cf. Esteves; Perini; Medeiros, 2021) – que somente na pandemia passou a ser essencial – viu sua carga de trabalho aumentar significativamente. Frente a isso, nosso acalento possível era depositar fios de esperança no devir, no “depois da pandemia” (Dias, 2021) cuja certeza parecia impossível sem uma vacina, num primeiro momento, e com o descaso ao calendário de vacinação nacional, num outro momento.

⁹ O chefe do Poder Executivo, à época da pandemia, era Jair Messias Bolsonaro.

Ainda considerando a pandemia do Covid-19, passamos para materialidade 3.

Imagem 5 – “Argentinos adotam ‘jeitinho brasileiro’ e surpreendem ambulantes em Florianópolis”

Argentinos adotam ‘jeitinho brasileiro’ e surpreendem ambulantes em Florianópolis

Com as dificuldades econômicas na Argentina, eles economizam o quanto podem durante as férias no Brasil

NÍCOLAS HORÁCIO, FLORIANÓPOLIS
23/01/2023 ÀS 04H30 - Atualizado Há 7 meses



Fonte: <https://ndmais.com.br/turismo/argentinos-adotam-jeitinho-brasileiro-e-surpreendem-ambulantes-em-florianopolis/>. Acesso em: 02 ago. 2023.

A relação das palavras com os sentidos é algo que nos toca de perto e, por isso, há alguns anos, temos nos dedicado às pesquisas voltadas para essa temática. Mais uma vez, concordamos com Orlandi (2023, p. 61) que essa relação “se esgarça, deixando muito espaço para a interpretação”. No que tange a interpretação, pensamos junto com Pêcheux, especialmente na obra **O Discurso: estrutura ou acontecimento**, que interpretar consiste em abrir uma falha, isto é, nas palavras do autor, “restituir algo do trabalho específico da letra, do símbolo, do vestígio era começar a abrir uma falha” (2015, p. 45). Uma falha que aponta para o polissêmico e promove fratura ao desestabilizar uma suposta evidência de sentido. Falha da função representativa da linguagem que pelas lentes da Análise de Discurso nos possibilita desconfiar da transparência para explicitar o que está contido na opacidade.

Ainda sobre interpretação, também nos filiamos ao que propõe Rancière na obra **Os nomes da história: ensaio de poética do saber**. Segundo o filósofo francês,

A interpretação tem de lidar com o excesso de palavras *da* revolução e *sobre* a revolução. A interpretação *social* tem de lidar com uma primeira interpretação social: uma interpretação que já quis substituir as palavras pelas coisas, mas nessa mesma operação caiu na armadilha das palavras (Rancière, 2014, p. 50 – grifos do autor).

Entendemos que na armadilha das palavras, o sentido do *jeitinho* em questão não se limita à interpretação exclusiva do brasileiro uma vez que estar no Brasil pode significar aderência ao tal *jeitinho brasileiro*, conforme podemos observar na materialidade 3. Os nossos vizinhos argentinos, que são conhecidos por realizarem turismo sem a necessidade de restrições financeiras, estão enfrentando a maior crise econômica e social de sua história, o que os interpela a “economizar” nas férias nas praias catarinenses (destino clássico dos argentinos no Brasil). Trata-se de uma outra tomada de posição do sujeito, o argentino passa a se readequar financeiramente ao realizar viagens de férias no Brasil. Isso não passa despercebido ao olhar do brasileiro e comparece na mídia, quando o parâmetro brasileiro passa a servir para avaliar as atitudes do sujeito outro, o estrangeiro, o argentino.

Nesse sentido, compreendemos que a interpretação da expressão em análise aponta para o jeito possível de ser assumido por qualquer pessoa, brasileira ou não. Dizendo de outra forma, na materialidade 3 há duas direções de sentidos: 1) sabe-se da realidade de pobreza de milhões de brasileiros, cuja prática cotidiana consiste no racionamento de água e de comida, por exemplo, ação que naturaliza sentidos de “povo econômico”, um *jeitinho brasileiro* de saber guardar o que tem (em muitos casos, quando se tem); 2) sabe-se que a expressão *jeitinho brasileiro* é polissêmica, podendo funcionar para diferentes sujeitos, o olhar do brasileiro sobre o argentino imprime nele tal característica. Estas duas direções vão desencadear um processo de saturação para o *jeitinho brasileiro*, pois se os argentinos não gastam tanto dinheiro nas praias catarinenses, eles obrigam os brasileiros que tiveram suas expectativas frustradas a dar um “jeitinho” para seguir.

Por fim, passamos para a última materialidade, materialidade 4, elaborada no momento que nomeamos como depois da pandemia do Covid-19.

Imagem 6 – “MEI: O jeitinho brasileiro em se adaptar pós-pandemia”

MEI: O jeitinho brasileiro em se adaptar pós-pandemia

Lucas Sanseverino tira dúvidas sobre o Microempreendedor Individual com o contador Fabinho Nascimento.

10/07/2023 • 12:21

Fonte: <https://www.band.uol.com.br/band-vale/colunistas/lucas-sanseverino/mei-o-jeitinho-brasileiro-em-se-adaptar-pos-pandemia-16615615>. Acesso em: 7 fev. 2024.

Se, durante a pandemia, o *jeitinho* era lidar com a pandemia e as mazelas causadas por ela, após a OMS decretar o fim desse acontecimento, o grande desafio imposto era criar mecanismos para enfrentar o aguardado “depois da pandemia” (Dias, 2021). Em outras palavras, só restava ao brasileiro recorrer ao seu *jeitinho* para continuar resistindo ao capitalismo e às condições de produção de tal momento histórico.

Em uma das definições do verbete *reinvenção*, é possível encontrar:

Com vistas às necessidades de atualização do mercado de trabalho, em decorrência das mudanças ocasionadas pela pandemia de covid-19, *as pessoas desenvolveram/desenvolvem novas competências*: visam ao ingresso, mas, principalmente, à permanência nos mais diversos campos de trabalho, os quais apresentam mudanças e desafios. A reinvenção consiste no processo de transformação (Vocabulário, 2023, s. p. – grifos nossos).

A relação mercado de trabalho e pandemia implicou novas formas de alimentar o capitalismo por meio do trabalho do microempreendedor individual. Ou seja, a possibilidade de possuir um CNPJ, atrelada à praticidade de abrir uma conta bancária e realizar empréstimos em agências de crédito se colocaram como as

características do profissional autônomo do século XXI que precisa “ser criativo” para desenvolver novas competências com o fim da pandemia. Nesse cenário, o *jeitinho brasileiro*, mencionado na materialidade 4, não aponta sentidos de apreço ou depreciação, o que há é a sustentação de uma formação ideológica dominante capitalista que reforça a necessidade, não do brasileiro, mas do capitalismo à brasileira.

Tais sentidos, presentes nos enunciados acima, nos conduzem ao verbete *reinvenção*, publicado no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. Ainda, ao compreender os sentidos postos para a expressão *jeitinho brasileiro* e desdobrá-los em sua relação com os sentidos postos no **Vocabulário**, buscamos cercar os sentidos de uma sequência por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase, visto que “o ‘sentido’ de um texto, de uma frase, e, no limite, de uma palavra, só existe em referência a outros textos, frases ou palavras que constituem seu ‘contexto’ (contexto onde as modalidades de acessibilidade são, obviamente, extraordinariamente variadas)” (Léon e Pêcheux, 2011 [1982] p. 165). Essa referência à palavra *reinvenção* é certamente possível, pois no **Vocabulário** as acepções postas dão conta de tratar justamente desse momento histórico, da pandemia do Covid-19, em que comparecem sentidos latentes da expressão *jeitinho brasileiro*. Não dizemos sobre a pacificidade da resolução, mas sim do poder de criação, invenção e reinvenção desse jeito.

A contradição está em funcionamento no interior das materialidades discursivas selecionadas, bem como se coloca na relação entre as diferentes materialidades aqui estudadas. Dizer *jeitinho brasileiro* antes, durante e depois da pandemia do Covid-19 implica regionalizar sentidos, pois todos cabem no interdiscurso, mas a direção de sentidos que é colocada em funcionamento corresponde à formação ideológica dominante que determina a Formação Discursiva na qual o sujeito se inscreve prioritariamente para produzir seu discurso. Se por um lado, há sentidos tão específicos à pandemia, por outro há sentidos tão abrangentes que

nos remetem à complexidade e nunca exaustiva questão do ser sujeito sob dadas condições de produção, ser brasileiro.

Sendo assim, é ao entender “a palavra no interior da língua, constituindo o dicionário, estabelecendo redes de sentidos e colocando em funcionamento diferentes processos de produção de sentidos (paráfrase, metonímia, metáfora, etc.)” (Petri, 2018, p. 55), que podemos propor um gesto analítico que dê conta de interpretar as relações entre o *jeitinho brasileiro* e a *reinvenção*, pois elencamos sentidos com merecido destaque em nossa análise.

No **Vocabulário**, além de propor o sentido do processo de criação, devemos elencar outras acepções, tal como as já citadas, que colaboram com nosso gesto de análise, tais como: 1) a “capacidade de transformação e/ou adaptação que as pessoas desenvolvem em função, principalmente, das mudanças sociais, o mundo reinventou-se. Há, daqui em diante, um outro mundo: o pós-pandêmico. A reinvenção está relacionada com o processo de resiliência”; 2) “Com a pandemia do novo coronavírus, para responderem às adversidades, as pessoas recriaram suas vidas e, assim, conseguiram encontrar soluções para enfrentar esse momento e escapar das consequências, sobretudo, psicológicas”; 3) “A reinvenção, como exigência, requer da sociedade um movimento de adaptação”; 4) “muitas das crianças e adolescentes que estavam afastadas de suas famílias, sobretudo em função da violência doméstica ou negligência, sofreram as consequências, porque sua reintegração familiar precisou ser atrasada. Dessa forma, nesses espaços, a reinvenção é tratada como princípio básico para a manutenção das vivências diárias daqueles que, mais do que nunca, estão afastados, principalmente, do acolhimento familiar. A reinvenção envolve um processo de constante aprendizagem e preparação”; 5) “em decorrência das mudanças ocasionadas pela pandemia de covid-19, as pessoas desenvolveram/desenvolvem novas competências: visam ao ingresso, mas, principalmente, à permanência nos mais diversos campos de trabalho, os quais apresentam mudanças e desafios. A reinvenção consiste no processo de transformação”; 6) “Com o

surgimento de pandemias, os espaços urbanos passam por transformações, a exemplo do sistema de saneamento, como forma de solucionar as crises sanitárias. Dessa forma, muitas vezes, as cidades são reinventadas para que atendam às novas necessidades, principalmente no que diz respeito à circulação das pessoas”. Eis o verbete na íntegra:

Imagem 7: vocábulo “reinvenção” no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*

VOCABULÁRIO da pandemia do novo coronavírus

–REINVENÇÃO

Reinvenção é um processo de criação. No contexto da pandemia do novo coronavírus, a reinvenção está relacionada com a capacidade de transformação e/ou adaptação que as pessoas desenvolvem em função, principalmente, das mudanças sociais – muitas vezes, repentinas. Dessa forma, diz respeito também ao próprio ato de reinventar-se. Com o surgimento do novo coronavírus, sua disseminação e a decretação da pandemia da covid-19, doença provocada pelo vírus, a reinvenção é desencadeada como necessidade mundial. **Exemplo:** “Essa frase foi dita por inúmeras pessoas ao redor do mundo desde que a pandemia derivada à COVID-19 começou: ‘Foi preciso me reinventar’. E a reinvenção aconteceu em diversas áreas da vida: na familiar, na pessoal, na empresarial, na profissional, na social” (Terra). Com isso, o mundo reinventou-se. Há, daqui em diante, um outro mundo: o pós-pandêmico. A reinvenção está relacionada com o processo de resiliência. **Exemplo:** “[...] Primeiro, que somos resilientes, ou seja, a maioria de nós conseguiu se reinventar e recrear nossas vidas da melhor maneira possível durante a quarentena (BBC)”. Com a pandemia do novo coronavírus, para responderem às adversidades, as pessoas recriaram suas vidas e, assim, conseguiram encontrar soluções para enfrentar esse momento e escapar das consequências, sobretudo, psicológicas. A reinvenção, como exigência, requer da sociedade um movimento de adaptação. **Exemplo:** “Sem visitas e com menos adoções, abrigos de crianças tentam reinventar rotina em meio à pandemia” (BBC). Os abrigos infantis também tiveram sua rotina afetada pelos efeitos da pandemia de covid-19. Além das barreiras impostas pelo isolamento social, o que dificultou as visitas em meio aos processos de adoção, muitas das crianças e adolescentes que estavam afastadas de suas famílias, sobretudo em função da violência doméstica ou negligência, sofreram as consequências, porque sua reintegração familiar precisou ser atrasada. Dessa forma, nesses espaços, a reinvenção é tratada como princípio básico para a manutenção das vivências diárias daqueles que, mais do que nunca, estão afastados, principalmente, do acolhimento familiar. A reinvenção envolve um processo de constante aprendizagem e preparação. **Exemplo:** “É preciso entrar em um processo de reinvenção contínua, porque o futuro do trabalho é um processo de aprendizagem contínua, que você deve seguir [...]”, explica Merino” (BBC). Com vistas às necessidades de atualização do mercado de trabalho, em decorrência das mudanças ocasionadas pela pandemia de covid-19, as pessoas desenvolveram/desenvolvem novas competências: visam ao ingresso, mas, principalmente, à permanência nos mais diversos campos de trabalho, os quais apresentam mudanças e desafios. A reinvenção consiste no processo de transformação. **Exemplo:** “A reinvenção das cidades para enfrentar a era das pandemias. Uma das muitas constatações trazidas pelo surto do novo coronavírus é que as cidades modernas não foram construídas para fazer frente a uma pandemia. Neste século, já houve surtos de Sars, Mers, Ebola, H1N1 e, agora, a Covid-19. Se, como parece, há uma era de pandemias, as cidades, assim como a economia e as relações de trabalho, terão de passar por grandes transformações” (Terra). Com o surgimento de pandemias, os espaços urbanos passam por transformações, a exemplo do sistema de saneamento, como forma de solucionar as crises sanitárias. Dessa forma, muitas vezes, as cidades são reinventadas para que atendam as novas necessidades, principalmente no que diz respeito à circulação das pessoas.

Fonte: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Em várias dessas acepções para o verbete *reinvenção* percebemos, além dos sentidos próprios para pandemia, uma relação com outras práticas sociais, como transformação, adaptação, resiliência, encontrar soluções, manutenção, aprendizagem,

preparação, novas competências, permanência, forma de solucionar, o que leva à reflexão dos sentidos explicitados para a expressão *jeitinho brasileiro*. Há uma concordância de sentidos, primeiramente nas condições de produção da pandemia no Brasil e depois no ser brasileiro, ou nas condições de produção do sujeito-brasileiro desde as primeiras transformações (crises?) da terra *brasilis*.

Sobre esse primeiro momento, da pandemia, a transformação abrupta das práticas sociais esteve no mundo inteiro, as maneiras para reinventar a sociedade para um período de isolamento, quarentena, distanciamento e em prol de uma sobrevivência foram próximos, cada país implementou suas políticas ao maior o menor rigor, afinal de contas foi impossível ignorar ou tratar com total negacionismo o vírus que determinou a pandemia do Covid-19. Mesmo assim, o jeito de reinventar no Brasil, para sobreviver, traz muito da malandragem, do charme, da criatividade e da improvisação... sentidos próprios à expressão *jeitinho brasileiro*. A título de exemplificação podemos citar o evento da vacinação... ainda com um governo negacionista (2019-2022) a população brasileira exigiu a vacina de combate ao coronavírus com tal rebeldia de uma nação responsável com seu país, mas vale o destaque dos artifícios certamente malandros e charmosos que foram elaborados. Estamos pensando no desfile criativo de resistência às manifestações do ex-presidente Jair Bolsonaro e de toda sua cúpula, em especial seu discurso afirmando que a vacina transformava as pessoas em jacaré.

Isso nos leva ao segundo momento, do ser brasileiro, do sujeito-brasileiro. Historicamente nosso país, antes mesmo de ser país, já tinha em sua prática social a habilidade de reinventar-se diante da necessidade. A improvisação e a criatividade são necessárias para uma terra invadida que carece de investimento, mas farta em exploração. Criatividade e improvisação do explorador, pois não tem recursos suficientes para investir em sua exploração... portanto, é preciso ser malandro e hipócrita. Criatividade e improvisação do explorado, pois não detém os conhecimentos e aparatos tecnológicos

para combater a exploração... portanto, precisa ser charmoso e habilidoso, já que está dominado tecnologicamente.

Os recortes selecionados tentam explicitar tanto o que mantém e o que atualiza quanto os sentidos em circulação durante o período da pandemia, antes dele e depois dele. Encontram-se de um lado uma expressão cristalizada na discursivização do povo brasileiro também dita durante o período da pandemia, do outro um verbete no interior de um vocabulário produzido em condições de produção da pandemia no Brasil, nesse encontro é possível notar sentidos mesmos, dadas as formações discursivas, tal como o de transformação, habilidade, sobrevivência, flexibilidade. Todavia, a expressão abraça em suas acepções outros sentidos tal como os apresentados nos dicionários anteriormente.

Desdobrando o *jeitinho brasileiro* e concluindo

Goethe dizia: 'As frases que os homens estão acostumados a repetir incessantemente acabam se tornando convicções e ossificando os órgãos da inteligência'. (George Lewes, [1855], 1947, p. 17)

Chegar ao final da escrita deste texto não significa esgotar as possibilidades de interpretação e compreensão para a expressão *jeitinho brasileiro*, seja nos dicionários, seja no **Vocabulário** específico da pandemia, seja nas manchetes das notícias que circulam em mídias digitais. Nosso propósito de adentrar um observatório dos modos de invenção e reinvenção de um sujeito que se diz brasileiro, apesar das adversidades que este lugar social impõe, no interior de uma realidade social transformada pela pandemia do Covid-19 (2020-2023), nasce do trabalho incansável de cientistas da linguagem que foram interpelados a “dar um jeito”, reunirem-se e produzirem ciência apesar de tudo.

Somos brasileiros e brasileiras, trabalhamos duro na elaboração e na divulgação do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, sendo afetados por ele. Escrever sobre o *jeitinho brasileiro* é escrever

sobre nós, num esforço de identificação com um Brasil massacrado pela pandemia e por anos de uma política nociva. Ao selecionarmos o verbete *reinvenção* tomamos uma posição diante do inominável vivido entre 2020 e 2023, pois há neste significante o ressoar de uma memória da invenção do Brasil, do ser brasileiro; bem como há neste significante a promessa de um devir, a possibilidade da reinvenção do Brasil e do ser brasileiro.

Segundo Lewes ([1855], 1947), Goethe já alertava sobre frases (expressões) tantas vezes repetidas, pois “acabam se tornando convicções e ossificando os órgãos da inteligência” humana, concordamos com o efeito da repetição na linguagem e em nossas vidas, mas a Análise de Discurso nos interpela a questionar o que é tantas vezes repetido, instrumentando o sujeito para que ele explicita os processos de produção de sentidos. De fato, um gesto de interpretação pode demonstrar o quanto a polissemia é constitutiva do dizer e que de tanto repetir pode-se chegar ao diferente.

Chegar ao final desta breve reflexão, para nós, significa abrir um leque de possibilidades de interpretação para a expressão *jeitinho brasileiro*, sem entrar no terreno do julgamento, pois não cabe a nós dizer o que é certo e o que é errado, só queremos saber mais sobre o discurso e a produção de sentidos. Do nosso jeito, finalizamos com as palavras de Orlandi que sempre nos ensina que um texto, uma expressão “é um espaço de formulações entre outras possíveis, no movimento do dizer” (Orlandi, 2020, p. 76).

Referências

Auroux, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, [1992] 2009.

Courtine, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. *In*: Indursky, Freda; Ferreira, Maria Cristina Leandro (org.). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p. 15-22.

DaMatta, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 8. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997.

Dela-Silva, Silmara. Efeitos de imbricação em discursos da/na mídia. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 9, n. 22, p. 47–63, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4902>. Acesso em: 5 mar. 2024.

Dias, Cristiane Costa. Memórias do futuro da pandemia: o tempo em suspenso. In: PETRI, Verli. (org.). *et al.* **Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 219-244.

Esteves, Phellipe Marcel da Silva; Perini, Rudá; Medeiros, Vanise. Notas sobre o verbete *trabalhador essencial*: língua, pandemia, luta de classes. In: PETRI, Verli. (org.). *et al.* **Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 151-166.

Ferreira, A. B. de H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

Indursky, Freda. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo y Señá**, Dossier Análisis del Discurso en Brasil: teoría y práctica, número 24, diciembre de 2013, pp. 91-104. Facultad de Filosofía y Letras (UBA) Disponível em <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>. Acesso em: 05 jan. 2024.

Lewes, George. **Life of Goethe**. A book of quotations. Londres, [1855] 1947.

Nora, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto história**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Argumentação e Análise de Discurso: conceito e análises**. Campinas, SP: Pontes, 2023.

Orlandi, Eni Puccinelli. Educação e sociedade: o discurso pedagógico entre o conhecimento e a informação. **Revista Latinoamericana De Estudios Del Discurso**, 16(2), 68–80.

Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33239>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Volatilidade da interpretação**: política, imaginário e fantasia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg>. **Youtube**. Congresso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). 2020. Acesso em: 8 jan. 2024.

Orlandi, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-15, 2021.

Pêcheux, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

Pêcheux, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

Pêcheux, Michel. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. *In*: Achard, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-57.

Pêcheux, Michel.; Léon, Jacqueline. Análise sintática e paráfrase discursiva. *In*: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por E. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011.

Petri, Verli. (Org.) et al. **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Petri, Verli. "História de palavras" na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Revista Conexão Letras**, [S. l.], v. 13, n. 19, 2018. DOI: 10.22456/2594-8962.85032. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em: 5 fev. 2024.

Petri, Verli. O que pode uma palavra? Reflexões sobre a História da Palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentido na contemporaneidade. *In*: Petri, Verli.; et al. (org.) **Dicionários em análise**: palavra, língua e discurso. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

Petri, Verli; Surdi, Marcia Ione; Severo, Robson. (org.). **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 118p.

Rancière, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. Rio de Janeiro, Editora 34: 1996.

Rancière, Jacques. **Os nomes da história**: ensaio de poética do saber. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Rocha, C.A. de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

Venturini, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009. 280 p.

VOCABULÁRIO da pandemia do novo coronavírus. **Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Bianca Martins Peter é Licenciada em Letras e em Pedagogia pela Universidade de Taubaté. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas, com bolsa CAPES. No lastro da análise de discurso materialista, tem sua pesquisa voltada para peças artísticas e memorialísticas no digital, com um interesse especial pelas discursividades da imagem e do poético.

Carlos René Ayres é Doutor em Letras – Estudos Linguísticos pela UFSM. Professor Adjunto da Universidade de Santa Cruz do Sul. Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado da UNISC. Coordenador do Curso e Letras. Membro do comitê Editor da Revista Rizoma-UNISC.

Daiana Marques Sobrosa é Licenciada em Letras Português (2012) e Letras Espanhol (2013), pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tendo concluído o Mestrado em Letras (2015), pela mesma instituição. Atualmente é Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM, área de concentração em Estudos Linguísticos. É servidora no Instituto Federal Farroupilha (IFFar).

Dantielli Assumpção Garcia é graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e doutora em Estudos Linguísticos pela mesma universidade. Pós-Doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Elivélton Assis Krümmel é Graduado em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre e Doutor em Letras pelo Programa de Pós-

Graduação em Letras pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa e Redação na Rede Particular de Ensino de Santa Maria (Colégio Nossa Senhora de Fátima).

Gabriela Gonçalves Ribeiro é Bacharel em Letras – Português e suas respectivas Literaturas (UFSM), Mestre em Estudos Linguísticos (UFSM), com pesquisas em ênfase em efeitos/produção de sentidos em instrumentos linguísticos. Membro do Grupo Pallind e uma das pesquisadoras participantes do projeto do Vocabulário da Pandemia do novo coronavírus.

Graciele Turchetti de Oliveira Denardi é graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa/ Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente, exerce a função docente no instituto Federal Farroupilha (IFFar), Campus Jaguari-RS.

Greciely Cristina da Costa é Pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestre e Doutora em Linguística pela Unicamp, com estágio doutoral na Université de Paris XIII. É líder do Grupo diADorim (CNPq) e coordena o Projeto Fapesp “Imagens da Cidade: Discurso e Produção de Conhecimento”. Discurso urbano, imagens da cidade, denominação e modos de significar (n)a violência são os principais temas de suas pesquisas.

Heitor Pereira de Lima é licenciado em Letras pela Universidade Ibirapuera. É mestre e doutorando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com bolsa CAPES. Atualmente, é professor na educação básica, na rede privada de Belo Horizonte, e integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria.

José Carlos Moreira é Doutor em Letras com ênfase em Estudos Linguísticos pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Linguística Aplicada e tem graduação em Letras - licenciatura em português, francês e espanhol pela mesma universidade. É pesquisador vinculado aos grupos de pesquisa: Pallind (UFSM), Labell (UNICENTRO) e GPTD (UFPR), grupos que desenvolvem trabalhos em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Atualmente, é professor Associado I de francês na UFPR, Coordenador do Programa Licenciar, ensino de francês nas escolas públicas e do Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR (CELIN).

Keisy Moreira de Moraes é graduada em Letras Bacharelado - Português e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui mestrado em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição na linha de pesquisa: Língua, Sujeito e História.

Kelly Guasso é Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - PPGL/UFSM. Licenciada em Letras Português/Inglês pela Unicesumar. Bacharela em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa pela UFSM. Integrante do Grupo de estudos Pallind-palavra, língua e discurso. Professora de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Santa Maria/RS. Desenvolve pesquisas sobre Michel Pêcheux, discurso, pandemia, linguagem, produção de conhecimento, educação.

Laura David Bucholz é mestra em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com a pesquisa fomentada pela CAPES, e graduada em Jornalismo pela mesma instituição. É integrante do projeto de pesquisa Discursos de/sobre acolhimento: saber-poder, refúgio e alteridade (DiASPORA).

Laura Velasques é professora da rede pública de ensino, licenciada em Letras Português e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), tendo concluído o Mestrado em Letras (2019) e, atualmente, é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição, ambos com ênfase em Estudos Linguísticos.

Luana Vargas Aquino é Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Estudos linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (CRP 07/40273). Membro do Grupo Pallind e participante do projeto do Vocabulário da Pandemia do novo coronavírus. Membro do Coletivo de Psicanálise de Santa Maria.

Lucas Martins Flores é professor no Instituto Federal Farroupilha de Letras Português-Ingês desde 2013, possui Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2020). Atua e tem interesse por áreas que envolvam leitura, ensino de inglês como língua estrangeira, análise de discurso, análise de dicionários e suas relações sociais.

Marcia Ione Surdi é licenciada em Letras pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Possui mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste (apoio CNPQ/Fundação Araucária), sob a supervisão da Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia. Atualmente, é docente na Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Maria Cláudia Teixeira é mestra em Letras (UNICENTRO), doutorado em Linguística UNICAMP), professora Colaboradora no Departamento de Letras (DELET/UNICENTRO), participa dos seguintes Grupos de Pesquisa: Interfaces entre Língua e Literatura (UNICENTRO), Estudos do Texto e do Discurso: entrelaçamentos teóricos e analíticos - GPTD. Atua, principalmente, nas seguintes

temas: História das Ideias Linguísticas, Análise de Discurso, Lexicografia Semântica, Semântica e Enunciação.

Maria Cleci Venturini é doutora em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos pela UFSM, Santa Maria, com estágio sênior na Universidade de Coimbra, sob a supervisão do Prof. Dr. Fernando Catroga (UC), com Bolsa da CAPES/Fundação Araucária (Programas Estratégicos – DRI). Coordenadora da área de Linguística Letras e Artes, Fundação Araucária/PR e coordenadora do GT da Análise de Discurso, na ANPOLL. Docente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO e da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Marluza da Rosa é docente, nos níveis de graduação e pós-graduação, da Universidade Federal de Santa Maria. Graduada e mestra em Letras (UFSM) e doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP), atua nas linhas de pesquisa “Língua, Sujeito e História” e “Psicanálise e migrações: efeitos clínico-políticos dos deslocamentos”. Coordenadora do projeto de pesquisa Discursos de/sobre acolhimento: saber-poder, refúgio e alteridade (DiASPoRA).

Natieli Branco é Licenciada em Letras – Habilitação Espanhol pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestra e Doutora em Letras, Área de Concentração de Estudos Linguísticos, pela UFSM. Técnica Administrativa em Educação na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Integrante do “Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua, Discurso”, coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri.

Robson Severo é aluno do Mestrado em Letras, Estudos Linguísticos, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduado em Letras – Licenciatura em Português e Literatura de Língua Portuguesa pela mesma instituição (bolsista FAPERGS). Atualmente participa de projetos vinculados ao Laboratório Corpus - Laboratório de fontes de estudos da linguagem, tal como os realizados no Grupo de

Estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND-UFSM) e no Centro de Documentação e Memória (CDM-UFSM).

Taís da Silva Martins é Professora do Departamento de Letras Clássicas e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pesquisadora do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, Tutora do Programa de Educação Tutorial – PET Letras – Laboratório Corpus. Possui graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela UFSM, Mestrado e Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos pela mesma instituição.

Thaís Costa da Silva é Licenciada em Letras Português e suas respectivas Literaturas (UFSM), Mestre em Estudos Linguísticos (UFSM), Doutoranda em Estudos Linguísticos (UFSM), Membro do Grupo Pallind e participante do projeto do Vocabulário da Pandemia do novo coronavírus.

Verli Petri é Professora Titular da UFSM. É pesquisadora e coordenadora do Laboratório Corpus (PPGL- UFSM), do Centro de Documentação e Memória e coordenadora do Grupo PALLIND – Palavra, Língua, Discurso. Atua nas áreas de Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. É Bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq.

Yasmin Schreiner Heinzmann é Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (2022). Possui graduação em Letras - Licenciatura Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2020). Faz parte do Grupo de Estudos “Palavra, Língua e Discurso” (PALLIND/UFSM), desenvolvendo pesquisas na área de Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. É professora na Escola Estadual de Educação Básica Eugênio Frantz e coordenadora da área de Linguagens nesta instituição escolar. Leciona também aulas particulares na Aprimora, reforço escolar em Cerro Largo/RS.

ÍNDICE REMISSIVO

Análise de Discurso – 19; 22; 58; 70; 74; 81; 88; 100; 114; 118; 121; 154;
170; 202; 214; 231; 244; 246; 274; 289; 317; 362

Ciberespaço – 274; 275; 276

Colagem – 244; 249; 257; 258; 261; 268

Corpo-documento – 317; 321; 328; 330; 331

Deslocamento de sentido – 201; 202; 209

Dicionário – 23; 31; 53; 60; 126; 142; 183; 192; 246; 343

Discurso digital - 175

Efeitos de sentido – 31; 41; 60; 73; 90; 93; 118; 126; 152; 202; 244; 315

Ensino remoto – 79; 80; 101; 115; 120; 125; 138; 141; 143; 170; 207; 212

Espaço digital – 70; 152; 165; 209; 219; 222; 230; 231; 236

Formulação – 54; 101; 165; 234; 245; 249; 257; 262; 296; 308; 325

Fragmentação simbólica - 264

Gramática – 73; 96; 126; 183; 273; 274; 280; 283; 286; 290

Ideologia – 44; 50; 60; 91; 100; 119; 123; 131; 138; 226; 235; 260; 294;
299; 304; 306; 341

Instrumento linguístico – 20; 27; 49; 77; 127; 152; 159; 164; 343

Isolamento social – 26; 30; 37; 49; 75; 79; 91; 115; 120; 125; 131; 134;
138; 143; 186; 196; 206; 243; 282; 329

Lexicografia discursiva – 19; 32

Lugar discursivo – 81; 82

Luto – 48; 53; 117; 179; 185; 188; 190; 194; 243; 264; 320; 229; 331

Medo – 57; 59; 63; 68; 87; 92; 105; 187; 277; 285; 311; 330
Memes – 273; 275; 283; 286
Memória discursiva – 48; 59; 93; 152; 249; 262; 286; 293; 341; 350
Migrações – 219; 223; 224; 228; 243

Narratividade – 316; 326; 331
Neoliberalismo – 224; 226; 229; 230

Palavra-puxa-palavra – 26; 31; 67; 82; 92; 169; 173
Poética da ausência – 317; 327
Psicanálise – 42; 44; 48; 221; 230

Refugiados empreendedores – 219; 229; 233; 236

“a constituição do sentido se junta à
constituição do sujeito.”
(Pêcheux, 2009, p. 140)

Este livro resulta de pesquisas desenvolvidas sobre a produção de sentidos em tempos de pandemia de COVID-19. Por meio de diferentes temáticas, seus capítulos apresentam uma leitura ímpar, sensível e delicada, sem perder o rigor teórico-metodológico, das alterações sócio-históricas vividas nesse período.

Os organizadores

Financiamento:



Apoio:

